This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

BUHR A

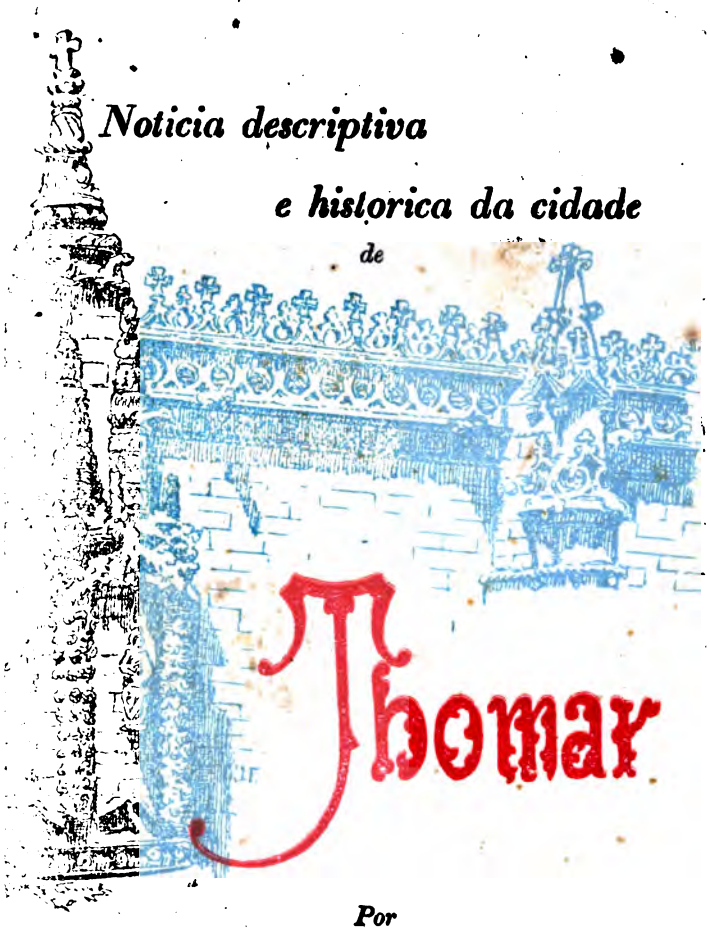
a39015 01811354 1b

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Noticia descriptiva

e historica da cidade

de



Por

J. M. Sousa

THOMAR
Typ. Silva Magalhães
1903

DP
802
.T5
S72

PREFACIO

NÃO é nosso intento fazermos a historia completa d'esta importante povoação desde a sua origem em epochas remotissimas e obscuras até nossos dias; tal emprehendimento não cabe nos estreitos limites do nosso acanhado saber, por isso é singelo e resumido o presente trabalho.

Do que ainda hoje se observa deduz-se muito facilmente que passaram por aqui diversas dominações e todas ellas deixaram vestigios indeleveis da sua passagem: a sumptuosidade dos romanos revella-se em fragmentos de estatuas magnificas que teem sido encontrados e que ainda hoje aqui se podem ver. A assolação d'essas hordas de barbaros, suevos, alanos e vandalos, que invadiram a Peninsula Hispanica não podia deixar de estender-se até estas paragens e d'ella serão talvez vestigio a mutilação d'aquellas estatuas e outros destroços que ainda hoje se notam; mais tarde quando os godos substituiram estes, depois de convertidos ao christianismo, que lhes adoçou os costumes barbaros, deixaram em templos e capellas que erigiram signaes indeleveis da sua piedade religiosa. A estes seguiram-se os arabes que tambem por aqui estacionaram durante muitos annos deixando vestigios da sua permanencia n'esta localidade taes como o nome

do rio, a denominação arabe de certos logares que ainda hoje conservam, como por exemplo as *Almoinhas* junto á povoação de Cem Soldos, moengas, sillos, poços, noras arabes, etc.

A historia de Thomar liga-se á historia inteira de toda a Peninsula desde as epochas mais remotas, por isso só munidos de vastissimos conhecimentos poderiamos entrar n'ella a fundo; como tal não possuimos limitar-nos-hemos n'este breve opusculo a fazer uma singela narrativa dos factos historicos que temos podido colher e das observações que temos feito e isto o fazemos unicamente por amor á terra onde nascemos desejando que d'ella hajam conhecimento, ainda que muito restricto, aquelles que a não tenham visitado: para esse fim começaremos por dar uma descripção muito singela da actual cidade de Thomar, fallando em seguida do rio que a banha e das fabricas a que serve de motor, entrando depois na parte historica como podermos, sem pretenções, porque as não temos e sempre confiados na benevolencia dos leitores, a quem pedimos nos relevem a deficiencia d'este trabalho e as faltas e erros que notarem.

A CIDADE DE THOMAR

O viajante que da estação dos caminhos de ferro, em Payalvo, se dirigir a Thomar tem que percorrer uma estrada de 7 kilometros de extensão, accidentada, despida de bellezas naturaes, apenas ladeada por oliveiras e pinheiros, descrevendo curvas, subindo e descendo rampas; porém, o transpôr a ultima das curvas d'aquelle enfadonho trajecto é como o acordar no meio d'um vergel florido ao alvorecer d'uma manhã d'abril, depara-se-lhe um panorama que de certo o surprehende e encanta; em baixo em vasta planicie, para a direita estendem se as ferteis margens do Nabão cobertas de pujante vegetação, onde abundam os pomares de fructa, as oliveiras esmeradamente tratadas como se foram arvores de ornamentação, as variadas culturas hortences e cerealiferas e pelo meio o rio serpenteando em curvas graciosas orlado de alamos, choupos, freixos, salgueiros, chorões e cannaviaes, emittindo frescura, dando realce e belleza; ao lado esquerdo, no ponto mais culminante da cadeia de montes que se-

prolongam pela margem direita do rio, fica-lhe o vetusto castello de D. Gualdim Paes; está ali alteroso e sobranceiro como padrão indelevel de antigas glorias, com a sua elevada torre de menagem, seus pannos de muralhas guarnecidos de ameias, torreões e reductos, a circumdarem como que para defender aquella obra monumentosa, o Convento de Christo; na frente assente em plano quasi horisontal está a cidade, que se lhe apresenta alvejante e bella como em jardim bem cultivado um canteiro de açucenas orlado de verdura e n'ella entra depois por uma rua perfeitamente recta, larga, espaçosa, com dois renques de arvores ornamentaes que a fazem assemelhar a um parque de palacio sumptuoso. E' a rua da Graça. Parallelas a esta rua correm outras quasi todas amplas e bem alinhadas que, cortadas pelas que lhes incidem em direcção perpendicular, dividem a parte principal da cidade, que é a que fica na margem direita do Nabão em quarteirões muito regulares. Na linha media e para o lado do poente está a Praça publica, denominada de D. Manuel; esta fórma um quadrilatero que é quasi um quadrado perfeito e cuja grandeza está em completa relação com o tamanho da cidade; é calçada de pedra branca e preta em losangos que lhe dão um aspecto bonito e guarnecida de arvores e bancadas. Do centro d'ella desappareceu ha muito o antigo pelourinho, uma pilastra de pedra de aproximadamente quatro metros d'altura, de forma pyramidal com base rectangular, tendo no vertice uma esphera armilar de ferro e assente sobre um pavimento lageado tambem rectangular para onde se subia por quatro degraus em cada um dos lados. Nos municipios romanos costumava collocar-se no meio da praça publica (forum) uma estatua de Marsyas ou Sileno com a mão direita erguida, era o symbolo da liberdade. Posteriormente quando se extinguiu o paganismo, aquellas estatuas foram substituidas pelos pelourinhos, pilastras ou columnas de pedra e de symbolos da liberdade passaram a ser symbolos da ignominia, porque era ali que, depois de conduzidos pelas ruas com baraço e pregão eram expostos ao publico e muitas vezes

cruelmente açoitados os plebeus que incorriam em faltas ás vezes ligeiras e filhas da ignorancia e miseria, mas que os despotas d'aquellas epochas puniam com penas severas. Desappareceu pois d'ali já ha bastantes annos aquella reminiscencia de barbaros costumes e hoje como a redimir as faltas do passado, a eliminar e esclarecer o que era obscuro e tenebroso está a substituil-o um bonito candelabro de dois braços de cujos globos pendentes saltam scintillações de luz electrica, a luz do progresso; nada mais apropriado poderia collocar-se n'aquelle logar para mostrar a todos que este povo se exforça por estar sempre a par da civilisação moderna e vae constantemente progredindo na ordem material e intellectual. Um dos lados d'esta praça, o que fica ao poente, é formado pelos paços do concelho e o opposto pelo magnifico templo de S. João Baptista, ambos de construcção manuelina; tem este templo tres vastas naves formadas por duas fileiras de columnas que sustentam arcos ogivaes, um pulpito de pedra primorosamente esculpturado e nas paredes lateraes da capella mór alguns quadros de bastante merecimento, attribuidos a Gran Vasco ou á sua escola.

A adornarem-lhe os dois topos norte e sul tem esta parte da cidade dois formosissimos largos; o primeiro a Varzea Pequena arborisado e ajardinado, cortado por uma rua central guarnecida de bancos tendo a um dos lados um lago e ao outro um bonito coreto para musica; ameno e delicioso é o mais concorrido em tardes de verão; respira-se ali o ar vivificante e puro do norte embalsamado pelo aroma das flores d'aquelle jardim e pelo dos tysos, murtas e outras odoriferas plantas silvestres de que vem impregnado quando chega áquelle local; tambem ali corre por dois tubos de broze a fonte de S. Gregorio, nome que lhe vem d'uma pequena capella dedicada áquelle santo que lhe é quasi contigua e notavel pela sua fórma em octogono regular. Este largo servia ainda não ha muitos annos, de mercado semanal de gado suino, semeado de charcos e cortado de corregos no inverno era immundo e in-

salubre, hoje é um dos pontos mais apreciaveis da cidade, cujos melhoramentos vão constantemente progredindo. Ao sul fica o largo da Varzea Grande, extenso quadrilatero, cujos lados são formados por ruas orladas de frondosas arvores, tendo ao fundo no extremo sul uma alameda, um pequeno jardim, um coreto para musica e uma capella dedicada a S. Sebastião e dentro do jardim uma agulha de pedra, padrão ou memoria collocado alli não se sabe bem para quê nem quando; talvez fosse para commemorar a acclamação de D. Filippe, que teve logar no Convento de Christo.

Ao poente e paralello á rua que forma aquelle lado está o quartel militar, installado no antigo convento de Franciscanos.

Ao nascente d'esta parte da cidade corre o rio Nabão e a Levada que a separam do outro bairro; por esta levada deriva a agua que vae servir de motor a uma fabrica de moagens, a antigos lagares d azeite e á turbina que transmitte o movimento ao dymnamo para a luz electrica. Seguindo a margem do rio para o norte corre uma avenida, denominada Marquez de Thomar, arborisada e ajardinada que vae desembocár na Varzea Pequena; esta obra de construcção moderna alem de aformosear muito a cidade collocou-a em melhores condições hygienicas, fazendo desapparecer d'aquelle local os recantos do rio onde se depositavam lôdos e immundicies que eram prejudiciaes á saude publica.

O segundo bairo denominado Alem da Ponte é menos regular que o primeiro, não deixando por isso de ter uma certa belleza; sobe por uma pequena elevação e ramifica se em tres direcções principaes. Liga-os uma ponte de pedra não se sabe ao certo se mandada construir se reedificar por D. Manoel, mas é muito provavel que fosse reedificada; n'aquella epocha já existiam os dois bairros, alem d'isso a egreja de Santa Maria dos Olivaes pertenceu aos Templarios e depois aos Freires de Christo e n'ella celebravam festividades e ate lá sepultaram alguns dos seus membros, deviam, portanto, ter uma via facil de communicação por sobre o rio, uma ponte, que decerto não

era a das Ferrarias que fica muito ao sul; alem d'isto todas as obras d'aquelle reinado revelam a arte, o saber e o bom gosto dos obreiros que d'ellas se encarregavam; a ponte está realmente bem construida, mas se tivesse sido edificada de novo de certo lhe teriam dado a mesma direcção que segue o eixo da rua principal da cidade que de sem boca na Praça, antiga rua da Corredoura, hoje Serpa Pinto, o que aformosearia muito mais esta rua, e não é assim, forma com ella uma linha quebrada, o que mostra que outra ponte que ali houve foi construida antes do alinhamento d'aquella rua e posteriormente se aproveitaram os fundamentos d'ella, para sobre elles se construir a actual, que galga por sobre a Levada e o rio em arcos de cantaria de uma solidez a toda a prova, pois tem sempre resistido sem o menor abalo ao impeto violento de grossas enchentes, que muitas vezes teem saltado por cima d'ella em escarceus formidaveis sem que d'isso se haja resentido. Esta ponte soffreu ha alguns annos uma modificação: as guardas que eram de alvenaria cobertas de lages foram substituidas, para lhe dar maior largura, por grades de ferro e n'essa occasião foi removida não sabemos para onde a imagem em pedra de tamanho natural de Santo Estevão que se achava sobre a do lado do sul logo á entrada, vindo de Alem da Ponte; é verdade que ella ameaçava desabar, porque a crença popular de que o pó raspado das pernas do santo curava as sezões,

Ponte sobre o Nabão

tinha-lh'as por tal forma adelgaçado, que mal podiam já sustentar o tronco.

Ao norte e de encontro ao primeiro pégão da ponte eleva-se o açude que deriva as aguas para a Levada e quando estas são em maior abundancia d'elle se precipitam formando uma bonita cachoeira, cujo sussurrar monotono e continuo é como um acompanhamento em baixo do trinar agudo dos rouxinoes, que durante a primavera soltam melodiosos cantos pousados nas flexiveis vergonteas dos salgueiros e chorões, que de uma e outra margem se baloiçam sobre o rio, dando áquelle local em noites amenas de maio ou junho um tom de suave melancholia, que attrahe e enleva. Transpondo esta ponte, do poente para o nascente, entra-se em uma rua denominada Marquez de Pombal (antiga rua Larga); logo á entrada e á direita estão os restos do antigo convento conhecido hoje pelo Convento de Santa Iria e ainda na muralha, que mergulha no rio, se vê em um nicho de pedra a imagem d'aquella santa; hoje aquelle convento está transformado, parte em casas de habitação e outra parte em uma fabrica de tecidos de lã; só resta d'elle intacta a capella, notavel pelo seu portico e sobre tudo por um retabulo em alto relevo, de muito valor artistico; logo adeante d'esta capella ha um arco que ligava o convento antigo com a parte que posteriormente foi construida e por debaixo d'elle passa a estrada, que conduz ao cemiterio e á notavel egreja de Santa Maria e vae para S. Pedro; quasi defronte d'este arco a rua Marquez de Pombal dá uma ramificação para a esquerda, que é a rua da Fabrica (antiga rua das Poças) e vae terminar na Fabrica de Fiação e Tecidos de Algodão, uma das melhores do nosso paiz; um pouco adeante, ao subir uma pequena elevação bifurca-se, dando origem á rua de Santo André e á de S. Braz; a primeira assim chamada por ter ao cimo, em uma pequena eminencia, uma capella com a invocação d'aquelle santo, a segunda porque tinha logo á entrada, ao lado esquerdo, outra capella dedicada a S. Braz, da qual já não restam vestigios alguns, tendo sido demolida para no seu local se edificarem casas de habitação.

Thomar é servida por nove estradas, quatro districtaes e cinco municipaes, são outras tantas arterias onde circulam os elementos de vida d'esta povoação, importação de materias primas para as suas importantes fabricas, exportação de seus artefactos; uma especie de assimilação e desassimilação d'este organismo social.

Das estradas districtaes, a de Payalvo, Leiria, Pintado e Barquinha: a primeira começa na rua da Graça, vae á estação dos caminhos de ferro e d'ahi a Torres Novas seguindo depois por Pernes até Santarem. Esta estrada inutilisou a antiga Calçada da Senhora dos Anjos, que partia do mesmo ponto e subia costeando o muro da cerca do Convento e cujo nome lhe provinha de uma antiga capella da mesma invocação, que existia ao cimo d'aquella ingreme ladeira, esta capella que pertencia aos Freires de Christo, tinha alpendres de boa architectura assentes sobre columnas de pedra, casas para se recolherem os romeiros e para residencia do ermitão, hoje já d'ella nem restam vestigios. A de Leiria sae do lado poente da Varzea Pequena subindo por uma rampa sustentada por muralhas de cantaria com engradamento de ferro, vae á estação de Chão de Maçãs e segue por Villa Nova d'Ourem até Leiria.

Esta estrada substituiu a antiga que partia de ao pé da capella de S. Gregorio e era até certa distancia pavimentada de grossas pedras mal talhadas d'onde lhe vinha o nome de calçada de S. Gregorio. A do Pintado prolonga-se com a rua de S. André, passa pelo logar do Pintado e mais adiante em um sitio chamado o Salgueiral bifurca-se seguindo uma para Coimbra e outra para a Certã; cada uma d'estas dá differentes ramaes, que conduzem a povoações importantes taes como Ferreira do Zezere, Figueiró dos Vinhos etc. A da Barquinha continua-se com a rua dos Estaus seguindo por entre duas linhas d'arvores e tendo passeios lateraes na extenção de mais de seis centos metros, passa junto ao logar de St.ª Cita onde ha uma importante feira annual a 10 de setembro e um bom mercado de gados no ultimo dia de cada mez e está já em

construcção outra estrada, que segue d'alli para Tancos até Abrantes; atravessa o logar da Asseiceira que n'outro tempo foi villa e hoje é notavel pela celebre batalha, que em 1833 alli se deu entre as tropas de D. Pedro e de D. Miguel, alcançando as primeiras uma brilhante victoria; segue depois pela povoação da Atalaya até á Barquinha e ramifica-se para o Entroncamento.

As municipaes são a do Prado, Serra, S. Pedro, Olaias e Porto de Cavalleiros.

Sae a primeira da Varzea Pequena, corre ao longo da margem direita do rio, passa pela Granja que n'outros tempos foi quinta de recreio dos Freires de Christo e vae terminar na fabrica de Papel do Prado; é arborisada na extenção de mais de quinhentos metros, formando por isso um agradavel passeio.

A da Serra entesta com a rua de S. Braz, segue pelo sitio das Avessadas, magnificos terrenos de cultura, povoados de quintas, casaes e pequenas casas de campo, passa junto ao logar do Carril e vae á Abbadia da Serra.

A de S. Pedro sae da rua Marquez de Pombal, passa por debaixo do Arco das Freiras, logo adiante bifurca-se dá um pequeno ramal que conduz ao cemiterio d'esta freguezia e á Egreja de St.ª Maria dos Olivaes e o outro segue por Marmelaes de Baixo, fertil terreno de regadio, povoado de oliveiras e mais arvores fructiferas, coberto de variadas culturas hortences e cerealiferas, deve ir terminar em S. Pedro da Beberriqueira, actualmente acha-se em via de construcção e só está concluida uma pequena parte.

A das Olaias liga-se á margem direita da do Pintado, logo adiante do logar das Calçadas, segue pelas Aboboreiras, casal do Torrão e vae ás Olaias e Montes.

A de Porto de Cavalleiros sae da estrada de Leiria, logo adiante do logar de Carregueiros, passa por S. Simão e vae terminar na fabrica de papel.

A população da cidade orça actualmente por 6:935 habitantes, comparada com a que se achou na penultima ava-

liação vê se que tende a augmentar; provem-lhe este augmento do maior impulso ultimamente dado ás industrias e ao commercio que teem melhorado consideravelmente.

As condições hygienicas d'esta cidade são actualmente boas, desappareceram de cá ha muito as febres paludosas, endemicas que aqui grassavam todos os annos, devidas á falta do cumprimento dos preceitos hygienicos que hoje se não descuram; a limpeza e aceio das ruas é tão esmerado que talvez se não incontre egual em povoações d'ordem superior; a canalisação é quasi completa e os canos das ruas vão dar a um collector geral, que desemboca no rio abaixo da fabrica de moagens e tem uma comporta acima do açude por onde a agua, entrando em grande quantidade, pela sua rapida corrente, tende a formar o vacuo nos canos parciaes arrastando, ou como que absorvendo, as immundicies e gazes que n'elles se encontram, indo depois lançal-os ao rio, onde se diluem e dissolvem, e como o volume d'agua é grande e a corrente rapida não podem dar logar a emanações prejudiciaes. E' certo que não é este o melhor systema de canalisação; no entanto satisfaz; e se o municipio tivesse maiores recursos decerto o teriam aperfeiçoado as vereações que de ha dez ou doze annos para cá tanto se teem esmerado em uteis melhoramentos. A' falta de meios pecuniarios acresce ainda a posição topographica da cidade, em que só com muito dispendio se poderia estabelecer uma canalisação perfeita, dando aos canos a altura sufficiente, que deve ser de dois metros pouco mais ou menos para n'elles se poder fazer a limpeza, e uma inclinação nunca inferior a 3 °|₀, direcção recta o mais possivel, material de construcção que não seja atacado pelos acidos, de maneira que as paredes sejam impermeaveis e não possam ser furadas pelos ratos e indo todos desembocar em um cano geral que conduzisse os dejectos para fora da cidade e os fosse despejar em um fosso, onde seriam desinfectados, de modo a tornal-os inodoros e inofensivos, sendo depois aproveitados para adubação dos terrenos.

Apesar pois de não podermos ter um systhema perfeito de canalisação, como já dissemos, a que existe satisfaz; a cidade não tem beccos immundos nem vielas tortuosas, as ruas são amplas, bem calçadas e acham-se sempre bem varridas; passeia-se por todas ellas sem que algum cheiro desagradavel nos incommode; as sargetas, que communicam com os canos, teem todas syphões de pedra onde a agua é renovada amiudadas vezes e inda assim são desinfectadas durante a noite com perchlororeto de cal de modo que os gazes que se desenvolvem no interior dos canos, que são os acidos carbonico, nitroso e sulphydrico, os sulphydratos e carbonatos d'ammonio e phosphoretos e carboretos d'hydrogenio, não podem inquinar a atmosphera; nem as materias organisadas (microbios) arrastados pelos vapores d'agua a podem infeccionar; os canos das casas particulares, que vão dar aos das ruas, são todos vedados por syphões de gres ou valvolas hydraulicas não havendo no interior d'ellas emmanações mephyticas; alem d'isto são em geral bem ventiladas e com boa exposição. Tambem concorreu muito para melhorar as condições hygienicas da cidade o incremento que se tem dado á arborisação e á avenida que vae da Ponte até á Varzea Pequena; esta obra, como ja dissemos, não só embellezou muito a povoação, mas, livrou-a das emanações prejudiciaes que n'aquelle local se evolviam; antigamente o rio passava encostado ás casas e quintaes d'aquelle bairro, havia alli recantos e depressões, onde se depositavam lodos e onde os habitantes iam de noite fazer os seus despejos, era infecto aquelle local, que hoje se tornou um dos mais aprazíveis.

A cidade é bem abastecida d'aguas, tem-as para lavagens e outros usos domesticos no rio e em poços, que quasi todas as casas possuem, e para beber, na fonte de S. Gregorio; esta agua demasiadamente calcarea não é das melhores, no entanto muita gente fazia e ainda faz uso d'ella, sem que tenha experimentado perturbações digestivas ou quaesquer outros desarranjos funcionaes provenientes da

ingestão dos saes calcareos, que contem em dissolução. Verdadeiramente potavel é a agua de Marmelaes, que fica a pouco mais d'um kilometro da cidade; nascida de rocha siliciosa é perfeitamente limpida, inodora e insipida; a analysa qualitativa que d'ella fizemos ha alguns annos apenas nos revelou a existencia de traços muito ligeiros de chloruretos e de carbonato calcareo e ferroso, e tão leve e de tão facil absorpção ella é, que foi sempre recommendada aos doentes e convalescentes; esta agua temol-a agora no interior da cidade, ao fundo da rua da Graça, no começo da dos Estaos, está correndo de um marco de pedra, por duas bicas e em tal abundancia que abastece toda a cidade e sobra ainda, e é tal a sua limpidez e perfeitissima alvura que desde remotissimas eras lhe fez dar, no logar onde nascia, o nome de Fonte de Prata, denominação que continua tendo no local onde hoje corre. Foi para aqui mandada canalisar ha poucos annos pela Camara Municipal e é mais um melhoramento que se deve ao seu presidente e vereadores, que n'estes ultimos annos tanto se tem exforçado por conseguil-os para este municipio.

Alem do mercado diario em uma praça apropriada, que ha annos foi construida para esse fim, ha um mercado semanal todos os sabbados muito abundante em generos alimenticios, taes como fructas, legumes, peixe, sereaes, etc. No mesmo dia ha tambem outro de gado suino muito concorrido; no ultimo domingo de cada mez temos tambem no Largo da Varzea Grande um mercado de gado lanigero e caprino e todos os annos uma feira muito importante, no mesmo largo, que começa a 19 d'outubro, costuma ser concorridissima e dura tres dias. Ha actualmente na cidade varios hoteis sendo os mais importantes o União Commercial, com boas acommodadações, aceiado e bem servido e o Hotel Prista que tambem é bastante concorrido. O povo de Thomar é dotado de boa indole, cortez, affavel e hospitaleiro; é e tem sido sempre liberal, repelle o despotismo e a imposição de quem pretende dominal-o pela força; são qualidades que o distinguem e nobilitam

e que muitas vezes tem posto em evidencia e ainda não ha muito.

E tem na sua historia muitos factos a confirmal-o. Citaremos um: quando as tropas francezas commandadas por Junot invadiram o territorio portuguez, um rei, que se entretinha a cantar cantochão com os frades e a cheirar rapé ás mãos cheias, pusillanime e covarde fugiu para o Brazil, e, emquanto lá ia chuchando canna doce, o povo portuguez soffria os horrores d'uma invasão estrangeira.

Este povo, em cujas veias circula ainda sangue dos antigos luzitanos, d'esses bravos, que tanto deram que fazer aos romanos, cuja dominação mais conseguiram pela influencia que sobre elles exerceu Sertorio, romanisando-o, por assim dizer, do que pela força e bravura das suas legiões, não podia soffrer sem resistencia o dominio d'uma nação estrangeira, por isso muitos dos invasores regaram com o seu sangue o solo portuguez, que se atreveram a pizar. Por essas aldeias, pela quebrada dos montes, pelos desvios das serras, os que se extraviavam ou appareciam em pequeno numero, eram mortos como feras bravias, que pretendem assaltar o redil. Era uma guerra d'exterminio, justificada pelos motivos. Aquella soldadesca infrene e desmoralisada assaltava as aldeias e ahi roubava, deshonrava e matava, por isso o povo respondia áquella ferocidade tratando de exterminar o inimigo por todos os meios ao seu alcance. Aqui perto, no logar de Fungalvaz conhecemos ainda um velho mendicante, por alcunha o Travincas, que affirmava ter elle só matado mais de trinta francezes.

Foi por occasião d'esta terrivel invasão, que os thomarenses deram mais uma prova brilhante da sua coragem e do seu amor patrio.

Quando marchava sobre Thomar uma divisão franceza, o povo da villa armou se, e resolvido a sacrificar a vida em defeza da patria, foi guarnecer o castello, o outeiro de Santa Barbara e o do Piolhinho e levou para ali uma velha peça de ferro, que ainda ha poucos annos estava em um dos claustros do

Convento de Christo. O commandante da divisão, que marchava pela estrada da Barquinha, quando chegou a certa distancia, provavelmente logo para cá da Guerreira, avistou o castello e aquelles montes coroados de gente armada e, desconhecendo a força do inimigo, que tinha na sua frente, que naturalmente se lhe afigurou maior do que realmente era, fez alto e mandou um emissario com a intimação de que se rendessem e entregassem as armas, sob pena de ser posta a saque a villa, se fosse tomada á força; ao que os chefes d'aquelles patriotas responderam: que se não rendiam e que as armas só as tomariam quando os mortos as abandonassem, porque das mãos dos vivos as não haviam de receber.

A noticia do que se passava circulou rapidamente pela povoação; então os homens mais prudentes e de mais maduro pensar, conhecendo o perigo, porque aquelle punhado de valentes pouco tempo poderia resistir a um inimigo poderoso, aguerrido e costumado a vencer, correram aos pontos fortificados a exporem aos chefes as desgraças que adviriam a Thomar, se insistissem em uma resistencia inutil; estes reconhecendo o perigo declararam que, para que se lhes não imputassem os desastres, que podessem sobrevir, desistiam do seu intento; porém que se não rendiam nem entregavam as armas aos francezes, que voltariam pacificamente para suas casas e as suas armas as entregariam a um portuguez, digno de recebel-as, aos francezes nunca; que se procediam assim não era por temerem os francezes, embora em maior numero e mais bem armados; mas que, tendo resolvido sacrificarem-se pela patria, reconheciam agora que o sacrificio de suas vidas lhes não seria tão proveitoso como aquelle que iam fazer, abandonando os seus postos e deixando de mostrar aos inimigos quanto vale a coragem e o brio dos que resolutamente defendem a sua honra e os seus haveres, porque só passando por cima dos mortos e já bem dizimados pelas balas das suas espingardas conseguiriam assenhorear-se d'uma povoação, que lhes era mais cara do que a vida, porque n'ella tinham os seus lares domes-

ticos, cuja inviolabilidade lhes cumpria defender até ao ultimo transe; por isso impunham mais uma condicção: que a moral e os direitos de todos os cidadãos fossem respeitados.

Entre as nobres familias que n'aquella epocha habitavam a villa de Thomar, havia um cavalheiro por nome Antonio Florencio de Abreu, filho do capitão Francisco Affonso de Lima, natural da freguezia de Santa Maria de Sá, termo de Ponte de Lima e de D. Anna Dorothea Margarida Joaquina de Abreu e Andrade, natural de Thomar, casado com D. Angela Tamagnini d'Abreu, natural de Milão (Italia). Era esta dama muito illustrada e fallava correctamente a lingua franceza. Foi ella escolhida para servir de medianeira e seu marido o portuguez designado para receber as armas, que lhe haviam de entregar aquelles bravos patriotas. Partiu pois ella para o campo inimigo, onde chegou ainda a tempo, porque as forças extrangeiras já se dispunham para o ataque: ali deu conta da sua mensagem ao general francez, que acceitou todas as condições ou porque desconhecendo as forças com que tinha de bater-se receasse entrar em lucta ou talvez e antes porque sendo-lhes estas apresentadas por uma nobre dama, que lhe fallava a sua lingua, a sua gentileza e o seu cavalheirismo não lhes permittiram uma recusa. Entretanto os populares tinham ido a sua casa depôr as armas, como haviam combinado. Era esta casa na rua da Capella, que da capella da mesma casa deriva o nome; ainda lá existe e pertence a uma pessoa de familia, sua descendente; está n'ella installada a escola Jacome Ratton e a attestar este facto, que tanto nobilita o povo thomarense, lá estão as grades das varandas todas feitas de canos de espingardas.

E' um padrão que está ali, decerto ignorado de muitos, mas que deve ser conservado como memoria d'um facto notavel.

Apoz aquelle pacto os francezes entraram pacificamente na villa, onde os seus habitantes, embora contrariados, sempre briosos e cortezes os receberam mais como hospedes do que como inimigos.

Deu-se n'esta occasião outro facto, que tambem é digno de mencionar-se. A' entrada da villa, ao fundo da rua dos Estaos morava um cavalheiro, Francisco Nunes Pinheiro, medico distincto e proprietario abastado, de quem tambem ainda ha illustres descendentes, tinha a sua adega cheia de vinho; receioso de que os francezes entrassem n'ella e, embriagando se, praticassem disturbios, mandou abrir os tonneis e entornar o vinho, que era em tanta quantidade que, diz-se, chegou a correr para o rio e a empoçar na rua, onde alguns soldados francezes o beberam de bruços e, irritados por este facto, quizeram assaltar a casa e praticar outros desatinos, ao que, honra lhe seja, o seu commandante obstou, em cumprimento da palavra, que tinha dado de não serem maltratados os thomarenses.

O RIO

RIO que banha a formosa cidade de Thomar, que a embellesa e anima, que a refresca e fertilisa, que a fecunda e enriquece, tem hoje o nome de Nabão, não o teve sempre; Naba parece ter sido o nome que lhe davam os povos que primeiro habitaram as suas margens, Naba de Juncosa, diz a Chronica da Soledade, lhe chamavam os antigos. Naba ou Naben é termo muito antigo, talvez de origem celta e seria por elle designado este rio por ser muito abundante em peixe, porque ao termo Naba está ligada a idéa de peixe; tanto que serviu para designar um direito de pescado, que pagavam os pescadores nos portos alheios, que era um peixe por cada barco; era antiquissimo este direito com o nome de Nabulo, alatinisação de Naben, consta da doação que em 922 D. Ordonho II fez ao bispo resignatario de Coimbra; na carta em que D. Affonso V fez conde de Vianna de Caminha o capitão D. Duarte de Menezes 1460 (?) se diz: *e lhe fazemos mercê do nosso direito de Nabão e Malatesta que os barcos de fóra pagam quando veem pescar aos mares e rio d'esta villa.* Por

aqui se vê como o termo Naba foi mudando a sua terminação segundo a indole da linguagem do tempo até se transformar em Nabão. Por isso não é destituida de fundamento a opinião de que o nome primitivo do rio fosse Naba e que os romanos déssem á cidade que edificaram ou ampliaram na sua margem esquerda o nome de *Urbis Nabæ* (cidade de Naba ou do rio Naba). O que se confirma por uma medalha de cobre da qual mais adeante fallaremos, ha pouco encontrada nas ruinas da antiga cidade. Mais tarde os arabes chamaram-lhe Tamarara, que quer dizer *agua doce*, não porque as suas aguas fossem sacharinas, mas sim agradaveis ao paladar, que depois se converteu em Thomar, nome que os portuguezes deram á villa, que edificaram na sua margem direita e ao rio ficaram chamando Nabão, derivação da antiga palavra Naba.

Nasce este rio no sopé da serra d'Alvaiazere, tem o nome de ribeira de Formigaes até esta povoação, traz até ali muito pouca agua durante o verão e d'esta quasi nenhuma chega a Thomar por ser empregada na rega dos terrenos marginaes; logo abaixo do lugar de Formigaes ha uma abundante nascente, que se eleva em borbotões d'entre rochas, proximo ao penedo da Aguia, n'um sitio chamado fonte do Agroal; é d'ali por deante que este curso d'agua toma o nome de rio; é pois esta fonte a sua verdadeira origem, e tanto que ao pé da dita nascente existia e não sabemos se existe ainda um marco de pedra com a cruz dos Templarios symbolo do seu dominio, sello inviolavel em que pessoa alguma ousaria tocar; aquella cruz posta ali na origem do rio mostrava a todos que este era exclusivamente d'elles; d'ali por deante a agua d'este rio vae-se avolumando com a de outras nascentes e com a de varios ribeiros e regatos que a elle affluem e corre rapida por entre apertada garganta d'alcantilados montes até a abaixo do lugar da Pedreira, que fica na margem direita a cinco kilometros ao norte da cidade; ali estes montes pedregosos, que partem da serra d'Alvaiazere, começam a desviar se para o poente, ora descendo em escarpadas rampas ora subindo em ingre-

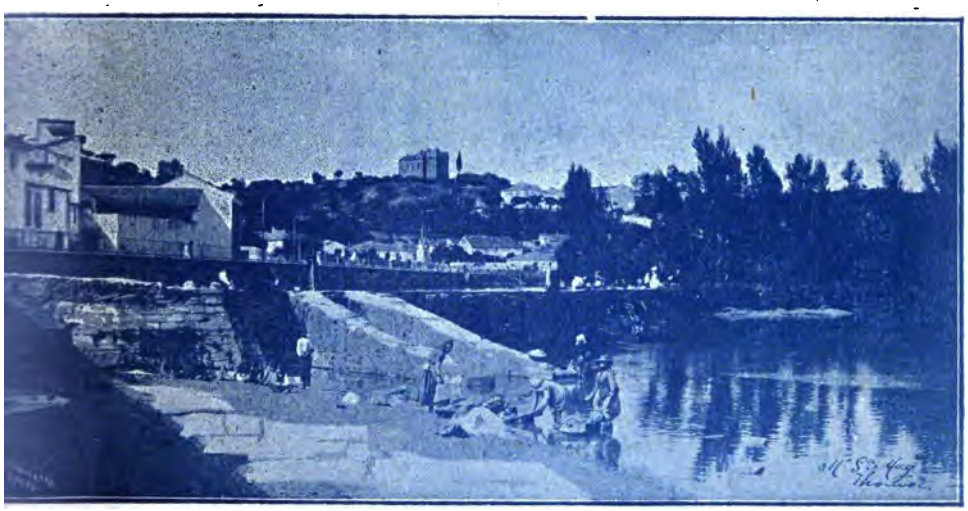
mes e escabrosas ladeiras, passam por Valle dos Ovos, Fungalvaz, Furadouro, Catraia e Porto de Moz, elevando-se mais adeante para formarem a serra d'Ayre, tambem conhecida por serra de Minde, que limita para o poente o horisonte dos pontos mais elevados d'estes sitios. Esta cadeia de rochas cuja base é a calcite, apresenta nas visinhanças do logar da Pedreira o calcareo oolitico com granullação fina, d'onde se estrahe magnifica cantaria que d'ali se exporta para esta cidade e para diversos pontos; logo adiante em S. Simão optima pedra de cal que ali se fabrica, tanto para argamassas como para caiar, por ser d'uma alvura perfeita, e em Valle dos Ovos bellos marmores que são explorados por companhias. Este desvio dos Montes começa ali a dar maior largura ás margens do rio que se vão transformando em ferteis campinas até que novamente se estreitam cerca de 8 kilometros ao sul da cidade, entrando outra vez as suas aguas no sitio de Matrena em estreito canal e ahi vão em rapida corrente por entre penhascos e galgando por sobre rochas até irem confundir-se com as do rio Zezere, proximo á villa de Constança.

E' de muitos centos de hectares a area dos terrenos marginaes d'este rio, assentam em plano quasi horisontal e estão dispostos para a irrigação; são d'uma uberrima fertilidade e prestam-se a todas as culturas, sendo notavel o sabor delicioso das fructas e hortaliças que produzem. O rio é a alma da cidade, embelleza-a e enriquece-a, e enriquece ainda uma grande parte do concelho; a milhares de familias dá elle o pão quotidiano, que grangeam nas fabricas a que serve de motor; o seu valor sobe a muitos milhares de contos de réis, para o calcular bastaria conhecer a quantos mil cavallos-vapor corresponde a sua força motriz hoje em acção e aquella que ainda se poderá aproveitar; conhecido o valor da força motriz d'um cavallo vapor na unidade de tempo, tomando para essa unidade a hora e sabidas as horas de trabalho o que não era difficil, feita a multiplicação encontrariamos um numero que de certo nos havia de surprehender. Alem do seu valor como mo-

tor temos ainda a accrescentar o quanto póde valer como fertilisador dos terrenos regando-os, e, coisa notavel, não só fornece a agua para as regas, mas é elle mesmo que, pela força da sua corrente, põe em movimento as rodas hydraulicas que a elevam; estas rodas, feitas de madeira, são de grande diametro, de raios e pás, assemelham-se um pouco ás rodas Ponsellet, mas differem d'ellas por serem muito menos perfeitas; trabalham em canaes tambem construidos de madeira, poucos ha de alvenaria; os alcatruzes são de zinco ou de barro approximadamente da capacidade de cinco litros, assentam sobre a face posterior das pás, dois em cada uma, um á direita e outro á esquerda próximo de seus bordos e ligam-se a arcos de madeira em numero de tres que cingem toda a circumferencia da roda, embutem se e pregam-se nas pás para as manterem n'uma posição fixa, ao mesmo tempo que seguram os alcatruzes; os eixos são de madeira de carvalho e movem-se sobre chumaceiras de pinho; hoje com o fim de diminuir o attricto, ha muitas em que as extremidades do eixo que assentam sobre as chumaceiras são de ferro, embutido na madeira; a agua que salta dos taboleiros onde despejam os alcatruzes cae sobre os eixos e lubrificando-os favorece o attricto e faz com que se não gastem tão depressa; a agua entra nos canaes elevada por meio de açudes formados no alveo do rio com estacas, rama de pinho e areia, construem-se em maio e desmancham-se em outubro; a differença de nivel a jusante e a montante dos açudes não costuma exceder um metro. A má construcção d'estas rodas e canaes dá logar a grandes perdas de força pelos resaltos, fugas d'agua, demasiado attricto e grande peso, porém apesar de todos estes inconvenientes o volume d'agua é tal, mesmo nas maiores estiagens, que trabalham noite e dia com bastante velocidade tirando por hora muitos hectolitros d'agua e tanta que algumas vezes andam dois homens a regar com a agua d'uma só roda.

E' sempre muito aprazivel no verão o local onde trabalha qualquer d'estas rodas; quasi todas abrigadas por virentes

chorões ou copados amieiros, atravez de cujas frondes difficilmente penetram o raios solares, gosa-se ali nas horas de ardente calor d'uma sombra amena e refrigerante pela continua evaporação, que se dá na agua, que escorre das pás quando se elevam e da que resalta dos taboleiros cahindo em innumeras gottas crystalinas, como chuva de perolas brilhantes; e a embellezar ainda mais este quadro vêem-se muitas vezes a voltejar no ar umas como nuvens rutilantes, são os raios solares



O Nabão proximo a Thomar

que, quando incidem com uma certa inclinação sobre aquellas gottas d'agua, se refractam ao atravessal-as decompondo-se cada raio luminoso nas sete cores do arco Iris.

As aguas d'este rio não são potaveis; pela analyse que d'ellas fizemos verificámos que conteem em elevada proporção carbonato e sulfato de cal alem de muitas materias organicas; tambem analysamos as aguas da Fonte Quente, que fica a um kilometro ao norte da cidade, na margem direita do rio e na

base de um talude da estrada, que vae para o Prado, encontrámos n'ella exactamente os mesmos elementos que na agua do rio, o que nos faz crer que a agua d'aquella fonte provem d'elle penetrando pelas fendas das rochas acima do logar da Pedreira e vindo emergir n'aquelle ponto; não analysamos ainda as aguas d'este rio acima da foz da ribeira da Povoa, mas suppomos que ella ahi deve conter menos sulphato de cal ou talvez nenhum, porque é nas margens d'esta ribeira que se encontram jazigos de gesso; proximo ao logar dos Calvinos, que fica a noroeste do logar do Pintado, existe em abundancia a pedra de gesso, mineral da familia dos sulpherinos, syst monoclinico; de lá veiu algum n'outros tempos que d'ali se extrahiu e do qual se fez uso n'esta cidade depois de preparado pela deshydratação em fornos; porém o dono do predio d'onde era extrahido, ou porque lhe não pagassem ou porque não quizesse ver a sua propriedade deteriorada pela escavação, mandou-a entulhar e plantar uma nogueira no sitio d'onde se tirava aquelle mineral; e para ali ficou até hoje escondida debaixo d'uma camada de terra, que apenas poderá produzir algum milho ou cevada, aquella fonte de riqueza que, bem explorada, poderia fazer a fortuna d'algumas familias. Na mesma localidade em alguns pontos, ao plantar vinha ou abrir covas para plantar tanchões, se tem tambem encontrado algumas pedras de alabastro, variedade do mesmo mineral compacto translucido e de aspecto marmoreo, de que antigamente se faziam vasos, onde se mettiam os perfumes que nas cerimonia funebres se aspergiam sobre os cadaveres e de que hoje se fabricam objectos de muito valor; tudo isto se despreza, porque não ha quem o explore. Se somos pobres é porque somos inactivos ou tão ignorantes que não sabemos approveitar as riquezas do nosso paiz.

Antigamente, como já dissémos, o rio era dos frades, ninguem se podia aproveitar d'elle sem sua auctorisação; apenas servia de motor a moinhos de fazer farinha e a lagares de azeite, que quasi todos lhes pertenciam e os que não eram ex-

plorados por sua conta pagavam-lhe renda; o mesmo acontecia com todos os outros cursos d'agua, que havia nos seus dominios, como a ribeira da Louzã ou de S. Pedro e a ribeira de Bezelga e ainda com pequenos regatos que só d'inverno tinham agua que podesse servir de motor; no ribeiro de Porto de Mendo, que tem sua origem na Fonte da Longra, lá tinham elles um lagar d'azeite no sitio de Valle de Roucos; no Ribeiro de Serzedo, que passa proximo a Cem Soldos, tinham um moinho de fazer farinha chamado das Suzanas, etc. Não era só a agua que lhes pertencia, eram tambem senhores do ar; quem quizesse ter um pombal para trazer os pombos soltos tinha que lhes pedir licença; moinhos de vento não os havia no concelho de Thomar, porque os não consentiam, tinham o monopolio do fabrico da farinha e do azeite, por isso na raia do concelho de Torres Novas, na margem direita da ribeira de Bezelga ainda hoje se vêem muitos moinhos de vento para fazer farinha, outros já se arruinaram, onde iam os habitantes d'este concelho mandar moer o seu grão, porque a maquia nos moinhos dos frades era maior do que n'aquelles. Em taes condições achavam-se completamente inutilisados para o povo aquelles dois poderosissimos agentes, principalmente a agua cuja força motriz aplicada ás industrias constitue hoje a principal riqueza d'este concelho.

N'aquellas epochas os cofres do estado enchiam-se com o ouro que lhes vinha das terras conquistadas e essas enormes riquezas, que podiam ser perduraveis e productivas aplicadas ao desenvolvimento da agricultura e ás industrias nacionaes, eram em geral mal baratadas, como se aquella vida aventureira podesse durar sempre, como se uma nação pequena sem recursos internos podesse sustentar por muito tempo vastos dominios na Africa, Asia e America; se uma outra orientação tivessem tomado n'aquelles tempos os nossos dirigentes, Portugal estaria hoje prospero e feliz e não seria o ludibrio das outras nações, vexado sempre por dividas enormes que nunca poderá solver e a nossa população rural vergando ao peso de

desmedidos tributos, mal podendo agricultar as suas terras por falta de meios pecuniarios, do que resulta um *deficit* na producção de cereaes, que temos de importar do estrangeiro, pagos a ouro, que não temos, por isso o custo e o agio dão logar á sahida de grandes capitaes que, se continuassem em circulação no reino iriam successivamente melhorando as suas condições economicas e financeiras. Mas não; não se attendia ao bem commum, eram outras as idéas d'aquelle tempo, nunca fomos previdentes nem praticos, por isso outras nações, que melhor teem sabido governar-se, prosperaram e progrediram ao passo que nós, de uma grandeza ephemera, cahimos em uma miseria permanente. O clero e a nobreza ligados por uma só idéa, embebidos n'um só pensamento, riqueza e gloria, foram, principalmente o primeiro, a causa da nossa ruina. O rio era dos frades; senhores de vastos dominios com avultadissimas rendas não necessitavam construir fabricas, ensaiar industrias, nem isso cabia na sua qualidade de nobres cavalleiros, ao povo não o permittiam nem este tinha os meios de que necessitava dispor para tal emprehendimento, porque os dizimos, os oitavos as jugadas que era obrigado a pagar-lhes não lhes deixava acumular capitaes; foi em 1788 que o celebre Marquez de Pombal teve a idea de fazer com que aqui se construisse uma fabrica de fiação d'algodão e isto, note-se, não foi para engrandecer a terra nem para beneficiar o povo d'ella, foi porque achou o local apropriado e com o fim de prejudicar os inglezes de quem, com razão, não gostava, tirando-lhes o exclusivo do algodão; se pediu ou não auctorisação aos frades não o sabemos, mas não era homem a quem podessem fazer estorvo os seus privilegios. Achava-se então em Portugal Jacome Ratton, celebre industrial francez, a quem o Marquez pediu fizesse por sua conta aquella fabrica, com auctorisação e applauso do governo e em nome da Rainha; começou a edifical-a n'aquelle mesmo anno dando-lhe rapido impulso; o governo porém esqueceu-se das promessas que lhe havia feito de lhe prestar auxilio; e tendo Ratton gasto já avultadas quantias asso-

ciou-se com Thimoteo Lecusson Verdier, continuando ambos na execução de tão importante obra. Antes porém de começarem os trabalhos de fiação e tendo ambos já gasto mais de 200:000 cruzados, separou se de Verdier, que ficou na posse de todo o material. Jacome Ratton naturalisou-se portuguez, foi sempre muito dedicado á sua patria adoptiva, apezar d'isso foi preso e desterrado como jacobino. A fabrica continuou em laboração administrada por Verdier com prospero resultado, sendo os seus productos muito apreciados e assim foi continuando mais ou menos prosperamente, sendo por fim administrada pelo sr. Domingos Loureiro até que por morte d'este passou a uma companhia, que lhe deu novo impulso.

Em 1883 foi destruida por um incendio, pouco depois foi reconstruida sob a direcção do sr. Henrique Pereira Taveira, sendo engenheiro o sr. Charles Hargreaves, que levantou a planta do novo edificio ao qual deu nova fórma mais acommodada aos seus fins e mais apta a perseverar se de novo incendio; ficando todo de um só pavimento, o antigo tinha tres; para os batedores e abridores do algodão construiu-se uma casa especial isolada, com todas as condições á prova d'incendio, coberta de aboboda de ferro e tejolo apoiada em fortes columnas de ferro. O systema de rodas hydraulicas foi substituido por uma turbina da força de 150 cavallos, desmontaram-se os velhos machinismos, que foram vendidos e substituidos por outros de systema moderno; continuaram d'aqui por deante os progressos d'este importantissimo estabelecimento fabril, fizeram-se novas construcções, estabeleceram-se officinas de tecidos de panno, meias e camisolas de malha: tem hoje como motores duas turbinas e tres poderosas machinas a vapor e emprega diariamente perto de duas mil pessoas de ambos os sexos.

A valiosa e importante força motora d'este rio era n'outros tempos, como já dissémos, apenas utilisada para fazer girar os rodizios de moinhos ou as rodas dos lagares que pertenciam aos frades; depois que se extinguiram as ordens religiosas e

com ellas acabaram esses privilegios vaxatorios de que eram senhores com grave prejuizo do progresso humano, começou a ter nova e mais util applicação. Mais proximo da origem de este rio estabeleceu-se a Fabrica de Papel de Porto de Cavalleiros, era tambem um moinho de fazer farinha, começou por um estabelecimento modesto e muito limitado, foi comprado por um proprietario d'esta cidade, sr. Antonio Joaquim d'Araujo, que depois organisou uma companhia e lhe deu maior incremento; ultimamente a nova direcção deu-lhe ainda maior desenvolvimento; tem como motores uma turbina da força de 100 cavallos e uma roda hydraulica da força de 15 e compõe se dos seguintes machinismos: duas machinas para cortar trapo, uma caldeira geradora de vapor, uma lexiviadora cylindrica rotativa, um lavador de trapo, quatro bombas para elevação d'agua, 5 cylindros de sinzar trapo, quatro de refinar massas, um tanque branqueador de massas ou lavador, doze para depositos de massas, um para a preparação de chloro humido e outro para a preparação da lexivia, uma machina para a fabricação de papeis para embrulhos systema continuo, duas redondas para a fabricação de papeis almassos e duas bombas para elevação de massas refinadas, uma prensa para papeis humidos, duas para embalotar papeis, dois massos, uma calandra uma machina de pautar systhema antigo e outra de systema moderno, uma machina do cortar papel e um dymnamo para produzir a illuminação electrica, que no interior da fabrica é feita por lampadas de incandescencia e no atrio por dois arcos voltaicos. A officina de escolha e apartamento de papeis tem cincoenta metros de comprimento por nove de largura; as duas officinas de escolha e apartamento de trapo teem approximadamente duzentos e quaranta metros quadrados cada uma e a de dobragem duzentos metros; as casas de enxugo teem uma area de tres mil metros quadrados approximadamente, tem tambem regularmente montadas as officinas de carpinteria e serralheria. Esta fabrica é servida por uma estrada, que vae entroncar na estrada de Leiria proximo ao logar de Carregueiros, foi feita e é

conservada a expensas do municipio, bem como a da fabrica do Prado, porque os seus representantes tiveram e teem sempre em vista proteger as industrias na area da sua administração.

Seguindo a corrente do rio encontra se logo abaixo de Porto de Cavalleiros a fabrica do Sobreirinho; não trabalha, foi comprada pela companhia das Fabricas de Papel do Prado e Marianaia muito provavelmente com o fim de evitar que ali se estabelecesse uma outra fabrica de papel, que podesse fazer-lhe concorrencia e lá está perdida aquella queda d'agua, que servindo de motor a um estabelecimento fabril qualquer daria lucros ao seu proprietario e beneficiaria os povos circumvisinhos proporcionando-lhes trabalho. A seguir a esta e defronte do logar da Pedreira, na margem direita do rio está a Fabrica de Papel do Prado. Consta que houve ali antigamente um engenho de fazer balas de ferro, havia tambem uns moinhos de fazer farinha, que pertenciam aos frades e o açude que levava as aguas para servirem de motor aquelles moinhos derivava tambem por uma valla para irem regar as terras da sua quinta da Granja e pôrem em laboração um lagar d'azeite da mesma quinta. O sr. Henrique de Rure Pietra estabeleceu ali uma fabrica de papel que elle proprio administrava, porque era propriedade sua e de seus irmãos, a qual, pela sua boa administração e esclarecida intelligencia, fez progredir e prosperar até que em 1875 a vendeu a uma companhia por 140 contos. Esta companhia tem a elevado á cathegoria d'uma das primeiras do nosso paiz; tem por motores uma turbina ingleza da força de 120 cavallos, uma franceza da força de 30, uma roda hydraulica de ferro da força de 10, uma machina de vapor da força de 130 cavallos e outra da força de 30. Na descripção que fizémos da fabrica de Porto de Cavalleiros enumeramos todas as machinas e utensilios de que ella se compõe, isto para que aquelles que nunca visitaram uma fabrica d'esta natureza fiquem formando uma idéa do que é uma fabrica de fazer papel, por isso seria fastidioso repetil-o aqui e para poder avaliar a sua importancia basta conhecer a força motriz de que dispõe e o

que produz. A producção diaria dos machinismos de fabricar papel continuo orça, a do n.º 1 que foi montada ha dois annos, por 4:000 a 4:500 kilos, podendo attingir 5:000; a do n.º 2, que já ali existia ha dez annos, regula entre 1:800 a 2:000 kilos podendo dar 2:500; a da machina redonda, para fazer papel almasso em folhas, varia entre 600 a 800 kilos, mas pode dar mais; a media diaria das 3 machinas é de 6:200 kilos. Trabalham ali em media 300 pessoas por dia, das quaes 100 são mulheres; a importancia das ferias pagas ao pessoal em cada semana é de 480 a 500 mil réis.

Em seguida a esta está a Fabrica de Fiação e Tecidos d'Algodão, da qual já fallámos.

Ao entrar na cidade o rio tem um debito minimo de 2:012 litros por segundo e um debito minimo absoluto de 1:870 litros por segundo. E' n'estes algarismos que se baseou o calculo da força hydraulica, quando se fez a installação da luz electrica; durante o inverno as cheias attingem dez a vinte vezes e mais ainda o volume normal e as aguas conservam-se vivas até ao verão, epocha em que as estiagens e a grande quantidade que se extrahe para as regas as fazem baixar até descer ao algarismo minimo que apresentamos. O edificio onde se acham installadas as officinas da luz electrica fica na margem esquerda da Levada, no local onde existia uma azenha; foi todo construido de novo pelos fundamentos que são de beton, as paredes d'alvenaria, o emadeiramento de castanho coberto com telhas de Marselha. A primeira pedra d'este edificio foi lançada pelo presidente da camara com a assistencia de todas as auctoridades, no dia 9 de dezembro de 1900. A sua capacidade acha-se dividida em differentes compartimentos, em um está installada uma turbina da força de 100 cavallos girando com uma velocidade de 62 voltas por minuto, tendo um debito de 1:870 litros por segundo e uma queda de $2^m,25$; a roda da turbina está ligada por engrenagens a uma arvore de transmissão em cuja extremidade, entre duas chumaceiras, se encontra o volante que por meio d'uma correia dá movimento

ao dymnamo; estes aparelhos acham se collocados em um segundo compartimento, o principal do edificio, que é uma vasta sala quadrangular, bem illuminada por janellas que se abrem para sobre o passeio que margina a Levada e é pavimentado a ladrilho branco e preto.

O dymnamo é de systema Grammes muito aperfeiçoado, os friccionadores são de carvão calcinado, e no caso de se quebrarem são immediatamente substituidos por outros metallicos sem que haja interrupção da corrente; tem a força de 40 k. Wolt.s e 110 Wolt.s, as correntes electricas que servem á illuminação da cidade, dos estabelecimentos e casas particulares vão dar a um quadro de distribuição, onde ha um Voltametro, 9 commutadores e 9 interruptores que permittem dividir a cidade em 9 zonas para poder accender ou apagar cada zona separadamente. Ha ali tambem um segundo quadro especial para os arcos voltaicos, que permitte accendel-os, apagal os, augmentar ou diminuir a intensidade dos focos luminosos. N'um outro compartimento está uma machina a vapor da força de 80 cavallos que subtitue o motor hydraulico nos mezes de maior estiagem. Ha ali tambem uma officina para reparações e um escriptorio para a direcção.

A canalisação é aerea, as distribuições em tres fios e todos os cabos e fios são isolados. Este dymnamo não tem tido até hoje outra applicação senão a de produzir a luz electrica; porém como todas as machinas de indossão de correntes continuas são reversiveis; isto é, assim como o trabalho mechanico se transforma em corrente electrica assim por sua vez as correntes electricas se transformam em trabalho mechanico, como as machinas thermicas transformam o calor em movimento, são assim estas machinas empregadas para transportar a força a distancia por meio da electricidade; por isso aquelle dymnamo, que hoje só serve para produzir luz, pode mais tarde servir a produzir o movimento com applicação a qualquer industria não só dentro da cidade, mas ainda fóra d'ella, porque por meio da electricidade a força póde transmittir-se a grandes distancias.

A Nabantina posta em movimento por uma roda hydraulica, trabalhando em media com a força de 40 cavallos; tem quatro pares de mós francezas para moer trigo, dois pares de mós francezas para moer milho e um par portuguez para remoer farello, peneiros, joeiradores, limpadores, etc. A esta fabrica estão annexas umas azenhas com quatro pares de mós portuguezas para milho e dois para trigo. Dentro da cidade o rio serve ainda de motor a uma turbina para elaboração d'um lagar d'azeite, que fica na margem esquerda de fronte da fabrica de moagens em um sitio chamado Horta d'El-Rei e consta que este motor vae breve ter mais larga aplicação industrial.

Fabrica de Moagens «Nabantina»

Seguindo a corrente do rio, cinco kilometros ao sul da cidade está a fabrica de papel denominada de Marianaia; existiu ali tambem um moinho de fazer farinha; fica na margem esquerda em um sitio alegre e aprazivel; foi tambem um antigo moinho dos frades, pertence hoje á mesma companhia da do Prado, mas é muito menos importante do que aquella; tem por motor uma roda hydraulica e destina-se principalmente ao fabrico de papel almasso e para embrulhos, tem por sobre o rio uma ponte de madeira para serviço da mesma fabrica, mandadada construir pela companhia e um pequeno ramal de estrada.

que a liga á da Barquinha. Para baixo d'esta, quatro kilometros aproximadamente e logo adeante do logar de Santa Cita, está ainda outra fabrica de papel, a de Matrena, fica situada na margem direita do rio e foi construida no local do antigo lagar e moinhos de Matrena, depois de ampliado e aterrado o referido local. Occupa actualmente 6:320 metros quadrados e compõe-se dos seguintes edificios: armazens de pasta e trapo, onde tambem está estabelecida a officina de escolha do trapo. Este edificio está separado dos edificios da fabrica propriamente dita e apenas ligado a elles por uma pequena ponte á qual se seguem casa da machina de cortar trapo e batedor, tendo por baixo uma lexiviadora espherica com tres metros de diametro, casa para branqueadores, casa de cylindros com tres desfiadores, sendo um duplo, e cinco refinadores dos quaes tres teem trabalhado; casa da colla, casa da machina continua, com 47 metros de comprimento e 22^{m},5 de largura onde a machina continua está installada e tem já espaço preparado para outra, quando convenha a sua installação. A machina continua tem 35 metros de comprimento por dois de largura e pode trabalhar até á velocidade de 72 metros por minuto. Segue-se a casa de acabamento onde estão assentes uma calandra de dois metros de largura com dez rolos, uma cortadeira de papel, com corte transversal e diagonal e uma bobinadora; d'esta casa passa-se á sala da escolha do papel seguindo-se a casa da embalagem onde estão assentes duas prensas para o enfardamento. Por cima da sala da escolha e embalagem estão os armazens de papel enresmado. A meio dos edificios da fabrica pouco mais ou menos e em casa separada, está assente a caldeira, com 100 metros de superficie de aquecimento, que fornece o vapor para a seccagem. Possue esta fabrica duas turbinas sendo uma da força de 200 cavallos, que é o seu motor principal e outra de 45 cavallos, destinada unicamente a servir de motor á machina continua. Tem ainda uma officina de serralheria, forja e carpinteria, e do lado norte, separadas da fabrica, as casas d'habitação, parte ainda em acabamento.

Fallando das nossas fabricas de papel, parece-nos não ser fora de proposito dizer duas palavras sobre a introducção na Europa d'esta tão importante industria.

O fabrico do papel é um dos inventos que mais contribuiu para o desenvolvimento das sciencias e das lettras; é por meio d'elle que hoje tão facilmente se propagam e vulgarisam todos os conhecimentos humanos; não era assim antigamente e a geral ignorancia da edade media foi em grande parte devida á falta de meio de escrever; o *papyrus* egypcio e o pergaminho eram então carissimos.

A raridade do *papyrus* e o preço do pergaminho, diz M. Charpentier, obrigavam a restringir o pensamento, mesmo nas transcripções e nos factos mais indispensaveis. Póde ver-se no archivo da Torre de Londres nos *Rolls of fines*, que cada contracto de venda de terras é sempre comprehendido em uma só linha e do seculo VIII ao seculo X todos os annaes dos Francos são submetidos á mesma regra.

A introducção do papel na Europa teve logar na segunda metade do seculo XI, segundo a opinião dos mais celebres investigadores, os quaes, assentes sobre este ponto, discordavam a respeito da origem da sua proveniencia até que Michel Casiri, quando fez a traducção dos manuscriptos arabes da bibliotheca do Escurial, descobriu a sua verdadeira origem. .

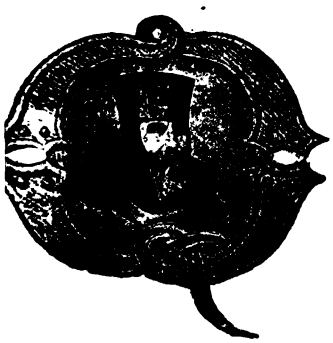
Desde tempos immemoriaes os Chins fabricavam papel dos casulos do bicho de seda. Ali-ben-Mouhamad de Samarcanda diz que ali se estabeleceu uma fabrica d'aquelle papel no anno 30 da hegyra (meiados do seculo VII). Os arabes tomaram esta cidade no anno 85 da hegyra (704 da nossa era aproximadamente). Tres annos depois 707, Youzef-Amroû, natural de Mekka introduziu a fabricação do papel na sua terra natal e, como na Arabia o algodão é mais abundante do que a seda, parece que encontrou meio de fabricar o papel de algodão. Os mais antigos papeis introduzidos na Europa no fim do seculo XI são uns de seda outros de algodão; a denominação de *bombycina*, que primeiro se dava ao papel, comprehendia-os

ambos. Casiri encontrou na bibliotheca do Escurial manuscritos em papel de algodão, que datam de 1009, mais de meio seculo anteriores aos que se teem encontrado nas outras nações da Europa; o que prova que foram os arabes os inventores do papel de algodão e que foram elles que o importaram para a Hespanha, estabelecendo ali esta importante industria.

Posteriormente inventou-se o papel de linho, canhamo e trapos. Suscitaram-se tambem questões sobre qual foi a primeira nação que o fabricou; Maffei e Tiraborchi reivindicaram para a Italia esta invenção, Scaliger e Meermann para a Allemanha; mas os documentos mais antigos, que apresentaram escriptos em papel d'esta natureza (linho e canhamo) nenhum é anterior ao seculo XIV. Segundo a opinião de Hardouin, de Mabillon e de todos os antiquarios o emprego do papel de trapos na Europa, excepto em Hespanha, não é anterior a 1268. Em Hespanha os documentos que provam o uso d'este papel remontam a um seculo antes; no numero d'elles cita D. Gregorio Mayan um tratado de paz entre Affonso II de Aragão e Affonso IX de Castella, conservado nos archivos de Barcelona, que tem a data de 1178.

O papel de linho e de canhamo proveiu dos arabes, que o fabricaram em Hespanha, onde estas materias primas eram mais abundantes e mais baratas que o algodão. As primeiras fabricas que ali se estabeleceram foram em Schatiba (Xatiba), a antiga Sætabis, que hoje se chama S. Filippe; depois em Valencia, em cujos campos tambem abundava o linho e o canhamo e em seguida na Catalunha. O uso do papel de trapos só se começou a espalhar em Hespanha no tempo de Affonso X, pelo meado do seculo XIII. Foi pois de Hespanha, onde os arabes introduziram a industria do fabrico do papel, que ella passou para as outras nações.

A VILLA DE THOMAR



QUANDO em 15 de março de 1147 D. Affonso Henriques tomou de surpreza aos mouros a bem fortificada praça de Santarem, mandando apunhalar os vigias adormecidos e recommendando aos assaltantes que não poupassem ninguem para infundir maior terror, foi n'esta arriscada e ardilosa empreza auxiliado pelos Templarios, a quem doou toda a jurisdição ecclesiastica d'aquella povoação; diz-se que em cumprimento d'um voto, mas talvez antes seria em cumprimento de promessa, que anteriormente lhes houvesse feito para obter o seu auxilio.

Já n'aquella epocha o espirito d'ambição d'aquelles frades guerreiros caminhava a par se não precedia o espirito religioso; mostra-o bem a prolongada demanda que por muitos annos sustentaram no reino e em Roma com D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa, que reclamava para si aquella jurisdição.

Era então mestre da ordem D. Gualdim Paes, natural das proximidades de Braga e a quem D. Affonso Henriques tinha armado cavalleiro depois da batalha de Ourique. Pelas relações

de amisade que havia entre os dois terminou esta questão, ficando os Templarios em Santarem só com a egreja de S. Thiago, porque não queriam que de todo se apagasse ali a memoria do seu dominio e cedendo lhes em compensação D. Affonso Henriques o castello de Ceras e uma larga facha de terreno até ao Tejo.

Soure e Pombal já lhes pertenciam; desceram então d'ali a tomarem posse do seu novo dominio e vieram aquartelar-se em Ceras. Aquelle castello já existia do tempo dos romanos, consta que mandado edificar por Julio Cesar, quando veiu á Lusitania apasiguar os pompeianos, e que o nome Ceras foi dado áquelle lugar por ter ali existido um templo dedicado a Céres, deusa das searas. Baluarte erguido para defeza da via romana, que ligava *Conimbrica, Urbis Nabœ* e *Scalabis* e onde aquella via entrava na garganta de dois montes, era bem apropriado o local; estava porém áquelle tempo muito arruinado. Ou porque o castello não tivesse a capacidade necessaria, ou não offerecesse garantias de segurança ou ainda por que lhes não agradasse o local; fossem quaes fossem os motivos o certo é que o abandonaram e vieram duas leguas ao sul construir outro na margem direita do rio Thomar, defronte de onde foi a antiga Nabancia (nome por que é mais conhecida, por isso a continuaremos a designar por elle, embora não seja o que lhe davam os romanos). Para a edificação do seu novo castello escolheram os Templarios um monte bastante elevado, de rapido declive para o nascente e para o sul, por isso muito apropriado para uma boa fortaleza.

Dizem alguns historiadores que o logar era ermo, restando só da antiga cidade uma egreja e um convento em ruinas. Não podemos crer que assim fosse; embora não existisse a Nabancia, alguns povoados por ali devia haver; suppondo mesmo que ella fosse destruida pelos arabes, como em geral se affirma e no que não acreditamos, não era no embate de uma d'essas hordas africanas passando como a tempestade por sobre uma cidade, que destruiu, que se fixavam vestigios, que

ainda hoje existem; que no animo do povo se arreigavam crenças, que muitos seculos, que vão passados, ainda de todo não extinguiram.

Destruida, fosse como fosse, a cidade, que devia ser bastante populosa, nem todos os seus habitantes deviam succumbir á catastrophe: muitos d'elles decerto se haviam de salvar e muito natural é que d'entre esses alguns continuassem a persistir ao menos pelas suas immediações; devia prendel-os ali, ao solo natal, essa força mysteriosa, que para elle nos attrae; elo invisivel mas tenaz, que provem de que, desde pequeninos, se nos vae arreigando na alma a impressão grata de tudo que n'aquella tenra edade nos rodeia: a casa, onde nascemos e onde recebemos as primeiras impressões do mundo exterior, onde balbuciamos as primeiras palavras e onde recebiamos os afagos d'uma mãe carinhosa; depois o viver infantil, a fonte onde iamos beber, o regato que transpunhamos saltando, as arvores onde iamos colher os ninhos, o monte, o valle, a collina, o pomar, emfim mil coisas para outros tão insignificantes, para nós tão attrahentes, tão edentificadas com o nosso ser que a ausencia d'ellas chega muitas vezes a produzir, em organismos mais sensiveis. uma doença, a nostalgia, e até pode occasionar a morte. E' este conjunto de impressões gravadas no nosso espirito desde o começo da sua evolução, tão intimamente presas a elle que difficil ou quasi impossivel se torna desvanecel-as, que faz com que em nós se desenvolva e arreigue essa nobre affeição, esse ardente amor, o amor patrio, que nos prende ao solo onde nascemos e nos creámos e que tantas vezes em sua defesa ou em seu engrandecimento tem levado ao heroismo e até ao sacrificio.

E' pois muito natural e até logico admittir que, apoz a destruição da Nabancia, alguns dos seus habitantes, dos que poderam salvar-se, viessem, nas suas immediações construir novas moradas, não já uma cidade, mas tão sómente alguns casaes ou aldeias.

Passaram por ali os arabes. Passaram é certo e muito provavel que tambem ali estacionassem durante muitos annos; mas os arabes não eram a féra que devora, a tempestade que destroe, o fogo que consome; os arabes eram tolerantes e condescendentes para com os vencidos, permittindo-lhes cultivarem as suas terras, governarem se pelas suas leis, conservarem as suas instituições, as suas crenças religiosas e o exercicio do culto, não admirando mesmo ver se ao lado d'uma mesquita arabe um templo christão: eram sim valentes e aguerridos, sabiam bater-se em lucta encarniçada no campo de batalha, mas, finda esta, o fervor dos animos acalmava se, a nuvem tempestuosa, d'onde fusilavam os raios entre o islamismo e o christianismo desfazia-se, e serenada a tormenta vencedores e vencidos viviam, por assim dizer, em commum; havendo até mistura de sangue das duas raças pelos consorcios entre ellas e mesmo uma certa communhão d'interesses, pois se viram no kalifado de Cordova nobres godos exercendo altos cargos.

Parece pois, senão certa, ao menos com o maximo grau de probabilidade, a existencia n'aquella epocha de alguns povoados nas circumvisinhanças do local da antiga cidade, devendo ser com essa população dispersa, que se formou o primeiro nucleo da villa de Thomar; aquelle povo mosarabe que por ali vivia, podia ser attrahido por certas garantias; mas mais natural é attendendo á brutalidade dos costumes d'aquella epocha, que a doçura dos principios da religião christã ainda não tinham podido corrigir mesmo nos que se diziam seus verdadeiros proselytos e defensores, que aquella pobre gente fosse violentada a ir residir junto aos muros do castello, que se ia levantando para ali prestar serviços corporaes, a que era forçada. Nem d'outra forma se poderá explicar como foi que, começando os Templarios a fundação do castello em 1160, logo em 1162 désse D. Gualdim Paes um foral aos habitantes da villa; foi decerto porque já alli havia uma população de certa importancia e que ia augmentando rapidamente, porque em 1164

lhes deu outro, onde se mencionavam todos os impostos, que os habitantes eram obrigados a pagar á Ordem. Quando foi instituida a Ordem de Christo o rei pediu aquelle foral para saber os direitos que a mesma Ordem devia cobrar; os moradores, vergando ao peso de tão enormes e vexatorios tributos, mandaram-lhe um traslado, suprimindo n'elle as jugadas de pão, vinho, linho, etc., supondo que assim ficariam mais alliviados, visto que por outra forma o não poderiam conseguir; assim continuaram pagando todos os impostos menos estes até que, sendo mestre da Ordem o astuto e ambicioso D. Lopo Dias de Sousa pediu o foral de Torres Novas, que tinha sido dado conforme o de Thomar com a pensão das jugadas, que lhe encobriram e, demandando por ellas os thomarenses, as obteve por sentença dada em 1407. Sempre a mão de ferro dos poderosos e dos despotas a pesar sobre a cerviz do povo, que trabalha para os enriquecer!

A este primeiro elemento constituitivo da villa de Thomar veiu logo e quasi ao mesmo tempo juntar se outro muito importante, o elemento artistico. Para levar a cabo tão grande obra como era a edificação do castello, sua capella e mais accessorios e a reedificação da egreja de Nossa Senhora da Assumpção, hoje Santa Maria dos Olivaes e convento annexo, decerto foi preciso que os Templarios chamassem grande numero d'artistas, taes como: pedreiros, cabouqueiros, canteiros, carpinteiros, ferreiros, serralheiros, etc. e com certeza muitos d'elles estabeleceram na villa a sua residencia e ali ficaram vivendo com suas familias, não só por estarem perto das obras em que iam trabalhando, mas porque, sendo esta uma povoação nascente e em via de desenvolvimento, mais facilmente n'ella encontrariam trabalho em que empregarem se do que em outra qualquer parte.

Assim a villa ia crescendo rapidamente não só com estes elementos, mas ainda com outros que os Templarios para ella iam attrahindo; convinha-lhes que augmentasse a população, não só para engrandecimento da Ordem por serem senhores

d'uma grande villa, mas ainda porque, crescendo a população crescia a necessidade de se arrotearem novos terrenos, dando se maior incremento á agricultura e por isso maiores proventos iam recebendo.

Os seus vastos dominios, que tinham por limites: ao nascente o rio Zezere e ao poente a ribeira de Bezelga, deviam conter, como já dissémos, alguns d'esses povos, a que se dava o nome de mosarabes; eram os godos que ficavam sob a dominação dos arabes; estes impunham-lhes um tributo que eram obrigados a pagar; quanto ao mais gosavam de plena liberdade civil e religiosa, continuavam a cultivar as suas terras, a regerem-se pelas suas leis e a exercerem o culto da sua religião; é certo que com o decorrer do tempo foram adquirindo usos e costumes arabes pela continuada convivencia com elles, conservando comtudo algumas das suas instituições e as suas crenças religiosas. Devendo ser rara esta população, os Templarios trataram decerto de a augmentar, estabelecendo colonias de diversas graduações: homens de creação ou adescriptos, presos á gleba, da qual não podiam afastar-se, cultivando os terrenos em beneficio de seus senhores, obrigados ainda a prestarem-lhes serviços pessoaes, mesmo os mais aviltantes, e cujos filhos tinham a mesma sorte dos paes; estes desgraçados eram na maior parte mosarabes, que nas incursões ou fossados nos dominios mussulmanos os nossos guerreiros colhiam e traziam para povoarem e cultivarem os seus terrenos; eram considerados como animaes de trabalho e muitos soffriam os horrores da escravidão; irmãos pela origem e pelas crenças religiosas eram assim tratados por esses despotas que nas vestes traziam estampada a cruz de Christo, symbolo da egualdade e da misericordia e no coração o fervor das paixões humanas, na alma a ambição e a vaidade. E para aqui viriam muitos d'esses miseraveis reduzidos á mais infima condição, porque não havia cá um homem de Deus, um bom prior de Santa Cruz, S. Theotonio, que, exprobando-lhes o seu mau procedimento e ameaçando-os com a colera celeste os obrigasse

a pôr em liberdade aquelles infelizes, como fez em Coimbra.

Aos adescriptos seguiam-se os colonos livres, juniores ou peões e depois os herdadores ou cavelleiros villãos; mas propriamente cavalleiros villãos eram os que, sem serem nobres de linhagem, possuiam armas e um cavallo comprados á sua custa ou dados pelo senhor da terra; até em alguns foraes se estatue que, se o cavalleiro villão fallecer, as armas e o cavallo não sejam restituidos ao senhor, mas passem para os herdeiros; apesar d'isto muitas vezes se confundiam estas duas entidades; uns e outros possuiam livremente os seus bens, podendo transmitil-os por herança e até por contracto allodial; mas a estes bens estava sempre vinculado um tributo pecuniario, muitas vezes acompanhado de prestações agrarias, tributo que era indivisivel, embora a propriedade podesse ser dividida; de modo que todos os possuidores respondiam por elle como uma só pessoa moral. (Para maior desenvolvimento veja-se Hist. de Port. de A. Herculano d'onde extractamos o pouco que aqui dizemos).

Talvez aqui bem perto o nome de Cem Soldos, dado a uma povoação, provenha de que ali fosse n'aquella epocha um casal ou herdade obrigado á pensão annual de cem soldos e que os herdeiros do primeiro possuidor, estabelecendo-se n'elle e multiplicando-se, dessem origem ao logar bastante populoso, a que geralmente chamam Sansoldes em vez de Cem Soldos.

Os herdadores e os cavalleiros villãos não eram como os adescriptos obrigados a viverem nos predios que cultivavam, podiam até arrendal-os, por isso como homens abastados é mais natural que vivessem na villa, concorrendo assim a augmentar a sua população á maneira que pelos senhores do dominio, que eram os Templarios, se iam fazendo aquellas concessões e talvez tambem alguns prestamos, que consistiam na doação de terrenos, incluindo mesmo casaes e aldeias, cujos rendimentos no todo ou em parte recebiam os prestameiros, que assim se chamavam os individuos a quem se faziam estas doações, que eram a compensação de serviços

prestados ou a retribuição de um cargo publico militar ou civil.

Os Templarios não viviam em clausura, mas sim na villa, onde decerto mandaram construir casas para sua residencia: os officios divinos eram celebrados em Santa Maria, o castello e a egreja que construiram dentro d'elle só lhes servia para o caso de cerco. Este uso continuou-se ainda no tempo dos seus successores, os Freires de Christo; quando o Infante D. Henrique foi governador da Ordem quiz acabar com este abuso, porque a sua profissão os obrigava a viver em communidade, por isso ordenou que fossem viver no castello e celebrassem os officios divinos na capella d'elle e deixou em Santa Maria capellães e beneficiados para servirem ao povo, de que era parochia; mandou fazer casas para si e um claustro para os frades; pois apesar de tudo nunca pôde acabar com elles a que vivessem enclausurados em communidade; apenas conseguiu que fossem celebrar os officios na egreja do castello e que esta ficasse sendo convento da Ordem (Monarchia Lusitana).

Valentes e aguerridos na lucta, os Templarios eram os primeiros na avançada. O som da tuba, dando o signal de combate, era para elles como a trombeta do Archanjo no valle de Josephat, chamando os mortos a juiso; estava chegada a hora de darem conta do seu valor e da sua coragem. Volvendo os olhos ao ceu e elevando o pensamento ao creador, a quem em breve mas fervorosa prece, pediam gloria, não para si, mas para Elle, Senhor Deus do Universo; com os acicates cravados nas ilhargas de seus ardentes corceis, voavam como nuvem tempestuosa impelida por medonho furacão; suas alvas roupagens fluctuavam como farrapos agitados pela tormenta; suas lanças refulgiam como linguas de fogo celeste. Não soltavam imprecações, não insultavam o inimigo á moda d'outros guerreiros, só se ouvia o arfar d'aquelles peitos valentes debaixo dos arnezes que os protegiam; o seu avançar rapido e silencioso era como a mudez da morte, o silencio do sepulchro, que apavoram. Vencer ou morrer era a sua divisa, sem um grito de colera, sem um queixume, porque d'aquellas al-

mas nobres, n'aquella hora solemne, não brota o odio, emana a fé; era pela fé que combatiam.

Era terrivel a sua investida, não se lhes resistia ao embate. Como em cerrado bosque o cyclone, que passa na sua vertiginosa carreira, derriba, arranca, despedaça tudo o que encontra, ainda as arvores mais gigantescas, abrindo uma larga estrada, que deixa coberta de destroços, assim elles arremessando-se contra as densas ordas serracenas, abriam n'ellas largos sulcos, que deixavam juncados de cadaveres e moribundos. Ali não havia recuar, e ai d'aquelle que mostrasse o mais leve indicio de covardia, penas ignominiosas puniriam a sua possilanimidade. Não, não ha negar-lhes a bravura; mas a austeridade monachal, essa não a possuiam. Valentes e destemidos na guerra, o seu genio fogoso e ardente não lhes permittia a vida claustral; eram guerreiros, não eram monges. E seria absurdo admittir no mesmo ser a existencia de duas qualidades heterogeneas, que não se combinam nem se ligam; a humildade e submissão do crente, que pelo seu mysticismo se encerra dentro dos muros de um convento, onde, asceta, vive de todo isolado do mundo exterior, sem pretensões nem brios, só aspirando á bemaventurança eterna e a arrogancia e impetuosidade do guerreiro, que no campo de batalha arrisca a vida em defesa de um principio ou em cumprimento de um dever, aspirando sempre á fama e á gloria. Não, monges e guerreiros não o podiam ser; são dois predicados que não cabem no mesmo sujeito; a abnegação e a gloria, a humildade e a altivez, a submissão e o desejo de vencer são qualidades que se destacam em seres diversos; não se sobrepõem, não coexistem no mesmo individuo; assim aquelles homens, cuja profissão era combater infieis e não entoar preces ou cantar psalmos, não trocavam as armaduras pelos cilicios, nem o ruido das batalhas pelo silencio do claustro; por isso no tempo d'ocio usufruiam como outros quaesquer os gosos da vida; não se enclausuravam, viviam em liberdade dentro da villa e ali viviam decerto como ricos-homens, que eram, tendo a sua co-

mitiva de clientes, servos, escravos e escravas. Só por este meio se poderá explicar como foi que tão poucos annos depois da fundação da villa, logo em 1174, se legislasse já a respeito de escravos.

No foral dado a Thomar n'aquelle anno e que foi traduzido no principio do seculo XIV, lê-se o seguinte:

«Se mouro d'alguem for solto e fezer cooanha (crime grave) o Senhor d'el (elle) responda por el segundo a cooanha, que fezer ou o leyche na mão do Mordomo. O Mordomo non filhe (prenda) mouro d'alguem que traga prizon ou moura solta por qualquer cooanha que faça. Mas se o Senhor da terra e o conselho vir que tal couza fez por que deva ser apedrada (apedrejada) ou queimada, a pedrena ou queimena. Se tal couza fez por que deva ser asoutada, asoutemna e depois de ser asoutada tambem o mouro como a moura demnos a seu dono.»

Vê-se pois que quatorze annos apenas, depois da fundação, do castello, a villa era bastante povoada porque lhe davam um novo foral, já o terceiro e que n'ella havia escravos e escravas mouros: ora os plebeus não possuiam escravos, de quem eram elles então? Evidentemente dos Templarios e de parentes e amigos que para ella houvessem attrahido e a quem houvessem feito largas concessões de terrenos e assim a povoação ia crescendo muito rapidamente.

Nas disposições d'este foral vê-se, ainda que muito obscuramente, como este povo era governado. Havia um mordomo, que podia prender ou mandar prender; Mordomo era o que recebia e arrecadava as rendas, mas com este cargo acumulava muitas vezes outros administrativos e judiciaes e tambem se dava o mesmo nome ao exactor ou fiscal da lei; havia um Senhor da terra, Senhor da terra era o Mestre da Ordem, mas esta autoridade podia exercel-a por si ou delegal-a em pessoa da sua confiança, que acumulava todas as jurisdições, como o alcaide de um castello, posto ali pelo rei, era considerado como o Senhor do castello e da povoação, que este dominava; havia tambem um conselho, não se diz formado de quantos

membros nem a que classe pertenciam, este conselho intervinha nas questões civis e criminaes; se fosse eleito pelo povo teriamos a esse tempo já aqui um municipio, ainda que imperfeito, mas decerto o não era; n'aquella epocha as liberdades populares eram ainda muito restrictas; os municipios, unica organisação que póde garantir a liberdade civil dos povos, creados pelos romanos, conservados pelos godos com pequenas modificações e respeitados pelos arabes, só muito lentamente se foram reconstituindo nos primeiros tempos da monarchia portugueza, para decahirem na epocha actual, em que a absurda lei da centralisação os vae annullando com consentimento do povo, que não resiste, nem se indigna; tal é a decadencia moral a que temos chegado! Que as gerações futuras nos perdoem o erro e nos não amaldiçoem pelo abysmo, que lhes vamos abrindo.

Para oppor um dique aos vexames, que continuamente estava soffrendo, o povo começou primeiro por constituir gremios, baseado no principio de que a união faz a força; esses gremios, alguns eram muito importantes e gosavam de certas regalias, entre ellas regerem-se por leis proprias. N'aquelle tempo havia grande respeito pela religião e acatavam se as coisas religiosas. Só debaixo d'este principio o povo poderia obter dos despotas, que o governavam, consentimento para uma aggremiação e a aprovação dos regulamentos por onde esta devia reger-se. Era por isso que, tomando por base o sentimento religioso da epocha, um certo grupo de individuos escolhia para patrono um santo ou santa, sob cuja protecção se acolhia; a religião era o pretexto, umas certas garantias civis o seu principal fim; por isso em primeiro logar estabeleciam obrigações relativas ao culto e veneração do santo ou santa escolhido; depois formulavam umas certas leis pelas quaes toda aquella communidade, que tinha o nome de irmandade ou confraria, se havia de reger mesmo civilmente, impondo penas aos que entre os seus membros perturbassem a ordem social d'aquella aggremiação.

Nos estatutos da confraria de Santa Maria do Castello (Santa Maria dos Olivaes?) de Thomar, feitos em 1388 estipula-se o seguinte: «Se algum Confrade ferir outro Confrade com espada ou com coytello entre em camisa em xxx tangentes (leve em camisa trinta golpes de açoite ou de azorrague). Aquelle que a seu Confrade der punhada ou lhe messar a barba entre em camisa em sinco tangentes. E se o Confrade disser a outro Confrade—Villam ou tredor: ou gafo: ou ladrom: ou falso: ou chamar á Confrada hevoeyera (meretriz): ou aleivosa: ou ladra: pague sinco soldos á Confraria he entre em sinco tangentes.» Esta parte dos estatutos, que é uma especie de codigo penal mostra que os crimes mais graves não estavam na alçada da confraria julgal-os, porque não se refere ao homicidio, roubo, etc., mas tão somente offensas leves, praticadas entre os confrades, como ferimentos, espancamentos e injurias, etc. Ainda assim era já uma regalia, que gosavam os membros d'aquella associação, porque as penas comminadas nos seus estatutos não eram demasiado violentas n'uma epocha em que os castigos eram quasi todos barbaros e arbitrarios, dependendo da indole benigna ou cruel do juiz ou juizes, que os impunham á seu bello prazer, sem uma lei a que estivessem subordinados, de modo que não havia relação alguma entre a natureza do delicto e a gravidade da pena. Mesmo aquellas que se achavam determinadas em alguns foraes diversificavam tanto d'um logar para outro, que não havia entre ellas termo de paridade; por exemplo: o crime de homicidio era n'umas partes punido apenas com uma multa pecuniaria, em geral tresentos soldos, em outras a pena era atroz, consistia em enterrar o assassino vivo debaixo do morto e casos havia ainda em que o assassinato era permittido; faltava uma lei geral por onde se regesse este povo, que se achava ainda no primeiro periodo da sua evolução social. E' certo que na epocha em que se fizeram aquelles estatutos já havia leis geraes, porque as primeiras que se promulgaram foram estabelecidas pelas cortes de 1211 e depois acrescentadas por D. Affonso III e D. Diniz. Estas leis, que se

podiam dizer rectas e justas em harmonia com o espirito da epocha, no geral não eram cumpridas; o clero e a nobreza era quem nos seus senhorios continuava a dictar a lei: quando os representantes do povo começaram a ser admittidos em cortes, ferviam ahi as queixas dos abusos e vexames d'aquellas duas classes; faziam-se-lhes então grandes promessas em nome do rei, mas, depois de dissolvidas as cortes, tudo ficava como anteriormente se encontrava. Aggremiando-se para se fortificar contra o poderio dos grandes, lutando sempre pela liberdade, esse sentimento universal e inato, que mais medra e cresce quanto mais se pretende agrilhoal-o, que os ergastulos e as fogueiras nunca poderam aniquilar, o povo ia lenta, mas progressivamente sacudindo o jugo de ferro com que o oprimiam os tyrannos.

A classe mais trabalhadora, a que n'aquelles tempos mais serviços prestou á agricultura, desbravando matagaes, rompendo charnecas, arroteando pousios, foi a dos homens de creação ou adescriptos; e era ella tambem a mais despresivel, a mais infima; especie de escravos agrilhoados ao solo, que eram obrigados a cultivar em proveito dos senhores e ainda a prestarem-lhes serviços corporaes, aquelles homens viviam vida ardua e miseravel; cheios de cansaço e fadiga para poderem auferir um escasso alimento para si e suas familias, porque, á maneira que pelo seu trabalho os terrenos que cultivavam iam augmentando em producção, iam-se-lhes tambem augmentando os encargos, que tinham a pagar; por isso, obrigados pela miseria, revoltavam-se muitas vezes contra a crueldade que n'elles exerciam, chegando mesmo a espancar os mordomos ou officiaes do fisco, que lhes levavam á força o que tanto suor e fadigas lhes havia custado.

Firmes na crença, que dá a esperança, a esperança que dá a coragem, que anima, que avigora, que faz manter a persistencia nos exforços, nos actos, que conduzem ao fim desejado, aquelles desventurados tanto fizeram que conseguiram libertar se; porque de certa epocha em deante esta classe deixa

de figurar nos prestamos doações e outros contractos, que se faziam; muitos d'elles preferiram decerto o serem cabaneiros. Cabaneiros eram certos individuos que viviam exclusivamente dos seus salarios, não possuiam bens alguns, habitavam em cabanas por não terem com que construir uma casa e talvez tambem porque, vivendo só do seu trabalho, quando este lhes escaceiasse n'um logar mais facilmente poderiam mudar para outro. E' verdade que estes individuos parece que não eram considerados como homens, porque, quando se descrevia um casal ou herdade, dizia-se: tem tantos homens e tantos cabaneiros; mas ao menos eram livres e a liberdade mesmo no meio da miseria é um gosò inefavel, que a mitiga e adoça. N'estas condições de liberdade é provavel que muitos d'elles fossem viver na villa, onde encontrariam quem lhes désse trabalho menos arduo e mais lucrativo, concorrendo tambem para o augmento da sua população.

Um outro elemento muito importante para a vida e progresso da villa de Thomar foi o elemento judaico. Quando vieram estabelecer-se aqui os judeus não o sabemos; talvez conste de alguns documentos, mas alem da competencia faltam-nos n'esta localidade os elementos necessarios para dar a este trabalho o desenvolvimento que o seu assumpto merece; não temos bibliothecas nem archivos onde possamos ir colhel-os e com pouco material não se pode fazer grande obra. Os judeus viviam sempre extremados das outras classes sociaes e distinguiam-se d'ellas pelo seu saber, pelo seu engenho, pela sua aptidão e pelas suas riquezas. Vieram estabelecer-se n'esta villa, é provavel que viessem a pouco e pouco e só quando attingiram um numero importante se lhes designasse o local onde haviam de habitar; a judearia, era em uma rua, que conservou por muito tempo o nome de rua da Judearia, depois se lhe chamou rua Nova e ha pouco se lhe deu o nome de rua Joaquim Jacintho, para perpetuar a memoria do cavalheiro d'aquelle nome, que n'ella ainda habita, medico distincto, cidadão benemerito, que durante a sua longa vida tem prestado

aos habitantes de Thomar relevantes serviços. N'aquella rua, onde habitavam, tinham os judeus a sua synagoga, cujo edificio ainda lá existe; é uma casa bastante espaçosa de forma rectangular, pavimento lageado e abobadas amouriscadas, firmadas sobre quatro grossas columnas de pedra; serve hoje de armazem de mercadorias e pertence a um commerciante d'esta cidade.

Os judeus governavam-se pelos seus proprios costumes, dentro das judearias, onde tinham as suas synagogas e communas elegiam os seus magistrados; emquanto á sua vida intima estavam isemptos da legislação christã; tinham na capital, que era a judearia de Lisboa, um chefe supremo, o Rabi-Mor de Portugal. Porém se no seu viver intimo gosavam de plena liberdade, não lhes acontecia assim nas suas relações com os christãos; n'estas eram vexados e humilhados o quanto se póde ser, tinham que recolher ás judearias a horas determinadas e não podiam sahir d'ellas senão tambem a horas fixas: eram obrigados a trazerem um signal distinctivo; pagavam tributos sobre tributos, não podiam comprar ouro, prata ou moeda sem licença regia; não podiam ter creados christãos, não podiam ter relações com mulheres christãs nem entrarem em casa d'ellas ou receberem-n'as em sua casa ou loja sem estarem presentes homens christãos. Eram em geral odiados pela sua origem e invejados pela sua riqueza; as suas crenças religiosas que não abandonavam, extremavam-os da communidade christã, por isso pezavam sobre elles aquellas duras leis, porém havia entre elles medicos, letrados e astrologos, eram ricos, perspicazes e astuciosos e todas estas qualidades faziam com que a meudo se subtrahissem a ellas, sendo muitas vezes os monarchas os primeiros a infringil-as. Estabelecidos aqui deviam ser um poderoso elemento de vida para a povoação, porque eram elles os principaes commerciantes e banqueiros.

Ainda mais outro elemento de vida e por isso de augmento da população era o transito que por aqui se fazia de Lisboa e Santarem para Coimbra e Porto e vice versa. A estrada real vinha de Lisboa por Santarem até á Gollegã, e, quando as in-

nundações do Tejo impediam por ali o transito, este fazia-se por Pernes e Torres Novas, seguindo depois por esta povoação; havia outra estrada que ia ao logar da Barroca e d'ahi á Lamarosa, Payalvo, Chão de Maçãs, Albergaria a-Velha, Abiul, Picada dos Corvos, Pombal, Redinha, Condeixa e Coimbra, esta porém era pouco seguida por ser muito mau caminho, acidentado, cortado de ribeiras sem pontes e falto de pousada para os viajantes; por esta rasão era por aqui o principal transito dos almocreves, que cá negociavam deixando umas mercadorias e levando outras e cá tinham boas pousadas e hospitaes para os que vinham enfermos; chegou a haver dose na povoação para os quaes elles concorriam com donativos.

A estrada, que vem do sul não entrava na villa no mesmo ponto onde entra agora; proximo de onde está hoje o padrão de D. Sebastião havia uma capella, dedicada a S. Gião, e em frente d'ella uma cruz de pedra chamada a cruz nova, do que não resta vestigio algum; passava por entre ellas e seguia encostada aos montes pelo sitio chamado as Carreiras onde ainda se veem restos da antiga calçada, passava ao pé da Capella de S. Sebastião, seguia pelo local aonde está o Convento de S. Francisco, hoje quartel militar e vinha entrar na villa ao cimo da rua da Graça á bocca do valle de Riba Fria, que assim se chamava ao valle dos Sete Montes; logo á entrada havia dois hospitaes, um de S. Braz no topo da rua e outro de S. Paulo á entrada da rua do Pé da Costa, destinados aos peregrinos pobres e doentes e ainda na mesma rua da Graça havia mais tres hospitaes, tão grande era o transito que por ali se fazia.

A estrada real, passando pelas Caldas, Alcobaça e Leiria, mandada fazer por D. Maria I, attrahia por ali o transito, com o que muito se resentiu a villa de Thomar.

Para o engrandecimento e progresso da villa deviam concorrer tambem em grande parte as amendadas visitas dos fidalgos e dos reis com as suas numerosas comitivas, motivadas pelas relações que com os frades mantinham; chegando

mesmo um dos nossos monarchas, D. Duarte, a mandar construir n'ella um palacio para sua aposentação; era no extremo sul da villa, proximo ao rio e como áquelles palacios ou paços se dava o nome de Estaos, d'elle derivou a denominação, que tem hoje a rua, onde existiu ou talvez a que deu começo.

Com os elementos que temos ennumerado e ainda com outros, que decerto escaparam á nossa investigação, a villa em pouco tempo cresceu em população e importancia, importancia que lhe provinha dos frades; eram elles quem a possuia perante os reis e perante o povo. A luz refulgente com que brilhava a gloria e o poderio d'aquelles homens, respeitados por uns, temidos por outros, era como um sol vivificador cujos raios creadores incidindo na povoação, que era, por assim dizer, emanação sua, a faziam crescer e medrar tão rapidamente; crescer e medrar, não como medra e cresce o roble magestoso, nascido em fertil colina, que se desenvolve e expande livremente, bracejando em todas as direcções, mas antes como vegeta e cresce mimosa planta nascida e creada á sombra de copada arvore, que com as suas folhas lhe intercepta a luz e com as raizes, como mais forte, lhe vae roubando a seiva, que a havia de nutrir; por isso mimosa e bella, mas fraca e estiolada, sem vigor, sem energia propria.

A' maneira que a villa e as aldeias iam crescendo em população e grandeza iam tambem tentando cada vez com mais vigor emancipar-se da pesada tutella de seus senhores. As condições civicas d'este povo deviam ir melhorando successivamente, seguindo a marcha natural da evolução social, tantas vezes entravada pelo despotismo dos grandes e principalmente aqui sob o dominio d'esses frades fidalgos, assoberbados pelas enormes riquezas, que possuiam e pela preponderancia que exerciam em todo o reino; aquellas resistencias porém ia as elle vencendo a pouco e pouco, não sem grandes difficuldades, impellido pelo sentimento da liberdade, sentimento que posto em acção muitas vezes tem levado ao heroismo.

Sobre a nobreza e até certo ponto sobre o clero o rei tinha

a acção de chefe supremo da magistratura judicial e de chefe militar do paiz. O Mestre do Templo representava de Logar-Tenente do Rei em todas as terras da Ordem; era-lhe portanto de certo modo subordinado, senão de facto ao menos de direito.

Dos vexames que os nobres e o clero exerciam sobre o povo recorria este muitas vezes para a auctoridade real, que em alguns casos intervinha a seu favor e d'este modo avançava mais um passo no caminho da liberdade. A lucta constante e tenaz entre o povo opprimido e os grandes, seus oppressores, deu-se em todo o paiz, porisso necessariamente se havia de dar tambem aqui, conseguindo por meio d'ella este povo ir alcançando algumas liberdades e garantias, até que, não podendo de todo emancipar-se da tutella dos frades, que até eram senhores de agua e vento, conseguiu usofruir certas regalias, constituindo se em municipio ou concelho.

Durante o periodo, que decorreu entre a extincção da Ordem dos Templarios em 1312 e a instituição da Ordem de Christo em 1319, a administração dos bens dos Templarios passou para o estado, apezar da cobiça do Papa, que lhes queria chamar seus; durante este interregno o povo de Thomar devia respirar mais livremente e é provavel que obtivesse do rei D. Diniz, que era benevolo e generoso, mais amplas regalias, que não havia podido obter durante a dominação fradesca.

Organisado em municipio em uma epocha, cuja data não podemos precisar, pelas rasões que já apresentámos, este povo constituia uma entidade civil, que podia assim em collectividade social, oppor maior resistencia ás arbitrariedades e desmezurada ambição dos que antes eram seus senhores absolutos; já podia queixar-se das violencias, que sobre elle se exercessem e reclamar justiça, porque tinha um tribunal, onde as questões deviam ser debatidas e julgadas e ainda com appello para outro tribunal superior; em varias questões suscitadas entre os frades e o povo da villa, vê-se que este encontrava sempre acerrimos e leaes defensores dos seus direitos

e prerogativas nos membros da camara municipal, que o representavam; aquellas questões tinham quasi sempre por objecto os tributos que os frades tinham a cobrar, encarando sempre as coisas pelo lado que lhes parecia mais favoravel, de modo a receberem o mais possivel; coisa que muito se parece com o que nos faz agora a fazenda nacional, mas decerto bem peior ainda. Nos archivos da camara municipal existe um d'esses processos, que é muito curioso.

Os primeiros passos do concelho, segundo todas as probabilidades, porque não conhecemos documento que o mostre, foram n'um pequeno largo, que fica hoje ao fundo da rua da Levada, rua que talvez então ainda não existisse, porque a rua dos Moinhos, que lhe corre parallela pelo lado do poente, está pelo seu nome indicando ter sido por ella o caminho para os moinhos dos frades, parte dos quaes ainda existe no estado primitivo; o transito dos almocreves, que se fazia pela rua da Graça, parece, seguia por aquella, porque n'ella havia, ao fundo da rua da Judearia, entre esta e a rua de Maria Dona (hoje rua da Palmeira) um hospital, o de Santa Maria a Velha, destinado aos peregrinos pobres e doentes; estes hospitaes ou albergues só se estabebeciam nas ruas de maior transito, por isso somos levados a crer que a rua da Levada não existia primitivamente. Quando se construiram os moinhos e se fez o açude para elevar as aguas que lhe servem de motor e a alguns dos lagares que ainda hoje ali se vêm, fez-se pelo lado do rio uma muralha para segurar a agua no nivel que devia ter e, como para o lado poente ella não podia fugir por ser o terreno mais elevado, é natural, mesmo até por economia, que por aquelle lado se lhe não fizesse resguardo algum, correndo ella naturalmente por sobre o terreno e espraiando-se onde encontrasse depressões, até ir bater d'encontro ás paredes ou muros de quintaes das casas, cuja frente era para a rua dos Moinhos, sendo impossivel por ali o transito.

Mais tarde, provavelmente quando D. Manuel mandou reedificar a ponte, canalisou-se aquella agua, conduzindo-a por uma

levada só com a largura sufficiente para lhe dar passagem, fazendo-se para esse fim um muro pelo lado da povoação; resultando d'esta obra ficar entre ella e as casas da rua dos Moinhos espaço para edificação de novos predios e uma rua bastante espaçosa e bonita, que liga directamente a rua da Graça com a ponte. Foi tambem talvez por esta occasião que elle mandou construir os lagares que lhe pertenciam junto aos dos frades, um que ainda conserva o nome de Lagar d'El-Rei e outro que tem na parede da frente, por cima da porta a esphera armilar, o que indica ser pertença sua; se construia lagares de fabricar azeite é porque por aqui possuia predios com oliveiras, e tanto os possuia que mandou dar aos frades um certo numero d'alqueires d'azeite cada anno da sua tulha, como indemnisação das oliveiras que lhes mandou arrancar na Varzea Grande; na margem esquerda do rio ha uma horta com a denominação de Horta de El-Rei. Esa ao fundo d'esta rua, n'um pequeno largo, que ainda ali existe, que, como dissemos, deviam estar os paços do concelho; o que somos levados a crer porque n'aquelle local ha desde remotas eras um predio de casas, pertencentes á camara municipal, que o tem trazido aforado e não ha rasão alguma que faça suppor que a camara ali mandasse construir aquellas casas para qualquer fim, nem é provavel que lhe fossem dadas ou legadas por alguem; portanto o mais racional, á falta de prova em contrario, é admittir que quando este povo se organisou em municipio, os habitantes da villa ali mandaram edificar aquella casa ou que alguem a cedeu ao municipio para n'ella se estabelecerem os paços do concelho; ha ainda mais uma rasão, é que em todas as cidades ou villas os paços do concelho tinham, por uso antigo, sua séde na praça publica e esta era ao fundo da rua da Graça; ainda lá conhecemos restos do antigo pelourinho. O largo que ainda hoje se apresenta ao fim d'aquella rua devia n'aquella epocha ser muito maior; talvez não existisse o quarteirão de casas que hoje está ao fundo da rua de Pedro Dias, rua que então não tinha o nome que agora tem, porque se chamou

primeiro rua do Calça Perra, depois rua do Almoxarife; e porque ultimamente ali residiu Pero Gonçalves Dias, que foi por muitos annos provedor da Santa Casa da Misericordia, em sua memoria, por ser pessoa muito estimada de todos, se lhe deu o nome que hoje tem; ora não existindo aquelle quarteirão, como é provavel, o largo que constituia a praça era muito mais espaçoso e ao mesmo tempo que era praça, parece que devia tambem ser uma especie de rocio publico, porque se estendia muito para o sul, sem que actualmente possamos determinar-lhe os limites. A rua da Graça era a ultima da villa para aquelle lado. No tombo do hospital de Nossa Senhora da Graça lê-se o seguinte: «Tombo que o mesmo hospital tinha mandado fazer por D. João III. Esta rua servia de ser face da villa e por ella passava a estrada publica, que vinha desde a estrada, que começa em a ermida de S. Gião pelo pé dos montes, por onde ainda está uma calçada antiga, que vem até á egreja de S. Sebastião, vindo a dita estrada até á bocca do valle de Riba-Fria e d'ahi descia por esta rua abaixo e por ser estrada de continua passagem de gente, algumas pessoas piedosas se moviam mais a deixarem n'ella casas e roupas para servirem de hospital e agasalharem peregrinos pobres e enfermos, que nas outras partes da villa e por esta rasão havia n'esta quatro hospitaes, salvo este de Santa Maria da Graça, a que ora estão todos reunidos», etc.

Se a rua da Graça formava a face da villa, é porque para alem d'ella não havia outra e com certeza não havia, porque quando o rei D. Duarte mandou construir os seus bazares, cujas arcarias ainda ali se observam, com o fim de arrendal-os aos judeus, que eram então os principaes mercadores, decerto não mandava arrasar casas particulares para fazer aquella obra; fel-a no terreno publico; estas arcadas estão dispostas em duas linhas parallelas e tão distanciadas, que deixam entre si uma rua muito espaçosa, que é hoje a rua dos Arcos, logo aquelle largo estendia-se até onde é agora o largo da Saboaria e d'ahi para deante, não sabemos até onde. N'aquelle lar-

go tambem o mesmo rei D. Duarte mandou edificar o seu palacio ou estaos, como então se lhe chamava; provavelmente para o lado do rio, talvez no local hoje occupado pelas Tercenas e Cubos, predio que pertenceu aos frades, provavelmente legado por elle ou odado por algum dos seus successores; ali fizeram elles celleiro e adega para recolherem parte dos dizimos, que recebiam. Tercenas eram armazens publicos, mas tambem se dava este nome á casa onde se recolhiam as rendas do estado ou dos senhores das terras, que antigamente eram pela maior parte pagas em generos; a denominação de cubos dada a uma parte d'aquelle predio parece derivar de ali se medirem os dizimos e oitavos (até havia quintos) que se pagavam aos frades por medidas de capacidade para solidos e liquidos, que então eram o alqueire e o almude, a que genericamente chamavam cubos; ainda hoje muitos homens do campo quando nas eiras se trata de medir os cereaes, empregam o termo cubar em vez de medir.

Ve-se pois que o largo onde existiram os primeiros paços do concelho fazia parte da praça publica, o que está d'accordo com os usos e costumes d'aquelles tempos, porque as praças correspondiam ao *forum* dos romanos e serviam para as assembléas populares; era ali que o povo se reunia para fazer as suas reclamações perante os membros do concelho municipal.

Havia n'aquelle largo uma fonte, cuja agua corria por um tubo de ferro, ficava abaixo do nivel do solo e descia-se para ella por alguns degraus de pedra; era assombreada por chorões, mas pouco ou quasi nenhum uso se fazia d'ella por ser bastante immunda, como tambem pouco limpo era o termo com que o povo a designava; por isso não podemos apresental-o aqui; sómente diremos que é um synonimo d'aquelle que no campo de Waterloo, em um momento de sublime desespero, á intimação «*rendei-vos, bravos francezes*» Cambrone atirou á cara dos inglezes, porque já não tinha outros projecteis, que podesse arremessar-lhes.

Não podemos recordar este incidente da celebre batalha de

Waterloo sem que nos sintamos arrebatados por um sentimento de admiração e respeito pelo heroe, que, ao ver sumirem-se n'um campo de batalha a gloria e a grandeza da sua patria, ganhas em tantas outras, quiz ali morrer com ella. E' n'aquella hora solemne que o espirito, prestes a desprender-se das suas relações com o mundo physico, aproveita muitas vezes esses curtos momentos para transmittir aos que n'elle continuam a habitar idéas ou pensamentos, que, parece, estão já em relação com um outro modo de ser e que anteriormente nunca tinha concebido. Não são raras á hora da morte inspirações que admiram. Por isso n'aquella exclamação tão simples e vulgar, mas na occasião tão significativa e elevada, não estava o sentido usual e baixo da palavra, estava um pensamento grandioso e sublime: a futilidade, o nenhum valor das glorias mundanas, expresso n'aquelle termo, que significa a parte excrementicia da materia organisada, um dejecto, que de nada pode servir ao organismo, que o expulsou; estava a ultima manifestação de uma alma nobre, que foge ante os ephemeros e fugazes gosos d'uma victoria fortuita no mundo material, para se livrar d'elle, que não é compativel com o elevado de seus sentimentos, que não podem tolerar a humilhação da patria vencida; porisso prefere quebrar os laços que a prendem á materia e voar livre ás regiões ethereas, onde deve reinar a egualdade, a justiça e a paz eterna. *Pax semper* do Evangelho.

Aquella fonte desappareceu d'ali já ha annos, quando se ligaram as estradas de Payalvo e Barquinha com a de Pintado; esta obra embellezou e melhorou muito a povoação. A rua da Graça, quando deixou de ser a principal via de transito, cahiu como que em abandono; conhecemol-a ainda coberta de malveiras e silvas como um matagal inculto, onde pastavam porcos e burros e para onde se lançavam cães e gatos mortos. Por ella abaixo corria um rego d'agua, que vinha do valle dos Sete Montes, a antiga Riba-fria e aquella agua formava nas depressões do terreno charcos cobertos de limos que, aos primeiros calores da primavera entravam em effervescencia, decomposi-

ção putrida. Tão pouco se curava da hygiene publica! Por isso tinha fama de doentia uma povoação que hoje é das mais salubres. Mais tarde aquella agua canalisou-se para ponto distante e a parte media da rua foi *mac-a-damisada* na largura das estradas districtaes; plantaram-lhe duas linhas d'arvores, uma de cada lado e os espaços comprehendidos entre as valletas da estrada e os predios marginaes, que são bastante largos, foram todos calçados. Hoje esta rua é uma das mais bonitas da cidade. Por esta mesma occasião a rua da Levada, cujo pavimento era baixo e mal calçado, foi levantada e *mac-a-damisado* tambem, e, em memoria do engenheiro que dirigiu estes trabalhos, ficou-se chamando rua Everard.

A praça publica foi mudada d'aquelle local para o que hoje occupa pelo Rei D. Manuel, que ali mandou edificar os actuaes paços do concelho, para o que foram demolidos uns casebres que lá existiam e pertenciam ao hospital de Nossa Senhora da Graça, por cuja expropriação a camara ficou obrigada a pagar áquella confraria mil réis annuaes. Por esta occasião foi tambem edificado o templo de S. João Baptista no local, onde existia uma pequena capella com a mesma invocação; este templo não foi completamente acabado, porque, para ficar symetrica a sua frente, devia ter outra torre do lado do sul; lá deixaram espaço para ella, mas nunca a fizeram. Mandou este rei tambem, como já dissémos, reedificar a ponte que liga os dois bairros e deu novo foral á villa, o qual ainda existe nos archivos da camara municipal; deve-lhe pois Thomar uns certos beneficios.

Em 1510 instituiu a confraria da Misericordia annexando-lhe todas as outras confrarias de beneficencia, que então existiam; taes como St.ª Cruz, Anjo, Gafaria e o hospital de Nossa Senhora da Graça, que ficou sendo a séde, e mais os escassos rendimentos dos outros hospitaes, ou antes albergues, porque mais serviam para pernoitarem os mendigos do que para n'elles se tratarem os doentes; taes como o de S. Braz, ao cimo da rua da Graça, logo á entrada da villa para quem vinha pela

estrada de Lisboa, cujas casas foram para esse fim deixadas em testamento por Constança Annes e que depois foram aforadas por 190 réis annuaes e um frangão ou dez réis por elle, sendo feita a escriptura no cartorio do escrivão Gaspar Garro em 26 de abril de 1561. O mesmo aconteceu com o hospital de S. Paulo, que ficava proximo a este, para o lado do Pé da Costa em uma casa que ainda lá existe, com uma escada por fóra e uma varanda, a qual foi tambem aforada em 1561 a Simão Duarte, pedreiro, e passou depois para Nuno Pessoa de Aragão pelo foro annual de cem réis e como estas todas as outras que serviam de hospitaes ou albergues, como o da rua dos Moinhos ao fundo da rua da Judearia onde era o hospital de Santa Maria-a-Velha, etc. De todos o que tinha melhores rendimentos era o hospital dos Gafos, nome generico que então se dava a todos que soffriam de doenças cutaneas, taes como elephantesias, psoriases, ictiose, lepra, sarna, etc., era situada onde é hoje a quinta de Santo André; a casa onde se recolhiam os enfermos, era a mesma que hoje é casa da quinta e a capella de Santo André era destinada aos doentes irem ali ouvir missa; pertencia-lhe aquella quinta, o casal do Barreiro e a quinta, que foi de Antonio Joaquim d'Araujo; todos estes predios foram depois aforados pela confraria ou irmandade da Santa Casa da Misericordia.

Já n'aquelle tempo se attendia um pouco á hygiene ou era talvez a repugnancia que causavam á vista ou o asqueroso do contacto dos infelizes, atacados d'aquellas doenças, então mais frequentes do que hoje, pelas pessimas condições em que vivia a gente pobre, que fazia com que os collocassem fora da povoação. E' certo que o hospital ali se achava em boas condições hygienicas por estar isolado, n'um ponto elevado, com boa exposição e bem ventilado. Alem dos rendimentos do hospital os doentes eram soccorridos com muitas esmolas em dinheiro e roupas que lhes deixavam os almocreves que por ali passavam e d'elles se compadeciam.

Feita aquella annexação a confraria da Misericordia ficou

apenas com o rendimento annual de 120$000 réis. Esta confraria tinha quatro capellães, um tangedor d'orgão e um physico, com o ordenado annual de trinta alqueires de trigo; este tinha por obrigação tratar os doentes do hospital, os membros da confraria, os pobres da terra e os presos da cadeia. Esta confraria alem de ter a seu cargo os doentes tinha ainda o hospital dos expostos e os processos dos presos pobres; alem d'isto soccorria com esmolas de dinheiro e vestuario diversas pessoas necessitadas, *assim honradas como mechanicas*. Como os seus escassos rendimentos não chegavam para satisfazer a todos estes encargos, via-se na necessidade de mendigar esmolas, com as quaes muitos concorriam da melhor vontade para aquella instituição de beneficencia, que progressivamente ia melhorando com alguns donativos ou legados de pessoas piedosas e sempre bem administrada pelo provedor e irmãos da mesa.

Em 1542, sendo D. Prior da Ordem de Christo frei Antonio de Lisboa, avaro e orgulhoso, lançou mão d'aquella administração e não ousaram oppor-se-lhe os representantes d'aquella irmandade, por ser *pessoa muito poderosa* e *valiosa n'este reino*. A' opulencia da Ordem quiz ainda juntar mais aquella exigua parcella, tornando-se senhor absoluto do que lhe não pertencia, sem o minimo respeito para com o rei, que a havia instituido independente e livre e que antes do rei tinha sido seu antecessor no mestrado da Ordem; substituido depois por D. Frei Damião, este mais sensato e menos avaro, mais justo e menos orgulhoso, reconhecendo a iniquidade do seu antecessor, fez entrar a mesa da irmandade na administração d'ella; porém não conforme a havia instituido D. Manuel, mas para mostrar o seu predominio impoz-lhe a obrigação de terem dois physicos para o hospital e um livro para lançarem a receita e despeza e fundos da confraria sendo depois elevado áquella dignidade D. Frei Clemente, que só no nome o era, novamente usurpou o direito que aquella irmandade tinha de se governar por si propria e ordenou que os dois physicos tratassem só-

mente os doentes do hospital e a irmandade se precisasse facultativo lhe pagasse á sua custa, quando estava a cargo d'elles tratarem todos os confrades, resultando d'esta arbitrariedade morrerem muitas pessoas á mingua de soccorros por falta de meios pecuniarios; recusou-se tambem a sustentar o hospital dos expostos, quando eram os frades quem mais concorria para lhe augmentar o numero, segundo ainda hoje é tradicção vulgar e recusou-se ainda a promover o andamento dos processos dos presos pobres; tal era a caridade d'este e outros representantes do crucificado!

Amiudadas vezes do alto d'aquelle sumptuoso palacio, que antes se lhe deve chamar assim do que convento de frades, desciam sobre o povo de Thomar os vexames, as affrontas, as iniquidades; e lá no viver explendoroso no meio da enorme abastança d'aquelles ricos e orgulhosos frades não podiam ser ouvidos os queixumes e os lamentos dos que soffriam os horrores da miseria, a que muitas vezes davam causa as suas injustiças, a sua desmedida ambição e o seu despotismo.

Era n'esta epocha rei de Portugal o fanatico e fradesco D. João III, as reclamações sobre os abusos praticados pelos frades decerto não seriam attendidos por elle; mantiveram-se pois as coisas n'este deploravel estado até que, reinando D. Sebastião, mais justo e mais energico, talvez na occasião em que esteve em Thomar, por provisão de 6 de julho de 1563 foi ordenado que se restituisse á irmandade a administração do hospital, confrarias, rendas e mais proventos com todos os previlegios, regalias e isenções que d'antes gosava e sem dependencia alguma do mestrado da Ordem de Christo. Só por este meio poderam ter fim os abusos d'aquella Ordem tão altiva e sempre tão perniciosa á liberdade e intereses do povo.

Este rei beneficiou muito a instituição da Misericordia, concedendo-lhe privilegios e regalias, que ainda hoje constam dos alvarás, que se acham archivados no seu cartorio. Desde aquella epocha foi ella sempre prosperando, não só porque continuou ao abrigo da protecção regia e, por isso, fóra das

garras dos mestres da ordem, mas porque muitas pessoas caridosas, vendo n'aquella protecção uma garantia de serem preenchidos os fins a que era destinada aquella pia instituição, lhe faziam largos donativos ou lhe legavam bens, com os quaes ia augmentando o seu rendimento, já não receiosos de que aquelles rendimentos, unicamente destinados a um fim humanitario, fossem desviados d'elle para irem saciar a cubiça de ambiciosos e avaros.

O hospital antigo não era o que é hoje, a parte do edificio onde está a cosinha e as enfermarias dos homens não existia, a entrada era pelo alpendre, que tem junto á capella, este alpendre servia como que de casa de espera e para n'elle se abrigarem do calor ou da chuva os que d'isso tivessem necessidade; em seguida a elle havia uma especie de corredor, que dava ingresso para o claustro; ali havia em baixo casas para arrecadação, uma casa para pernoitarem os mendigos e outra com uma vasta lareira, onde todas as noites d'inverno, logo ao pôr do sol, se accendia lume para se aquecerem os pobres e as *gentes de baixa condição;* em cima havia os aposentos do enfermeiro e enfermeira e outras accommodações e duas enfermarias uma para homens e outra para mulheres; em uma d'ellas, onde é hoje a casa da arrecadação, existe ainda uma janella, que deita para a capella mór da egreja, que servia para os doentes d'ali ouvirem missa, parece que está era a enfermaria das mulheres, os homens ouviam a do côro; para o lado do nascente havia uma especie de pateo murado, que servia de cemiterio para n'elle se enterrarem os doentes, que falleciam no hospital: este pateo é hoje um quintal ajardinado, que serve de recreio aos convalescentes; pelo lado do norte passava uma rua, que hoje não existe e que se chamava rua Nova Pequena e depois se chamou rua do Coronheiro; esta rua deixou de pertencer ao transito publico e foi annexada ao edificio do hospital.

Em 1662 falleceu o dr. Manuel Nunes da Costa, filho de Pedro Nunes da Costa, fidalgo da casa de S. Magestade, caval-

leiro da Ordem de Christo e abastado proprietario, o qual legou áquelle estabelecimento pio a maior parte dos seus bens e tantos eram que d'elles se fez um tombo á parte, que ainda hoje existe, impondo porém a condição de se fazer um hospital novo junto áquelle, o qual foi começado a 7 de março de 1672, que é a parte do edificio onde hoje estão as enfermarias dos homens e a cosinha. Por cima da porta principal do edificio em uma pedra triangular está gravado um letreiro, que commemora a data do começo d'aquella obra e o nome de quem ordenou se fizesse, e na casa do despacho está pintado a oleo um quadro com o retrato do pae d'aquelle bemfeitor, que ali se collocou por não poder obter-se o do filho; na mesma casa encontram-se ainda em grandes quadros outros retratos a oleo de mais alguns bemfeitores, como o de D. Maria Ezequiel do Quental e o de Manuel da Silva Magalhães.

Em 15 de março de 1800, mais uma vez a insaciavel ambição dos grandes veiu deitar as garras ás migalhas de que se nutriam os desvalidos; um decreto publicado n'aquella data mandava encorporar na corôa todos os bens possuidos sem licença regia; o despotismo a exercer-se na vontade e na intenção dos que naturalmente teem o direito de dispôr livremente do que é seu; d'este barbaro decreto resultou que a boa intenção de tantas pessoas caridosas, que com donativos e legados feitos áquella Santa Casa, tinha por fim soccorrer os desventurados, ficasse sem effeito algum. Tal injustiça revoltou os animos e tão baixa ella era, tão vergonhosa aos olhos de todos, que não houve remedio senão reparal-a; a 26 d'abril do mesmo anno novo decreto revogou o primeiro, foi publicada uma provisão, pela qual se lhe fazia mercê de todos aquelles bens, livres dos encargos com que haviam sido doados.

A administração d'aquelle estabelecimento continuou com mais ou menos regularidade, conforme o genio e a capacidade dos seus administradores até que, por desleixo d'alguns aquelle hospital, que pelos seus rendimentos se podia manter em boas condições de limpeza e asseio e proporcionar aos doentes

que ali se recolhiam, os meios convenientes para o tratamento das suas doenças, transformou-se, por assim dizer, n'uma pocilga immunda e repugnante; impregnado de vermes parasitas, cheio de ascorosas immundicies; tão grande horror inspirava que os doentes pobres preferiam morrer á mingua de soccorros medicos a irem tratar-se ali, só lá iam finar-se os que, pelo seu estado de doença, já não tinham consciencia do logar para onde os levavam e que para ali eram transportados unicamente para se lhes fazer o enterro pela Misericordia.

Foi n'esta conjunctura, em 1853, que a mão da Providencia collocou na administração d'aquella casa um benemerito, filho d'esta terra, Manuel da Silva Magalhães, homem prestante, honrado, energico, activo e laborioso, que introduziu ali importantes reformas; mandou proceder á limpeza de todas as casas e até queimar utensilios que só o fogo poderia purificar das immundicies que os impregnavam; d'então para cá começou a affluir ao hospital maior numero de enfermos pelo conforto e bom tratamento que ali encontram.

Este hospital com as boas administrações, que ultimamente tem tido, tem melhorado consideravelmente; está longe de ser um hospital modelo; mas está em boas condições de asseio; as suas enfermarias são amplas e bem ventiladas e não faltam aos doentes as dietas e medicamentos, de que carecem. Na parte que diz respeito á cirurgia tem já um arsenal rasoavel de instrumentos cirurgicos e ali se teem feito operações muito importantes. O seu movimento annual regula entre 400 a 500 doentes. No anno economico de 1900 a 1901 foi o seguinte: homens 308, mulheres 153; sahiram curados: homens 268, mulheres 128; falleceram 24 homens e 15 mulheres. Uma percentagem d'obitos pequenissima, attendendo a que, muitos dos doentes, que para ali entram vão já em estado muito adeantado de doença e outros são velhos cacheticos e incuraveis.

Esta villa tinha o titulo de Notavel Villa de Thomar, tinha assento em côrtes no quarto banco e foi elevada á cathegoria de cidade por D. Maria II em 1841.

OS PADRÕES E A PONTE DAS FERRARIAS

Sahindo de Thomar pela estrada da Barquinha, logo ao terminarem os renques d'arvores, que n'uma certa extensão orlam esta estrada, encontra-se um padrão de pedra em forma de pyramide quadrangular muito aguçada; um pouco adeante vê-se uma capella, dedicada a S. Lourenço e ao nascente d'esta, junto á margem do rio, outro padrão tambem de pedra, de forma cilindrica chamado por isso padrão redondo; está assente sobre uma base com ornamentações e é sobre-montado por um capitel tambem com ornatos. O primeiro, pela inscripção que apresenta, vê-se que se refere a D. Sebastião; o segundo não tem data nem inscripção alguma; os seus ornatos parece indicarem que pertence á epocha da renascença, provavelmente ao reinado de D. Manuel ou talvez antes ao de D. João III, pelo facto de se achar n'elle esculpido o escudo d'armas em direcção obliqua, que tem por fim commemorar a juncção das tropas de D. João I com a hoste de D. Nuno Alvares Pereira, que ali se reuniram para marcharem para Aljubarrota dar batalha aos castelhanos.

Aqui a tradicção está em perfeito accordo com os factos historicos, como vamos mostrar com o que extractamos da *Vida e feitos de D. Nuno Alvares Pereira*, por frei Domingos Teixeira, religioso da ordem de Santo Agostinho:

«Por morte de D. Fernando o rei de Castella, D. João I julgou-se com direito ao throno portuguez por herança de sua mulher D. Beatriz, filha do fallecido rei de Portugal; D. Leonor Telles, a devassa, que se havia divorciado de seu marido, o nobre fidalgo João Lourenço da Cunha, para casar com D. Fernando e que agora entretinha relações pouco licitas com o conde Andeiro, apoiava a causa do rei de Castella, porque esta mulher depravada, sanguinaria e ambiciosa, aspirava á regencia do reino; a maior parte dos fidalgos portuguezes de certa raça degenerada e pervertida e nos quaes, talvez, tivesse grande influencia o ouro de Hespanha, collocaram-se a seu lado; porem o povo, que é a alma da nação, onde mais arreigado se encontra esse nobre sentimento, que se diz amor patrio, revoltou-se tendo á sua frente o filho bastardo de D. Pedro I, D. João, mestre d'Aviz; este entrou no palacio real e com a sua propria mão apunhalou o conde Andeiro; D. Leonor Telles fugiu para Alemquer e o povo de Lisboa, todo, levantou voz pelo principe, aclamando-o defensor do reino.

Quando o rei de Castella soube o que se passava entrou em Portugal com um grande exercito e foi pôr cerco a Lisboa, onde se achava o mestre d'Aviz á frente dos populares, emquanto D. Nuno Alvares Pereira, que estava no Alemtejo, ia oppondo forte resistencia aos castelhanos e ali lhes ganhou a famosa batalha de Atoleiros; Lisboa resistiu com valentia a alguns assaltos e principiava já a sentir os horrores da fome quando o castelhano levantou o cerco e fez uma retirada vergonhosa, retrocedendo para Hespanha. Não tardou porem muito que voltasse com mais poderoso exercito, que dividiu em duas partes: uma, a principal commandada pelo proprio rei entrou pelo Alemtejo e a outra fez uma incursão na Beira e quando já voltava carregada de despojos foi completamente derrotada

junto a Trancoso pelos valentes portuguezes Martim Vasques da Cunha, Gonçalo Coutinho e João Fernandes Pacheco. Ao saber d'esta derrota, o rei de Castella dirigiu-se immediatamente para ali com todas as suas forças, levando tudo a ferro e a fogo, incendiavam os seus as povoações por onde passavam, as cearas e até mesmo as egrejas; matavam os que encontravam inermes, não attendendo a sexo nem a edade e a outros decepavam as mãos e cortavam as linguas, difundindo por toda a parte o susto e o terror; passaram perto de Coimbra, que não atacaram, derivaram para Aveiro, Montemor-o-velho e Figueira da Foz, descendo d'ali para Soure, assolando e devastando tudo quanto iam encontrando.

N'esta conjuntura achava-se em Abrantes o mestre d'Aviz, D. João I, que já tinha sido acclamado rei nas cortes de Coimbra; ali chegavam a meudo, trazidas pelos fugitivos, as noticias das desgraças que iam succedendo nos logares por onde passava o terrivel exercito invasor. O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira estava no Alemtejo a fim de tolher por ali a entrada aos castelhanos; mandou-o El-rei chamar a toda a pressa; não se fez esperar, partiu de Extremoz em marcha forçada com a sua hoste, que se compunha de dois-mil homens approximadamente; a duas leguas de distancia de Abrantes deixou para traz os seus para que descançassem, pois vinham muito fatigados da marcha rapida e do peso das armas e elle com trinta lanças seguiu a toda a pressa a encontrar-se com o rei, que o esperava na outra margem do Tejo; depois de se cumprimentarem e abraçarem seguiram ambos para o palacio real, onde se reuniram em conselho os principaes cabos de guerra.

N'este conselho discutiu-se acaloradamente se se havia ou não dar batalha aos castelhanos, optando o Condestavel por que quanto antes lhes fossem ao encontro para os impedir de entrarem em Lisboa; porém a maior parte, talvez mais por emulação do que por convicção, foram de opinião contraria, allegando varias razões: que a desproporção dos dois exercitos era enorme; que se não devia expor os poucos soldados,

que tinham, porque, se os perdessem, não haveria onde ir buscar outros; que melhor seria marcharem sobre Sevilha, para chamarem para ali a attenção do inimigo, etc. Não satisfeito com aquellas rasões o Condestavel retirou de tarde para o seu acampamento e, reunindo os seus cabos de guerra, propoz-lhes marcharem para Thomar, o que da melhor vontade foi acceite por todos.

Algumas horas antes do amanhecer do dia seguinte puzeram-se a caminho muito cautelosamente, para não serem presentidos dos vigias, que estavam nos muros nem de alguns que andavam pelo campo; percorrido um certo espaço e quando já livre de opposição dos outros, mandou fazer alto e expoz aos seus a resolução em que estava de ir accommetter os castelhanos; tanta confiança n'elle depositavam e tal imperio exercia sobre elles que nem um só se oppoz e todos aquelles heroes da melhor vontade se offereceram a sacrificar as vidas em defesa da patria.

Logo ao amanhecer deu-se pela sua falta e os que lhe não eram affeiçoados apressaram-se a dar conta a El-rei do que havia succedido, alcunhando o facto de desobediencia, dizendo até que elle era um rei, pois não professava sujeição nem obediencia a superior e persuadindo mesmo o rei de que o prendesse, porque era escandaloso o seu procedimento. O rei, que o conhecia bem e sabia apreciar as suas nobres qualidades, limitou-se a mandal o chamar por João Affonso de Santarem, fidalgo muito distincto. Partiu este a toda a pressa e foi alcançal-o a caminho de Thomar; ouvido o recado que lhe levava, respondeu: «que, o ausentar-se não era nem podia parecer culpa em quem, fugindo ao ocio, ia buscar os perigos para servir melhor a patria, porque sempre tivera por indigna de estimar se a opinião dos que julgavam a honra por menos preciosa do que a vida; que, a El-rei advertisse que se achava com inimigos dentro e fóra, que se acautelasse dos de casa, que os mais perigosos eram os que trazia a seu lado, que dos estranhos se não receiasse, porque elle só com aquelles pou-

cos, que o seguiam, bastaria a defendel-o; que lhe não pedira licença para retirar-se porque temera com justa causa que a inveja dos que no conselho dissuadiam a batalha lhe quizesse roubar a gloria de ir dal-a; que pedia a elle João Affonso quizesse fazer com El-rei que o deixasse levar aquelle intento adeante, porque se, acabando no conflicto não conseguisse a victoria, pouca falta faria no campo, onde ficavam tantos que o ajudassem á defesa com o conselho e com as armas». João Affonso voltou a Abrantes a informar o rei do que passára com o Condestavel, declarando-lhe que pelo desassombro que mostrava bem deixava ver que não mudaria de opinião.

El rei receando perder as esperanças no futuro com a falta d'aquelle general, mandou com toda a urgencia que o caso pedia, Fernando Alvares de Almeida, veador de sua fazenda, fidalgo muito auctorisado, veneravel pela pessoa, pelos annos e pelo cargo, que da sua parte dissesse ao Condestavel: «que mandava como senhor e pedia como amigo que ou retrocedesse ou fizesse alto no logar, em que se achasse.» Ao mensageiro d'este segundo recado respondeu o Condestavel: «que o maior serviço que podia fazer á patria era conserval a em principe natural, que para este fim corria a dar batalha aos castelhanos e que d'este intento ninguem podia já demovel-o, porque, primeiro que com os inimigos pelejaria com quem pretendesse dissuadil-o; que se conseguisse a victoria, acabando na empreza, com a morte se escusava ao castigo, se escapasse com vida essa offerecia para satisfação da culpa nas mãos de um verdugo, quando o successo não bastasse a remil-o da pena: que se El-rei se resolvesse a seguir aquelle parecer, na ribeira de Abrançalha, onde ia alojar-se aquella noite, esperaria o aviso e, não chegando até á manhã do outro dia, seguiria seu caminho sem recados poderem estorval-o ou respeitos divertil-o; que pois na opinião dos mesmos portuguezes era taxado de aspirar, tyrannisando a patria, á soberania de absoluto, queria mostrar-lhes que sabia, despresador de sceptros, conquistar thronos para dal-os, mas não para

possuil-os, porque a sua ambição o não satisfazia nem tinha por objecto mais reinos que o coroar-se de triumphos.

O Almeida voltou a Abrantes a dar esta resposta, primeiro ao rei, em particular, depois deante de todo o conselho.

Indecisos ainda, o dr. Gil Docem pronunciou um discurso, com o qual, pela eloquencia e firmeza d'argumentos abalou os animos de todos a favor do Condestavel, com o que o rei exultou.

Decididos a acompanharem o Condestavel na sua valerosa empreza, emquanto se punham em marcha de Abrantes, mandou-lhe o rei aviso da resolução que haviam tomado e que estavam já postos a caminho; mas, como demoraria alguns dias na jornada, lhe pedia que esperasse em Thomar, onde iria encontral-o para juntos resolverem o melhor modo de atacarem o inimigo.

Devia ser em extremo agradavel áquelle heroe, a quem decerto se deve a nossa independencia, a resolução tomada. Poz-se immediatamente a caminho do ponto indicado. Quando ia ainda a grande distancia da villa sahiram-lhe ao encontro os melhores da terra, que o foram esperar e offerecerem-se-lhe como soldados, que elle acceitou como companheiros; chegados a Thomar os soldados foram aquartellados pelas casas dos thomarenses, que os receberam mais como filhos que como hospedes.

Esta maneira bizarra e altamente patriotica, com que n'aquella occasião procederam os thomarenses, indo a grande distancia offerecerem-se ao Condestavel, para arriscarem a vida em defeza da liberdade da patria, a affabilidade e o carinho com que receberam em suas casas os soldados, que iam combater os invasores, prova bem o quanto este povo tem sido sempre hospitaleiro e que desde remotas eras tem trazido arreigados na alma os nobres sentimentos de liberdade e amor patrio, os quaes até hoje ainda não desvaneceram.

Gastou o rei dois dias de Abrantes para Thomar. Durante elles não esteve ocioso o Condestavel e a sua gente, porque este tempo foi empregado em exercicios bellicos no largo da

Varzea Grande; ali, formados em esquadrões combatiam entre si como se fossem inimigos e tão bem simulados eram aquelles ataques, que, para serem reaes, só lhes faltava o baquear dos mortos e o gemer dos feridos.

Eram, entretanto, assustadoras as noticias que vinham do inimigo, emquanto ao numero e ás crueldades que praticavam, as quaes produziam um certo abalo no animo dos soldados; receioso o Condestavel de que este mal se aggravasse tratou de obter informações exactas das suas forças, disciplina e marcha; para este fim escolheu tres dos seus escudeiros, que maior confiança lhe mereciam; mandou a dois que observassem os movimentos do inimigo e a todo o risco tomassem um lingua, que viesse informa-lo das suas idéas; ao terceiro ordenou que fosse ao campo inimigo e, em nome d'elle Condestavel, dissésse ao rei de Castella; que lhe requeria, da parte de Deus e de S. Jorge ou desamparasse as terras de Portugal ou em campo aberto o esperasse, onde seriam as armas arbitro que decidisse a contenda. Bem sabia o Condestavel que o soberbo rei de Castella lhe não acceitaria o repto, mas o seu unico fim era obter informações.

Chegou o mensageiro ao exercito, onde foi recebido com as cerimonias do estylo e desassombradamente expoz ao rei a sua mensagem. Respondeu-lhe o rei: que estimava o mestre de Aviz e a D. Nuno Alvares Pereira, mas que, emquanto vivesse, não consentia que um fosse rei e outro condestavel de um reino que por herança lhe pertencia e por isso vinha dar leis a subditos e não recebel as de vassallos rebeldes». Quiz ainda replicar o escudeiro, mas o rei, já embravecido, não lh'o consentiu e percebendo que aquella embaixada era um artificio e o embaixador um espia, mandou formar o seu exercito e que o levassem a percorrer o campo para que com maior certeza podesse informar os seus; fez isto para que o escudeiro, vendo a enórme desproporção das forças, viesse entre os seus incutir o medo e espalhar o terror. O escudeiro, que era intelligente e ardiloso, por mais de uma vez propositadamente

deixou perceber que não podiamos bater-nos com poder tamanho.

Despedido do campo, voltou para Thomar e no caminho encontrou os dois companheiros, que tambem já vinham de volta e traziam comsigo um portuguez renegado, que militava no exercito hespanhol e que casualmente haviam podido agarrar; trouxeram este á presença do Condestavel, o qual, ameaçando-o com penas severas, lhe ordenou que quando fosse chamado a fazer declarações, dissésse que, os hespanhoes eram grandes em numero mas pequenos em força, que a maior parte não eram combatentes, mas sim vivandeiros e gastadores; que os soldados eram quasi todos homens mercenarios, tirados ás artes e á agricultura sem experiencia da guerra; que os verdadeiros soldados eram poucos e já gastos.

A este tempo chegava o rei a Thomar e no dia seguinte, formando todo o exercito no largo da Varzea Grande, mandou o Condestavel que aquelle soldado fosse chamado, ordenando-se-lhe que percorresse as alas e em alta voz, para que todos ouvissem, fosse contando como verdade o que astuciosamente se lhe havia ensinado, o que elle executou, ficando com esta noticia, na aparencia verdadeira, muito animados os nossos soldados.

No dia seguinte, 10 de agosto de 1385, poz-se em marcha, seguindo a estrada de Ourem, o nosso pequeno exercito, que se compunha sómente de 1:700 cavallos, 800 besteiros e 4:000 infantes; apenas 6:500 combatentes para tolher o passo a mais de 30:000!

O que se segue não pertence á historia de Thomar, por isso terminamos esta narrativa, com bastante pesar nosso, pois desejavamos tornar bem conhecida aquella memoravel batalha, em que um punhado de bravos cobriu de louros as nossas armas e encheu de gloria o nome portuguez, pondo em debandada um formidavel exercito; e tão extraordinaria foi esta victoria que os hespanhoes, para encobrirem a sua vergonha, chegaram a affirmar que tinha sido um milagre, fundando-se

em que no campo tinham apparecido alguns dos seus mortos sem estarem feridos; ao que os nossos, por despreso, respondiam: foi porque morreram de medo.

Como acabamos de ver o Condestavel esperou dois dias em Thomar, onde não esteve ocioso. E' muito natural que á noticia da approximação do rei elle fosse esperal-o e que ou aguardasse a sua chegada ali, no sitio onde se encontra o padrão ou fosse mais adeante e n'aquelle local deixasse formada a sua gente para o receber com as honras militares. N'aquella epocha a ponte das Ferrarias ainda devia dar passagem; por ella passariam os peões e os cavalleiros a vau, porque o rio ali devia ser vadeavel e ainda hoje em certas epochas do anno lá se póde passar a cavallo. E' tambem muito natural, que o rei, vindo de Abrantes para Thomar, seguisse o mesmo itenerario que havia seguido D. Nuno, por ser o caminho mais curto e, passando o Zezere á Abrançalha devia entrar na freguezia de S. Pedro da Beberriqueira e seguir para a villa, vindo atravessar o Nabão n'aquelle sitio, onde a passagem era mais favoravel por ter uma ponte e um vau. Estão pois os factos historicos em perfeito accordo com a tradicção popular.

Proximo a este padrão está a capella de S. Lourenço, esta capella é tambem commemorativa, porque o dia de S. Lourenço é a 10 de agosto e foi exactamente n'esse dia que o nosso pequeno exercito d'aqui sahiu para quatro dias depois ir dar a para nós tão gloriosa batalha de Aljubarrota, que teve logar a 14 de agosto de 1385.

Estes monumentos não são coevos d'aquelles factos, foram ali levantados muito posteriormente, como o mostra o estylo architectonico em que foram construidos; pela posição obliqua do escudo d'armas parece serem obra de D. João III, que, fundando-se na tradicção popular, então ainda mais viva, ou em qualquer documento, que porventura ainda existisse, mandou ali erguer aquella memoria. O padrão relembra a entrada do exercito real na villa de Thomar, a capella a sahida das duas forças reunidas. O nosso pequeno exercito seguiu a direc-

ção de Ourem; ali deixou a estrada de Leiria, desviou-se para a esquerda, internando se nas serras, naturalmente para não ser a sua marcha descoberta pelo inimigo, e foi descançar em Porto de Moz; devia portanto ter sahido pelo norte da villa e não pelo sul. Como se edificou então aquella capella commemorativa em logar diametralmente opposto áquelle por onde teve logar a sahida? Tem uma explicação e não lhe conhecemos outra, ligar os dois factos, a chegada e a partida, de modo que n'um só relancear d'olhos se relembrassem ambos.

Todo o portuguez verdadeiramente patriota, ao passar defronte d'aquelle padrão deve descobrir-se em signal de respeito pela memoria do homem, a quem devemos a nossa independencia. Alma nobre, coração verdadeiramente portuguez, não o seduzia o ouro de Hespanha, não o desvairavam os titulos de altas dignidades, que lhe foram offerecidos. Era livre, não se vendia; era nobre, não se aviltava; era portuguez; e esta qualidade punha-a sempre acima de todas as riquezas, de todas as dignidades; era o seu verdadeiro titulo d'honra. De rija tempera era elle, que nem o ouro o fascinava, nem os poderosos exercitos castelhanos o amedrontavam. Firme nas suas crenças, arriscava a vida, affrontava perigos para conservar a patria em principe *natural*, como dizia. Habil general, valente militar, confiado na bravura dos soldados da sua hoste, que com elle se identificavam n'um só sentimento:—o Amor patrio, —n'uma só idéa:—a Liberdade—, n'um só fim:—a Indedependencia da sua nação—, praticou heroismos, que ainda hoje se admiram. Um dos mais distinctos heroes portuguezes, a quem a patria tanto deve, nunca será olvidado emquanto existir a palavra—Portugal.

O primeiro padrão, a que já nos referimos, está assente sobre uma forte muralha, que corre ao longo da margem do rio até perto do outro padrão, de que acabamos de fallar: passa-lhe encostada a estrada da Barquinha e na face, que olha para ella, tem a seguinte inscripção: *Hoc exorsus hopus sub primo rege Sebasto*... O resto foi picado, por isso mal se po-

de decifrar. A parte da inscripção em latim, que ainda hoje claramente ali se vê e que em portuguez diz: Esta obra foi começada no tempo do primeiro rei D. Sebastião, mostra bem que aquella pyramide é uma memoria erguida ali a El-rei D. Sebastião, e commemora o começo de uma obra.

Aquella obra não podia ser outra senão a muralha que ali se vê, mandada fazer por D. Sebastião, talvez na occasião em que esteve em Thomar antes de partir para a desastrosa campanha d'Africa; e de grande utilidade para os habitantes da villa devia ser para merecer que ao seu auctor se levantasse um padrão. Realmente foi ella de bastante importancia, como vamos ver.

A antiga estrada entre Santarem e Thomar, conhecida pelo nome de estrada Santarena, vinha ao sitio onde é hoje S. Lourenço e ahi começava a costear o monte, chamado Outeiro do Piolhinho, e encurvando-se para a esquerda e seguindo sempre encostada aos montes pelo sitio chamado as Carreiras; n'aquelle local tinha um nivel muito inferior ao que hoje tem, o que se prova pelas rasões que mais adeante aprasentaremos; estava por isso sujeita ás innundações do rio, tornando-se intransitavel durante o inverno; é verdade que ao fundo das Carreiras havia um desvio, uma calçada que subia o Outeiro do Piolhinho e ia mais adeante metter na estrada Santarena; mas a ladeira era muito ingrime e porisso difficil e até perigoso o transito por aquelle atalho; era por isso de absoluta necessidade que se remediasse o inconveniente occasionado pelas enchentes, o que só se podia conseguir fazendo-se o que se fez: uma forte muralha na margem do rio, elevada a altura tal que as maiores enchentes não podessem transpol-a; esta muralha servia de resguardo ao rio e de amparo ao aterro para elevar a estrada ao nivel que hoje apresenta; ainda n'aquelle monte se mostram vestigios das excavações, que n'elle se fizeram para remover a terra para o leito da estrada. E' provavel que n'aquella occasião tambem se mudasse a direcção da estrada antiga, fazendo-a seguir em

linha recta para a villa, na direcção que hoje tem; o atalho pela calçada do Outeiro do Piolhinho tornava-se desnecessario e o terreno por onde segue a estrada, juntamente com toda a Varzea Grande, incluindo a parte que foi aforada pela camara ao conde de Thomar, constituia o rocio da villa; foi doado por D. Manuel aos habitantes de Thomar para seu logradouro; para o tornar mais extenso mandou arrancar um olival, que pertencia aos freires de Christo, dando-lhe em compensação uma vinha que havia ali perto e annualmente um certo numero d'alqueires d'azeite da tulha do mestrado. De todo aquelle vasto terreno só se excluiam umas carreiras de oliveiras, que havia ao poente, pertencentes a Pedro Nunes da Costa, as quaes depois por testamento de seu filho, Manuel Nunes da Costa passaram para a Santa Casa da Misericordia. Sendo aquelle terreno publico é muito natural que por ali se começasse a fazer o transito por ficar em linha recta, vindo desembocar á rua dos Estaos, que já então tinha seu principio, por lá existirem os estaos ou paços reaes de D. Duarte, mandados edificar por elle e onde falleceu a 9 de setembro de 1438, segundo alguns escriptores, outros porém dizem que morreu no Convento de Christo. Foi tambem este rei que mandou construir as arcadas, que ainda hoje se observam na rua dos Arcos, a que deram o nome: ficavam então na praça publica, que, como já dissémos, era ao fundo da rua da Graça; aquellas arcadas eram bazares ou boticas, como então se lhes chamava (nem parece deverem ter outra serventia) destinados aos judeus, que eram os principaes commerciantes, ali exporem á venda as suas mercadorias, pagando uma certa renda ao rei; posteriormente passaram para a confraria da Misericordia, que d'ellas recebia 35 ou 40 réis por cada arco; não se sabe por que titulo esta as houve; talvez fosse doação feita por D. Manuel. Hoje estão todos transformados em casas particulares e do andar que tinham por cima, só resta uma janella na rua dos Arcos, o mais desapareceu com as obras que ali se teem feito.

Entre os dois padrões, de que acabamos de fallar, veem-se

no leito do rio as ruinas de uma ponte, denominada das Ferrarias; o açoreamento do rio tem-a quasi coberta, mas ainda se descobre parte dos arcos; passa agora por ali o cano, que conduz a agua de Marmelaes para a cidade.

Pinho Leal, no seu «Portugal Antigo e Moderno» diz que n'aquelle local houve antigamente uma fabrica de fundição de ferro, pertencente a Henrique do Quental, que foi quem mandou fazer aquella ponte e a sua estatua, que ainda hoje lá se vê, já decapitada. Seja-nos permittido divergirmos da sua auctorisada opinião. Que ali houvesse n'outro tempo uma fabrica de fundição de ferro, parece verdade, porque o nome que ainda se dá áquelle sitio o está indicando; que Henrique do Quental fosse o seu fundador, que a estatua mutilada, que ainda hoje ali se vê seja a d'elle e mandada fazer por elle, tudo isto póde ser; agora que mandasse construir aquella ponte, n'isso é que não podemos acreditar. A ponte, hoje chamada das Ferrarias, é decerto muito anterior á monarchia portugueza; poderia ser reconstruida ou reparada por elle, mas não edificada.

Os romanos ligavam as suas cidades por vias, (estradas) com seus marcos milliarios, seus aqueductos e pontes; entre *Scalabis* ou *Præsidium Juli* (Santarem) e *Conimbrica* (Coimbra), tinham mais duas cidades, Concordia e *Urbis Nabæ* (Nabancia), todas deviam estar ligadas por vias romanas com pontes nas ribeiras e rios, que atravessavam. Perto do lugar do Marmeleiro, na freguezia da Magdalena, no sitio chamado Ramil, mandou já ha muitos annos a camara de Thomar construir sobre a ribeira da Bezelga uma ponte de pedra que foi assente nos fundamentos d'outra, que antigamente ali existiu; decerto no tempo dos romanos e devia servir de ponto de passagem á via romana, que de Concordia vinha á Nabancia; ora se n'aquella ribeira, que só durante o inverno é de difficil passagem, elles tinham uma ponte, com muito mais forte rasão a deviam ter sobre este rio; decerto que o não atravessavam em barcos; era-lhes indispensavel e em nenhum outro ponto d'elle senão ali se encontra vestigio de qualquer ponte. No

logar onde está a que hoje liga os dois bairros da cidade não podia ser, porque segundo todas as probabilidades, a linha que segue esta ponte devia passar ao norte da Nabancia; ora vindo a estrada do sul, não havia de ir dar uma volta para passar ao norte da cidade, quando mais natural é que a atravessasse, ao passo que a ponte das Ferrarias, que não é perfeitamente perpendicular ao eixo do rio, mas apresenta uma ligeira obliquidade, parece estar indicando o centro da antiga cidade; por tanto era por ali o caminho mais curto e devia ser aquella a ponte romana.

A estatua mutilada, que ainda ali se vê hoje, e que se diz ser de Henrique do Quental, não occupou primitivamente o logar, onde agora se encontra. O leito do rio elevou-se, devido principalmente aos açudes que os frades n'elle mandaram construir, não para derivarem as aguas para a rega dos predios marginaes, o que seria um grande beneficio, mas para servirem de motor aos seus moinhos e lagares; attendendo só aos seus interesses, sem se importarem com o prejuizo alheio, na construcção dos açudes, que mandavam fazer, não se tomavam as devidas precauções para evitar os damnos, que da falta d'ellas resultava; não se deixavam ladrões bastante espaçosos para darem sahida ás areias e se algum, bem que insufficiente, lhes mandavam abrir, os seus rendeiros não se encommodavam a levantal-os em occasião de enchentes; resultando da inobservancia d'estes cuidados, que deviam ter, que as areias se foram accumulando e fazendo subir o nivel das aguas, ficando os predios visinhos sujeitos a innundações, mesmo nas pequenas enchentes, innundações, que aqui não beneficiam os terrenos, como em outras partes, cobrindo-os de espesso e fertil nateiro; mas antes prejudicam, porque as aguas não se espraiam e manteem em romanso durante muitos dias, deixando depositar as materias fertilisantes, que trazem em suspensão, como nas margens do Nilo e mesmo entre nós nas lezirias do Tejo, do Sado, Mondego, etc.; mas a pouca demora das aguas turvas sobre as terras, devido á pequena extensão d'este rio e á sua

rapida corrente, não beneficia, prejudica arrastando o terreno aravel e deixando muitas vezes em seu logar areia e cascalho. Foi preciso que se estabelecesse como lei municipal a obrigação de levantar os ladrões em occasião de enchentes, o que hoje mesmo se não cumpre devidamente.

A elevação successiva do leito do rio fez com que os arcos da ponte, a que nos referimos, se fossem obstruindo de modo a não darem a sufficiente passagem ás aguas, fazendo-as transbordar para a estrada e vindo por fim a inutilisar a mesma ponte. Se já o estava quando ali se construiu aquella muralha não podemos affirmal-o, é provavel que sim; mas se o não estava, ficou-o n'aquella occasião, porque o leito da estrada passa talvez cinco metros acima do pavimento que devia ter a ponte, hoje arruinada e não ha meio de communicação para ella, por se achar a muralha encostada ao rio. Portanto, se Henrique do Quental mandou, não diremos construir, mas reparar aquella ponte para serventia da sua fabrica de fundição de ferro, foi muito antes da construcção da muralha; é pois natural que a estatua estivesse em baixo na margem do rio á entrada da ponte e, quando fizeram aquella muralha, a removeram d'ali e collocaram sobre ella no logar onde hoje está.

O CONVENTO DE CHRISTO

afra, Jeronymos, Alcobaça, Batalha, Santa Cruz, o Convento de Christo e outros, são monumentos que relembram antigo esplendor; ao admiral-os exclama-se: Portugal foi grande!

Sim, Portugal foi grande porque no espirito de um rei surgiu uma idéa gigante: o caminho para as indias; então o rei consubstanciava a nação.

Nos estaleiros de Lisboa começa a erguer-se e a travar-se o cavername das naus, que lá hão de chegar, que nos hão de abrir as portas do Oriente, d'esse mundo então phantastico e vislumbrante, onde os raios do sol, que ali brilha com maior explendor, se reflectem no ouro, se refractam nos topazios e diamantes. As martelladas dos constructores echôam por toda a Europa. Veneza convulsiona-se e agita-se, porque teme a concorrencia; as outras nações pasmam ou não crêem. Esse rei, que teve a maravilhosa concepção, não viu realisado o seu ideal; uma morte prematura roubou-lhe a gloria de tão eleva-

da empreza; mas não lhe aniquilou o pensamento, porque este continuou-se no seu successor, D. Manuel, o Venturoso.

Os trabalhos proseguiram; construiram-se as naus, equiparam-se e vogaram por esses mares até então desconhecidos; dirigiam-as habeis e destemidos capitães, guarneciam-as dextros e ousados marinheiros, que, impavidos, affrontam as tormentas, resistem aos perigos, vencem todas as difficuldades e lá vão por fim abicar a ignotas paragens. Então o Occidente topa com o Oriente. Rompe-se alfim o dique que os separava e uma corrente de riquezas deriva lá d'onde o sol se eleva para o ponto onde declina.

Aquelle rei, como chefe de uma nação de valentes cobrir-se-hia de brilhante gloria, se acções ruins lh'a não houvessem manchado; se n'aquella alma varonil não entrasse o veneno da serpente, que fascina e entorpece; se aquelle outro ser, que nos completa, mas que muitas vezes nos desvaira e perde, não houvesse influido no seu animo, induzindo o a praticar acções barbaras e crueis, que o deslustraram e prejudicaram a nação, que governava,—a expulsão dos judeus, então o elemento mais rico, mais instruido e mais activo da nação.

A expulsão da raça judaica, como condição do contracto de casamento com D. Isabel, filha do rei de Castella e viuva de D. Affonso, filho de D. João II, acceite por aquelle monarcha, talvez mais pela ambição do que pelo amor, provou bem o seu genio voluvel, a pouca firmeza do seu caracter. Tendo primeiro dado aos judeus a liberdade que seu ante-successor lhes havia roubado, roubando-lhes tambem os filhos para exportal-os para uma ilha, onde a maior parte d'elles pereceram victimas do clima ou devorados pelos crocodilos, tornou-se depois seu inimigo rancoroso, chegando em conselho, contra a opinião da maioria e até de D. Fernando Coutinho, Bispo do Algarve, a declarar que se não importava com o direito, que se havia de cumprir a sua vontade e praticando depois em Lisboa, para com aquelles infelizes, a mais vil traição; por isso, quando se exaltam e patenteiam as glorias da nação portugueza n'aquel-

la epocha, deve esconder-se o nome do rei, que então governava.

Sim, Portugal foi grande, porque Portugal resumia-se na côrte, no clero e na nobreza, a parte minima, da nação; o povo, o que trabalha e produz, considerava-se como uma quantidade abstracta; só se concretava em numeros definidos quando era chamado ás fileiras do exercito para ir, lá longe, a paizes estranhos conquistar gloria e riquezas, de que não compartilhava.

Tudo vinha do Oriente. Em cada navio que voltava fulgurava um facho de luz, brilhava o esplendor das victorias. Os salões dos nobres atapetavam-se com as tapeçarias da Persia, adornavam-lhes as paredes ricas colgaduras de vistosos setins de Damasco; guarnecia-os riquissima mobilia de sandalo, ebano, teca e outras madeiras preciosas, que de lá vinham. As lhamas de prata e ouro orlavam os roupões e os rebuços dos nobres fidalgos; as damas arrastavam as flammantes sedas da India; as perolas de Ceylão, os topasios, os robis, as esmeraldas, os diamantes cingiam-lhes em braceletes os niveos pulsos, circumdavam-lhes em collares os graciosos collos. Os inebriantes perfumes do Oriente espargiam-se com profusão pelos aposentos dos ricos. O luxo, a grandeza, o fausto invadiam ao mesmo tempo os paços dos reis, os palacios dos nobres e as casas dos ricos commerciantes. E o povo tinha fome! Tinha fome porque lhe roubavam os braços mais validos para agricultar os campos; forçavam-os a trocar o alvião ou o arado pela espada ou pela lança para irem ás conquistas. Esse roubo á mão armada, que, praticado em pequena escala por miseraveis salteadores, determinado as mais das vezes pela fome e pela ignorancia, conduz á ignominia e ao cadafalso; ordenado pelos reis, praticado por exercitos, dirigido pela sciencia e determinado pela ambição e cobiça dos poderosos, conduz á gloria; abrilhanta, não obscurece, eleva, não deprime; tal se nos apresenta o modo de ser d'essa entidade abstracta, chamada moral, sem base firme na natureza, sempre condicional, sempre relativa e modificada conforme o modo de ver ou a indole dos povos e ainda das epochas ou do estado de civilisação em que se en-

contram. E lá iam, algemados pela obediencia, arrastados pelo dever, esses pobres aldeãos, abandonando paes e mães, mulheres e filhos a longinquas e inhospitas terras verter o sangue elaborado com o producto de seus arduos trabalhos campestres em holocausto á vaidade e á ambição dos poderosos, não d'elles, que a não possuiam, nem, no seu estado de rudeza e simplicidade, sequer podiam comprehender.. E aquelles que escapavam ás mãos dos que defendiam o seu solo e os seus haveres, voltavam de lá estropiados, arruinados pelo trabalho e pelo clima e iam succumbir á miseria nas suas pobres aldeias, votados ao mais criminoso despreso, como ainda hoje acontece.

Enriquecia-se o erario, mas empobrecia-se a nação. D'este enorme desequilibrio não podia deixar de resultar um cataclysmo e esse cataclysmo mais tarde deu-se; porque o ouro, que affluia ao thesouro publico não tinha a aplicação, que uma boa administração devia dar-lhe; era pela maior parte empregado em construir conventos, em enriquecer e adornar os que já existiam, como se a vida de uma nação houvesse de encerrar-se ali, como se o bem estar d'um povo dependesse da grandeza e magnificencia d'aquelles monumentos, das regalias e commodos dos frades, que os habitavam. E para quê? Para estarem para ahi hoje sem aplicação alguma util esses montões de pedra burilada, transformada em soberbas arcadas, riquissimos porticos, bem cinzelados capiteis, unicamente a attestarem o elevado merecimento artistico dos obreiros, que os trabalharam e a má orientação, o cego fanatismo dos reis que os mandaram construir.

E Portugal foi grande! Sim, grande no arrojo e ousadia de seus soldados e marinheiros; grande no valor e intrepidez de seus capitães; grande ainda na idéa colossal de dominar os mares e os continentes e grande na fama; entidade moral que eleva o espirito de uma nação sem, comtudo, a tornar materialmente feliz, porque no mundo real não se vive de idéas, vive se do que praticamente pode produzir o nosso bem estar;

Entre aquelles monumentos avulta o Convento de Christo;

está ali, no alto d'aquelle cerro; um montão de riquezas destinadas ao ocio, a dominar uma população laboriosa, que se afadiga, que se cança no trabalho. Esterilisaram-se ali muitos milhões de cruzados, adquiridos á custa de tanto sangue, de tantas vidas, suspiros de viuvas, lagrimas d'orphãos desvalidos; aquelles milhões que, bem aplicados, podiam produzir e multiplicar-se esterilisaram-se debaixo da influencia de uma idéa esteril tambem, o fanatismo religioso; querendo na terra crear o paraizo, querendo na grandeza de suas concepções, realisadas em tão grandiosas obras, elevar-se ao infinito, impossivel de attingir.

E' o Convento de Christo um dos mais preciosos monumentos que nos ficaram d'aquellas epochas. Tendo seu principio n'aquelles tempos rudes, em que dois povos de raça diversa se debatiam em lucta sangrenta, um reconquistando o terreno que lhe havia sido usurpado, outro defendendo palmo a palmo esse terreno, que com rasão considerava já como seu, porque o havia herdado de seus antepassados, havia-o agricultado, havia introduzido na agricultura e nas artes melhoramentos, que d'antes eram desconhecidos, devia aquelle edificio começar por uma fortaleza, por um logar de refugio e de defesa, por um baluarte, opposto á aggressão dos inimigos. Assim foi.

Em 1160 o mestre da Ordem dos Templarios, D. Gualdim Paes, lançou, como já dissémos, os primeiros fundamentos d'aquella valente fortaleza, que ainda hoje ali se vê. Chefe de uma associação d'homens ligados por um principio religioso, tendo por divisa combater infieis, por norma servir a Deus, segundo a religião que professavam, não podia deixar de que, ao mesmo tempo que se edificava um castello para combater os inimigos da fé, se construisse tambem um sanctuario para exercicio e manifestação da mesma fé. Assim se fez.

Dentro da cidadella e perto da torre de menagem para ficar mais bem resguardado, ergueu-se um edificio de forma polygonal, um polyedro regular de desesseis faces, com paredes de cantaria espessas e resistentes e ainda para maior so-

lidez, a cada aresta formada pela juncção de duas faces encostaram um gigante feito de fortes cantos talhados, justapostos e solidamente ligados, indo todos terminar no plano superior, que era coroado d'ameias. Especie de reducto ou fortaleza no exterior; no interior sanctuario sagrado, onde os gritos de guerra deviam transformar-se em preces, o rancor em devoção; porque lá fora nas mesquitas dos mouros, quando os sectarios do Coran ao mesmo tempo se prostravam em fervorosa oração, os espiritos d'uns e d'outros, unidos pelo mesmo pensamento, elevados pela mesma impulsão, unificados na mesma idéa, assim juntos deviam voar ao infinito, ao ignoto em busca d'um positivo desconhecido, mas real, principio inato do Universo, Deus, perante o qual desaparece a desegualdade entre os homens e com ella a baixeza das paixões humanas. A religião é uma na essencia, embora diversifique nos cultos, que tão variados podem ser quanto o tem sido e ainda hoje o é o grau de civilisação dos differentes povos e segundo tambem a influencia d'esse poderoso modificador do sentimento humano, a crença, mais ou menos arreigada e muitas vezes tão edentificada com o nosso ser, que nem mesmo o raciocinio pode desvanecel-a.

Lá dentro d'aquelle recinto, destinado ao culto religioso, devia construir-se um altar para as cerimonias do mesmo culto, construiu se, mas não o encostaram a uma das faces como em geral era e ainda é uso fazer-se; a forma dada ao corpo exterior obedecia a um outro plano, desusado aqui, mas visto e estudado lá fora, por certo no Oriente, d'onde o fundador d'aquella obra havia trazido os delineamentos d'ella. Por isso, concentrico ao polygono exterior, traçaram outro com metade dos lados, um octogono regular; dentro de cada um dos angulos d'este octogono levantaram supportes de cantaria, apresentando faces parallelas, duas a duas na direcção dos lados; a cada uma d'estas faces ligaram uma columna de fuste cylindrico, terminando todas em capiteis singelos, sobre os quaes se firmam arcos, a que chamam bysantinos, que, lançando se de

uma para outra formam uma magestosa arcaria, cujos arcos estão symetrica e regularmente dispostos; sobre cada um d'elles levantou-se um panno de parede lisa onde estão abertas frestas estreitas e compridas, que com escassa luz illuminam o interior, apresentando o todo oito faces planas, correspondentes a cada um d'aquelles arcos. No lado interno do supporte talharam uma face plana e no externo tres faces, uma tambem plana e duas concavas, resultando estas do corte das arestas, que se fez em meia canna; ás faces internas ligaram-se columnas da mesma forma das outras, mas muito mais altas, elevando-se até onde, sobre seus capiteis se firmaram arcos de circulo, quadrantes, que vão todos terminar em um fecho central; sustentam estes arcos uma abobada, que apresenta o aspecto de um hemispherio ôco com a concavidade voltada para baixo. (Em um desenho antigo e suas copias vê-se sobre a capella dos Templarios uma cupula em forma de pyramide, tendo no vertice a cruz de Christo; ao lado uma torre com sinos, cujo corucheu, muito aguçado, e tambem da mesma forma pyramidal, tem na extremidade uma egual cruz. Não pode ser este desenho a reproducção fiel da forma exterior da primitiva capella dos Templarios, porque lá não havia sinos, embora a cruz podesse ser substituida; aquella pyramide que o desenho mostra é conica, quando, sendo formada pelo prolongamento das paredes do octogono, devia

Capella dos Templarios

tambem ser octogonal; a sua base tem um perimetro muito maior, vem quasi encostar-se ás ameias; e para que serviam aquellas oito columnas interiores com seus capiteis se lá não havia abobada a sustentar, indo as paredes lateraes convergir n'um ponto? E' natural que aquellas cupulas fossem feitas posteriormente para ornamentação dando um certo realce á monotona architectura exterior da capella; depois foram demolidas, provavelmente quando se construiu o corpo da egreja. Ao meio das faces planas exteriores ligaram tambem columnas de egual forma e sobre seus capiteis firmaram arcos abatidos, que, galgando o espaço comprehendido entre o corpo interior e o exterior, foram assentar sobre os capiteis de eguaes columnas, que encostaram aos angulos internos do polyedro exterior; como porém o exterior tem deseseis angulos e o interior só oito, ao meio das faces d'este, por cima dos arcos, embeberam na parede uns cachorros de pedra, deixando fóra uma parte que se salienta em forma de capitel de columna para ali se firmarem os outros oito arcos; e, como saem divergentes do centro para a peripheria, apresenta aquelle todo uma forma, que se assemelha a um chapeu de sol aberto. Estes arcos sustentam uma abobada circular, que cobre todo o espaço que fica entre o corpo externo e o interno e parece ter sido destinado para os Templarios assistirem d'ali ás cerimonias religiosas, que se celebravam no altar, que se havia erguido sob um dos arcos d'aquelle recinto polygonal, do que olha para o Oriente, segundo o rito dos antigos maçons, porque do Oriente é que vem a luz Aquelle recinto, que surprehende pela sua magestade, era o sanctuario sagrado, correspondia a *mirhab* das mesquitas arabes; era ali que se celebravam os mysterios da religião, que professavam; era o perystillo do Paraiso, onde sobre os mysticos, os inspirados desciam as graças celestes, que elles com a sua benção espargiam por todos os circumstantes, que as recebiam cheios de fé Deviam os Templarios em volta d'aquelle sanctuario, cujas arcadas se abriram para que todos podessem contemplar as cerimonias que dentro de

elle se praticavam, assistir a ellas de pé, porque lá não ha vestigio de bancadas, talvez vestidos em trajo de guerra, encostados ás suas lanças, os seus mantos brancos a alvejarem e os seus polidos elmos a reflectirem a luz das tochas; calados, silenciosos, porque quando a alma escuta e o coração percebe, a bocca emmudece. Sobre aquelle sanctuario, por cima da abobada, havia um eirado destinado á defesa, cuja peripheria era guarnecida d'ameias de cantaria. Em baixo a paz do crente, em cima a lucta do guerreiro. Modalidades do espirito humano.

Uma só porta dava ingresso áquelle oratorio, era voltada ao nascente e era defendida por dois fortes baluartes, um á direita outro á esquerda de quem entrava, communicavam um com o outro por um passadiço que ainda lá existe por cima da porta primitiva, hoje transformada em janella; ao da direita ligava-se um panno de espessa muralha, que ia travar-se n'um reducto proximo da torre de menagem; de modo que pelo adarve d'esta muralha havia facil communicação entre a torre e o eirado da capella, que communicava com os baluartes, que lhe defendiam a porta; assim ligados auxiliavam se mutuamente, de modo que uma não podia render se sem que a outra fosse subjugada; davam, por assim dizer, as mãos estes dois sustentaculos, um o da honra, outro o da fé; bem combinada ligação; porque estas duas entidades moraes estão por tal modo unidas que uma não pode existir sem a outra; a fé é a crença n'um ideal, indiscutivel, incondicional; é a affirmação d'um positivo, que ha de ser dado por um problema, que ainda não está resolvido; a honra é um sentimento posto em acção por uma força impulsiva ligada ao nosso ser, mas que parece existir fora da materia, actuando sobre as nossas faculdades moraes, tende a elevar nos, não se sabe até onde; algumas vezes até ao desvairamento; ambas ellas são idealidades sem realisação tangivel no mundo real e positivo; mas ligam se, prendem se, combinam-se para nos darem sentimentos realisaveis que nos elevam e ennobrecem; separal as é aniquilal as, sem honra não ha fé e sem fé não ha honra. A envolver estes dois sanctuarios

para os proteger, estendiam-se decerto para o norte e derivando de lá para o poente até fecharem um circuito, fortes pannos de muralhas, que, pelas obras que posteriormente se fizeram desappareceram ha muito, deixando apenas em alguns pontos vestigios da sua existencia.

Os pannos de muralha, que formavam a fortaleza exterior, não iam travar-se na capella, não ha lá vestigio algum d'isso, nem podia ser. A construcção das fortalezas obedecia a um plano geral, quasi sempre seguido. A torre de menagem era o logar d'honra; d'ali o chefe dava as ordens e era tambem o ultimo logar de refugio, para onde, em caso de assalto, se recolhiam os que escapavam do combate nas muralhas esteriores; tinha quasi sempre ainda outros reductos a defendel-a, a cidadella; nunca era exposta á acção directa do inimigo; ora, se estes cuidados havia com a torre de menagem, com muito mais forte rasão os devia haver com um sanctuario, logar sagrado, que decerto não iam expor á acção immediata do ariete dos sitiantes. A muralha, que pelo lado do poente defendia aquelle recinto, corria sobranceira a um pequeno valle, que ia subindo até ao cume do monte; só se vê d'ella uma pequena parte proximo ao logar onde se começou a construir a nova casa do capitulo, que não chegou a ser acabada.

A capella dos Templarios só lhes servia para o caso de cerco, porque, no tempo de paz nem elles viviam dentro dos muros do castello nem lá celebravam os officios divinos. Não haviam, porém, decorrido muitos annos apoz a sua fundação quando D. Gualdim Paes teve que experimentar a solidez das muralhas, que ali havia feito construir, para o combate e o valor da capella para os exercicios espirituaes; se para elles houve alguns momentos de repouso, durante a lucta renhida, que por espaço de seis dias, elle com os seus guerreiros tiveram que sustentar.

Yacub Almansùr, então imperador de Marrocos, apasiguadas as discordias internas, preveniu o Wali de Cordova, seu irmão, Mahometh Iben Yusef, de que se preparasse para a

guerra, porque elle proprio viria para castigar os christãos pelos estragos que lhe iam fazendo nos seus estados da peninsula, devastando terras, tomando-lhe cidades e castellos. Com effeito na primavera de 1190 atravessou o estreito com um poderoso exercito e em marcha rapida dirigiu-se para Silves, que sitiou e onde se lhe veiu juntar seu irmão com o exercito andaluz. Não conseguindo tomar d'assalto esta fortaleza, deixou ali seu irmão encarregado de continuar o cerco e elle com o grosso do exercito caminhou para o norte e atravessou com rapidez o moderno Alemtejo. Algum fim, decerto, levava em vista e muito natural é que fosse o querer vingar a morte de seu pae, o qual, parece, ter succumbido em Algeziras em resultado dos ferimentos que havia recebido no cerco de Santarem; não atacou, porem, esta praça, como se esperava, e dentro da qual D. Sancho se havia recolhido com os poucos guerreiros que poude reunir; queria, talvez primeiro, cortar-lhe as communicações com as terras do norte, para que não podesse ser soccorrida; por isso seguiu a margem esquerda do Tejo e foi atravessal-o, onde melhor vau se lhe offereceu, indo com aquella massa enorme de gente armada cahir sobre Torres Novas, que, não podendo sustentar tão formidavel embate, cahiu rapidamente no poder dos aggressores, sendo mortos ou captivos os que a defendiam. D'alí dirigiram se a

Castello de D. Gualdim Paes

Thomar a pôr cerco ao castello dos Templarios. Deviam estes já esperal-os, porque Torres Novas não fica longe e ali deviam chegar noticias do que lá se passava. A' sua approximação todos os habitantes da villa se recolheram para dentro dos muros do castello e, muito naturalmente, levaram comsigo tudo o que poderam transportar de seus haveres. Por espaço de seis dias durou o assedio, com repetidos assaltos á fortaleza, que os Templarios repelliam com a coragem e valentia que lhes era propria e, decerto, auxiliados pelos homens validos da povoação, que ali se haviam refugiado. Existe ainda, no panno da muralha que fica ao sul, uma porta denominada porta do sangue; ou porque o logar fosse mais accessivel ou porque o julgassem menos bem guarnecido, foi ali que em um dos assaltos se tornou mais porfiada a lucta, tentando os arabes. adargados e em massa, forçar a todo o transe a entrada por aquella porta; porém, se o assalto foi tenaz e violento, a defesa foi heroica, porque tiveram que retirar, soffrendo perdas enormes; devia tambem ter-se pelejado com ardor em outros pontos da fortaleza, porque a multidão dos inimigos era grande e devia, por isso, circumdal-a, ao menos com o fim de distribuir por diversos pontos as forças que a guarneciam, que assim divididas offereciam menor resistencia: ora, sendo certo que o numero dos Templarios era muito diminuto e o perymetro a defender muito grande, claro está que os habitantes da villa lhes prestaram valiosissimo auxilio, combatendo a seu lado com egual energia e valor; mas então como agora o general é sempre quem vence, por isso as chronicas só fallam dos Templarios e nem sequer se referem ao povo de Thomar. Como o castello para o norte e poente não tinha defesa natural tão segura como para leste e sul, por não ser para aquelles dois lados tão escarpado o terreno, deviam aquellas duas faces ser defendidas por altas e fortes muralhas, tendo por anteparo largos o profundos fossos, de que já não resta signal algum; tanto que não foi por algum d'aquelles lados que tentaram o assalto. Ao cabo de seis dias de continuo batalhar, os serracenos le-

vantaram o cerco e retiraram. Do adarve das muralhas e do eirado dos castellos, ainda com as armas na mão, viram-os os nossos desfilar e sumirem-se lá ao longe, como nuvem tempestuosa impellida pelo vento; não sem deixarem apoz si os estragos da tormenta: tallados os campos, incendiadas as povoações.

Diz-se que a villa foi completamente arrazada. Durante o o assedio não convinha aos sitiantes destruir as casas da povoação, porque necessitavam d'ellas para recolherem os seus gados e as suas bagagens, os feridos, os doentes e as pessoas não combatentes que os acompanhavam, que, decerto, dentro d'ellas estariam mais commodamente que debaixo das tendas de campanha. Dada a ordem de retirar, decerto muitos damnos lhe haviam de causar, para se vingarem da morte de grande numero de seus companheiros e do malogrado intento; damnos que os habitantes foram reparando o mais rapidamente que poderam, e dizemos damnos porque não acreditamos na destruição completa, como affirmam os chronistas «arrazando e destruindo tudo o que estava fóra dos muros do castello», sempre propensos ao exagero, como se vê na lapide commemorativa d'este assedio. Ao lado direito, do atrio da egreja, em um muro que ali se levantou, muito posteriormente á edificação da capella dos Templarios, porque passa por deante de onde era a porta d'aquella capella, estão dois letreiros, gravados em pedra, um em latim e outro em portuguez, que é a traducção d'este. Diz o primeiro:

ERA DE 1160 REINANDO ELREI DE PORTVGAL DÕ AFFONSO: GALDIM PAES MESTRE DOS SOLDADOS PORTVGUEZES DO TEMPLO CÕ SEVS SOLDADOS: EM O PRIMEIRO DIA DE MARÇO: COMECOV A EDIFICAR ESTE CASTELO: POR NOME TOMAR: O QVAL CASTELO O DITO REI OFERECEO A DEOS E AOS SOLDADOS DO TEMPLO —ERA DE 1228 AOS 13 DIAS DE JULHO: VEO ELREI

DE MARROCOS TRAZENDO 400 V. DE CAVALO E 500 V. DE PE: E CERCOV ESTE CASTELO POR 6 DIAS: E DESTRVIO QVÃTO ACHOV FORA DOS MVROS: E AO CASTELO: E AO DITO MESTRE CÕ SEVS SOLDADOS LIVROV DEOS DE SVAS MAÕS: E O MESMO REI TORNOV P.ª SVA PATRIA CÕ INVMERAVEL DETRYMENTO DOS HOMES E DAS BESTAS—HESTE HE O LITREIRO Q̃ ESTAVA SOBRE O PORTAL Q̃ VAI P.ª OS PAÇOS DA RAINHA E HE O TRESLADO DO LITREIRO ABAIXO.

E MC: LX̃: VIII regnante: Afonso: illvstrissimo rege: Portvgalis: Magister: Gualdinvs Portvgalensi: um: militvm: Templi: cum fratribvs svis primo: die: marcii cepit edificare: hoc: castellum̃: nomine: Thomar: qõd prefatvs rex obtvlit: deo: et militibvs: Templi: e: M: CC: XX: VIII: tercio: nonas: Ivlii: venit: rex de Maroqis: ducens: cccc milia: eqitv et gingenta: milia: peditvm: et obsedit castrvm istvd: per sex: dies: et: delevit: qvantvm: extra: mvrvm: invenit castellõ: et prefatvs: Magister: cõ fratribus: svis liberavit: Devs: de manibvs: svis: et ipse: rex: remeavit: in patria sva: cõ: innvmerabili detrimẽto: hominõ: et bestiarvm:

N'esta lapide commemorativa affirma-se que quatrocentos mil cavalleiros e quinhentos mil infantes atacaram o castello; perto de um milhão d'homens! E' evidentemente exageradissimo este numero, e assim como exageraram o numero dos inimigos é muito natural que exagerassem tambem os estragos, que fizeram na povoação, porisso estamos convencidos de que ella não foi totalmente destruida; o mais natural é que fosse incendiada.

Não se sabe ao certo a causa d'aquella subita retirada, se as perdas soffridas nos assaltos á fortaleza, a esperança perdida de conquistal a, se o grande numero de baixas no exercito, produzidas pelas febres palludosas de mau caracter, que n'aquella epocha grassavam n'esta localidade e nas margens do Tejo e das quaes se diz que o mesmo Yacub foi affectado.

A primitiva capella dos Templarios foi posteriormente muito modificada; encostaram-lhe uma torre com sinos, substituiram-lhe as ameias, que eram de pedra, por outras de tejolos, abriram lhe mais portas (tinha uma só); ao lado d'uma d'essas portas construiram um coro, que já lá não está, metteram-lhe na sua espessura pequenas capellas, ornaram-lhe as paredes interiores com quadros e altares, enfeitaram-lhe as columnas e os arcos com silvados e arabescos, collocaram-lhe imagens de santos e prophetas, nas abobadas desenharam emblemas, nas faces das paredes do octogono central pintaram figuras allegoricas; tudo isto dourado, luzidio, brilhante; os ouropeis do fausto a cobrirem a nudez da singeleza; rasgaram-lhe um arco, desengraçado, sem elegancia; mas embellezaram-o com pinturas a vivas cores; este arco foi feito para ampliar a capella, transformal-a em um templo; n'esse templo collocaram um orgão e poseram um pulpito debaixo do arco, á entrada da capella dos templarios, que ficou sendo capella-mór; lá ao fundo construiram um côro para os frades, guarnecido de riquissima mobilia, que já não existe, e cuja area é maior que o corpo da egreja, destinado ao povo. Assim foram modificando, ampliando e transformando a obra dos Templarios á maneira das

necessidades e segundo o estylo da epocha e o gosto dos reis ou dos architectos, a quem incumbiam aquellas obras, até se tornar em vastissimo convento, ou antes diremos sumptuoso palacio de frades fidalgos, que ainda hoje se vê e admira.

Tudo ali é grande e bello; grande na forma, bello no pensamento. Dentro d'aquelle recinto está se como em vasta bibliotheca, cujos milhares de volumes são as pedras, onde está escripta em ornatos e figuras toda a historia da nossa monarchia desde os tempos primitivos até ao fastigio da sua gloria. Ali dentro o pensamento vagueia pelo passado; lê n'aquellas rudes muralhas a lucta pela independencia e dilacção da patria, então nascente e ainda vacillante, firmando-se n'aquelles baluartes para poder caminhar alem; e admira o exforço dos homens, que a constituiram e consolidaram; depois vê como ella foi crescendo e desenvolvendo-se; porque da extensão dos territorios e do augmento de riquezas é que ia emanando o desenvolvimento d'aquellas obras, que progrediam sempre a par, chegando ao ponto culminante, quando tambem as glorias portuguezas o attingiram.

Está ali estampado, na magestosa ornamentação da janella da casa do capitulo, o apogeu das nossas glorias. Esta janella fica na face poente da egreja; quando o sol declina, os seus raios luminosos, incidindo sobre ella, dão reverberos de luz, que alumia o passado e nol-o patenteia; resaltam então d'ali dois brilhos: o brilho d'um povo n'um passado glorioso e o brilho da arte, que soube graval-o na pedra para tornal-o visivel, claro e sempre patente ás gerações vindouras.

A arte é o que ha de perduravel, de immorredouro na vida d'um povo; a grandeza e a gloria sem a arte seriam como o fogo d'artificio, que brilha e encanta, mas que breve se transforma em fumo, que a aragem dissipa, sem deixar vestigio. A arte, gravando no bronze, burilando na pedra, pintando na tela, transmitte ás gerações futuras o que se deu de mais notavel n'esta ou n'aquella epocha; transforma a idéa em facto; o pensamento em acção: falla aos sentidos, torna visivel e pal-

pavel, perceptivel pelas sensações o que a linguagem escripta só pode dizer ao entendimento. A arte é uma linguagem universal, que falla a todos os povos com ingenuidade e singeleza, com vehemencia e arrogancia e até com sentimentalismo, exprimindo a dor, o pesar, a alegria, o odio, o amor, etc. e por todas estas formas se faz perceber aqui, alem, em todo o mundo.

O artista, que ornamentou aquella janella, deixou ali gravado um poema epico da nossa historia. Está n'ella toda uma epopeia, a epopeia d'um povo gigante. Camões escreveu-a em versos cadenciados e harmoniosos, o artista traçou-a na dura pedra em linhas cadentes e regulares, em figuras symbolicas, que exprimem um pensamento elevado e grandioso; um com a penna e outro com o buril, ambos realisaram o seu mesmo pensar, o seu mesmo sentir: tornar bem patente ás gerações futuras as glorias da sua epocha. Um escreveu no papel o seu admiravel poema, o outro gravou-o na rude pedra; o primeiro corre de mão em mão em livros que se lêem, o segundo espalha se em desenhos e photographias, que se admiram.

Janella da Casa do Capitulo

Alem do que mencionámos ha muito que admirar n'aquelle vasto e sumptuoso edificio, não só quanto á grandeza, co-

mo quanto ao merecimento artistico. Não entramos na apreciação das maravilhosas obras d'arte que ali se encontram, porque o não podemos fazer por falta de conhecimentos technicos, essa apreciação pertence aos entendidos; demais que não é ella facil, porque os diversos estylos architectonicos acham se ali em muitas partes confundidos, como que enxertados uns nos outros; são obras feitas em differentes epochas, algumas começadas por uns e acabadas por outros e outras ha ainda, que longos annos após o seu acabamento soffreram importantes modificações com o fim de as adaptarem a outros usos ou de lhes darem fórma mais em harmonia com o gosto da epocha.

A arte, que só pode ser apreciada pelos que a estudaram e comprehenderam, é admirada por todos, mesmo pelos que a não conhecem; não é preciso ser entendido na materia para se fazer reparo no portico d'aquella egreja e ficar como que extasiado deante d'elle, admirando os rendilhados, os relevos, as imagens de santos, emfim, tudo quanto o auctor magistralmente ali esculpiu, deixando o tão bem acabado, tão artisticamente disposto, revelando um pensamento, obedecendo a uma idéa que, mesmo aos profamos está mostrando a intelligencia, o saber, a habilidade do artista que executou aquella tão importante obra. O corpo da egreja apresenta tambem exteriormente um aspecto maravilhoso com quanto um claustro. ultimamente feito, lhe esteja encobrindo parte das bellezas.

Contiguo á capella-mór e em communicação com ella está o Claustro do Cemiterio, obra do Infante D. Henrique; tem uma só galeria com quatro faces, formadas por vinte arcos ogivaes, que se firmam sobre columnas duplas, em numero de trinta e duas, delgadas, elegantes, cujos capiteis são ornamentados com folhagem esculpida com admiravel perfeição e delicadeza, e differente em cada um d'elles. Como o seu nome o indica, este claustro era destinado a serem n'elle sepultados os Cavalleiros de Christo; lá se vêem ainda no pavimento lageado as campas. que cobrem os restos mortaes de muitos d'elles, algumas com letreiros para que não se olvide o nome e a qua-

lidade do que ali repousa, desde que deixou de agitar-se n'este cyclo indefinido, onde o ser humano passa como o meteoro, que brilha e alumia, como a tempestade, que assusta e destroe, ou como tenue nuvem, que corre ligeira e desapercebida passa, porque nem agitou nem obscureceu a atmosphera, onde se movia. Terminada a sua rotação todos mergulham nas profundezas d'esse abysmo insondavel, onde todos os brilhos se apagam, todas as vaidades se somem, todas as vontades se aniquilam; sem que possam letreiros ou epitaphios commemoral-os, se cá não deixaram feitos notaveis pelos quaes se perpetue a sua memoria. «E' a especie humana que deve ser, ella mesma, o monumento vivo da gloria dos homens illustres, que produziu. (James Hervey)».

Porém, nem todos descem á campa rasa; ainda como resto das glorias mundanas, que alguns teem a fatuidade de querer perpetuar, erguem se tumulos, construem se mausoleus riquissimos, faustosos alguns, para ali se encerrar o que fica apoz a vida; essa coisa infecta e repugnante, pasto de vermes, podridão. *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.* (Ecclesiastes). Sim, vaidade, loucura humana. «Todos estes monumentos de terra e de argila o que duram? O vôo dos annos bem depressa os consumirá: estes caracteres que uma penna de ferro traçou sobre o marmore serão em breve apagados: a columna quebra-se, o arco de triumpho desmorona-se, a estatua de bronze morre ella mesma sob o dente do tempo. (*Os Tumulos*, d'Hervey)». Os seguintes versos do bello poema de M. Fontaine *La rapidité de la Vie*, traduzem o mesmo pensamento, dizem a mesma verdade:

Il a péri ce Grand, dont l'orgueil imbécile
Végéta soixante ans pesament inutile.
En vain, pour délivrer son ombre du tombeau,
On flechit les beaux arts, on arme leur ciseau.
Son ombre errante au gré de la main qui la guide,
Reparoît sur sa tombe, appuiée et stupide:
Le temps attaque encor tous les noms que l'orgeuil
Amasse et montre en foule autour d'un vain cercueil.

O ser individual desapareceu d'ali, porque o *eu* já lá não existe, nem mesmo a forma typica da especie a que pertenceu pode conservar por muito tempo, porque se esphacella e decompõe. O que é então que dentro d'aquelles riquissimos jazigos, envolvido na pompa e no luxo, tão cautelosamente se guarda? Gazes deleterios, que pela sua força expansiva ou pela sua acção chimica, rebentam ou corroem os hermeticamente fechados caixões, para se escoarem para a atmosphera, onde a vida os colheu e os organisou. Depois que fica? A materia bruta, a ossada, substancias terrosas, carbonatos e phosphatos calcareos, que, depois de terem perdido toda a materia organica, que os impregnava, se pulverisam. *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.* (Genesis). Lembra te, homem, que és pó e em pó te has de tornar. Verdade evangelica, indiscutivel, porque deriva das leis da natureza. *Hi motus animorum atque hæc certamina tanta.*

Pulveris exigui jactu compressa quiescent. (Virgilio). Estas agitações dos espiritos e estas tantas contendas descansarão unidas n'um jacto de humilde pó». Para quê tantas fadigas por triumphos tão passageiros? A fortuna dos ricos, a gloria dos heroes, a magestade dos reis, tudo termina por—aqui jaz.— Desgostos a soffrer, bens que é forçoso deixar, tal é o inventario exacto da vida e o pó tornado em pó é o termo de todas as grandezas da terra. (Noites de Young).

Ha duzentos annos as nossas cidades e as nossas aldeias eram povoadas como o são hoje. Que é feito d'esse povo? Sumiu-se na voragem do tempo. De todos elles nada mais resta que um pouco de pó misturado com a terra. E n'estes restos humildes encontramos porventura algum signal de distincção, de grandeza ou de nobreza? Nada. Perfeitissima egualdade nos elementos materiaes, que constituiam o corpo do nobre e o do plebeu, o do rico e o do pobre, o do virtuoso e o do scelerado. Unidade da materia. Não está ali a distincção. Monarchas, que reinaes na terra, o vosso nascimento distinguiu-vos dos outros homens, mas a morte vae egualar-vos ao mais

humilde de vossos subditos. Grandes do mundo, investigae bem o que resta hoje de vossos antepassados; o que d'aqui a cem annos deve restar de vós mesmos: uma inscripção, que não conservará vossos titulos de nobreza senão para indicar á posteridade que já não sois coisa alguma do que ereis n'este mundo, e que de vós não resta mais que um pouco de pó muito menos precioso do que a urna, que o encerra. *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* (Psal. 72). Senhor, vós reduzireis ao nada a vã imagem da sua felicidade, como o sonho dos que despertam. *Nonne hæc omnia pulvis, nonne omnia favilæ, nonne paucis versibus locum vitæ memoria est.* (S. Prospero. *Sentenças.*) O que são afinal todos os bens do universo? Pó e scentelhas. Que resta dos grandes homens? Alguns versos em sua memoria. «Mortal, por mais altivo que sejas do teu nascimento, tu, que n'outro tempo te vangloriavas de contar na tua genealogia uma longa fila d'avós, tens que abandonar aqui todas essas altivas pretenções. Tens que confessar que agora o verme é teu egual. Ou se o teu orgulho quer ainda impor-se-me, se o teu monumento ousa dizer-me: *aqui jaz o Grande*, eu respondo lhe: marmore mentiroso, onde está esse Grande? Eu não vejo mais que um pó vil». (*Os Tumulos* d'Hervey). Mas, a adejarem por sobre os tumulos, ficam as virtudes civicas e moraes do ser humano que ali se decompoz. Não as apaga a terra, que cobre o cadaver nem as faz realçar a magnificencia do jazigo, que o encerra; porque tanto brilham sobre o mausoleu onde jaz o rico como sobre a valla commum, para onde se atira o pobre; resplandecem sempre onde quer que estão; não se destroem, são incorruptiveis, duradouras, deixam cá um rasto de luz que não se extingue e passam alem da campa, acompanham esse *quid*, o EU indecomponivel, que em mundos desconhecidos vae continuar a sua evolução. *Non est exitus iste, sed transitus et temporali itinere ad æterna transgressus.* (S. Cypriano, *Liber de Morte*). A morte não é um termo, mas uma passagem, que nos conduz do tempo á eternidade.

A morte, esse espectro terrivel, que tanto nos faz tremer, é apenas um ponto de contacto entre o presente e o futuro, uma transição insensivel do visivel para o invisivel, do conhecido para o ignoto; e é d'esse ignoto que surgem os phantasmas que nos assustam, que nos fazem temer o transito por vias desconhecidas, que imaginamos cortadas de precipicios, cobertas d'abrolhos, quando bem podem ser planuras amenas, atapetadas de brilhantes flores. «Para que tremer com o pensamento da morte? Esta passagem não é tão terrivel como nós a imaginamos. Engenhosos em nos crearmos sustos, atormentamos nos com nossas chimeras; formamos um phantasma, damos-lhe ameaçador aspecto; e bem depressa, esquecendo nos de que elle é obra nossa, nosso medo anima o, trememos a seus pés e não podemos encaral o sem empallidecer de terror. A imagem infiel, que nós formamos, segundo as nossas conjecturas, quasi não tem semelhança alguma com o original. E que pintor poude já colher as verdadeiras feições da morte? Este tyranno não repousa um só instante. O receio agita o pincel em nossas mãos tremulas. A imaginação exagera. A ignorancia carrega com suas sombras o retrato e a rasão assusta-se com ellas. Onde está a morte? Sempre futura ou passada, desde que ella é presente não existe, antes que a esperança nos abandone o sentimento é morto. Para que enchermo nos de negros presagios? Quando somos feridos recebemos o golpe, mas sem sentir a dor. O dobre funerario, os pannos mortuarios, a pá, a tumba, o fosso humido e profundo, as trevas e os vermes, todos esses phantasmas, que surgem sobre a noite da vida, são o temor dos vivos e não o dos mortos. Victima de sua louca imaginação e desgraçado por seu erro, o homem inventa uma morte que não é aquella que a natureza fez e com o receio de uma só esperimenta mil». (Noites de Young) Desculpem nos esta digressão, para onde o espirito involuntariamente nos levou, fora do nosso objecto; e, reprimindo nos, nada mais diremos d'este phenomeno transitorio, a morte, que tanto tem despertado a attenção dos pensadores de todas as epochas.

Em arcos abertos nas parede d'estes claustro estão os tumulos de Balthasar de Faria, Diogo da Gama, e o de Pedro Alvares de Freitas, em cuja memoria se gravaram nos respectivos tumulos as seguintes inscripções:

S.ª DE BALTASAR DE FARIA · FOIDO CONSELHO DE QVATRO REIS DESTES REINOS · DÕ JOÃO HO III · DÕ SEBASTIÃO OPRIMEIRO DÕ HENRIQUE E DÕ PHILIPPE · E ALMOTACE MOR · IMPETROV DO SÃTO PADRE PAVLO III · A BULA DO SÃTO OFICIO DA INQVISICÃO PERMÃDADO DELREI DÕ JOÃO HO III · EOS PADROADOS DAS INSIGNES PRELACIAS DE SÃTA CRUZ E ALCOBACA PERA A COROA · FOI EMBAXADOR A ROMA · E DEV OBEDIẼCIA DESTE REINO O PAPA JVLIO III : —1584—

S.D. DÕ DÎOGO. DA GAMA. CAPELLÃO DELREI. DÕ. M.RL OPR.O. DESTENOME Q̃ SÃTA. GLORIA. AÎA. E DO SEV CÕSELHO. TEVE ESTES. BENEFICIOSSO DÕ PRIORADO DESTA CASA E OS MOSTEYROS DE S. JORGE DE COIMBRA, S. CHRISTOVÃ DALAFOES, ABBADIA DOS TAMARAES, E AS IGREJAS, S. SANTIAGO DE SÃTAREM, S. PEDRO DO SVL, AS CERZEDAS, E ALCÕGOSTA, DEYXOV PERBÕS FOROS TÃTA RẼDA AOS FREYRES DESTE CÕVENTO, PERQ̃ SE CÃTE POR SVA ALMA PARA SẼPRE HVÃ CAPELLA. S. HVÃ MISSA REZADA CADA DIA E OVTRA CÃTADA CADA MES CÕ RESPÕS, SOBRE ESTA SEPULT.ª FALLECEO AOS 25 DÎAS DE JANEYRO NODO SÕR 1523.

SEPULCRO DE PEDRALVARES · DE FREÎTAS ADMÉNISTRADOR QUE · FOI · NESTA · VILA · DE TOMAR · DEIXOV TRES MISAS CADA SOMANA · CÕ RESPONSO NESTA · S ª PERA · SEMPRE — INTE · DNE · SPERAVI · MÎSERERE · MEIDV · VENERÎSINNO VÎSSIMO · DIE · —1599—

No sarcophago de Balthasar de Faria está ainda a mumia do seu cadaver. Pela cessação da vida não se decompoz aquelle organismo, pulverisando-se e volatilisando se, para que os elementos de que se compunha, fossem nutrir e alimentar outros seres vivos, segundo a lei natural das mutações; ficou ali aquelle todo, secco, mirrado, hediondo, apresentando ainda bem desenhadas as formas materiaes do individuo, onde se alojou um espirito dominado pelo genio do mal. Ha na natureza mysterios que a sciencia ainda não poude decifrar; nem a terra o quiz tragar, diz o vulgo. Porque se decompozeram e consumiram os cadaveres dos outros, que ali foram encerrados em eguaes tumulos e nas mesmas condições? Não ha na sciencia principios alguns bem assentes que possam dar d'aquelle phenomeno uma explicação satisfatoria. Insondaveis mysterios que não pretendemos prescrutar.

Quando os francezes estiveram em Thomar abriram aquelles tumulos suppondo, talvez, que lá houvesse riquezas occultas; foi então que se encontrou a mumia, que foi depois transportada para a egreja de S. João Baptista e ali esteve por muitos annos dentro de um caixão detraz do altar mór; depois foi removido para o logar que lhe pertencia, e, na pedra que fecha aquelle monumento funebre, abriram um buraco quadrangular onde collocaram um vidro, para que todos possam observar aquella forma humana, poupada pela acção decomponente das forças physico-chimicas, que reduzem aos seus elementos primitivos a materia organisada, quando a força vital deixa de actuar sobre ella, abandonando-a á acção metamorphoseante de todos

os micro-organismos Está ali em toda a sua nudez aquelle corpo humano, descarnado, resequido; a quem a acção do tempo consumiu os andrajos, mas poupou a forma que em vida teve, para que possa ser observado por todos os olhares e sujeito a todas as apreciações, até ao escarneo; talvez em expiação das culpas commettidas durante a vida; porque esses olhares curiosos e offensivos da pudicicia, essas apreciações desfavoraveis, as recriminações dos erros praticados, as affrontas, os sarcasmos que lhe são dirigidos, recebe-os e sente-os o espirito mais vivos, mais impressionantes ainda do que quando no mundo physico se achava ligado á materia. Permitta-se-nos esta manifestação da theoria espirita, a mais racional de todas pelas quaes se pretende explicar os phenomenos d'alem da campa e que hoje conta já no mundo scientifico numerosissimos adeptos.

Delegado do rei, procurador da inquisição, foi Balthasar de Faria quem, na corrupta Roma, mais trabalhou para obter do chefe supremo da Egreja de Christo, o estabelecimento definitivo em Portugal d'esse tribunal horroroso, que era a negação absoluta do direito natural, a apostasia completa do christianismo. E obteve-a. N'esse mercado abjecto, onde as consciencias se vendiam a peso d'ouro e as coisas religiosas se punham em almoeda, foi elle quem, em nome do rei portuguez, offereceu mais avultada e segura quantia, quando os cofres dos hebreus se achavam já esgotados, pelas compras carissimas d'essas bulas de perdão e isempções, com que tantas vezes foram burlados, pelos representantes d'Aquelle que, ao expirar pregado em uma cruz, ergueu os olhos ao ceu e proferiu estas palavras: *Parce illis*, perdoae-lhes Senhor. Pedia o perdão para os que injustamente o crucificaram!

E perdoará Elle aos que baixamente o atraiçoam, vilmente o calumniam, invertendo o sentido das suas palavras, transformando a sua santa doutrina, toda amor e cordura, toda abnegação e humildade, em cutello d'algoz para execução de mesquinhas vinganças, em arma covarde para assassinar cons-

ciencias, em rijas cadeias para acorrentar liberdades permittidas. abusando de espiritos fracos para induzil-os ao asceticismo, esterilisador das virtudes civicas e dos mais nobres sentimentos da alma, em feia intriga, em ignobil discordia no seio das familias, onde o amor, a fraternidade, a communhão de sentimentos devem dar a paz, a perfeita harmonia, que é o principal elemento da felicidade domestica? Quem sabe?...

Nobre e bella é a missão de sacerdote, quando não se afaste das santas doutrinas do Divino Mestre.

Não vem aqui a proposito fallarmos mais detidamente da historia da inquisição, uma serie d'enredos tenebrosos, de machinações vergonhosas. Alexandre Herculano, resumindo-a, escreveu a em tres volumes. E' uma pagina negra da historia da nossa nação. Porém, para que os que ainda a não conhecem possam ficar formando uma leve idéa do que era aquelle tribunal iniquo, onde se não julgava segundo o direito, porque lá não presidia a justiça, mas sim o odio, a cubiça e o fanatismo, essa aberracção do espirito humano, em materia de religião, que pode levar até á loucura feroz, transcreveremos o seguinte periodo, que faz parte de uma das allegações dos hebreus á curia romana e que Alexandre Herculano dá como authentico e copiou na sua historia:

«As barbaridades, que se praticam, são taes que custa a crer como hajam forças humanas, que possam soffrer tanta crueldade. — Se se é delatado, ás vezes por testemunhas falsas, qualquer d'esses malaventurados, por cuja redempção Christo, morreu, os inquisidores arrastam-o a um calabouço, onde lhe não é permittido ver ceu nem terra, e nem sequer fallar com os seus, para que o soccorram. Accusam-o testemunhas occultas e não lhe revelam nem o logar nem o tempo em que praticou isso de que o accusam. O que pode é adivinhar e se atina com o nome d'alguma testemunha, tem a vantagem de não servir contra elle o depoimento d'esssa testemunha. Assim mais util seria ao desventurado ser feiticeiro do que christão. Escolhem lhe depois um advogado que, frequentemente, em vez de

o defender, ajuda a leval o ao patibulo. Se confessa ser christão verdadeiro e nega com constancia os cargos que lhe dão, condemnam-n'o ás chammas e os seus bens são confiscados. Se confessa taes ou taes actos, mas dizendo que os praticou sem má tenção, tratam-o do mesmo modo, sob pretexto de que nega as intenções. Se acerta a confessar ingenuamente aquillo de que é accusado, reduzem o á ultima indigencia e encerram-o em carcere perpetuo. Chamam a isto usar com o reo de misericordia. O que chega a provar irrecusavelmente a sua innocencia é, em todo o caso, multado em certa somma, para que se não diga que o tiveram retido sem motivo. Já se não falla em que os presos são constrangidos com todo o genero de tormentos a confessar quaesquer delictos que se lhes attribuam. Morrem muitos nos carceres e ainda os que saem soltos ficam deshonrados, elles e os seus, com o ferrete de perpetua infamia. Em summa, os abusos dos inquisidores são taes que facilmente poderá entender quem quer que tenha a menor idéa da indole do christianismo, que elles são ministros de Satanaz e não de Christo.»

E é esta monstruosidade que alguem haverá ainda que deseje ver restabelecida!!!

Fallando das sepulturas dos frades não deixaremos de mencionar a de um que entre elles teve nome e fama, Frei Antonio de Lisboa; não está no cemiterio commum, talvez por um certo grau de distincção, acha-se na capella mór em frente de uma das pequenas capellas que se abriram na espessura da parede, com varias invocações, sendo esta a do Menino Jesus. Parece que esta sepultura foi ali aberta para encerrar o cadaver de outro homem notavel, Lopo Dias de Sousa, e mais tarde, querendo tambem n'ella sepultar Frei Antonio, os ossos do primeiro foram removidos e encerrados em um tumulo embebido na parede lateral da dita capella do Menino Jesus e no qual gravaram a seguinte inscripção:

AQI JAZ OMT° ÕRADO QOMẼDADOR DÕ LOPO DIAZ DE

SOUZA MESTRE DA CAVALRI³ . DAORDẼ DE CRIZTVS Q̃ FOI SẼPE MT⁰ LEAL SRIDOR AOMT⁰ ALT⁰ SẼPE VẼSEDOR ELREI DÕ JOÃ OPIMR⁰ . O QUAL FOI GRÃDE AJVDA E̅ DEFẼSAO DESTES REINOS EẼTROV CÕ HELE CIQO VEZES E̅ CASTELA . CÕ SVA CAVALARIA . EẼATOMADA DE CEPTA E TEVE OMESTRADO QORẼTA ESEIS ANÕS . EFINOUSE NAERA DE IHVXPÕ DE . 1000 . E . 400 . E 31 . ANOS . AOS NOVE DIAS DOMES DE FEVR⁰ . EO MT⁰ HÕRADO . EPREZADO SÕR OIFÃT DÕ ÃRIQE GOVERNADOR DA DITAORDẼ . DVC . DEVIZEV . E SÕR . DE COVILLÃ OMÃDOV. TRELADAR AESTE CÕVẼTO . AOS OIT⁰ DIAZ DOMES DE MARCO DA DITA ERA DONACMT⁰ DE NOSO SÕR DE . 1431 . ANOS.

—Aq(u)i jaz o m(ui)to (h)o(n)rado com(m)e(n)dador do(m) Lopo Dias de Sousa, Mestre da Caval(la)ria da Orde(m) de Christo, q(ue) foi se(m)p(r)e m(ui)to leal s(e)r(v)idor ao m(ui)to alto se(m)p(r)e ve(n)cedor elrei Do(m) Joã(o) o p(r)im(ei)ro, (a)o qual foi gra(n)de ajuda e(m) defe(n)são d'estes reinos; e e(n)trou co(m) el(l)e ci(n)co vezes e(m) Castel(l)a co(m) sua Caval-(l)aria, e e(m) a tomada de Ceuta; e teve o mestrado q(u)are(n)ta e seis an(n)os. E finou se na era de Jesus Christo de 1435 an(n)os, aos nove dias do mez de fev(erei)ro, e o m(ui)to ho(n)rado e presado s(enh)or o I(n)fa(n)te Do(m) (H)e(n)riq(u)e, governador da dita orde(m), duq(ue) de Vizeu e s(enh)or de Covilha(m),

o mandou tra(s)ladar a este co(n)ve(n)to, aos oito dias do mez de março da dita era do nasc(i)m(en)to de Nos(s)o S(enh)or de 1435 an(n)os.—

Para que se não olvidasse a memoria d'aquelle frade, que, se para a Ordem a que pertencia foi talvez um benemerito, para os pobres da villa de Thomar foi um tyranno, gravaram lhe sobre a campa uma inscripção, que está ali bem patente á vista de todos; por isso aquella sepultura é conhecida de quantos com attenção teem visitado aquelle convento e nunca esteve encoberta para que alguem queira arrogar-se a importancia de a haver descobrido:

—ESTA SEPULTURA É DE FREI ANTONIO DE LISBOA RELIGIOSO DA ORDEM DE S. JERONYMO REFORMADOR DESTE CONVENTO E D. PRIOR DELLE. FALLECEV A XXI DIAS DO MEZ DE JUNHO DO ANNO DE M. D. L. I.—

Para o Claustro do Cemiterio abrem se as portas da sacristia nova, do corredor dos confessionarios, da sacristia velha, da torre da egreja e da capella dos Portocarrero, uma das familias mais antigas e mais nobres de Thomar, como se vê da inscripção que se encontra na mesma capella, que diz o seguinte:

CAPELLA DE ANTONIO. PORTOCARR.º CAVALR.º FIDALGO DA CASA DE S. M.DE ALMOX.E DAS. RENDAS. DA MEZA MESTRAL. DA ORDEM DE N. S. IESVOPÕ. DESTA VILA DE TOMAR. E DESVA 2.ª M.ER M.ª COREA A QVAL FIZERAM P.ª SE NELLA ENTERRAR. COM SEVS F.OS E

MAIS DESCENDENTES. POR LINHA DIREITA. E A SVA CUSTA ORNARAM DE TODO ONÃRIO Pª SVA PFEICÃO E CVLTO DIVO. COM OBRIGACÃO DE XXXXXI MISSAS DE NSRÃ Q ESTE. REAL CON.TO LHES DIZ TODOS OS SABBADOS CADANNO POR SVAS ALMAS COM RPONSO SOBRE SVA S.ª P.ª CUJA ESMOLA E FABRICA DEIXAM RENDIM.TO BASTANTE CÕFORME AOCONTRACTO QUE FIZERAM COM OS R.DOS P.ES EM CVJO PODER ESTÁ E ASSI SE TRASLADARAM AQ OS OSOS DE SVA PR.ª M.ER ANGELA DE QVINTANILIA IRMÃ DO BPO. DO G.MO DE QUINTAª REALEGIOZO DESTE REAL CONV.TO

Está este claustro em communicação com o Claustro da Lavagem e com umas dependencias do convento, onde era a botica dos frades, as enfermarias, um corredor com dormitorios e a Sala dos Cavalleiros; esta parte está hoje occupada pelo hospital militar. A sacristia nova é uma casa espaçosa com abobada apainellada e dourada e pavimento de marmore de cores, onde em gavetões de pau santo

CLAUSTRO DO CEMITERIO

com ricas fechaduras e puchadores de cobre lavrado e dourado se guardavam os luxuosos paramentos, pertencentes á egreja; d'aquelles moveis preciosos só restam os estrados sobre que assentavam. Contigua a esta sacristia e em communicação com ella por uma porta estreita ha uma casa de paredes e abobada lizas e pavimento lageado, recebe luz por duas frestas collocadas na parte superior das paredes dos topos e defendidas por grades de ferro; não tem mais abertura alguma: é uma especie de casa forte, onde se guardavam as riquissimas alfaias d'ouro e prata, que enriqueciam os thesouros d'aquella egreja e de tão subido valor eram que só as pratas foram em tempo avaliadas em mais de 40 contos de réis. A maior parte d'estas preciosidades não se sabe que caminho levou. Uma cruz offerecida por D. Manuel, mandada fazer com o primeiro ouro que veiu da India e uma custodia tambem d'ouro cravejada de diamantes, estão em Lisboa, mas a maior parte das pratas e outros objectos d'ouro de muito valor desappareceram, não se sabe como. Alem das pratas da egreja havia ricas baixelas para serviço dos freires, riquissimas colchas de setim bordadas a ouro, moveis de muito valor e tudo isto desappareceu sem se saber quem lhe deitou a mão. Esta casa é hoje conhecida por casa do echo, porque qualquer som que ali se produza, reflectindo se repetidas vezes nas paredes e abobada nuas, dá logar a uma resonancia prolongada. A forte resonancia que se produz n'aquella casa, é um effeito do parallelismo das paredes e da curvatura da abobada, observa se em muitas outras, não é o effeito de uma construcção especial com aquelle fim, como ha quem affirme que foi para que, *dado qualquer barulho de arrombamento fosse providencialmente ouvido.* E' um erro suppôr tal, erro de certo devido á ignorancia dos principios de acustica; e se assim fosse esse facto não era *providencial,* por que tinha sido previsto e calculado, pondo portanto esta affirmativa a conclusão em contradicção com os principios. As reflexões multiplas das ondas sonoras nas paredes e abobada d'aquella casa vão successivamente enfraquecendo a intensidade

do som, que morre ali. O som, a principio reforçado por aquella serie de reflexões, só se poderia propagar a distancia se as paredes fossem elasticas e vibrateis, como acontece nas caixas sonoras; ora a espessas paredes de alvenaria não se pode attribuir essa qualidade.

O corredor dos confessionarios é assim chamado por ser ali que os penitentes iam aos pés dos padres confessores depôr as suas culpas, *cogitationibus, verbo et opore*, e receber d'ellas a absolvição em nome da Trindade Divina. Confessores são hoje os padres que ouvem de confissão os penitentes, não era assim nos tempos primitivos da Egreja Christã; outra era a significação d'este termo.

Os tumulos dos martyres eram venerados por toda a christandade, todos os annos se lhes celebravam festas, como o attestam Tertuliano e S. Cypriano. No tempo das perseguições os que eram encontrados a fazer vigilias ou a orar sobre os seus sepulchros, alguns eram condemnados á morte, lançados ás feras ou cruelmente suppliciados; outros, os que se não queria fazer morrer, eram simplesmente exilados, deportados ou escravisados; a deportação, segundo a legislação romana, equivalia á morte civil; os deportados perdiam todos os seus direitos, eram-lhes confiscados os bens e mandados para ilhas pouco habitadas ou para as fronteiras do imperio, para paizes barbaros; os exilados só perdiam os cargos publicos, se os exerciam e eram obrigados a ausentar-se de Roma, podendo viver em qualquer parte do imperio, mesmo nas suas propriedades, como aconteceu a Cicero. O simples exilio era para as pessoas nobres, a deportação para os de uma jerarchia mais baixa e os de condição inferior eram condemnados a trabalhos publicos, principalmente nas minas; eram escravos do publico e marcados na fronte com ferro em braza para poderem ser conhecidos se fugissem; traziam cadeias aos pés e eram mal alimentados e maltratados com pancadas e insultos. Os christãos tinham sempre grande cuidado em os consolar e adoçar os seus tormentos, o que podiam. Aquelles que n'este estado

morriam pela fé, eram contados no numero dos martyres e os que voltavam do seu desterro ou da escravidão eram collocados na ordem dos confessores, nome que se dava aos que soffriam quaesquer tormentos pela fé e em geral aos que a confessavam em publico e deante dos juizes. Eram respeitados e venerados todo o resto da vida e muitos eram elevados aos mais altos cargos da egreja. Portanto vê-se que a palavra confessor tinha uma significação muito differente d'aquella que hoje tem.

A confissão é uma reminiscencia do judaismo, assim como alguns outros preceitos religiosos e cerimonias adoptadas no christianismo; sómente no decorrer do tempo a Egreja os foi modificando.

Era costume entre os judeus confessar em publico as suas culpas. Aquelle a quem esse tribunal interior, a consciencia, que julga dos nossos actos, ainda os mais reconditos e até dos nossos pensamentos, accusava de faltas graves, condemnando-o ao remorso, que é a punição do peccado, castigo atroz que só um verdadeiro arrependimento durante a vida presente pode alliviar, em logar publico, em geral á sahida do templo, confessava em alta voz os delictos praticados e vestia se de sacco em signal de arrependimento. Vestir se de sacco era entre os israelitas o signal de lucto, de dó, de grande desgosto, como o é entre nós o vestir se de preto; quando alguma calamidade publica ou desgraça particular os assaltava de repente, choravam, rasgavam o fato, punham as mãos na cabeça e batiam no peito (ainda entre o nosso povo se observa ás vezes a pratica d'estes actos) e em seguida vestiam o sacco.

E' natural nos paizes quentes o uso de fatos largos e leves e é tambem natural que nos tempos primitivos se usassem vestidos simples, onde houvesse pouco que talhar e pouco que coser, que cobrissem todo o corpo d'uma só peça; não se vestir por partes como hoje fazemos. Os israelitas usavam uma tunica alva, especie de camisa, em geral de tecido muito fino e por sobre esta outra de fazenda mais ou menos

fina e rica segundo os haveres de cada um e a sua jerarchia; estas vestimentas eram apertadas na cintura por um cinto, em alguns de ricos bordados, em outros de simples tella ou coiro, formando por isso a tunica largas pregas em volta do corpo. O sacco era uma vestimenta estreita, sem pregas, desengraçado, de panno grosso e aspero, a que tambem chamavam cilicio, assente immediatamente sobre a pelle. Não era só o vestir-se de sacco o signal de lucto ou de penitencia, cortavam os cabellos e a barba (ao contrario dos romanos que os deixavam crescer), deitavam sobre a cabeça terra ou cinzas, em logar dos aromas, de que usavam em dias de festa ou occasiões de alegria, não se lavavam, dormiam sobre a terra e jejuavam emquanto durava a penitencia ou o lucto; o jejum consistia em comer uma só vez por dia depois do sol posto (*jejunum una cibaria est*, como tambem preceituou a nossa egreja).

Nos primeiros tempos da egreja christã as confissões eram tambem em geral publicas, só se faziam em particular ao prelado, quando da sua publicidade podia resultar grande escandalo ou grave prejuizo para o confitente, como por exemplo: o adulterio commettido pela mulher. A' confissão seguia-se a penitencia, que era imposta pelo bispo ou pelo parocho e graduada conforme o delicto. Eram algumas tão rigorosas que custa a crer que houvesse quem podesse supportal as; só uma fé viva e a crença inconcussa de que os tormentos do corpo purificam a alma, poderiam fazer com que muitos se submettessem a ellas. S. Basilio marcava onze annos para o perjurio, quinze para o adulterio, vinte para o homicidio e toda a vida para a apostasia. As penitencias eram publicas e só em casos muito particulares podiam ser secretas.

Aquelles a quem se prescrevia a penitencia publica iam, no primeiro dia da quaresma, apresentar-se á porta da egreja com vestidos sujos, pobres e rasgados; chegada a occasião recebiam da mão do prelado terra ou cinzas, que deitavam sobre a cabeça e cilicios para se cobrirem; depois ficavam prostrados

emquanto o prelado, o clero e o povo oravam por elles de joelhos. (D'aqui vem o chamar ao primeiro dia de quaresma Quarta feira de Cinza e fazerem ainda os padres, em algumas egrejas, a ceremonia de deitarem sobre a cabeça uma pitada de cinza, dizendo ao povo: *agite pœnitentiam*). O prelado fazia-lhes em seguida uma exhortação, aconselhando-os a terem confiança na misericordia divina e advertindo-os de que ia expulsal os d'aquelle logar sagrado, como Deus tinha expulsado Adão do Paraiso por causa do peccado. Effectivamente logo em seguida eram empurrados para fóra da egreja, cujas portas se fechavam immediatamente apoz elles. Eram obrigados a jejuar muitas vezes ou todos os dias a pão e agua, segundo o genero de peccado e segundo as suas forças, a rezarem de joelhos ou prostrados, a fazerem vigilias, a dormirem sobre a terra e a distribuirem esmolas, conforme as suas posses. Durante a penitencia abstinham se não só de divertimentos, mas ainda de conversações ou quaesquer negocios mesmo com os fieis, a não ser por grande necessidade. Não sahiam senão nos dias de festa, em que vinham apresentar se á porta da egreja, durante algum tempo; depois permittia-se-lhes a entrada para ouvirem as leituras e os sermões, com a condição de sahirem antes de começarem as orações; mais tarde eram admittidos a orar com os fieis, mas prostrados e em seguida a orar em pé como os outros, mas distinguiam-se ainda do resto dos fieis, fazendo-os collocar na egreja do lado esquerdo. Citemos um exemplo para mostrar o que era n'aquella epocha a crença religiosa e quanto as confissões eram differentes do que hoje são.

O que praticava homicidio voluntario, commettia um peccado mortal e era, *ipso factu*, excluido do gremio christão. Embora esse crime fosse acculto eram nullas e contra producentes todas as manifestações exteriores d'um falso sentimento religioso; a sua permanencia entre os fieis manchava a pureza das suas idéas, a santidade das suas doutrinas; então a consciencia dizia-lhe que era um reprobo, o remorso atormentava o, e, para obter o perdão de tão grave culpa era preciso confes-

sal-a e fazer penitencia. A confissão devia ser publica, a não ser que d'ella lhe podesse resultar a morte, e a penitencia durava vinte annos, como já dissémos. Os primeiros quatro annos passava-os a chorar a sua culpa, estava na vida dos chorantes; apresentava-se á porta da egreja á hora da oração e ficava de fóra, não no vestibulo, mas na rua exposto á acção do tempo; estava vestido de cilicio, tinha cinza na cabeça e os cabellos crescidos; n'este estado pedia aos fieis que entravam na egreja que tivessem piedade d'elle e orassem por elle. Os cinco annos seguintes era considerado na ordem dos ouvintes; entrava na egreja para ouvir as instrucções, mas ficava no vestibulo com os cathecumenos e sahia antes de começarem as orações. D'aqui passava ao terceiro grau e orava com os fieis, mas no mesmo logar, prostrado sobre o pavimento e sahia com os cathecumenos Depois de ter estado sete annos n'este estado, passava ao ultimo, onde ficava quatro annos, assistia ás orações dos fieis, orava em pé com elles, mas do lado esquerdo da egreja, e não lhe era permittido offerecer nem commungar. Finalmente cumpridos os vinte annos era admittido á participação das coisas santas. Estas penitencias podiam ser alliviadas ou abreviadas pelo prelado se havia no penitente um extraordinario fervor religioso; e em caso de doença mortal era absolvido d'ella, porque havia todo o cuidado em não deixar morrer sem os sacramentos. (*Mœres des Israilètes et des Chritienes par M. L. Abbé Fleury*).

Como acabamos de ver, as confissões nos primitivos tempos da Egreja e ainda até ao quarto seculo eram em tudo semelhantes ás confissões dos judeus, d'onde derivaram e como Christo as aconselhou, dizendo: Confessa os teus peccados e arrepende te. E' claro que, fallando no meio da Judéa, era a confissão ali usada que elle aconselhava. O que tem a coragem de confessar em publico as suas culpas é porque se acha possuido d'um verdadeiro arrependimento; e é esta a verdadeira confissão, quando é expontanea e sincera. Os que voluntariamente se submettiam áquellas penitencias publicas tão

rigorosas é porque tinham na alma uma fé viva, no coração uma confiança extrema no misericordia divina. Havia comtudo excepções, filhas muitas vezes da necessidade de se estar bem com a Egreja. Henrique IV, o altivo imperador da Allemanha, temendo perder a corôa, passou os Alpes e foi supplicar o perdão de Gregorio VII (Hildebrando), que se achava no castello de Canossa. A fim de conseguir o levantamento da excommunhão com que aquelle Papa o fulminara pela sua rebeldia contra a Egreja. Depois de confessar publicamente a sua culpa, fez penitencia por tres dias, conservando-se deante do castello descalço, com os pés na neve e coberto de cilicio; esta penitencia não foi sincera, porque obtido o perdão do Papa e levantada a excommunhão, apenas seis dias depois revoltava se novamente contra elle, foi pôr cerco a Roma e tentou prendel o.

N'aquellas epochas não havia confessionarios nas egrejas, não eram lá precisos; só mais tarde se preceituou a confissão obrigatoria e secreta, como mandamento da Egreja; então começaram a povoar se todas as egrejas e suas dependencias com esses nichos ou cadeiras confessionaes, onde o padre confessor, refastelado e muitas vezes aborrecido vae, de vez em quando, como distracção, sorvendo uma pitada de rapé ou de simonte e limpando o pingo ao classico lenço encarnado emquanto a velha beata, com fastidiosos sons labiaes, está narrando todas as miudezas da sua vida privada, quando não é tambem da alheia; alguns vão ali aos pés do confessor unicamente em cumprimento de um dever, vão satisfazer o preceito quaresmal; outros ha que, contrictos e convencidos lá vão debaixo da influencia d'um sentimento religioso, mas a condição da absolvição, que é a emenda, nunca é cumprida, porque, em geral o mesmo de que se accusam hoje accusam-se na confissão seguinte. Este genero de confissão, estatuido e tornado obrigatorio pela Egreja teria talvez sua razão de ser, que não lhe negamos, mas nunca deu, nem pode dar os resultados que se esperavam, é infructifero e tem dado logar, da parte dos maus padres

a abusos muito prejudiciaes á vida e paz domesticas e até á sociedade.

A casa e corredor dos confessionarios está tambem em communicação com a sacristia nova e vê-se n'ella um rico lavatorio de marmore polido com carrancas em cujas boccas havia torneiras de metal, que já lá não existem, o que mostra que os celebrantes, depois de paramentados iam ali purificar-se antes de entrarem na egreja. Este lavatorio tem a data de 1625, foi obra de Filippe I. Os confessionarios ficavam ao lado esquerdo de quem entra e seguiam por um corredor alem, que ia communicar com os dormitorios e dava por isso tambem passagem d'estes para a egreja. Eram uns pequeninos corredores abobadados, em cujo fundo, encostado á parede da egreja estava a cadeira do padre confessor. Foi mandada demolir por D. Fernando a parte d'este corredor, que estava encobrindo algumas das bellas ornamentações da janella da casa do capitulo. Este recinto communica tambem com o coro da egreja e com o Claustro da Hospedaria.

A sacristia velha fica logo á direita de quem, vindo da egreja, entra no claustro. Não tem nada de notavel na sua architectura. E' uma casa velha, como o seu nome o está dizendo, e por isso nos traz á mente recordações do passado. Ao entrar ali sente-se essa impressão que de ordinario se experimenta, penetrando em um monumento antigo que pela sua solidez os seculos teem respeitado; é uma especie de veneração pelo passado, um não sei què que nos prende o espirito, que subitamente se transporta a longiquas eras, parecendo nos ver os vultos dos que outr'ora povoavam e enchiam de vida o que é hoje deserto e inanimado; é um voltear de sombras, um redemoinhar de espectros, que não nos assustam, mas que nos teem por momentos como extasiados N'esta casa vê-se ainda o portal que a punha em communicação com a muralha que ligava a capella dos Templarios com os reductos, que cingiam a torre de menagem. Era talvez n'ella que se paramentavam aquelles frades guerreiros para as cerimonias religiosas que

iam celebrar na capella; lá se vê ainda para a purificação um lavatorio de marmore, que está meio subterrado, porque o pavimento antigo era muito inferior ao que hoje tem. Uma estreita porta, hoje tapada, que ficava ao lado da da capella, estabelecia a communicação; não a havia interior, porque aquelle sanctuario só tinha uma entrada, decerto para melhor defesa. Na face externa da parede que olha para o sul e por cima de uma porta, que posteriormente foi aberta está uma lapide, trasida para ali do castello de Almorol, que tem a inscripção seguinte:

E: M: CCVIII: Magister: Galdinus: nobili: siquidem: genere: Bracara: oriundus: exstitit: tempore: autem: Alfonsi: illustrissimi Portugalis: regis: hic: secularem: abnegans: miliciam: in: brevi: vt: Lucifer: eminevit: nam: Templi: miles: Gerosolimam: periit: ibique: per: quique-nium: non: in: hermen: vitam: duxit: cum: Magistro: emin: suo: cum: fratribusque: in-pterige: pseliis: contra: Egipti: et Surie: insurrexit: regem: Cumque: Ascalona: caperetur presto: eum: in Antiocam: pergens: sepe: contra: Sidan: decione dimicavit: Post: quinquennio: vero: ad: prefatu: qui: et eum educaverat et militem: fecerat: reversus: estrege: factus: domus: Templi: Portugalis: Procurator: hoc distruxit: castrum: Thomar: Ozezar: et: hoc: quod: dr Almoriol: et: Eidaniam: et Montem: Sanctum: ⊕

Versão:

—Era de 1209. O Mestre Galdino, certamente de nobre geração, natural de Braga, existiu no tempo de Affonso, illustrissimo Rei de Portugal. Abandonando a milicia secular, em breve se elevou como um Astro, porquanto, soldado do Templo, dirigiu-se a Jerusalem, onde durante cinco annos levou vida trabalhosa. Com seu Mestre e seus Irmãos, entrou em muitas batalhas, levantando se contra o Rei da Egypto e da Syria. Como fosse tomada Ascalona, partindo logo para Antiochia pelejou muitas vezes pela rendição de Sidon. Cinco annos passados, voltou, então, para o Rei que o creára e o fizera cavalleiro. Feito procurador da casa do Templo em Portugal, fundou neste o castello de Pombal, Thomar, Zezere e este que é chamado Almoriol, e Idanha e Monsanto.

A elevação do pavimento ao nivel do Claustro do Cemiterio foi, por certo, obra do infante D. Henrique, que d'ella tambem fez sacristia. Embebido na parede, do lado da capella, vê-se o tumulo de D. Mecia, sua ama, em cuja lapide foi aberta a seguinte inscripção:

Esta : capela : mandou : fazer : vaasco goncalves : dalmeyda : cavaleyro : esua : molher mecia : loureco : amos : doifante : don : aurryq : efoy : feyta era : dosalvador : de mill : cccc : xxvi

—Esta capella mandou fazer Vasco Gonçalves d(e) Almeida, cavalleiro, e sua mulher Mecia Lourenço,

amos do Infante Dom Henrique, e foi feita (na) era do Salvador de 1426.—

O Claustro da Lavagem é tambem obra do Infante D. Henrique, mandada executar na occasião em que ali mandou fazer casas para sua habitação, que são denominadas: Paços de D. Catharina, por esta n'elles ter residido por muito tempo durante a sua regencia, na menor edade de seu neto D. Sebastião, depois de as haver mandado reparar e ornamentar. Este claustro era destinado á residencia dos freires, quando elle os quiz obrigar a viver em clausura, o que não conseguiu; tinha duas galerias, para a superior deitavam os dormitorios, dos quaes ainda se encontram vestigios; a inferior era provavelmente destinada á accommodação de famulos, cosinha e outras officinas; ha lá uns alguidares embebidos em argamassa, especie de lavatorios, que decerto não eram, como se diz, destinados a lavarem se ali os freires, mas antes os que n'aquelle pavimento exerciam seus misteres, d'onde, parece, ter-se dado áquelle claustro o nome de Claustro da Lavagem. Está em completa ruina este claustro, que era d'uma bella architectura, a condizer com o que lhe fica contiguo; da galeria superior nada resta, até os azulejos, que guarneciam as paredes, foram arrancados; pelo chão veem se ainda algumas columnas e bem cinzelados capiteis, trabalho artistico de elevado merecimento.

Na casa dos confessionarios ha, como já dissémos, uma porta que deita para o Claustro da Hospedaria. Não tem coisa alguma de notavel este claustro; para elle deita a hospedaria, onde se alojavam os visitantes, e hoje está ali installado com sua familia o general Pienaar, refugiado boer. Por uma escada em caracol communica com os dormitorios, mandados fazer por D. João III, são estes dois extensos e largos corredores perpendiculares um ao outro; segue um na direcção norte-sul e o outro na de leste-oeste; recebem luz, o primeiro, de duas janellas, uma que se abre na fachada norte e outra na do sul, sobre uma parte da cerca com pomar e horta; o segundo

recebe-a de uma janella para o lado poente, que deita para o Pateo dos Carrascos, e d'outra que se abre para o Claustro do Mixo; ao lado sul fica-lhe o Claustro dos Corvos, este claustro é triste e sombrio, sem coisa alguma que o torne digno de mensão. No ponto onde estes dois corredores se cortam e como a formar o braço mais curto de uma cruz, ha uma capella, que era defendida por grades de ferro, que fazem hoje a porta do cemiterio publico, tinha uma lampada que se conservava accesa toda a noite e sobre o altar estava a imagem do Senhor da Paciencia, que tambem d'ali foi removida. E' esta capella d'uma primorosa architectura, que muito se assemelha á do portico da egreja nos ornatos e figuras, que apresenta; tem a data de 1533. Na sua frente, isto é, no ponto d'intercepção dos dois corredores, ha uma cupula elevada, com quatro frestas envidraçadas por onde entra bastante luz. A posição relativa d'estes dois corredores, em forma de cruz, fez que se lhe désse o nome de Cruzeiro. Para elles deitam as cellas ou dormitorios dos frades, todos de pequenas dimensões, como era uso n'aquelle tempo; tambem com elles communicavam os aposentos do Prior-Mór, que ficavam no topo norte do primeiro corredor; compunham-se de varios compartimentos, com janellas para o Claustro do Mixo e para a fachada norte e tinham entrada independente. Estes corredores teem o pavimento ladrilhado e são cobertos com abobadas apaineladas de boa madeira de carvalho do norte; e para que nada faltasse ao bom commodo e suave conforto d'aquelles religiosos, tambem ali havia, em casa apropriada, uma vasta lareira, cuja chaminé de tiragem se firmava sobre quatro columnas de pedra; era, por certo, ali que, antes de se deitarem, se entretinham *cavaqueando*, nos frios serões d'inverno.

Contiguo a estes dormitorios fica o Claustro do Mixo, no ne que deriva de que os frades costumavam ali distribuir aos pobres algumas tigelas de caldo e os restos, que sobejavam da mesa dos famulos. A entrada para este claustro é por um largo portão que deita para o norte; antes dos Filippes mandarem

fazer a que é hoje portaria principal do convento, era por ali uma das suas entradas. Não tem, na sua architectura, coisa alguma digna de menção. No seu pavimento terreo havia, ao lado esquerdo, varias accommodações e a casa do dispenseiro, na frente a cosinha e á direita um grande forno de coser pão, umas casas que serviam de armazem ou dispensa e umas cavallariças. Contiguo á cosinha ha umas casas compridas e estreitas, d'aspecto lugubre e pesado, mal illuminadas por tres janellas defendidas por grossas grades de ferro, que deitam para o claustro de Santa Barbara, teem o aspecto de lobregas e horripilantes prisões; chamam lhes a cadeia dos frades; porém, se eram prisões, como parece, decerto não eram destinadas aos frades. Os superiores dos conventos puniam só as faltas disciplinares e a estas correspondiam penas moraes: reprehensões, penitencias, detensão nas suas cellas, não comer junto com os outros e até comer no chão, etc., castigos corporaes não os podiam infligir; os crimes graves, que tambem elles os commettiam, como homicidio voluntario, espancamento, estupro, etc., eram punidos segundo as leis do reino; e quando a pena era de morte ou flagellação, que então se usava, para os que tinham ordens sacras precediam certas cerimonias, a secularisação.

Aquellas prisões só poderiam ser destinadas a guardar n'ellas grandes criminosos. O mais natural é que fossem obra dos inquisidores, porque tambem ali os houve, para encerrarem as victimas da sua crueldade, com quanto se lhe conheçam outras, pela pouca capacidade d'estas ou talvez com fins especiaes. Quando D. Filippe I projectou fazer a portaria principal do convento, houve, para a realisação d'esta obra, grandes difficuldades, porque, parece, não atinavam com local bem apropriado; depois da sua morte Filippe II autorisou o D. Prior a fazer a portaria onde lhe conviesse e mais apropriado lhe parecesse o logar; escolheu este aquelle onde ella hoje se encontra e não foi sem grande difficuldade e dispendio que a obra ali se fez, porque, segundo a sua narrativa, havia ainda, n'a-

quelle logar, restos da antiga fortaleza dos Templarios, que foi preciso demolir, e estavam por tal módo envolvidos em espesso matagal de silvas e arbustos, que deu grande trabalho a desmoitar; feito isto descobriram um rochedo, sobre o qual se levantava uma alta e forte torre ameada, para onde se subia por uma escada de pedra, n'esta torre havia casa para vigias ou guardas e, diz elle, servia de carcere. Servia de carcere a que qualidade de presos? Não era prisão civil nem militar; não se pode suppor que fosse um ergastulo, onde os Templarios guardassem os seus escravos, logares mais apropriados deviam ter para isso, porque esta torre era para a defesa e não para n'ella recolher homens que em vez de os defender podiam ajudar a atacal os. A palavra *Carcere* era muito usada para designar as prisões da inquisição e é d'ella que se serve o D. Prior para indicar as que encontrou n'aquella torre. O que se deprehende d'isto é que a antiga torre da fortaleza dos Templarios foi aproveitada pelos inquisidores para, no fundo d'ella, em segura masmorra, lançarem os desgraçados que tinham a infelicidade de lhes cahirem nas garras e retel-os ali, guardados por verdugos, que na mesma torre tinham seus aposentos, mais apropriado local para residencia d'esses homens ferozes, do que o era o pateo chamado dos Carrascos, que era então uma das entradas do convento e hoje propriedade do Conde de Thomar, arborisado e ajardinado serve tambem de parque d'entrada para os magnificos aposentos que ali possue. A denominação de Pateo dos Carrascos é natural lhe proviesse da grande quantidade de arbustos d'este nome, que ali deviam vegetar quando se fechou aquelle recinto, que ainda hoje vegetam encostados aos muros e em que abunda todo o terreno visinho, que se acha inculto, e não de terem n'elle residido os executores d'alta justiça ou carrascos da inquisição, origem que só o vulgo lhe attribue; e a acreditarmos n'essas lendas vulgares deviamos tambem acreditar que o Claustro dos Corvos se chama assim porque era ali que se faziam as execuções e lá deixavam os cadaveres até serem de-

vorados pelos corvos, o que repugna admittir. Aquelle tribunal funccionou aqui pouco tempo, mas por onde quer que passava o monstro deixava sempre um rasto de sangue; consta que n'aquella epocha a formosa villa de Thomar foi obrigada a presencear o tristissimo e horroroso espectaculo d'um auto de fé; não foi dentro dos muros do convento, porque eram sempre publicos estes actos de barbaria, diziam elles que para servir de exemplo; dizem alguns que teve logar no antigo pelourinho ao fundo da rua da Graça e outros que na Varzea Grande; nada podemos averiguar com exactidão, faltam nos os elementos para podermos, no meio das tradicções populares, descriminar factos historicos mal conhecidos e nós não nos propomos escrever uma historia minuciosa, mas tão sómente uma simples noticia.

No pavimento superior do Claustro do Mixo ha tres casas contiguas a que chamam Salas das Cortes. Se foram ou não construidas para este fim não o podemos affirmar, mas parece-nos que sim pela sua disposição, por se acharem perto d'uma das entradas do convento, pela denominação que sempre teem conservado, por serem tres casas contiguas, correspondentes ás tres cathegorias: clero, nobreza e povo; embora nunca n'ellas se houvesse celebrado cortes. Alguem aventou a opinião de que aquellas casas eram destinadas a servirem de tribunal da inquisição. Esta opinião é destituida de fundamento, não ha documento algum que o prove e a rasão diz-nos que não podia ser. Tambem se diz que serviram de escolas; para tudo poderiam servir, menos para um tribunal do Santo Officio. Como conceber um só tribunal installado em tres casas isoladas, sem communicação alguma interior? Considerar a do centro como tribunal e as duas lateraes como dependencias é um contrasenso, porque entre ellas não ha dependencia, ha independencia, visto que são isoladas. A sua architectura está em completo desaccordo com o que eram aquelles tribunaes. Tudo o que pertencia áquella nefanda instituição era asqueroso e repugnante, sombrio e triste, morno e taciturno, como os seus funccionarios; as casas que serviam de tribunal eram d'uma

construcção pesada, mal illuminadas, tetricas, medonhas, para produzir maior desanimo, mais profunda melancolia na alma já acabrunhada dos desgraçados, que ali eram arrastados, e eram sempre bem defendidas para que as victimas não podessem escapar-se. Acolá vemos tres casas amplas, com a apparencia de salas, uma até com bonita architectura, bem illuminadas e sem resguardo algum para evitar a fuga dos presos; não estão em harmonia com a fortaleza e segurança das prisões, onde se encerravam os accusados. A casa dos interrogatorios era sempre um logar escuso, de modo que os gritos e os gemidos dos pacientes não podessem ser ouvidos lá fóra. Os potros, que estalavam os ossos, as tenazes, que rasgavam as carnes, as farpas d'aço, que cravavam entre as unhas, as torquezes com que as arrancavam, os ferros que em brasa applicavam ás partes mais sensiveis do corpo, e muitos outros horrendos instrumentos de tortura, com que trucidavam os desgraçados que eram delatados áquelle feroz tribunal, as mais das vezes por odio ou inveja, todo aquelle arsenal d'instrumentos infernaes com que, sob a acção de dores atrozes, que desvairam e allucinam, arrancavam ás victimas a confissão d'aquillo que os seus algozes queriam que ellas confessassem, eram sempre armazenados em logar sombrio e retirado; a perversidade teme a luz, ama as trevas. N'aquelle vasto convento tinham elles logares muito apropriados, cavas e subterraneos, onde aquelles seres humanos, transformados em demonios podiam á vontade exercer o seu execrando myster, saciar os seus instinctos ferozes, horrendo festim de canibaes. Os accusados eram, muitas vezes, condemnados sem serem ouvidos, e por isso transportados das masmorras para as fogueiras ou para o cadafalso, onde soffriam morte horrorosa; os que compareciam perante o tribunal para ali dizerem da sua justiça, quando isso lhes era permittido, ou para ouvirem a sua sentença, quasi sempre condemnatoria, eram poucos e esse tribunal, sempre de lugubre apparencia, de funereo aspecto; era como o perystilio do cadafalso, a antecamara da morte.

Por isso é insensata a lembrança de attribuir áquellas tres salas tal destino; ha ali outras casas muito mais apropriadas áquelle fim.

O Claustro de Santa Barbara fica contiguo á fachada poente da egreja, deita para elle a magestosa janella da Casa do Capitulo; é pequeno mas de bonita architectura em estylo renascença, parece ser obra de D. Manuel; este claustro está em communicação com o da Hospedaria e o Claustro dos Filippes.

O Claustro dos Filippes, começado por D. Catharina e acabado no reinado d'aquelles reis intrusos, é o melhor do convento; d'uma architectura que se pode dizer pesada, mas magestosa e bella, sobresae a todos os outros. Tem duas galerias, a primeira é formada por doze arcos grandes, de volta redonda, todos de fina cantaria; são tres em cada lado e firmam se sobre espessos e fortes pilares tambem de cantaria, que constituem, por assim dizer, as paredes lateraes; entre cada dois arcos encostam-se á face externa duas enormes columnas de pedra, feitas de uma só peça, estas sobem até á cimalha de pedra que se salienta na base do pavimento superior, estão afastadas e no espaço que fica entre cada duas abre-se um portal e por cima d'este uma fresta quadrada, tudo tambem de cantaria; o segundo pavimento é em tudo semelhante ao primeiro, com a differença de que os arcos que lhe correspondem são mais pequenos e como por isso o espaço entre elles é maior, ha umas largas fendas ou estreitos portaes que os ladeam; por sobre os portaes inferiores ha outros de eguaes dimensões, tendo por cima um oculo em vez de fresta; tanto o vão dos arcos como o dos portaes é resguardado por balaustres de pedra, formando em todo o perimetro uns varandins que dão áquelle todo um aspecto bonito. Sobre os capiteis das columnas do pavimento inferior assentam outros de pouco menores dimensões que vão até á cimalha do eirado ou terraço, que fica sobre este claustro e que se chama Terraço da Cêra, diz-se que por ali se porem a seccar as velas, tochas e cirios de cêra, que n'aquelle mesmo convento se fabricavam; era este

terraço em toda a volta guarnecido de umas balaustradas, que já lá não existem; foram destruidas pelo vandalismo, ou antes diremos, mau gosto dos que se divertiam a atiral-as d'ali abaixo, deleitando se com o vêl-as cair e esmigalharem-se com o choque da queda. Em cada um dos angulos d'este quadrilatero ha, na galeria inferior, um pequeno vão; nos do lado do norte tem a forma arredondada, apresentando em cima uma cimalha perfeitamente circular, sobre que assenta uma cupula em forma de hemispherio ôco, com a concavidade voltada para baixo; os do sul teem forma differente, entre o supporte de cantaria ha dois espaços em quadrilongo, inclinados um sobre o outro de modo a tocarem-se por dois angulos; os lados menores que se tocam formam angulo recto e unindo por uma linha as extremidades d'estes, temos um triangulo rectangulo, cujo vertice do angulo maior toca a aresta do pilar; vê se pois que a forma do espaço aberto na espessura das paredes, nos pontos onde se ligam para formarem os angulos, não tem, nos do norte, a mesma forma geometrica que nos do sul, porque o que n'estes é um circulo n'aquelles é um triangulo. No pavimento superior dois dos angulos diagonalmente oppostos teem, na espessura das paredes, escadas em caracol por onde se sobe para o terraço. A abobada d'este pavimento é sustentada por artezões de cantaria salientes, que, firmando-se nas paredes lateraes, vão d'encontro a fechos quadrangulares, tendo no centro uma ellipse, como que emmoldurada dentro de quatro faxas, que se cruzam em angulos rectos.

Sahindo da egreja por uma porta que fica á esquerda da principal e junto ao coro, passa se por debaixo d'um arco e entra se n'este claustro, o arco faz já parte d'elle; logo adeante d'este arco está, no fecho da abobada, a data 1562, gravada em uma das fachas que emmolduram a ellipse central. Esta data era pouco conhecida, porque no ponto onde está não se vê facilmente e ha muitos annos que estava encoberta com teias d'aranha. Haverá tres annos, o guarda d'aquelle convento, Pedro Nunes, homem intelligente, amigo de saber e muito

apaixonado por tudo que diz respeito áquelle monumento, do qual tem feito um estudo especial, andando a proceder á limpeza, descobriu ali aquella data; deve-se-lhe pois esta descoberta, que tem um certo valor historico. Houve alguem que, aproveitando-se d'ella, tirou d'este unico facto a conclusão de que aquelle claustro, que sempre foi chamado dos Filippes, é obra de D. João III, instando porque de todo se apague a denominação que d'antes tinha e se lhe dê a d'este rei, pretendendo com isto eliminar a mancha que n'aquelle convento deixou a coroação d'um rei estrangeiro. A divergencia da nossa opinião obriga-nos a entrarmos em algumas considerações. A data é da regencia de D. Catharina, está em um dos fechos da abobada da galeria superior do claustro, foi portanto ella que concluiu a obra, já muito adeantada pelo seu ante-successor no governo. O argumento seria concludente se outros factos que ali se observam não viessem contradictal-o e elucidar o espirito do observador.

D. João III mandou construir os dormitorios e por debaixo o refeitorio e a cosinha, que deita para o Claustro do Mixo. Para irem para o refeitorio os frades vinham ao Claustro de Santa Barbara, d'ali desciam por uma escada de pedra e iam entrar no refeitorio por uma porta lateral que tem por cima o busto d'aquelle rei e varios ornatos; para que n'este transito não fossem expostos ao tempo era preciso construir uma via coberta que d'elle os abrigasse, foi por issso que se fez uma arcada, firmada sobre grossas columnas, que ainda lá existem formando uma galeria que da escada conduzia ao refeitorio; ainda ali se póde observar; é estreita, o que indica ter sido feita como uma simples via de communicação, tem abobadas artezoadas e de espaço a espaço apresenta na face interna ornatos e figuras. Esta arcada é evidentemente obra de D. João III, porque está encostada á parede do refeitorio, mandado fazer por elle, o estylo architectonico em que foi construida é exactamente o mesmo que se usou em todas as outras suas obras e é, por assim dizer, um annexo do refeitorio, por ser

destinada a dar passagem para elle; logo, quando D. João III mandou fazer aquella obra não existia o Claustro dos Filippes, nem mesmo na sua mente; aliaz não a mandava fazer, seria desperdiçar tempo e dinheiro. Defronte do refeitorio, para o lado do nascente, estavam já em começo as obras da nova casa do capitulo, a que D. Manuel tinha dado principio; devia esta obra ser monumental, em grandeza e architectura, como se póde ajuizar pelo que ainda ali se observa; devia ter dois pavimentos, a entrada para o superior estava destinada a ser pelo atrio da egreja, em frente ao seu portico; ainda lá se conhece na parede o vão que deixaram para metter um largo portal ou talvez construir um rico portico a condizer com o que lhe devia ficar fronteiro. D. João III continuou a obra do seu ante-successor, mandando ali fazer alguns trabalhos, mas só depois do ter concluido outros, que julgou mais necessarios e adequados ás reformas que n'aquelle convento introduziu; esmerava-se em proporcionar aos frades todas as commodidades e conchegos da vida monastica, porisso, para evitar que estes, depois de concluida o casa do capitulo, quando n'ella celebrassem as suas reuniões tivessem que atravessar o atrio da egreja, expostos ás intemperies, tratou logo em principio de arranjar para esta casa uma communicação interior abrigada e commoda; a mesma arcada que se observa encostada ao refeitorio fel a seguir pelo lado opposto, onde ainda ha vestigios bem visiveis; no extremo norte d'essa arcada abria-se uma porta, que ainda ali se conhece, e dava entrada para uma escada de suave accesso que ia dar ao segundo pavimento da nova casa do capitulo; esta escada recebia luz por uns arcos, que lá estão ainda, mas tapados; aquella arcada ou galeria prolongava-se e mais adeante havia outra porta que dava ingresso para os baixos d'aquella casa, esta tem a data de 1545. Vê-se pois que n'esta epocha D. João III nem sequer pensava no claustro que agora ali existe e que foi inutilisar parte do seu trabalho, porque a escada ficou completamente ás escuras e hoje está entaipada. Alem d'isto vê-se que em 1545 foi que

D. João começou com a continuação das obras de D. Manuel.

No pavimento inferior da nova casa do capitulo encostou ás paredes já existentes outras com lavores e ornatos e começou a abobada, que não chegou a fechar. Quanto tempo empregou ali os seus artistas? Porque não concluiu ao menos o fecho da abobada? Não podemos sabel-o; mas o que tambem, quem pensar um pouco e tenha algum conhecimento da indole d'aquelle rei, não póde acreditar é que elle subitamente suspendesse aquella obra para ir começar outra, que lhe inutilisava parte dos trabalhos já feitos e que tanto se destaca de todas que por seu mando foram executadas. Se a sua attenção se desviou d'ali não foi decerto para obra de grande monta n'aquelle convento, porque de extraordinario valor era a que tinha entre mãos. O que poderia acontecer é que o seu fanatismo religioso, que lhe absorvia todas as faculdades da alma, lhe fizesse por algum tempo esquecer os seus queridos freires para dedicar-se a uma outra ordem religiosa, cuja installação em Portugal julgava da maxima importancia para bem da religião.

Não satisfeito ainda o excessivo zelo religioso d'aquelle monarcha com o ter introduzido em Portugal o tribunal da inquisição: dizia elle e os padres seus conselheiros, que para evitar que o lutheranismo se introduzisse na nação e para conhecer dos erros *d'esta infeliz gente* (os hebreus), *para que a vinha do Senhor fosse em augmento e désse sazonado fructo*, pediu ao patriarcha S. Ignacio, que então se achava em Roma, lhe mandasse alguns de seus companheiros para os empregar na conversão dos gentios na India e outras possessões. Mandou-lhe este o padre Simão Rodrigues, que era portuguez, natural de Vouzella e o reverendo Francisco Xavier. Foi este para as indias, onde prestou relevantes serviços e morreu como santo; o primeiro ficou em Portugal para fundar cá a companhia de Jesus; para este fim mandou D. João edificar em Lisboa o collegio de St.º Antão, que foi a primeira casa propriamente sua que os jesuitas tiveram em todo o mundo; de-

pois tiveram muitas. Como isto era a realisação de uma idéa nova, devia o espirito do rei prender-se ali, desviando-se, talvez, das obras de Thomar.

Mas não seria este o motivo de se sustar n'aquella obra, porem, talvez antes a falta de material, por não haver quem o transportasse e de que tanto se queixava o celebre architecto Castilho em cartas dirigidas ao rei, em que lhe dizia, que tinha nas pedreiras cem carradas de pedra lavrada, portas e janellas, para com ellas poder acabar de galgar os estudos dos collegiaes e as necessarias no andar superior dos dormitorios dos frades; alem d'estas cem carradas precisava ainda transportar mais mil, por isso pedia lhe mandasse dinheiro para comprar bois ou providenciasse de modo que estes carretos se effectuassem. Como admittir que não havendo no local o material preciso para proseguir nas obras que estavam entre mãos, se fosse principiar outra nova e de tão grande monta? E' inacreditavel. Não sabemos se o rei providenciou ou não, o que é certo é que a abobada do pavimento inferior da casa do capitulo ficou por fechar, naturalmente por falta de cantaria. Já velho e exausto de forças e, talvez, desgostoso, Castilho desistiu das empreitadas e renunciou o cargo de architecto das obras do convento.

Por decreto de 16 de julho de 1554 é Diogo de Torralva nomeado architecto das obras do convento de Thomar, apenas tres annos incompletos antes do fallecimento de D. João III, que teve logar a 11 de junho de 1557. N'esse decreto ordena-se-lhe que vá a Thomar, a fim de desfazer o outro claustro, que estava aberto e perigoso, e que com o seu material fizesse um novo e o sobreclaustro. Que claustro era este? Aquelle a que já nos referimos, que D. João mandou fazer para serventia dos frades para o refeitorio e para a nova casa do Capitulo, não pode ser, porque esse ainda lá está, pelo menos em grande parte; foi por deante d'elle que se construiu outro; a largura do que ultimamente se fez é muito maior, qnando se lhe determinava que fosse a mesma; repugna á rasão admittir que

um claustro feito sob a direcção de tão habil architecto, como o era João de Castilho, em tão pouco tempo estivesse já ameaçando ruina e o sumptuoso claustro que ultimamente ali se edificou decerto não foi feito com o material d'outro, é obra nova, como claramente se patenteia.

Mais tarde, no principio da sua regencia, D. Catharina manda a Thomar o mesmo Diogo de Torralva a fim de transformar o claustro que ali existia incompleto entre o refeitorio e a nova casa do Capitulo e que posesse em pratica a planta que lhe tinha mostrado. Isto leva a crer que a ordem de D. João III, se se referia áquelle claustro não foi cumprida e prova á evidencia que no claustro, que hoje ali existe, não tem aquelle rei parte alguma, porque, se qualquer coisa lá tinha começado foi mandada transformar pela regente. Logo mais bem cabida seria a este claustro a denominação de claustro de D. Catharina do que a de D. João III, apesar de não ser elle quem o concluiu, embora lhe tivesse dado começo, sem mesmo tencionar fazer a obra que agora ali se vê.

Como já dissémos, os frades, para irem para o refeitorio, passavam pelo claustro de Santa Barbara, desciam pela escada de pedra, que lá está ainda, muito trilhada e seguiam pela galeria que em frente d'ella se abria; hoje, examinando aquelle local, vê-se que o caminho a seguir foi posteriormente outro; ao fundo da escada vedou-se o transito com uma parede de cantaria e ao lado abriu-se uma porta que deita para o pavimento inferior do claustro; sahindo por essa porta, logo adeante e á direita, no vão da antiga galeria está um rico lavatorio de marmore, que devia ter quatro torneiras; em seguida, no outro vão que forma angulo com este está um altar. O lavatorio tem a data de 1593, é portanto obra de D. Filippe II de Hespanha e primeiro de Portugal; a collocação do lavatorio e do altar nos logares que estão occupando, mostra claramente o seguinte: que n'aquella epocha ainda os frades, para irem para o refeitorio, vinham ao claustro de Santa Barbara, desciam aquella escada, encontravam logo o lavatorio, onde lavavam as

mãos e seguiam para o refeitorio; á saida d'elle tomavam o mesmo caminho, passavam por defronte do altar, onde é provavel estivesse um crucifixo, ajoelhavam ou faziam apenas uma genuflexão, dando graças a Deus, como era costume nos tempos antigos depois de cada refeição; lavavam novamente as mãos, e seguiam seu destino. Ora se no reinado de Filippe I por ali era ainda o transito para o refeitorio, decerto não havia a escada que conduz directamente a elle; esta escada foi mettida no vão da galeria mandada fazer por D. João III; e se não existia n'aquelle tempo é porque o claustro não estava concluido, se o estivesse não tinha rasão de ser a collocação do lavatorio fóra do transito, que se devia seguir, por ser o mais curto e o mais commodo, e a prova d'isto está lá bem patente: ao cimo da escada do refeitorio abriu-se uma porta que dá para o corredor do cruzeiro, de modo que os frades iam directamente do dormitorio para o refeitorio, deixando de passar pelo claustro de Santa Barbara; ficou, por isso, inutilisado o lavatorio que Filippe I tinha mandado fazer, e, para o substituir, na espessura da parede, onde a do claustro dos Filippes trava com a do dormitorio, metteu-se outro, que recebia agua do deposito que alimentava a fonte; tem a data de 1617, é, portanto, dos ultimos annos do reinado de Filippe II, o que faz suppor que seria por aquelle tempo que se acabaram as obras do claustro.

D. João III mandou fazer a galeria, de que temos fallado, para serventia do refeitorio; do lado opposto, parallelo a esta, vê se restos d'outra perfeitamente egual, decerto obra do mesmo autor; davam serventia para a nova casa do Capitulo. Como se ligavam as duas? Talvez do patamar da escada, que desce do claustro de Santa Barbara, descesse outra para o lado opposto, seguindo-se depois um corredor ou tambem galeria, que estabelecesse a ligação; o vão que ainda hoje se observa entre a parede do claustro e a janella da casa do Capitulo, transformada em porta, parece ser d'isso um indicio; devia, porém, esta passagem ser muito estreita, por causa da saliencia que

para aquelle lado formam os gigantes que encostam á parede da egreja.

Não pareciam aos frades muito commodas estas vias de communicação e D. João, que muito os estimava, a seu pedido ou por iniciativa propria, quiz talvez arranjar lhe mais ampla e commoda via de transito entre os dormitorios, o refeitorio, a egreja e nova casa do Capitulo; pensou n'isso, se é que não encetou qualquer trabalho n'este sentido, mas, se o fez, as obras posteriores eliminaram-o, por isso n'aquelle claustro nada tem a que possa ligar-se o seu nome.

Do que fica exposto deduz-se logicamente que não tem fundamento algum a lembrança de dar áquelle claustro a denominação de D. João III; podemos até dizer que esta idéa é paradoxal e insensata, por estar em opposição com os factos que ali se notam e com o que nos dizem os documentos historicos.

Como já dissémos, no principio da sua regencia D. Catharina mandou a Thomar Diogo de Torralva para transformar o claustro, que existia incompleto entre o refeitorio e a nova casa do Capitulo. Note-se bem: *incompleto e entre o refeitorio e a nova casa do Capitulo.*

A palavra claustro deriva do verbo latino *claudo, claudere*, (fechar), exprime, portanto, a idéa d'um recinto fechado; e assim é, na generalidade, mas tem excepções; algumas vezes indica uma só galeria, d'ordinario com arcos e abobadas, que serve a ligar dois corpos do mesmo edificio, em geral nos conventos; em muitos se observa isto, e era do que ali se tratava. estabelecer uma via de communicação facil e commoda; em baixo, entre o refeitorio e a casa do Capitulo, em cima entre os dormitorios e a egreja, servindo tambem, como ainda hoje se vê, para a antiga casa do Capitulo, emquanto se não concluia a nova; era o que D. João tinha em vista e havia começado e foi o que D. Catharina determinou ao seu architecto que fizesse, transformando, isto é demolindo, (nem d'outro modo lhe podia mudar a fórma) o que seu defunto marido já

tinha feito, para se executar o desenho que aquelle architecto lhe tinha mostrado. Parece que D. Catharina concluira esta obra, que muito naturalmente devia ter começado do lado do refeitorio e dormitorios para o opposto, e, ao terminar n'aquelle extremo, no ultimo fecho da abobada gravaram, em sua memoria, a data de 1562; e, julgando ella cumprida a sua missão, n'esta mesma data entregou a regencia a seu cunhado D. Henrique; por isso nada mais ali fez, nem podia fazer. E que não foi durante o seu reinado que se fez toda aquella obra imponente e grandiosa que ora ali se vê diz-nol o a rasão, se ponderarmos bem os factos. D. João III falleceu em 11 de junho de 1557, o legitimo herdeiro da corôa era seu neto D. Sebastião, este porém tinha apenas tres annos d'edade, era preciso nomear se um regente, que tomasse conta das redeas do governo durante a sua menoridade; para este cargo havia a avó D. Catharina e o tio D. Henrique. Suscitaram-se duvidas e crearam-se partidos, optando uns pela avó, outros pelo tio; a nomeação recahiu afinal sobre D. Catharina, estas opiniões encontradas de dois partidos deviam dar logar a delongas, por tanto ella só exerceu a regencia por pouco mais de quatro annos e não era, decerto, n'este curto espaço de tempo que se podia levar a cabo o enorme trabalho que ali se empregou; demais que, tendo mandado o architecto Torralva a Thomar para transformar o que seu defunto marido já tinha começado a fazer na via de communicação entre o refeitorio e a casa do Capitulo, decerto o não empregou e aos seus artista só n'este trabalho; porque, por esta occasião se fizeram tambem grandes obras nos antigos aposentos do Infante D. Henrique, que ella mandou restaurar, ampliar e adornar, para ali residir, como residiu muito tempo, talvez por querer afastar-se da côrte, onde a inquietavam e perseguiam os que lhe não eram affeiçoados; até que, cançada e desgostosa, entregou a regencia. Seguiu se-lhe D. Henrique, que nada fez, e depois D. Sebastião; este, mais dado a aventuras guerreiras do que a coisas fradescas, comquanto estivesse em Thomar algum tempo e aqui

deixasse assignalados alguns actos do seu governo, não consta que n'aquelle convento fizesse obras notaveis. Vieram, por fim, os Filippes de Hespanha. Merecia lhes sympathia e predilecção o Convento de Christo. Ali foi faustosamente hospedado pelos frades o primeiro d'estes reis, quando fez a sua entrada em Portugal e ali foi acclamado rei pelas côrtes, que lá se celebráram; grato a tão carinhoso acolhimento, devia querer dotar aquelle convento com uma obra monumental, que mostrasse á posteridade o seu grande poderio e perpetuasse a sua memoria. E conseguiu o, porque aquelle claustro conserva e ha de conservar sempre o nome de Claustro dos Filippes, sem que possam levianas affirmações negar-lhe a proveniencia e uma só opinião, que carece de autorisada. vir agora apagar-lhe o nome, que se tem perpetuado atravez dos seculos e que nenhum dos nossos sabios historiadores ainda se atreveu a negar-lhe.

Em conclusão, os factos observados e os documentos historicos provam á evidencia que D. João III nada tem n'aquelle claustro, que D. Catharina apenas ali mandou fazer uma via de communicação, que era o que estava projectado, e não o claustro que lá existe. Não o fez D. Henrique nem D. Sebastião; quem foi que o fez? Não póde ser outro senão aquelle, ou aquelles, que lhe deram o nome; e alem dos argumentos já expostos temos ainda a attestal-o a tradicção, tradicção não vulgar, mas transmittida por homens illustrados, como o eram os Freires de Christo e conhecedores dos factos, porque os presencearam, aquelles que d'elles fizeram menção aos seus successores.

A historia é imparcial, recta e inexoravel; embora o sentimento nacional e patriotico se fira e magoe com certos factos, temos que admittil os, quando não houver rasões bastante convincentes para podermos negal os. E, para nos salientarmos, alardeando um patriotismo que vae alem do sentimento, não devemos, fundados n'uma simples observação, que não tem o valor que se lhe quer dar, ir negar o que sempre foi tido como verdade, antepondo-nos ás mais subidas autorida-

des em historia patria; seria um excesso d'orgulho, uma frivola vaidade; por isso continuaremos a chamar áquelle claustro — Claustro dos Filippes.

O que dá áquelle claustro um ar de soberana magestade, o que principalmente se impõe á admiração de quem o observa, são as suas fachadas, é o exterior e não o interior; admira se a sua grandesa e não os seus ornatos, que os não tem; n'aquella mole colossal de pedra, não trabalhada ao buril, mas talhada

CLAUSTRO DOS FILIPPES

ao escopro e á picóla, sobresaem as gigantesca columnas de uma só peça, que symetricamente dispostas foram ali encostadas ás paredes, mais como ornamentação do que como pontos de apoio, porque para aguentar todo o peso das abobadas tinham os pilares e os arcos de cantaria poder mais que sufficiente. Eram talvez só estes pilares e arcos, que formam a frente da obra ali mandada fazer por D. Catharina.

Aquellas columnas enormes, que se aprumam ao ladó dos

vãos, deixados abertos na espessura dos pilares e sobre cujos capiteis assentam e saem as cimalhas do segundo pavimento e as do eirado, dão em baixo o aspecto de porticos grandiosos de soberbo palacio e em cima a forma imponente de magestosas janellas de sacada. Dir-se-ha, ao contemplal-as, que cada uma das quatro fachadas d'aquelle claustro é a frente de um grandioso palacio real e afigura-se-nos ver assomar áquellas sumptuosas janellas o vulto respeitavel d'algum poderoso rei.

Ao centro d'este claustro, eleva se uma magnifica fonte de repucho, cuja columna é feita de quatro peças que se salientam formando angulos diedros, rectos e reentrantes; á parte superior liga-se uma outra peça, em forma de espiga, que a termina, sendo esta cravejada de pequenos orificios; abaixo d'ella está um prato circular tambem de pedra ligado á columna, inferiormente a este, outro de maiores dimensões e na base o tanque, limitado por curvas circulares com a convexidade para dentro e por linhas rectas, que ligam umas ás outras estas curvas, apresentando por isso quatro faces semi circulares e quatro planas; o seu perimetro é guarnecido por pilastras de pedra. A agua subia pelo eixo da columna para ir lá em cima, em virtude da pressão devida á differença de nivel, saltar por aquelles orificios em delgados filetes, que, encurvando-se em graciosas parabolas, vinham cahir no prato superior; este por umas boccas de phantasticos animaes simulando peixes, despejava-a para o inferior, que tem na sua base e face externas quatro carrancas de bronze diametralmente oppostas, as quaes boquiabertas a vomitavam para o tanque; mas alem de estes pontos de sahida desciam ainda ao longo da columna uns tubos que conduziam a restante a quatro figuras talhadas nas pedras da mesma columna, uma em cada face, por onde tambem sahia; e isto por forma tal, que as quatro carrancas de bronze atiravam a em jorros quasi verticaes e as de pedra lançavam a em curvas, cruzando-se estes jactos uns com os outros.

Era em volta d'este claustro que se faziam as procissões solemnes, uma das melhores, a do *Corpus Christi;* para este

acto as suas paredes eram forradas da vistosas arras e riquissimas colchas de damasco bordadas a ouro; ainda hoje lá se vê junto ás impostas e aos saimeis os vestigios dos pregos d'onde se dependuravam. Da porta da egreja, que dá passagem para elle, sahiam os freires luxuosamente paramentados; brilhava o ouro, reluziam as pedrarias nas vestes sacerdotaes de fino barramaque, a contrastarem com a tunica pobre e humilde do Martyr do Golgotha, que tão estranhamente n'aquelle acto pretendiam representar; debaixo de riquissimo pallio era conduzida uma valiosissima custodia d'ouro cravejada de diamantes e outras pedras preciosas, encerrando a hostia sagrada, transubstanciação do Verbo Divino. Os sons do orgão, que chegavam ali já amortecidos, casavam-se com o psalmear dos frades, resoando pelas abobadas do claustro. Os raios do sol que vinham atravessar os jactos d'agua que emanavam da fonte, produziam, pela sua desegual refrangibilidade, as vivas cores do espectro solar, eram uma como luz celeste, que vinha illuminar aquelle quadro magnificente e pomposo e o murmurar da agua, que cahia no tanque, era um hymno da natureza a louvar o Eterno, que ali se adorava. A procissão caminhava a passos graves e cadenciados; atraz seguia o povo, curvada a fronte, contricto o coração; e os sinos repicavam no alto da torre e do thuribulo de prata dourada subiam ondulantes nuvens de odorifero fumo.

Estas pomposas manifestações do culto externo inebriam, fascinam o espirito da multidão, que parece abandonar por momentos a materia, para se elevar a regiões ethereas, desconhecidas; arrebatam mas não edificam, persuadem, mas não convencem; findo o acto aquellas impressões desfazem-se, como se foram uma visão phantastica e tudo volta á realidade do mundo positivo. A maior parte d'aquelle povo, que ali parecia tomado de firme arrependimento dos desregramentos da vida mundana, desce á villa ou caminha para suas aldeias e uns passam o resto do dia em libações, outros em cantares e danças, folguedos que não condizem com a contrição que lá mostravam.

Despidas as vestes sacerdotaes os frades desciam ao refeitorio, era costume n'aquelles dias de festa solemne terem alguns convivas, por isso esperava-os ali mais lauto banquete, com que podessem reparar as forças exhaustas no trabalho que haviam tido e humedecer as gargantas resequidas pelo vozear do cantochão. Tomados os seus respectivos logares, da cosinha, que fica contigua, começavam pela ministra a passar os primeiros pratos da appetitosa pitança, que, ainda fumegante, espalhava pelo ambiente odoriferos vapores. Era a principio profundo o silencio; só se ouvia o entornar do vinho nos copos e o crepitar das viandas a triturarem se entre as potentes maxillas dos commensaes, emquanto o irmão leigo tartamudeava no pulpito em rançoso latim alguns trechos da Biblia, aspirando aquelles appetitosos aromas, que o faziam salivar, se é que lá dentro na cosinha não tinha já devorado algum naco de presunto ou de succolento carneiro assado e entornado algumas canecas do tinto, para melhor poder arrostar com a ardua tarefa que tinha a seu cargo. Saciado o voraz appetite e quasi repletos os elasticos estomagos, o compasso binario batido por aquellas queixadas ia-se afrouxando e de alegro vivo passava a *andante;* os roliços troncos d'aquelles seraphicos porsonagens, inclinados para deante, a pouco e pouco iam se aprumando para em seguida declinarem em sentido contrario até se refastelarem nas fôfas poltronas, pondo em proeminencia os atoucinhados abdomens; então, porque já os vapores de Baccho lhes iam excitando os cerebros, conversava-se animadamente, ria-se, chalaceava-se, trocavam-se ditinhos picantes e agudos gracejos, que de tempo a tempo eram interrompidos pelo sorver ruidoso de abundante pitada de esternutatorio simonte ou de fino rapé, colhida de aurea caixa. Felizes tempos! Ou antes diremos, felizes frades! Era asim que mortificavam a carne para purificarem o espirito.

Terminados aquelles lautos banquetes, os mais velhos ou mais circumspectos recolhiam aos seus aposentos, emquanto que os mais novos e mesmo alguns velhotes folgazões, pas-

savam ao Claustro dos Filippes como era costume, era ali o pospasto; então das frescas e escuras cavas subiam as empoeiradas garrafas do aromatico moscatel e do fino tinto ou branco já envelhecido na frasqueira; estava-se em plena liberdade, jogava-se, brincava-se á vontade. Aquelle recinto sagrado, que servia ás festas divinas, servia tambem ás profanas; pelas abobadas onde ha pouco resoavam os canticos religiosos, echoava agora o tinir do ouro, que se jogava ás mãos cheias e o vozear descompassado e estridulo dos que ali se retouçavam, convertendo aquelle logar em tavolagem e muitas vezes em bordel.

E' que lá dentro d'aquelles muros, onde devia reinar a virtude e a austeridade, havia homens, não havia santos; havia o ocio e a abastança e por isso os vicios e as paixões que d'uma e d'outra derivam.

A agua, que alimentava a fonte de repuxo era trazida por um aqueducto e vinha juntar-se em um deposito de grande capacidade, e, quando esta não funccionava, passava ao lado d'elle e descia para uma calha de pedra, que passa no parapeito de uma varanda, que fica contigua ao Claustro dos Filippes, para o lado do sul; parece que quando se fez esta fonte, ou quando se projectou fazel-a, ainda não estava concluida a fachada sul do claustro, nem d'outro modo se pode explicar como foi que deixaram na espessura da parede o vão para o deposito e para o cano que conduz a agua; e, sendo esta fonte obra de Filippe II, é mais uma prova de que áquelle claustro é bem cabida a denominação de Claustro dos Filippes, que sempre tem conservado.

Já os Templarios, quando construiram ali o seu castello, tiveram o cuidado de abrir cisternas, como era costume fazer-se em todas as fortalezas, para deposito d'aguas, de modo que não faltassem em caso de cerco. Um pouco afastado da capella, para o norte e formando saliencia para o poente, encontra-se aberta na rocha uma escada que desce para o Claustro da Hospedaria; na parte superior d'esta escada vê se de cada lado uma calha de pedra, com grande inclinação para o lado opposto

ao plano inclinado da escada, o que indica dirigirem-se para dentro da muralha; aquellas calhas não podiam ser outra coisa senão collectores, para receberem as aguas pluviaes, que cahiam sobre o eirado da capella e dos castellos e reductos, que para aquelle lado devia haver e as conduzissem a um deposito que hoje se não pode saber onde ficava. Vê-se que n'aquelle ponto a rocha era escarpada; é provavel que sobre ella assentasse algum castello, que, por ficar perto da capella a protegia, e que a este se seguissem outros, que guarneciam a linha de defesa pelo lado do poente; a calha que fica para o norte tem grande capacidade, o que mostra que a somma das areas dos castellos e reductos, que ficavam para aquelle lado, era consideravel. Esta observação, que ainda ha pouco tivemos occasião de fazer, leva-nos a modificar o que anteriormente dissémos — que para aquelle lado o terreno devia ser menos escarpado — não o era, pelo menos n'aquelle sitio e veiu confirmar-nos o que já tinhamos affirmado: que as muralhas não iam travar-se na capella.

Nas obras que posteriormente se fizeram, houve sempre o cuidado de aproveitar as aguas, que desciam dos beirados e guardal as em grandes depositos, que ainda lá se vêem e d'ellas se serviam os frades para regas e para differentes usos domesticos, por não as terem nativas. Eram porém insufficientes e de má qualidade, porque as primeiras chuvas arrastam sempre dos telhados grande quantidade de materias organicas, vegetaes, excrementos d'aves, insectos, etc. e estas substancias organicas, entrando em decomposição, dão logar ao desenvolvimento de micro-organismos prejudiciaes á saude. Em um edificio tão grandioso, onde tanto dinheiro se gastou em obras d'arte para o adornar, em casarias para todas as accommodações e todos os usos, de modo que nada faltasse á commodidade dos que o habitavam, havia esquecido aos nossos reis um elemento essencial, agua de boa qualidade, ou o haviam tido em pouca conta por lhe desconhecerem o valor.

Deveram os frades a um rei estrangeiro, Filippe II, o abas-

tecimento d'agua, que foi buscar a mais de cinco kilometros de distancia, conduzindo-a por um aqueducto, que, rompendo montes e galgando por sobre valles, a vem trazer ali. A canalisação subterranea, que é a melhor, porque a agua chega mais limpa e mais fresca e ainda porque obsta á evaporação que em uma grande extensão dá logar a uma perda consideravel, não era então usada, ou porque se não soubesse fundir os tubos de ferro, que hoje se empregam, ou porque se desconhecesse o equilibrio dos liquidos em vasos communicantes; era preciso conduzir a agua por um plano-inclinado, de modo que as suas moleculas se deslocassem pela acção da gravidade, obtendo uma corrente mais ou menos rapida conforme a inclinação; d'aqui um trabalho arduo e dispendioso, quando o terreno era muito accidentado, como acontece ali, porque foi preciso cortar os montes, que excediam o nivel em que devia deslisar a corrente e fazer subir os valles, que lhe ficavam abaixo, o que se conseguiu construindo arcadas sobre as quaes assentavam as calhas que a conduzem. No percurso d'este aqueducto ha um valle profundo onde se construiu uma arcaria de duas ordens d'arcos sobrepostos; estes são ogivaes e os pés dos da ordem superior assentam sobre o vertice dos da inferior, o que mostra a solidez com que foram construidos. E' obra digna de vêr-se. Em cada uma das extremidades d'esta especie de ponte ha uma casa abobadada, no centro das quaes a agua, como que repousa em larga bacia, para depois seguir ligeira o seu curso; em volta de cada uma ha bancos de cantaria; estas casas eram fechadas, serviam por isso a evitar que por sobre o aqueducto se fizesse passagem publica e serviam ainda de regalo aos frades, que ali quizessem ir passeiar e gosar suave frescura em tarde de verão. Na face externa, na que olha para o norte, da que fica mais proxima do convento estão gravadas as quinas portuguezas e por baixo d'ellas uma inscripção, que diz que D. Filippe I mandou fazer aquelle aqueducto em 1593 e que seu filho D. Filippe II o fez acabar em 1613.

Para completarmos o ligeiro esboço que temos feito d'este

convento falta-nos mencionarmos a cerca. Esta é um vasto recinto fechado por um muro alto, tendo, ao cimo da rua da Graça, um largo portão d'entrada. O terreno, cuja area é de muitos hectares, é accidentado por montes e valles; e d'aqui por certo a denominação de Sete Montes. O solo é calcareo; a maior parte d'aquelles montes estão povoados de pinheiros e matto, onde abunda a caça; em outros e nas encostas cultiva-se a oliveira; os valles são ferteis e podem ser cultivados em horta, por haver abundancia d'agua para regas; encontram se n'elles muitas arvores de fructo; a estrada, que do portão dos Sete Montes conduz ao pateo dos Carrascos, é orlada de frondosas arvores d'ornamentação. Em cima, junto á fachada sul do convento, ha um taboleiro de terra, segura pela antiga muralha e por um espesso muro, que posteriormente se construiu, é cultivado em horta e arvores fructiferas, taes como larangeiras, cidreiras, limoeiros, nespereiras, etc., abrigado do norte pelo convento, concentram-se ali o raios calorificos que acompanham a luz solar, não só os que n'elle incidem directamente mas tambem os que se reflectem nas paredes, por isso as fructas e os legumes amadurecem mais cedo e são de delicioso sabor; em volta tem um espaldar de parreiras, que produzem magnificas uvas de mesa.

E assim, no decorrer dos seculos, se foram modificando as grutas e as choupanas dos antigos monges ou as cabanas dos cenobitas até se transformarem em sumptuosos palacios como este e muitos outros, onde nada faltava ás commodidades da vida e onde, para mais, avultava o luxo e a grandeza.

O fim das primeiras congregações religiosas era manterem, na sua maxima pureza, a religião de Christo; por isso os que se dedicavam a este genero de vida evitavam o contacto dos outros homens, que podia desvirtual-os, fugiam do bulicio das cidades, que podia distrahil-os do seu fim; é no ermo das montanhas, na profunda solidão dos bosques, no vasto isolamento dos desertos, onde as impressões exteriores não despertam desejos mundanos, que a alma, entregue a si mesma,

tende a voar ao infinito a querer identificar-se com o principio inato, que lhe deu origem; é ali, onde não podem vicios manchal a, paixões pervertel-a, que ella se mostra pura, immaculada como sahiu das mãos do Creador.

No tempo das grandes perseguições muitos christãos retiravam-se para o deserto, principalmente para as proximidades do Egypto, e muitos ali passavam o resto da vida, como, por exemplo, S. Paulo, que foi considerado o primeiro Hermita, que quer dizer — habitante do deserto; tambem se chamavam Monges, isto é, solitarios, os que viviam isolados, Cenobitas aquelles que viviam em communidade e Anachoretas os que estavam em profunda solidão, depois de terem vivido algum tempo em communidade. No meio d'aquellas solidões levavam vida austera; empregavam-se em trabalhos manuaes, dos quaes tiravam os meios de sua subsistencia; pouco lhes bastava, por que se habituavam a uma frugalidade tal que, em geral, só tomavam por dia uma ligeira refeição; apesar d'isso é notavel a sua longevidade, pois, como se vê na vida dos Santos Padres, muitos viviam oitenta, noventa e até mais de cem annos; os seus trabalhos consistiam principalmente em fabricarem esteiras de junco, cabazes, objectos de folhas de palmeira, etc., que os não impediam de meditarem constantemente nas sagradas escripturas e terem o seu pensamento em Deus. Os Cenobitas tambem se pode dizer que viviam em isolamento, pois as suas cellas ou cabanas eram distanciadas umas das outras, algumas por grandes intervallos; trabalhavam sós ou dois a dois e sempre calados; aquella communidade reunia-se duas vezes por dia, ás horas da oração. N'aquelle isolamento as paixões e os vicios desappareciam, chegavam mesmo a perder a memoria dos objectos que os despertam.

Quando Constantino se declarou pelo christianismo e de todo acabaram as perseguições, os christãos, que se dedicavam exclusivamente aos exercicios espirituaes, deixaram de retirar-se para os desertos e ermos; congregavam-se e construiam uma habitação commum, a que se deu o nome de mosteiro e

aos seus habitantes o de Monges ou Religiosos; estas habitações eram, em geral, edificadas perto das povoações, mas nunca dentro d'ellas e este uso prolongou se por muitos seculos, como ainda agora se pode notar em antigos conventos. A sua construcção assemelhava-se muito á das casas romanas, taes como ainda hoje se veem descriptas nas obras de Vitruvio e de Palladio. A egreja ficava sempre na parte anterior, era a primeira casa, para que os seculares ali podessem ter livre entrada, correspondia áquella primeira sala, a que os romanos chamavam *atrium*; da egreja passava-se a um pateo rodeado de galerias cobertas, a que então chamavam *perystilio*, derivado do grego e hoje se chama claustro, com o qual communicavam as outras peças do mosteiro; como a casa do capitulo, *exedro* dos antigos, o refeitorio, o *triclinium* dos romanos, o dormitorio e mais peças; por detraz havia um jardim ou horto. O dormitorio era commum; os monges dormiam todos na mesma casa, sem distincção de camas, sobre enxergas de palha, dormiam vestidos, tendo apenas uma manta para se cobrirem de inverno; a regra de S. Benedicto ordenava-lhes o dormirem vestidos sem mesmo tirarem o cinto; isto talvez para se distinguirem dos judeus, que sempre o tiravam quando se deitavam, como se vê n'aquella passagem do Propheta: *cinge os teus rins e ergue-te*. O uso dos lençoes não data de muitos seculos, os nossos antepassados dormiam vestidos ou semi-vestidos. N'estes mosteiros não só as camas, mas até os habitos eram communs; a coisa alguma qualquer dos monges podia chamar seu, havia uma verdadeira communidade; por isso os seus vestidos faziam-se de modo que podessem servir a todos, eram simplices e conforme o vestuario da gente pobre. S. Basilio dizia que o christão deve contentar-se em se cobrir para a decencia e para se resguardar do frio e das outras injurias do ar; mas com o menor embaraço que seja possivel, contentando se com um só vestido, que sirva para de dia e de noite. S Benedicto ordenava aos monges da sua ordem que usassem, só uma tunica com cucula ou capuz e um escapulario para o

trabalho. A tunica sem manto era antigamente o vestido da gente pobre e a cucula era uma especie de capote, que usava a gente do campo e os pobres. Este vestuario, servindo a cobrir a cabeça e parte do corpo, era muito commodo para evitar o frio, tornando-se por isso commum na Europa até ha poucos seculos e ainda hoje no varino vemos uma semelhança d'elle. Não só os clerigos e os lettrados, mas até os nobres e os cortezãos usavam capuzes de diversas sortes. A cucula, ordenada na regra de S. Bento servia de manto, S. Benedicto deu-lhes um escapulario para o trabalho; era muito mais largo e mais curto do que aquelles que ultimamente usavam os frades e, como o seu nome o indica, servia a guarnecer as espaduas, para que menos se magoassem com o peso e atricto dos fardos e a resguardar a tunica; tinha um capuz como a cucula e estes dois vestidos usavam-se separadamente, o escapulario no trabalho, a cucula (cugula ou casula) na egreja e nas ruas. Mais tarde os monges consideraram o escapulario, porque representava o trabalho, como a parte essencial do seu habito, nunca o largavam e punham a cucula por cima d'elle.

Estes homens faziam voto de extrema pobreza, viviam exclusivamente do seu trabalho; empregavam-se em cultivar a porção de terra adjacente ao mosteiro, a que chamavam jardim ou horto, plantando hortaliças e semeando legumes para seu uso, alugavam-se como jornaleiros, iam ás ceifas, vindimas e outros trabalhos ruraes; divididos em grupos de dez e cada grupo conduzido por um superior, a que chamavam decano ou deyão; ainda hoje estes nomes são conservados na jerarchia ecclesiastica. Era assim tambem que os romanos costumavam conduzir ao trabalho os seus escravos. O que do producto do seu trabalho sobejava, da sua frugal alimentação e do seu singelo e duradouro vestuario, distribuiam em esmolas pelos pobres; alem d'isto exerciam nos seus mosteiros a hospitalidade sem distincção de crenças religiosas, tanto era para os christãos, como para os que o não eram.

Os judeus, os gregos, os romanos e outros povos da anti-

guidade tambem exerciam entre si a hospitalidade, que era considerada como um dever sagrado, mas esta hospitalidade não era uma virtude, era antes uma reciprocidade de serviços, porque o que hoje recolhia em sua casa um viajante podia acontecer que mais tarde se fosse recolher a casa d'elle. A hospitalidade como virtude, a Caridade, que é a mais sublime de todas as virtudes, prégadas por Jesus Christo, só os christãos começaram a pol-a em pratica.

A Caridade não é o *do ut des, facio ut facias, etc.*, principios sobre que assenta o direito natural; mas sim praticar o bem só porque é bem, sem distincção d'amigos e inimigos, sem outra recompensa mais do que o prazer de o haver praticado. E' repartir com os outros os nossos bens materiaes e intellectuaes, compartilhar com elles as suas maguas e os seus pesares, allivial-os no peso da desgraça, consolal os no infortunio, aconselhal-os na duvida, instruil-os no bem, detel-os no impeto de suas paixões, soccorrel-os na indigencia, amparal-os no escorregar da miseria. A Caridade é como a brisa suave, cujo halito benefico chega a toda a parte, bafeja a rasteira planta e agita docemente a folhagem do frondoso abeto, no cume das serranias, no pendor das montanhas, na quebrada dos valles, na explanada das campinas. Assim ella entra no palacio do rico, no tugurio do pobre, assiste nos hospitaes, avança pelos campos de batalha e, como nenhuma outra, vae ainda alem da campa em supplicas e orações pelos que morreram.

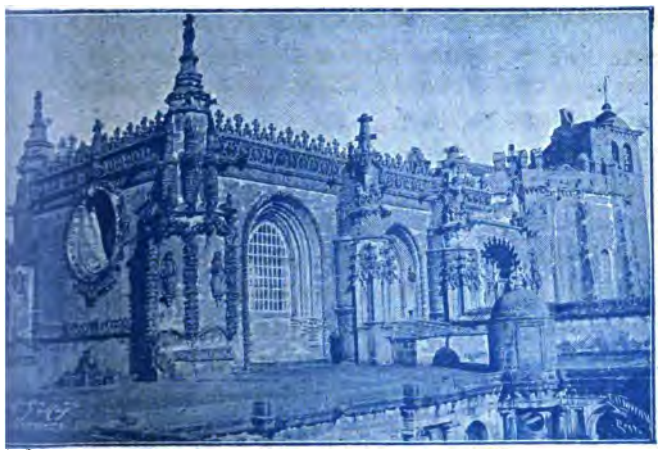
Cicero disse: *charitas humani generis*, e Seneca: *ubicumque homo est, ibi benificio locus est.* Estas palavras porém não exprimiam a verdadeira Caridade, a Caridade Evangelica. Se aquelles grandes homens tiveram o presentimento d'ella, no meio do egoismo tenaz, que então dominava as sociedades, esse presentimento, grandioso na essencia, era apenas uma concepção luminosa e bella, porém tenue e vaporosa, que o sentir geral da epocha, aferrado a avios preconceitos, varria e dissipava até perder se, como se esvae e perde o aroma das flores

açoitadas pelo vento e lavadas pelas chuvas. Eram reflexos de uma aurora brilhante, refrangencias d'uma luz refulgentissima, cujo fóco se achava ainda abaixo do horisonte, para despontar um dia como astro lucido e rutillante, a vivificar e esclarecer o espirito do homem, derramando por sobre toda a humanidade effluvios de consolação e amor.

Esta virtude, a mais transcendente de todas, que não pode ser obra dos homens, mas irradiação da bondade divina, só se radicou no coração da humanidade, quando na Judéa appareceu um homem humilde no trato, sublime no pensamento, divino na essencia, o Homem Deus, que com o seu exemplo e o seu verbo, n'estas singelas mas eloquentissimas palavras: — Amae-vos uns aos outros — a insuflou no animo de todos que o escutavam e o seguiam. E para que ella se avigorasse, crescesse e diffundisse, foi ainda preciso que na rocha do Calvario se erguesse uma cruz (symbolo do opprobrio então, hoje Labaro sagrado) e n'ella ao expirar o Redemptor do mundo entre ladrões e assassinos, exhalando o ultimo suspiro, em que a alma lhe voou ao seio do Creador, d'onde havia emanado, manifestasse ainda esta sublime virtude, pedindo o perdão para os que barbara e ignominiosamento o assassinavam.

Os pagãos nada providenciaram com respeito aos pobres, doentes e invalidos e na sua politica entendiam que mais valia deixal-os morrer, visto que eram inuteis á sociedade, nunca tiveram hospitaes nem asylos. Os christãos soccorriam os pobres por dois modos differentes: um distribuindo-lhes esmolas e deixando-os alojarem-se onde podessem; o outro consistia em fornecer-lhes habitação e alimento em commum. Para o primeiro meio havia em cada quarteirão de Roma uma especie de escriptorio, chamado *Diaconium*; residia ali um diacono, que para este fim recebia uma certa quantia, a qual distribuia pelos que sabia serem necessitados e de que dava contas. Para o segundo, depois que a egreja se viu livre das perseguições, começaram a construir-se diversas casas de caridade, que se distinguiam por nomes gregos, conforme a qualidade dos po-

bros. A casa onde se alimentavam as creanças de peito abandonadas ou que suas mães não podiam amamentar, chamava-se *Brephotrophium*, a dos orphãos *Orphanotrophium; Nosocomium* era o hospital dos doentes: *Xenodochium* a casa onde se alojavam os estrangeiros e os passageiros (havia d'estas casas annexas a alguns conventos muito posteriores, e entre nós as vimos já em Semide e Lorvão e até n'ellas pernoitamos); *Gerontocomium* era o retiro dos velhos invalidos, um asylo; *Prochotrophium* era geral para toda a sorte de pobres. Havia d'esta sorte de casas em todas as grandes cidades e, em geral, era um padre que tinha a sua intendencia, como Santo Isidoro na Alexandria, S. Zotico em Constantinopla, etc. Havia particulares que mantinham á sua custa casas d'hospitalidade, como S. Pammachius no Porto e S. Gallicano em Ostia. Este ultimo tinha sido patricio e consul e admirava vêr um homem d'esta cathegoria lavar os pés aos pobres, servil os á mesa e dar aos doentes toda a sorte de carinhosas consolações. Lavar os pés era costume entre os judeus e outros povos, era o primeiro serviço que se prestava ao viajante que se alojava em sua casa.



FACHADA DA EGREJA DO CONVENTO

Os monges recebiam nos seus mosteiros pessoas de todas as condições, crianças que os paes para lá lhes mandavam para serem educadas na verdadeira religião christã, velhos que

queriam acabar santamente a sua vida, peccadores que, por alguma culpa grave tinham que fazer penitencia por muitos annos, preferindo, porisso, recolherem-se a um mosteiro, individuos d'alta cathegoria, a quem profundos desgostos ou revezes da fortuna tornavam aborrecida e insupportavel a vida social; vemos em differentes epochas pessoas d'alta nobreza e até reis tomarem a vida monastica. Na egreja de S. Fructuoso, arcebispo de Braga, ha regulamentos para toda esta variedade de pessoas.

Os monges estavam sujeitos ao bispo e dentro do seu mosteiro tinham clerigos para celebrarem os officios divinos e para lhes ministrarem a Eucharistia; as horas que não eram destinadas ao trabalho passavam-as a orar, implorando a Misericordia Divina para si e para todos os fieis e pedindo ao Eterno que, pela sua infinita bondade, esclarecesse o espirito dos que ainda persistiam no erro; foram elles que introduziram no rito ecclesiastico os officios de prima e de completas, para começarem e acabarem santamente o dia.

Quanto aquellas congregações religiosas differiam do que ultimamente foram!

Ali a pureza dos costumes, a abnegação de todas as coisas mundanas, a Caridade a brotar de lá radiante e bella, como um sol vivificador, animante e consoladora como um balsamo suave a mitigar a dôr dos que soffriam. Depois o luxo, o fausto, as grandezas, a ambição do poder, a intriga, a intervenção nos negocios do estado, até a oppressão dos pequenos, emfim, tudo que era mundano, nada espiritual, senão debaixo de uma ficção, d'uma hypocrisia repugnante.

Mesmo n'aquellas ordens, que se diziam pobres e mendigavam, como aqui os franciscanos e os capuchinhos, viam-se homens validos e robustos a mendigarem por esses logares, colhendo para si a esmola que devia ser distribuida aos indigentes e invalidos; aquelles trabalhavam e do producto do seu trabalho repartiam com os pobres, estes viviam na ociosidade e nutriam-se á custa dos que trabalhavam; eram esses con-

ventos um viveiro de parasitas, que sugavam a nação, um coito de mandriões, que viviam á custa do trabalho alheio. Aquelles religiosos dos tempos primitivos, verdadeiros representantes de Christo na terra, imitavam a sua humildade, o seu amor do proximo, a sua abnegação, a sua pobreza e a sua caridade; não ambicionavam glorias mundanas, que despresavam, nem riquezas mais que as suas virtudes; trabalhavam mais para os outros do que para si proprios; não se serviam de meios improprios para grangearem bens e enriquecerem a sua communidade; não vendiam bentinhos nem medalhas com indulgencias, verdadeiras negaças para colher ingenuos; não creavam irmandades a vintem por cabeça cada mez, que, parecendo uma insignificancia, pode dar em todo o orbe catholico alguns milhões no fim de cada anno. Convenciam pela palavra e principalmente pelas obras. Juliano, o apostata, attribue o rapido desenvolvimento do christianismo principalmente a tres causas: a hospitalidade, isto é, a Caridade, termo que os pagãos nem sabiam empregar, o cuidado com as sepulturas e a gravidade de seus costumes. Não distribuiam livrinhos escriptos em uma logica obscura cheios d'argumentos insidiosos, onde os espiritos fracos se enredam sem poderem desembaraçar-se, vindo por fim a succumbir. Deus e o Trabalho eram a sua divisa. Deus, idéa que santifica, que mantém a alma pura e elevada, nobre e sublime n'esse ideal para onde tende. O Trabalho que honra e enobrece, que avigora e fortalece a parte material do nosso ser e que é a unica legitima fonte de riqueza n'este mundo, que habitamos.

OUTROS CONVENTOS E CAPELLAS

ANNUNCIADA

o noroeste de Thomar, sobranceiro ao largo da Varzea Pequena, eleva-se um monte em cujo cimo se vê uma capella toda construida de cantaria, que tem a invocação de N. Senhora da Conceição; em plano um pouco inferior, especie de socalco do mesmo monte, para o lado do nascente, existe um vasto edificio, hoje propriedade particular, foi um convento de frades. Não foi porém ali a sua séde primitiva, porque primeiro a teve perto do logar de Cem Soldos, no sitio que ainda hoje se chama Annunciada Velha.

Entre o logar de Cem Soldos e o de Carregueiros, cerca de um kilometro ao norte do primeiro, houve em tempos uma quinta denominada do Cerzedo, pertence hoje ao Conde de Thomar esta propriedade, que n'aquella epocha pertencia a uma senhora D. Isabel Teixeira, viuva de Antonio de Figueiredo, fidalgo da casa de El-rei. Compunha-se esta quinta de casas, com uma capella dedicada ao mysterio da Annunciação, uma abundante fonte, hortas pomares, terras de semeadura, vinhas, olivaes, mattos, sobreiros e pinhaes.

A dona d'este predio, senhora muito piedosa, pela devoção que tinha para com os religiosos Capuchos, em 1526 offereceu ao provincial da ordem, frei João de Albuquerque aquella propriedade para n'ella fundar um convento, o que por elle foi acceite. Como porém esta ordem era mendicante e a sua regra lhe prohibia o possuirem os seus membros bens proprios, por terem feito voto de pobresa, não acceitou d'aquella offerta senão o que lhe era indispensavel para o convento, que foi: as casas e a capella, a horta e a fonte, ficando com a faculdade de poderem os frades colher na matta a lenha, que lhes fosse indispensavel para seu uso.

Para melhor garantia e segurança d'este contracto fez D. Isabel Teixeira doação d'esta parte da quinta a El-rei D. João III, com a condição de elle a ceder á ordem dos capuchos para ali se estabelecer um convento. Foi feita esta doação a 11 de setembro de 1527; e logo El-rei mandou alvará de procuração á mesma D. Isabel Teixeira para que, em nome d'elle, désse aos religiosos posse do predio que lhe fora doado. Em 4 de outubro do mesmo anno, dia de S. Francisco, o P. Fr. Pedro de Estremoz, em nome do R. P. Fr. Diogo da Silva, que então era commissario dos Provinciaes, recebeu a dita posse, da qual se lavrou termo authentico. Em fins do anno de 1528 principiaram as obras nas casas da Quinta, acommodando as a um convento, com claustros, dormitorios e mais officinas, cujas despezas foram feitas com as esmolas, que muitas pessoas devotas deram para este fim. E como a capella da Quinta, que ficou sendo egreja do convento, era dedicada á Annunciação do anjo, tomou o convento o nome de Annunciada.

Perto de cento e vinte annos permaneceu n'aquelle logar a communidade religiosa de frades Capuchos. O local porém não era dos melhores. mal ventilado, por ser abrigado do norte, em sitio baixo e humido, era pouco saudavel; ao fim d'aquelle tempo as paredes dos dormitorios, que haviam sido mal construidas, começaram a arruinar se, e vendo os frades que tinham que fazer grandes despezas, entenderam que era melhor fazel-as

na construcção d'outro convento em logar mais apropriado. Tomada por elles esta deliberação, trataram de escolher logar conveniente; encontraram-o junto á villa em uma pequena elevação, onde ainda hoje existe o edificio que foi convento. Tinham ali os Freires de Christo uma capella dedicada á concepção de Maria Santissima e uma certa area de terreno, que, parece, se estendia até ao valle que lhe corre ao norte, por que d'elle fazia parte uma horta, denominada do Valente.

Proposeram os Capuchos aos freires uma troca, cedendo estes aquelle terreno, excepto a capella e uma certa area em volta d'ella e recebendo, em compensação, o convento e a cerca que habitavam. Esta troca foi acceite e lavrada a escriptura do contrato em 19 de março de 1629, sendo D. Prior de Christo frei Ignacio de Novaes e ministro provincial da ordem dos Capuchos frei André de S. Pedro do Sul.

Seguiu-se depois uma prolongada demanda com Nuno Pessoa, então dono da Quinta do Cerzedo, onde se achava o convento da Annunciada, o qual allegava que, sahindo d'ali os frades, o convento lhe ficava pertencendo, porque a doação tinha sido feita unica e exclusivamente para aquelle fim e não para outro. Depois a guerra da restauração e outras delongas fizeram com que as obras do novo convento só tivessem principio em 1645. De uma e outra parte do convento fizeram aquelles religiosos algumas compras e houve tambem quem lhes fizesse doação de terras para accrescentarem á cerca.

Concluidas as obras, que em grande parte foram feitas com esmolas de pessoas devotas, installaram se os frades no novo convento, havendo transportado para elle toda a mobilia que tinham no outro e a imagem de Nossa Senhora Annunciada, a qual foi collocada na tribuna do altar mór, por cujo motivo esta convento se ficou denominando com o mesmo titulo do outro, Convento da Annunciada.

Os frades d'este convento viveram sempre em estreitas relações com os Freires de Christo e, até certo ponto, sob a sua dependencia. Davam lhes estes medico e botica para os

religiosos enfermos, meia arroba de vacca, um quarto de carneiro e tres quarteirões de vinho (5 litros e 6 decilitros) cada semana e pão, quando era preciso. Em dia de Nossa Senhora das Candeias davam treze vellas, doze de meio arratel e uma de tres quartas para o guardeão; dia da festa da padroeira iam seis Frades de Christo, um cantar a missa, dois para diacono e sub-diacono, um pregar o sermão e dois para acolytos. Pela sua parte iam os frades da Annunciada ao Convento de Christo assistir ás vesperas do patriarcha S. Bento e á festa, que ali se fazia no dia d'aquelle Santo, á procissão dos Passos, á do corpo de Deus, ás vesperas e á festa, que se fazia na sua capella em dia de Nossa Senhora da Conceição.

A camara de Thomar dava áquelle convento, desde o principio do antigo, por provisões reaes, cento e vinte réis cada semana; esta quantia, que importava em 6$240 réis, era paga pelo S. João e El rei D. João v por uma provisão ordenou que lhe désse mais pelo Natal 6$000 réis para um porco. Com estes proventos, com as esmolas que colhiam nos peditorios, com o que recebiam das missas, que muitos devotos lhes mandavam dizer em cumprimento de promessas ou pelas almas dos finados e com o dinheiro do padroado, vivia esta santa communidade em pobresa mais apparente do que real, porque, se ao ocio se não juntava a abastança, tinham decerto a abundancia; a sua mesa não era lauta, mas era farta, como ouvimos a pessoas contemporaneas, não faltando a cada commensal e em cada refeição o respectivo e classico pichel de luzidio estanho cheio de bom vinho. Na horta tinham as mimosas hortaliças, a boa laranja e outros fructos de pevide e de caroço e em volta d'ella bons espaldares das melhores castas de videiras, que produziam em abundancia as mais delicadas uvas de mesa. N'aquelles felizes tempos ainda cá não tinha apparecido o phylloxera nem se havia inventado o *vinho de martello.*

O padroado d'este convento foi dado ao Conde de Calheta, João Gonçalves da Camara e sua mulher D. Ignez Maria de Noronha. O conde morreu em Lisboa e o seu corpo foi tras-

ladado para aquelle convento e sepultado ali em 27 de março de 1656. A viuva continuou com o padroado, dando ao convento 5$000 réis por mez; esta morreu no convento de Santo Alberto, onde tinha entrado como freira Carmelita descalça; por sua morte, as freiras d'aquelle convento desistiram do padroado e este passou para os Condes de Castello Melhor, sobrinhos dos Condes de Calheta, os quaes davam os mesmos 60$000 réis, trinta pelo Natal e trinta pelo S. João.

Na parede da capella mór, do lado da epistola, estava o seguinte letreiro:

Esta capella mor he do mui nobre e illustre João Gonçalves da Camara, conde que foi de Calheta na Ilha da Madeira e capitão general da mesma Ilha e da condessa sua mulher D. Ignez Maria de Noronha, a qual por morte do dito conde capitão entrou religiosa Carmelita Descalça em Santo Alberto de Lisboa e se chamou Ignez de Jesus Maria José: antes de professar tomou o Padroado d'este Convento para si e jazigo dos ossos de seu marido e o dotou com 60$000 réis cada anno para ordinaria perpetua para que assim a alma do Conde, como a sua gosem das Missas e Suffragios, que em toda a Provincia se applicam pelos Padroeiros dos Conventos d'ella. Jaz o Conde sepultado no meio da capella maior. Falleceu em Lisboa a 27 de abril de 1656.

Requiescat in pace.

Está errada esta data, porque o fallecimento do conde foi, como dissemos, a 27 de março.

O padroado da capella do Capitulo d'este convento foi dado ao monteiro-mór da villa das Pias, Estevão de Araujo e Freitas. E conforme a deliberação tomada em capitulo, que se celebrou no convento de Santo Antonio, do Valle da Piedade, do Porto, em 25 de julho de 1693, ali tinha sua sepultura, de sua mulher, filhos e descendentes. Na parede da mesma capella, do lado da epistola, estava o letreiro seguinte:

Esta capella he de Estevão de Araujo e Freitas, cavalleiro da Ordem de Christo, para sua sepultura e de sua mulher D. Maria Frois de Azevedo e Andrade e descendentes, correndo a fabrica d'ella por conta dos Religiosos, para a qual dá 4$000 réis cada anno: tem Missa quotodiana, anno de 1696.

Ainda hoje reside em Thomar um descendente d'esta antiga e nobre familia.

SENHORA DA PIEDADE

Ao norte de Thomar, em um elevado monte, vê se alvejar uma capellinha, é a ermida de Nossa Senhora da Piedade; está ali n'aquelle alto como que a estender sobre a povoação a sua mão protectora; não é a padroeira da cidade, porque essa é Santa Maria dos Olivaes, mas nem porisso deixa de ser muito estimada e venerada por toda a gente da terra; entre os seus habitantes conta ella numerosos afilhados e grande numero de devotos e de bem longe veem alguns cumprir promessas em reconhecimento dos beneficios que, pela sua devoção, de ella receberam; não ha em Thomar e nas suas visinhanças quasi ninguem que, em casos afflictivos, não recorra á sua protecção, por isso as paredes interiores da sua capella se acham sempre guarnecidas de figuras de cêra, representando

corpos inteiros, cabeças, braços, etc , até animaes domesticos, alem das muitas offertas que lhe fazem de velas de cera e azeite para a alumiar, de dinheiro e objectos de valor, como cordões, brincos e outras joias que, contrictos e cheios de fervorosa devoção, ali lhe vão depor os que, com a fé viva nas suas virtudes milagrosas, a ella recorreram no meio das atribulações de que é accidentada esta vida e obtiveram o que lhe imploraram.

A sua imagem representa a Virgem Maria recebendo nos braços seu amado e divino filho, quando o desceram da cruz *(Mater Dolorosa)*. E' uma das scenas mais patheticas d'esse drama assombroso, que ha perto de dois mil annos presencearam os habitantes da capital da Judéa; uma mãe carinhosa, que recebe nos braços e repousa no regaço seu filho querido, exangue, inanimado, de cujas feridas goteja ainda, não já sangue vivo, mas delgado soro; e ella, a atribulada mãe, a debruçar-se sobre elle pretendendo, desvairada pela dor, animar um cadaver transmitindo-lhe o seu calor vital, que todo dera com a propria vida para conseguir reanimal-o. Se não com arte decerto com sentimento esculpiu o autor aquella imagem, porque dos olhos lhe borbulha o pranto, que em grossas lagrimas desce pelo afogueado rosto, e parece ver-se-lhe o arfar do peito, comprimido pela dor e sahirem-lhe dos labios abafados suspiros que partem do coração e sobem ao ceu a buscarem a alma divina do Redemptor do Mundo edentificada já com o Ser Supremo, d'onde havia emanado *(Verbum erat a pud Deum)*.

Sobe se até a esta capella por uma escadaria de mais de duzentos degraus, que começa á sahida da Varzea Pequena, proximo a S. Gregorio. Esta escadaria está dividida em muitos lanços e passa-se d'uns para outros por um espaço horisontal, o que torna menos fatigante a ascenção e este espaço é circumdado por um muro baixo, coberto com lages apparelhadas, offerecendo commodo assento aos que quizerem descançar. Quasi ao meio e á direita de quem sobe está uma capellinha, em cujo altar se eleva um crucifixo, é o Senhor Bom Jesus do Monte.

Lá em cima, em volta da capella, ha um terreiro limitado por um muro com assentos; disfructa se d'ali um panorama agradabilissimo: vê-se toda a cidade, avista-se grande extensão do rio com as suas verdejantes margens e lá ao longe ondulantes collinas, povoadas de oliveiras e outras arvores, por entre as quaes alvejam alguns casaes e pequenas casas de campo. Amena para o lado do sul e nascente, para o norte e poente a paysagem é agreste, mas nem porisso deixa de ter bellezas; elevam-se penhascosos montes, cavam-se fundos valles; por entre as fragas rebenta o rosmaninho, o carrasco, a aroeira e eleva-se o carvalho e a azinheira; rica, luxuosa, garrida, mostra-se d'um lado a natureza, do outro pobre, miseravel, sem galas nem ornatos, e este contraste prende a attenção, entretem o espirito que vê ali, no mundo physico, o quadro que se acha reproduzido no mundo social: ao pé da grandeza a miseria, a um lado a abastança ao outro a pobresa; aqui o luxo, o superfluo, acolá a indigencia, a escassez.

S. FRANCISCO

Ao sul de Thomar, no lado poente da Varzea Grande estava o convento de S. Francisco, que hoje se acha transformado em quartel militar. A ordem dos Franciscanos era mendicante e já cá havia outra, a dos Capuchos; não convinha a estes que tão perto se estabelecessem aquelles, que, por serem tambem mendicantes, lhes iam tirar parte das esmolas com que os fieis os soccorriam e cercear-lhes os proventos que auferiam das missas que os devotos lhes encommendavam. A abnegação e a fraternidade das antigas ordens religiosas tinha desapparecido ha muito e havia-as substituido o egoismo e a inveja; porisso, quando se projectou edificar ali aquelle convento os Capuchos, que sempre estiveram em boas relações com os Freires de Christo, pediram áquella poderosa ordem protecção contra os intrusos, d'onde resultou opporem estes grandes estorvos á realisação d'aquella obra.

O provincial da Ordem dos Franciscanos, Fr. Antonio de S. Luiz obteve de Filippe III licença para a edificação do convento, que lhe foi concedida em 1622, com a condição de mudarem para elle os frades de St.ª Sita, e obteve tambem da camara da villa concessão do terreno, o qual lhe foi cedido com a condição de não prejudicarem o largo, marcando-se a largura que devia ter. Objectou-se a isto que a camara não podia, n'aquelle logar, fazer concessões de terreno sem licença regia; esta difficuldade resolveu-se fazendo os Franciscanos nova petição a D. Filippe, que a attendeu. Francisco d'Evora Varejo tomou então posse do local, mas ainda não estava de todo resolvida a questão, porque logo surgiu nova difficuldade; tinha-se marcado a largura, mas não se havia determinado o comprimento; na demarcação d'estes limites a camara, talvez instigada pelos freires, não queria entrar em accordo com os Franciscanos; estes porém recorreram ao povo, que, reunido em plebiscito, decidiu a questão a favor dos Franciscanos por uma grande maioria.

A poderosa Ordem de Christo já não tinha tão alto poderio como n'outro tempo tivera, já não podia domar a vontade do povo, que, pelos vexames que constantemente d'ella estava recebendo, lhe não era favoravel. O povo podia então, em negocios de interesse commum, dar o seu voto e decidir a questão, havia-se já emancipado da tutela dos tyrannos para, na nossa epocha, descer á condição de humilde escravo, supportando resignadamente todos os vexames e iniquidades dos altos poderes; e se pretende reagir ou só levantar a voz para proclamar os seus direitos, é repellido a ponta de bayoneta ou a golpes de sabre. Resolvida a questão, começou a edificação d'este convento a 7 de setembro de 1628. Ainda a soberba Ordem de Christo veiu mostrar a sua mesquinhez e má vontade, allegando que deixava de receber os dizimos das terras que os Franciscanos tinham adquirido. Devia ser, para aquelles opulentos frades, um prejuiso sensivel o que podiam receber de dizimos de tão pouca terra e de tão má qualidade;

ainda hoje se pode ver o grande rendimento que podia dar, sendo a cerca quasi toda em uma encosta esteril, que quasi nem matto produz, e lamentavam a falta d'aquella migalha esses pobresinhos, que, quando em 1834 se extinguiram as ordens religiosas, eram ainda senhores de 454 commendas, que lhe rendiam cerca de cem contos de réis annuaes. Por qualquer forma se resolveu esta ultima difficuldade, porque o convento edificou-se e lá está ainda hoje o seu edificio servindo de quartel a Infanteria 15, com uma boa parada, em bom local e tendo na frente o largo da Varzea Grande, muito apropriado para exercicios militares.

Este convento não tem coisa alguma que o recommende pela sua architectura; a egreja é ampla e bastante elevada, não tem bellezas architecturaes ou quaesquer ornamentações, é pobre e singela, sombria e tristonha.

SANTA MARIA

Na margem esquerda do rio Nabão, cerca de tresentos metros ao sul do bairro de Alem da Ponte, ha uma antiga egreja com a denominação de Santa Maria dos Olivaes (d'ella já fallámos e fallaremos ainda, quando nos referirmos á Nabancia, porisso, do pouco que sabemos, aqui diremos menos). E' esta egreja a matriz da freguezia de Thomar, que, por recordação da antiga importancia que teve, conserva ainda esta cathegoria, mais de nome do que de facto, porque, quasi todos os sacramentos se realisam hoje dentro da cidade na egreja de S. João Baptista, que n'outro tempo era apenas considerada como capella.

A antiga prelasia foi substituida por uma vigairaria, sempre inherente ao parocho d'aquella egreja, que tinha a seu cargo a população rural e ao qual competia a ministração do Viatico, confissões e casamentos, etc. e a celebração dos officios divinos na mesma egreja. Em S. João havia um cura, subordinado ao vigario e com eguaes atribuições respectivas á po-

pulação urbana. O padre Affonso Vito de Lima Velho, homem respeitavel, polido e estimado na mais selecta sociedade thomarense, exerceu por muitos annos aquelle cargo; falleceu ainda não ha muito, veiu substituil o outro, que nunca poude grangear eguaes sympathias, acabou com o curado, sendo o ultimo que o exerceu o padre Antonio de Sousa Santa Rita, homem tambem respeitavel e bemquisto de toda a população; depois sahiu de Thomar, levando comsigo a vigairaria para longe, tres leguas de distancia, de maneira que, sendo a cidade o centro mais populoso, quem tiver algum negocio dependente d'aquella autoridade ecclesiastica, tem que ir lá tratal-o; foi uma espoliação feita a Thomar.

A egreja de Santa Maria é antiquissima, remonta a epocha anterior á monarchia portugueza, pois consta ter feito parte de um convento de Benedictinos fundado por S. Eructuoso ainda no tempo da Nabancia. O cataclysmo que destruiu aquella cidade devia arruinar consideravelmente a egreja e é muito provavel que, quando Gualdim Paes ali chegou com a sua milicia, só encontrasse destroços: paredes derrocadas, em cujas fendas crescia a herva, columnas derribadas, por cujos fustes se enroscava a hera; as lages convelidas servindo de abrigo ao estelião, as paredes arruinadas d'alcandor ás aves nocturnas. Aos canticos religiosos dos cenobitas succederam o piar do mocho e do noitebó e as sinistras risadas da coruja; pelo pavimento onde ajoelharam os crentes, arrastavam se os reptis. Tinham aquelles seres infimos tomado posse do quinhão que lhes coube nos despojos d'uma geração passada, d'uma cidade que havia morrido e entre elles estava um templo, que agora lhes servia de guarida. Porém, debaixo d'aquellas ruinas repousavam as ossadas dos antigos monges, reliquias venerandas, porque muitos d'elles haviam vivido e morrido em santidade. Ali fora agnosterio, onde em dourado sacrario se guardava a ostea divina; ali haviam soado os canticos sagrados em louvor ao Eterno; ali haviam corrido lagrimas de arrependimento e desabrochado sorrisos d'esperança. Era pois aquelle

um logar de respeito e veneração para os crentes; e Gualdim Paes era um crente. Porisso levantou das ruinas aquella egreja, que lhe havia de servir de jazida, porque lá repousam ainda seus restos mortaes; reedificou a, não a fundou, como alguem erradamente affirma.

Sabe se quanto ainda n'aquelle tempo eram respeitadas e veneradas as sepulturas dos christãos, por isso Gualdim Paes devia aproveitar-lhe o pavimento, deixando-o o mais possivel intacto, para não revolver aquellas sepulturas, perturbando a paz dos que ali dormiam o somno eterno; devia tambem aproveitar-lhe os alicerces que ainda estivessem solidos e seguir em tudo os delineamentos do antigo edificio; porisso nem lhe ergueu um campanario, nem lhe fez subir uma torre com sinos, que decerto os seus fundadores tambem lhe não haviam collocado, porque os sinos nas egrejas só começaram a usar-se depois do setimo seculo da era christã e a sua fundação foi muito anterior.

O que Gualdim Paes ali fez não podemos nós agora sabel-o com certeza, porque esta egreja soffreu posteriormente grandes modificações. Ao entrar n'ella sentem-se ainda na mente remeniscencias do passado. Do nivel do solo, na sua frente, descem-se nove degraus para chegar ao vestibulo e do portico para o pavimento, mais oito, que tanto foi preciso rebaixar no terreno para encontrar o nivel primitivo. Tem tres naves divididas por columnas, que sustentam arcos ogivaes. Na parte exterior, do lado do norte, vê-se ainda parte de dois arcos meio soterrados, cuja curva não é da mesma forma e em uma das capellas lateraes para o sul ha outro soterrado pelo lado de fora até quasi ao fecho, o que indica ser da primitiva e pelo lado interno, hoje invisivel por se achar coberto com uma camada de reboco, e cuja forma tambem não é ogival, o que faz suppor que a architectura primitiva era differente da que hoje ali se observa; ora sendo natural que Gualdim Paes aproveitasse todo o material, que ainda ali encontrou e seguisse o antigo systema architectonico, que devia ser o greco-romano,

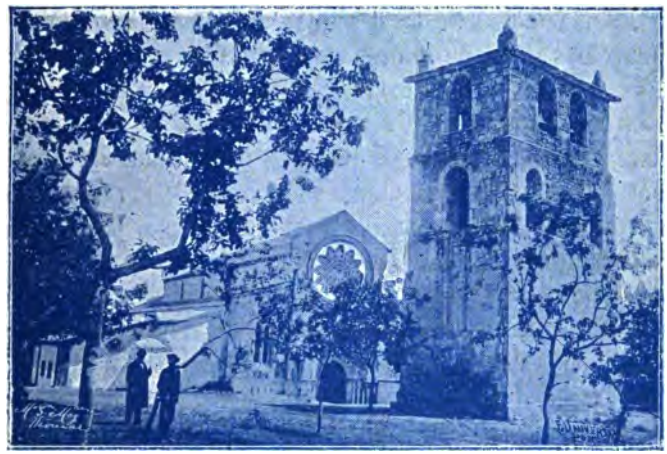
é provavel que as ogivas, que hoje lá se veem fossem modificações produzidas pelas obras que ali mandou fazer El rei D. Manuel e depois seu filho D. João III, e não obra dos Templarios, como tambem ha quem, com pouco criterio, cathegoricamente affirme. A capella-mór affasta-se das construcções modernas e approxima-se muito das que se usaram nas primitivas egrejas; não tem, como ellas, a forma semi-circular, porque é um polyedro de sete lados em cujas faces se rasgam frestas envidraçadas com vidros de cores; mas a curva interior tangente a estas faces é circular, o que leva a crer que a forma que hoje apresenta é uma modificação da que outr'ora teve, fazendo lembrar pristinas epochas. O altar tambem foi deslocado, como ainda lá se póde observar. Foi portanto muito modificada a obra dos Templarios, da qual, quando muito, poderá ainda estar intacta a fachada principal, que é toda de cantaria, tendo ao centro, por cima do portico, um grande oculo de forma circular, e, concentrico a este, outro de pequenas dimensões, dentro do qual se vê a cruz dos Templarios, e d'elle, irradiando para a peripheria, aberturas limitadas por curvas e vedadas com vidros de cores. O portico tambem não parece ser da primitiva, é provavel que fosse modificado e se lhe désse a forma ogival para o adoptar á architectura interior; está muito deteriorado pela acção dos agentes athmosphericos, por serem de má qualidade as pedras que no seu fabrico se empregaram. A cada um dos lados ha uma grande fresta, ou antes janella, para illuminação das naves lateraes; são terminadas na parte superior por curvas circulares; parece serem da primitiva.

Foi esta egreja, com a invocação de nossa Senhora da Assumpção, cabeça de todas as que pertenciam aos Templarios, porque n'ella estabeleceram seu convento. Quando se extinguiu esta Ordem e se erigiu a de Christo, com sua séde em Castro Marim, Santa Maria ficou egreja parochial, porém, o seu vigario tinha a superintendencia de todas as mais que por aquelles contornos pertenciam á Ordem. Depois, quando os Cavalleiros de Christo mudaram de Castro Marim para Thomar, voltou

ella novamente a ser convento da Ordem. Os Summos Pontifices concederam-lhe, a pedido dos Templarios, muitos privilegios, fazendo-a cabeça de todas as da Ordem e immediata á Sé Apostolica *(nulius diocesis)*; de modo que o seu prelado só obedecia ao Papa, por isso usava baculo e mitra (estas insignias ainda hoje se acham guardadas na sacristia da egreja de S. João Baptista). O Papa Gregorio III concedeu muitas indulgencias a quem a visitasse no dia da Assumpção, e o Papa Gregorio IX estendeu essas indulgencias para todas as festas da Senhora, declarando que por intervenção da sua imagem obrava o Senhor muitos milagres.

Todos os mestres do Templo, desde Gualdim Paes até ao ultimo, foram sepultados n'esta egreja; alem d'estes muitos cavalleiros e fidalgos ali teem sua jazida; é uma verdadeira necropole. Os tumulos, onde repousavam tantos varões illustres, foram demolidos com as obras que ali mandou fazer D. Manuel e D. João III. Entulhavam a egreja. No desejo ardente de procurar commodidades aos frades e ostentação nas suas obras, aquelles dois monarchas não respeitaram as cinzas dos que ali jaziam, nem se importaram de que á posteridade fosse transmittida sua memoria nos letreiros das campas que os cobriam; apenas conservaram nas paredes da segunda das capellas lateraes, que Fr. Antonio de Lisboa ali mandou construir, a de Gualdim Paes e a do ultimo mestre do Templo, D. Lourenço Martins, para ali foram tambem removidas as ossadas de todos os outros, que lá ficaram no olvido. Está tambem sepultado n'aquella egreja um neto de D. Diniz, chamado D. Lopo e o primeiro mestre da Ordem de Christo, D. Gil Martins; este acha-se na capella mór, do lado do evangelho e o seu epitaphio está na parede do mesmo lado e por cima d'elle ha um monumento de D. Diogo Pinheiro, prelado de Thomar e bispo do Funchal. Em monumentos de pedra, assentes sobre o dorso de leões, estavam tambem tres mestres da Ordem de Christo, D. Martim Gonçalves, D. Estevam Gonçalves e D. Rodrigo Annes. Tambem os desfizeram para não pejarem a egreja!

Esta egreja, que foi matriz de todas as que havia na villa de Thomar e na das Pias e seus termos, immediata á Sé Apostolica, o que a elevava á cathegoria de Episcopal, decahiu do seu antigo esplendor; com a extincção das ordens religiosas perdeu toda a sua importancia, que lhe vinha da de Christo, continuou ainda, por algum tempo, a ser prelasia, depois foi vigairaria, hoje chama se lhe a egreja matriz de Thomar; nem a imagem da Senhora agora é milagrosa, perdeu-se até a fé que n'ella tinham os devotos porisso nem festas nem romarias lhe fazem já; é apenas um monumento historico, emquanto o



Egreja e Torre de Santa Maria dos Olivaes

não deixarem perder, porque, d'abandono em abandono, virá um dia a cahir em ruinas, voltando ao estado em que Gualdim Paes a encontrou. Assim terminam as obras dos homens; manifestações da sua evolução brilham e apagam-se conforme se vae modificando o ideal das entidades sociaes, de que eram objectivo; gasta as depois a lima do tempo, abandonam-as e esquecem as as gerações de seculos posteriores, porque, no seu evoluir constante, crearam um novo ideal, a que corresponde objectivo differente. Assim vae caminhando a humani-

dade, deixando atraz de si, como marcos milliarios, vestigios das suas crenças, do seu pensar, do seu sentir. Convem conserval os, porque nos indicam a estrada do progresso por onde caminharam os que nos hão precedido.

Defronte d'esta egreja ha uma torre quadrangular, onde estão collocados os sinos; não foi este o seu destino primitivo, nem se pode bem saber qual elle fosse, assim como não é facil determinar a epocha da sua construcção; a porta parece que foi uma janella; se assim é, os seus fundamentos devem estar ao nivel da egreja e n'este caso remonta á epocha dos romanos. Seria então um reducto de qualquer fortaleza? Não é provavel, ainda n'aquelle local se não encontrou vestigio algum de muralhas nem elle era muito apropriado para a construcção d'ellas, mas podia ter qualquer outra serventia, ser uma prisão ou mesmo uma dependencia do convento; só se poderia esclarecer isto por meio de pesquizas, que nunca ali se fizeram. Se lá não existia, então é obra dos Templarios; com que fim? Tambem nos não parece facil acertar com elle. Para ali recolherem as alfaias da egreja em caso de invasão subita dos mouros, era de pequenas dimensões, poucos guerreiros lá podia alojar para a defenderem, era, alem d'isto muito baixa e o logar pouco defensavel. Corre em Thomar por tradicção que entre o castello e a egreja de Santa Maria tinham os Templarios uma via subterranea que ia desembocar n'aquella torre; outros dizem que dentro da egreja. E' certo que na base do castello, chamado castello novo, ha uma abertura com degraus que, a não ser a estrada d'aquella via, não se sabe com que fim foi feita, nem onde irá ter. E' certo que um velho, que viveu no tempo dos frades e depois foi guarda do convento, nos disse, já ha muitos annos, que tinha por ali descido na companhia de alguns frades e que haviam chegado até debaixo da povoação, porém que não poderam continuar por estar tudo muito entulhado e haver já difficuldade em respirar, chegando mesmo a apagarem-se as luzes por falta de circulação do ar. Ha alguns annos e por mais de uma vez abateu o terreno na rua

da Graça, junto á egreja da Misericordia, suppoz-se ser a abobada d'aquelle tunel que abatesse n'aquelle ponto. Valia a pena fazer explorações, para se saber o que ha de verdade a este respeito. A torre a que nos referimos parece que foi ameiada, depois apeiaram se as ameias e fez se lhe um accrescento com campanarios; talvez por ficar baixo, fizeram-lhe ainda outro, onde estão agora os sinos; no pavimento d'este vêem se algumas lages com letreiros, o que mostra terem servido de campas funerarias a pessoas distinctas; estes letreiros porém estão já tão apagados que difficilmente se poderão ler; alguns são em gothico.

SANTA SITA

Sete kilometros ao sul de Thomar, na margem direita do rio Nabão, sobre um monte que do lado do poente o domina, havia um convento de frades, hoje propriedade particular, que em tempos pertenceu aos padres claustraes, era o convento de Santa Sita, nome que o local tinha e ainda hoje conserva a povoação que ali existe. Esta denominação provem-lhe de que, pelos annos 155, pouco mais ou menos, da era christã, ali foi martyrisada a santa d'aquelle nome. Segundo referem as chronicas, Sita se chamava uma donzella portugueza, creada de Cassia, mulher de Caio Atilo, cidadão bracharense. E' provavel que, ao tempo, esta familia residisse na Nabancia, pois mal se concebe que de Braga viesse tão longe aquella donzella soffrer o martyrio. Perseguida por causa das suas crenças religiosas, porque, na sua alma candida se havia arreigado uma fé viva na pureza da doutrina christã, fugiu para aquelle logar, que devia então ser ermo e coberto de espessa matta de pinheiros sobreiros e outras arvores sylvestres. Colhida ali pelos algozes que a perseguiam, lá mesmo soffreu morte affrontosa. Ao evolar-se lhe o ultimo suspiro, com elle sua alma pura desprendeu-se dos laços que a retinham n'este mundo de iniquidades e voou, no meio dos anjos á mansão dos justos, á Gloria Eterna.

O seu corpo deixaram o, por certo, os assassinos insepulto, como era costume fazer se por despreso, para que as feras e as aves de rapina viessem devoral-o. Era grande o cuidado que n'aquella epocha tinham os christãos em darem sepultura aos seus correligionarios, e muito principalmente aos que haviam soffrido o martyrio; por isso, sabido o facto, foram por certo os christãos da Nabancia, que outros mais perto não havia, que correram, a occultas, a dar sepultura áquelle corpo santificado pelo martyrio e abençoado por Deus, porque n'elle se havia alojado um espirito que a maldade dos homens não podéra perverter. E, não se apagando d'isto a memoria, mais tarde sobre o seu sepulchro erigiram uma pequena capella, para que n'ella fosse venerada aquella virgem martyr e a sua memoria passasse á posteridade. Esta capella, já muito deteriorada pelo tempo, foi restaurada por um ermitão italiano e mais tarde foi transformada em egreja e junto a ella edificado o convento.

A NABANCIA

origem d'esta povoação perde-se na noite dos tempos. Querer determinar com precisão o dia fixo, em que ali se ergueram as primeiras moradas de seres humanos, fossem ellas construidas de troncos de arvores, mal talhados e cobertos de colmo, de barro amassado, de toscas pedras sobrepostas ou de fina cantaria, é querer tactear o infinito, é querer prescrutar o incognito, é perder-se na obscuridade dos tempos, onde a luz da historia se apagou de todo nas trevas de um passado desconhecido, de que não resta memoria nem vestigio algum. Procural-a, embora se não encontre, é um exforço do espirito humano, é uma tendencia natural do nosso intellecto ir em busca do desconhecido, marchando sempre do effeito para a causa, do que é para o que foi, do simples para o composto, do finito para o infinito, d'uma verdade actual para outra verdade transacta, de onde esta deriva. Por isso, seja-nos permittido divagarmos um pouco pelo passado.

E' certo que esta pequenissima parte da Europa, que hoje

se chama Portugal, foi desde remotissimas eras, talvez ha mais de trezentos mil annos, habitada por seres humanos, de que restam vestigios; e não eram estes, decerto, os homens primitivos, mas talvez os que nas epochas dos glaciares desceram das partes mais elevadas em companhia da renna e do mamouth, caminhando para o meio dia. O valle do Tejo é um dos locaes onde, por muitos annos, ou antes por muitos seculos, estacionaram esses nossos antepassados; attesta-o a necropole do Cabeço da Arruda, perto de Mugem. Ali se teem encontrado as ossadas d'esses homens de remotissimas eras e junto com ellas alguns instrumentos de pedra lascada, fragmentos d'ossos aguçados, pontas de veado talhadas em bisel, lages de grés (pedras d'amolar), cinzas, carvões, maxillas de cães, conchas petreficadas de molluscos que lhes serviam de alimento. Alguns anthropologistas affirmam que estas pedras não foram lascadas propositadamente; porem a uniformidade que em quasi todas ellas se encontra, o lascado n'um certo sentido, como para dar uma forma ponteaguda ou em gume, isto é, perfurante ou cortante, levam-nos a crer que sejam obra d'um ser intelligente, embora não fosse o homem, propriamente dito, o seu inventor, mas sim algum dos athropoides do terciario e mais provavelmente, admittida esta hypothese, o que por alguns é considerado como o antepassado do homem, a quem Martillot deu o nome de *anthropopitecus;* seja como for, que, n'esta questão, não pretendemos nem podemos entrar, é certo que aquelles instrumentos de pedra lascada, encontrados de mistura com ossadas, que, evidentemente, pertenceram a seres humanos, prova que estes os fabricavam e d'elles se serviam como armas ou utensilios, embora não fossem os seus inventores.

Nos campos de Leiria e proximo a Peniche outros vestigios de seres humanos teem sido encontrados e que denotam um periodo mais adeantado da evolução social, embora podessem ter vivido na mesma epocha, porque a civilisação dos povos caminha mais ou menos rapidamente conforme certas condições

inherentes a cada povo; e tanto que hoje mesmo, em differentes pontos do globo, se encontram alguns no estado rudimentar.

E' muito provavel que alguns d'esses seres humanos tambem estacionassem por estes sitios, comquanto até hoje se não tenham encontrado vestigios da sua permanencia aqui. Mas os homens d'aquella epocha não construiam habitações fixas nem viviam em commum, só se reuniam para o ataque ou para a defesa, quando a necessidade a isso os obrigava; quanto ao mais cada homem era senhor absoluto das suas mulheres e de seus filhos sem se importar com os outros; serviam-lhes de refugio as grutas e as cavernas naturaes ou a concavidade dos rochedos; era ali que se abrigavam das intemperies e era para ali que recolhiam as presas, que lhes serviam de alimento, cujos despojos ainda hoje se encontram juntos com as armas simples e rudes de que então se serviam; só mais tarde, na edade de pedra polida e na de cobre, construiram as habitações lacustres, cujos vestigios foram pela primeira vez encontrados no lago de Zurich e depois em outros lagos da Suissa, da Allemanha e ainda em diversos lagos ou pantanos, em muitas localidades da Europa. Estas habitações eram construidas no meio d'agua sobre estacarias e communicavam com a terra firme por pontes levadiças, evidentemente com o fim de se precaverem contra os ataques dos animaes ferozes e mais ainda contra os dos outros homens, porque o maior inimigo do homem tem sido sempre o proprio homem; nem as feras nem as epidemias mais mortiferas teem produzido maior mortandade no genero humano do que os mesmos homens entre si; e, coisa notavel, á maneira que vamos avançando na via do progresso, tentando elevarmos-nos á perfectibilidade, a arte de matar progride tambem, marchando a par, se não na vanguarda, de todos os outros progressos; as machinas de guerra chegáram, em nossos dias, a uma perfeição admiravel, e quem sabe a que chegarão mais tarde; quem sabe se esses temiveis explosivos, que destroem e pulverisam, virá ainda a substituil os agente mais poderoso, talvez a electricidade; ella que trans-

mitte instantaneamente a todas as distancias os nossos pensamentos e até as nossas proprias palavras, que produz a luz, que brilha e alumia, o movimento que vivifica e anima, a força motriz com applicação á locomoção rapida, veloz, quasi aerea, ás industrias onde o labor do homem é substituido pelo trabalho methodico, perfeitissimo de complicados machinismos compostos de orgãos tão habilmente construidos, tão harmonicamente dispostos, que tudo produzem com admiravel perfeição, ainda os artefactos mais delicados; e tão bem acabados os deixam que mãos humanas difficilmente poderiam fazer assim! Quem sabe, como iamos dizendo, se esse precioso e poderoso agente virá ainda a ser, nas mãos do homem, um meio terrivel de destruição para o mesmo homem. A força expansiva dos gazes, a acção electrica..., dois agentes formidaveis; um despedaça, esmigalha, pulverisa, o outro desorganisa, paralysa, fulmina. O primeiro é ruidoso, assusta; o segundo é silencioso, apavora. As sciencias caminham e avançam, sem que possamos saber até onde, porque lhes não conhecemos os limites e apoz ellas marcha o progresso e a civilisação; mas que progresso é este, que, em vez de nos conduzir por um só caminho que leve ao melhoramento das nossas condições sociaes, ao bem-estar d'esta vida, á felicidade de todos os povos, resvala d'essa via para nos lançar muitas vezes em abysmos, como querendo aniquilar a sua obra? Vae na mathematica, essa sciencia abstracta, que pertence exclusivamente ao espirito, porque joga com elementos que não são vesiveis nem palpaveis e apenas representados por signaes convencionaes; nas leis da physica, que nos revelam as forças com que actua a materia; na chimica, cujas descobertas nos estão diariamente mostrando novos elementos constituitivos dos corpos e as acções reciprocas d'esses elementos, diremos, vae n'estas sciencias, que constantemente estão enriquecendo o espirito do homem, buscar meios para a destruição do mesmo homem. Para bem da humanidade não deveriam os sabios desvendar todos os mysterios da sciencia; mas, até hoje, ainda nos não foi dado penetrar nos arcanos

insondaveis da Natureza, onde o espirito se desvaira e perde em busca d'uma realidade que nos foge e que, talvez, nunca nos será dado colher.

Por debaixo d'esse verniz polido e lustroso, a que ora chamamos civilisação, mas que o calor das paixões rapidamente funde e volatilisa, encontra-se ainda o homem barbaro e feroz d'outras eras. O homem mais illustrado e scientifico folga e orgulha-se com os seus inventos mortiferos; o general, que no tempo de paz é delicado, benevolo e até caridoso, no campo de batalha, em luta sangrenta e barbara, apraz-se, depois da victoria, em ver o numero elevado de cadaveres, que rolaram sobre a terra em consequencia das suas bem calculadas manobras. Que na cidade mais civilisada do mundo, só por espaço de algumas horas, se abolissem todas as leis, deixando os homens entregues a si mesmo, sem responsabilidade alguma e veriamos logo os ladrões, os mal intencionados, os que tivessem uma offensa a vingar começarem o assalto, os aggredidos a defesa; estava travada a luta, que se generalisaria com a rapidez do raio; em breve o sangue correria a jorros, os cadaveros rolariam sobre os cadaveres e, n'um só momento, toda a obra da civilisação seria aniquilada.

Debaixo de que ponto de vista encarou Shakspeare o homem quando disse d'elle: «Que obra prima que é o homem! Quanto é nobre pela rasão! Quanto é infinito por suas faculdades! Quanto é admiravel e expressivo pela forma e pelos movimentos! Na acção quanto se assemelha aos anjos! Nas suas concepções quanto se assemelha a Deus! E' a maravilha do mundo, é o typo supremo dos seres organisados!» (Hamlet, acto II, scena II). Rude, brutal, feroz mesmo na violencia das suas paixões, o homem que sabe domal-as, esse é que é a obra prima da natureza, foi assim que o poeta o encarou, foi debaixo d'este ponto de vista que o definiu.

Se debaixo do dourado manto da civilisação moderna se occulta ainda o homem barbaro e cruel d'outras eras, é que essa civilisação não attingiu o grau de perfeição a que, cremos, ella

mais tarde ha de chegar; é que do coração do homem de hoje se não eliminou por completo esse egoismo, que lhe vem dos tempos primitivos, em que cada um vivia exclusivamente para si; é que na alma da grande maioria não se arreigou ainda esse sentimento, tão nobre, tão elevado — o Bem commum —, e é d'elle que emana a ordem, a harmonia, o esplendor da raça humana. E' em volta d'esse nobre sentimento, como se fora um centro de gravitação, ou o sol da vida moral, que giram pleiades d'habitos, que lhe são subordinados, d'onde se desprendem actos, todos marcados com o cunho d'uma perfeita rectidão; entre elles a Prudencia, providencia da ordem moral, que mantem o equilibrio, a moderação nas nossas determinações.

Amae-vos uns aos outros, disse Christo, e é d'este mutuo amor que dimanam as maiores virtudes; o reconhecimento, a sinceridade, a affabilidade, a liberalidade, os actos heroicos, sublimes sacrificios, a magnanimidade, a magnificencia, a perseverança, etc.; é ainda elle que liga o homem ao outro homem e que creou a unidade social. A sociedade é a mais bella creação da humanidade. Sem ella o homem rastejaria sempre sobre a terra, sem que suas faculdades, longe do seu fim, o podessem elevar á alta nobreza de sentimentos, fonte perenne de onde brotam as mais sublimes virtudes; o homem constituido em sociedade, o homem-povo, é como um só corpo, uma só vontade, uma só intelligencia, é um colosso soberbo em que as forças intellectuaes se agrupam em feixes de luz, cujos raios crescem á medida que o tempo avança e d'onde se vêem saltar, como faiscas luminosas, a brilharem por toda a parte, as siencias, as artes, as lettras, as grandes descobertas, as sabias instituições. A emulação estimula os animos, levando os ás laboriosas emprezas, ás virtudes heroicas, ás grandes dedicações, aos sublimes sacrificios. Do contacto, da mutua penetração de todos esses sentimentos nasce a physiononia altiva dos povos policiados; e era ao homem assim constituido em sociedade, nobre e altivo, sabio e justo no meio d'ella, que se referia o grande poeta, porque só este pode dizer: eu sou o rei

da creação; nenhuma distancia limita as minhas concepções, um só dos meus pensamentos é mais vasto que o universo. Desenrolem-se deante de mim todas as perspectivas astronomicas, eu sou maior do que essa immensidade. A luz percorre setenta e cinco mil leguas por segundo, só a eguala a electricidade; o meu espirito é mais veloz que essas rapidissimas vibrações da materia; em um instante imperceptivel e sem deixar o corpo, que anima, atravessa a immensidade em todos os sentidos, passa do mundo material para o mundo dos espiritos, salta das espheras sensiveis para as espheras intelligiveis, do finito para o infinito...

Bem longa vae já esta digressão, fora do fim que nos propozemos e é ella filha do modo de ser do nosso espirito, que não pode prender-se exclusivamente a objectos fixos e determinados. Prosigamos pois na nossa narrativa.

Das edades prehistoricas não se encontrou até hoje vestigio algum da existencia do homem n'esta localidade que possa ter dado origem a uma povoação qualquer. Um machado de basalto, que ha annos foi encontrado proximo da capella da Senhora da Piedade, em um sitio chamado Armazem da Polvora, outro de cobre que foi achado na fenda de uma rocha, junto á Fonte Quente, quando se construiu a estrada do Prado e ainda outros de pedra lascada e polida, que teem apparecido em differentes pontos e aos quaes a gente do campo chama raios, cahidos das nuvens, não são indicios certos de que o homem da edade de pedra ou da de cobre persistisse por estes logares, onde foi a antiga Nabancia, nem o local era apropriado ao modo de viver d'aquellas epochas.

Ao norte de Thomar, para cima da Pedreira, ha umas grutas muito interessantes, uma d'ellas chama-se a gruta dos morcegos, pela grande quantidade d'aquelles chleiropteros que ali habita; estas grutas nunca foram exploradas, se o fossem talvez ali se podessem encontrar alguns vestigios do homem prehistorico. A gente do campo liga sempre a estas cavidades subterraneas um certo sentimento de veneração, até de terror,

suppondo-as a habitação de seres sobrenaturaes, como mouras encantadas, bruxas, espiritos malignos e outras entidades ideaes que a sua imaginação phantastica lhes suggere e cria; e como para as proteger da acção malevola d'aquelles seres imaginarios, costumavam erigir no local uma capella dedicada a um santo protector; ali existe uma na margem direita do rio com a invocação de Nossa Senhora das Lapas e muitas outras se encontram pelo paiz, edificadas com o mesmo fim.

Os primeiros habitantes da peninsula mencionados na historia antiga são os Iberos e os Celtas, tribus emigrantes, que vieram da Asia; mas quando estes aqui se estabeleceram já esta parte do globo era habitada, segundo uns pelos que na epocha dos glaciares desceram das partes mais elevadas, fugindo ao abaixamento de temperatura, que então se deu em quasi toda a Europa, principalmente nos pontos mais altos, e cuja causa ainda não é bem conhecida; segundo outros por tribus nomadas, que para cá passaram do norte d'Africa, antes da abertura do estreito de Gibraltar; ou talvez teriam as duas proveniencias: são pontos obscuros da historia da humanidade, que difficilmente se poderão aclarar. Seja como for, é certo que estas raças se fundiram e por aqui permaneceram durante longos periodos até que outras se lhes vieram encorporar.

Foram os Phenicios e os Gregos os primeiros que nas suas barcas costeiras, transpondo o estreito, abordaram ás costas occidentaes da peninsula, e, subindo os rios até onde elles podiam ser navegaveis, estabeleceram colonias nas suas margens; é natural que os indigenas tentassem repellir os intrusos, dando-se entre elles sanguinolentos combates, mas é certo que estas raças, com o decorrer do tempo, confundiram-se, amalgamaram se e constituiram um só povo. Vieram depois os Carthaginezes, com os quaes se deram eguaes factos, de maneira que, quando os romanos conquistaram a Hespanha, guerra de conquista que durou por espaço de duzentos annos, já cá encontraram um povo mixto Ibero-Celtico-Greco-Carthaginense. A Luzitania, na qual se achava comprehendida a nossa actual

provincia da Extremadura, devia ser a esse tempo bastante povoada; já no tempo de Anibal os Lusitanos se distinguiram no seu exercito e os Romanos encontraram sempre aqui valerosa resistencia e os consideravam como excellentes guerreiros.

Os povoados deviam achar-se disseminados pelo solo mais fertil, que melhores condições de vida offerecesse aos seus habitantes; ora estando as margens d'este rio n'essas condições, é muito provavel que antes da dominação romana já aqui existisse uma povoação qualquer, a que se daria o nome de Naba, ou Naba seria o nome do rio, que se confundia com o da povoação.

Ha quem diga que foram os Turdulos ou os Celtas os primeiros que n'este local edificaram uma povoação; é possivel e até muito provavel que assim fosse, attendendo á amenidade do logar, á proximidade do rio, abundante em peixe, á muita caça que n'aquellas epochas por aqui devia haver, á grande fertilidade do terreno, produzindo abundantes pastagens, á grande quantidade d'arvores sylvestres fructiferas, que então deviam povoar até os terrenos mais aridos, e que ainda hoje n'elles vegetam, taes como o sobreiro, a azinheira, o medronheiro, a amendoeira, etc.; não consta porém que tenham sido encontrados n'este logar quaesquer vestigios d'essas habitações, que eram simples e toscas, o que não prova que ellas cá não tenham existido. Os Celtas desconheciam as argamassas e o fabrico da telha; as suas habitações, pelos vestigios que em outros pontos se teem observado, vê-se que eram de forma circular e construidas de pedras sobrepostas; effectivamente o circulo é uma figura geometrica de primeira intuição e elles deviam conhecel-a, pois a viam constantemente no disco do sol, da lua e das estrellas, porisso não admira que o perimetro da base das suas habitações fosse uma circumferencia, em vez de ser um polygono qualquer. Alem d'isto haveria talvez outra rasão, e é que as paredes feitas com pedras soltas, sem terem um cimento qualquer que as ligue, offerecem maior resistencia dispostas n'uma só linha curva do que em linhas rectas for-

mando angulos. Este systhema primitivo de construcções ainda de todo entre nós se não extinguiu. Na Serra de Santo Antonio, perto de Minde, onde havia uns frades que leccionavam latim e logica, tivemos occasião de observar, já talvez ha cincoenta annos, que a maior parte das casas dos moradores de aquelle lugar eram feitas de pedra solta, e, com quanto não tivessem a forma circular, tinham os cantos arredondados; eram muito baixas e cobertas com telhas sobrepostas; de modo que pouco ainda ali se tinha aperfeiçoado a construcção celtica.

Para alem da dominação romana nada podemos encontrar que nos mostrasse claramente a existencia de uma povoação qualquer n'aquelle logar, sendo comtudo muito provavel que ali tivesse existido; mas é só d'esta epocha em deante que se falla da Nabancia e que os vestigios encontrados attestam a sua existencia.

Quando os Templarios começaram a edificar o castello tinham pressa, porque podiam, de um momento para o outro, ser atacados pelos Serracenos; apesar de que não era isto muito de receiar, porque n'aquelle tempo já D. Affonso Henriques lhes havia tomado Santarem e Lisboa, expulsando-os de toda a margem direita do Tejo, e as fronteiras do reino portuguez estavam já muito avançadas no Alemtejo e n'ellas tinham os nossos valentes fronteiros Geraldo sem pavor e Fernando Gonçalves, que os não deixavam avançar, antes os obrigavam a recuar, tomando-lhes um Evora e outro Beja; esta ultima foi tomada em 1162 e n'esta data por certo ainda não estavam concluidas as obras do castello; no emtanto havia toda a conveniencia em o concluir no menor tempo possivel; por isso é muito natural que aproveitassem todo o material de construcção que poderam colher nas ruinas da antiga cidade; demais que n'aquelle tempo eram ainda desconhecidos os explosivos e a pedra só se extrahia das pedreiras á cunha e á marreta, processo difficil e moroso. Levaram portanto d'ali todas as pedras que encontraram; e que lhes importava a elles

que muitas d'essas pedras tivessem um grande merecimento artistico ou um alto valor historico? Nada decerto; eram obra do paganismo.

As columnas de marmore com riquissimos capiteis burilados, que sustentavam as abobadas dos magnificos templos pagãos, para elles nada valiam; as estatuas de Venus, de Priapo, de Sileno, que adornavam os jardins ou os parques dos sumptuosos palacios dos nobres; os Satyros, os Cupidos alados, arremessando frechas, as Nymphas, banhando-se nos lagos; todas estas divindades ideaes, que o cinzel dos eminentes esculptores d'aquella epocha reproduzia no marmore ou no jaspe, dando-lhes formas vesiveis e palpaveis, offendiam a moral christã; convinha-lhes por isso que de todo se apagassem na memoria do povo os vestigios de antigas crenças; portanto se alguma coisa de valor ainda por ali existia, foram essas reliquias preciosas, como estando mais á mão, lançadas no fundo dos fossos abertos para servirem de alicerce aos muros da fortaleza, que iam construindo; e lá ficaram sepultadas e subtrahidas ao exame dos investigadores, que talvez por ellas podessem reconstruir mentalmente o passado d'aquella importante povoação; não poderam porém esconder tudo, a esse vandalismo christão escaparam ainda alguns documentos, algumas paginas da historia d'aquelle povo.

Na torre maior do castello dos Templarios, embutida em uma das paredes, está uma pedra, que mostra ter, n'outro tempo, servido de monumento sepulchral, porque, em um dos lados, vê-se ainda gravada a seguinte inscripção:

SABINULA
VXOR
SIBI

Sabinula, sua mulher dedicou-lhe esta memoria.

Esta inscripção mostra haver outra com o nome do marido

e talvez a sua posição social; devia ser pessoa nobre ou exercer cargo importante.

Em uma outra pedra de marmore, tambem embutida na parede da mesma torre, lê-se o seguinte:

GATIO
ATTIA
NO RU
FINUS
SABIN
VLA
MATER
P.

A Gatio Attiano Rufino Sabinula, sua mãe poz esta memoria.

Pelos letreiros gravados n'estas pedras vê-se que ellas serviram de campas de alguns sepulchros no tempo dos Romanos, quando habitavam a Nabancia e foram d'ali trazidas e empregadas na construcção d'aquella fortaleza, ficando casualmente com estes letreiros a descoberto; e tanto foi por acaso, que assim aconteceu, que, n'aquelle mesmo castello, se vê outra pedra com um letreiro muito curioso e de grande importancia para a historia da Nabancia, que ficou collocado ás avessas, o que mostra que os constructores nenhum valor davam áquellas inscripções; n'esta está o seguinte:

PIETATI
AVG. SACR.
VAL. MAX. IN MEM.
SUAM ET FILIARVM
SVARVM
HŒC SIGN. P.

A' piedade do sagrado imperador Augusto, Valerio Maximo em memoria sua e de suas filhas poz estes signaes.

Esta inscripção é do principio da era christã, dedicada a Octaviano Augusto por Valerio Maximo, nobre consul romano, o qual, como se vê, então residia na Nabancia.

Basta o facto de ter ali residido um nobre consul romano para mostrar a importancia que n'aquelle tempo tinha esta cidade. A Sabinula, a que se referem as duas primeiras inscripções, pertencia tambem a uma familia nobre; os plebeus não gravavam inscripções nas sepulturas dos seus, jaziam, como hoje, no esquecimento; não lhes erigiam mausoleus nem lhes levantavam padrões de memoria, cobria-os apenas a terra, sob a qual repousam no eterno olvido.

Por detraz da casa do Conselheiro Barbosa, que fez parte do antigo convento de Santa Clara e no local onde parece ter existido o palacio do conde godo Brita'do, que talvez fosse o mesmo em que residiu o consul romano Valerio Maximo, na occasião em que ali se andava plantando uma vinha, foi encontrada uma medalha de cobre, pouco mais ou menos do tamanho de uma das nossas moedas de 500 réis, tendo de um lado a figura de um boi e em volta a seguinte inscripção – MVNICIP. ...ÆNTVM. As primeiras letras eliminou-as o tempo, apagaram-as os seculos pela acção d'esse principio, o oxygenio, agente energico e admiravel, que vivifica e que destroe, que anima e que corrompe, que nos seres vivos é o principal agente da vida, nos mortos o da destruição. Medido o espaço d'onde desappareceram as letras, este devia ser occupado por tres, é pequeno para mais e grande para menos e estas tres letras, que desappareceram, eram decerto NAB. Está a confirmal-o o facto de ter esta medalha sido encontrada nas ruinas da Nabancia e principalmente o de ter gravado um boi; o boi parece que era o symbolo da cidade, talvez por ser esta uma povoação principalmente agricola; este symbolo existe ainda gravado em uma pedra que está no cunhal da parede do antigo convento de Santa Iria, por debaixo de onde collocaram o nicho da Santa; aquella pedra só podia ser collocada ali quando se construiu aquelle edificio, que já existia no tempo dos godos

e talvez seja ainda do tempo dos romanos nas primeiras epochas do christianismo, quando se começaram a fundar os primeiros mosteiros. Na rua da Capella d'esta cidade de Thomar, via-se, ainda não ha muitos annos, um boi gravado na verga de um portal; esta pedra provavelmente tinha vindo da Nabancia, desappareceu d'ali com as obras que se fizeram n'aquella casa, e ha memoria d'outros, que hoje já não existem. Na rua da Levada (hoje rua Everard), defronte dos moinhos, em uma casa antiga, viam-se, ainda não ha muitos annos, duas pedras salientes representando bois: é muito provavel que, ou viessem da antiga Nabancia ou á imitação d'outras que por lá appareceram, se talhassem aquellas; desappareceram d'ali e não se sabe que destino tiveram, quando aquella casa foi demolida e reedificada pelo dr. José de Mello, fazendo hoje parte do seu predio. Portanto a inscripção, que está gravada n'esta medalha deve ser *Municipium Nabœntum*, isto é, Municipio Nabantino, ou de Naba, que era o nome do rio e o da cidade devia ser *Urbs Nabœ*, e supprimindo por abreviatura o termo generico *urbs* ficava o genitivo latino *Nabœ*, que adjectivado faz *Nabœntum*, Logo esta medalha pertence evidentemente á Nabancia e mostra que ella foi um municipio romano. No lado opposto vê-se a effigie de uma cabeça humana e a seguinte inscripção—CEZAR DIVINVS AUGVSTVS—(o Divino Cesar Augusto). E' portanto esta medalha do reinado de Octavio.

Octavio tomou o nome de Octaviano depois da sua adopção por Julio Cesar e juntou lhe mais tarde o de Cesar; como im-

perador é conhecido por Octaviano Cesar Augusto. E' preciso conhecer a historia de Octavio para se saber a rasão porque em sua honra se cunharam medalhas e se erigiram padrões de memoria; por isso muito resumidamente aqui vamos dar alguns traços d'ella, porque não comporta mais a estreiteza d'este trabalho.

Cesar, o grande heroe romano, que da Asia escrevia ao senado—*veni, vidi, vici,* (cheguei, vi e venci)—perdeu-o a sua desmedida ambição; as suas tentativas imprudentes para se fazer coroar rei, augmentaram o numerò dos conjurados, que tinham por chefe Cassius, os quaes uma cega dedicação ás instituições democratas levou a apunhalarem Cesar em pleno senado. Acreditavam elles que, morto Cesar, a liberdade renasceria espontaneamente. Illudiram-se. Antonio, que então era consul, amotinou contra elles o povo nos funeraes da sua victima e expulsou-os da cidade.

Cesar não tinha filhos, apenas um sobrinho, que havia adoptado, era Octavio. Antonio esperava herdar o poder, e quando este rapaz, apenas com dezoito annos d'edade, entrou em Roma, Antonio riu-se das suas pretensões; porém a gloria de Cesar ainda se não tinha apagado e foi essa gloria que em volta do seu filho adoptivo rapidamente creou um numeroso partido; demais que elle compromettia-se a fazer cumprir as leis, que seu pae havia creado para o povo e para os soldados. Cicero via n'elle um salvador das liberdades do senado, que Antonio queria arrancar-lhe, por isso elogiou-o e tratou de lhe crear honras. Mandaram-o juntamente com dois consules em soccorro de Decimus Brutus, que se achava em Modena cercado por Antonio. Esta guerra foi curta, mas sanguinolenta, Antonio fugiu e os dois consules morreram. Então Octavio pediu um dos logares de consul, que se achavam vagos, o senado recusou-lh'o, suppondo que já não precisava d'elle; em vista d'esta recusa marchou para Roma com oito legiões, onde entrou com applauso do povo, que o proclamou consul.

Como consul e senhor de Roma podia já tratar com Anto-

nio, o que fez, reunindo-se com elle e com Lepido, antigo general da cavallaria, perto de Bolonha, em uma pequena ilha do Rheno; ali estiveram tres dias e formaram o segundo triumvirato. Antonio, Lepido e Octavio, investiram-se no poder consular por cinco annos com o direito de, durante este tempo, disporem de todos os encargos. Depois dividiram entre si o imperio. As feras repartiram a presa, dilacerando-a, e esta dilaceração não podia fazer-se sem effusão de sangue. Em seguida partiram para Roma, tendo-se feito preceder d'um decreto de morte contra dezesete dos mais notaveis homens de estado, entre elles Cicero, o distincto orador, que no senado tinha elogiado Octavio e feito com que lhe concedessem honras, esperançado em que elle seria um dos defensores da liberdade. Logo que entraram em Roma mandaram affixar editaes, em que se impunha a pena de morte a todos aquelles que dessem guarida ou favorecessem a fuga a qualquer dos individuos enumerados em uma lista, que foi publicada, ordenando se que as cabeças d'esses individuos lhes fossem entregues e em compensação o homem de condição livre receberia vinte e cinco mil drachmas atticas e o escravo dez mil e a liberdade com o titulo de cidadão. Era lançar as ovelhas no meio de uma alcateia de lobos famintos. A lista dos condemnados era de cento e trinta nomes; quasi ao mesmo tempo appareceu outra com cento e cincoenta e depois ainda outras. Na primeira lista figuravam logo em frente os nomes d'um irmão de Lepido, d'um tio de Antonio e de um dos tutores de Octavio, C. Turanius. Apesar de todas as precauções alguns conseguiram escapar, refugiando-se na armada de Sextus Pompeus, que acabava de se apossar da Cicilia, outros fugiram para Africa, Syria e Macedonia; pereceu, comtudo, um grande numero e n'este entrou o infeliz Cicero, que, tendo-se exilado na sua quinta de Gaëta, suppondo que os seus inimigos se contentariam com este exilio, poupando-lhe a vida; ahi foi colhido pelos algozes e barbaramente assassinado aquelle ornamento da tribuna romana, o mais eloquente orador do seu tempo, d'uma linguagem tão

fluente e ao mesmo tempo incisiva, que ainda hoje faz gosto ler os seus discursos. Cortaram lhe a cabeça e a mão direita e foram apresental as a Antonio, na occasião em que estava á mesa; recebeu-as com feroz alegria, e sua mulher Fulvia atravessou-lhe a lingua com uma agulha, para se vingar dos epithetos de que a havia enchido e que tão bem cabidos lhe eram; depois a cabeça veneranda d'aquelle homem celebre, foi, por escarneo, pendurada no *rostro*, como se depois de morto ainda podesse fallar ás turbas.

Brutus fugiu para Athenas e o governador da Macedonia entregou-lhe o commando do exercito. Do Adriatico até á Thracia, em poucos dias, tudo obedecia ao general republicano. Cassius, que se tinha refugiado no Oriente, arrastou comsigo as legiões romanas, que ali estacionavam e avançou com ellas até Filippas na Macedonia, reunindo se a Brutus para se encontrarem com os triumviros. Em frente d'este estava Antonio e Octavio na de Brutus. Estava imminente o combate, que se travou poucos dias depois, Octavio adoeceu, sendo por isso levado para fóra do campo de batalha, quando Messala, atacando com impetuosidade, rompeu as suas linhas. Brutus julgou ganha a victoria; porém no outro campo Antonio tinha dispersado o inimigo e Cassius, julgando o seu partido perdido, suicidara-se. Vinte dias depois travou se novo combate, em que as tropas de Brutus foram envolvidas e derrotadas; este com difficuldade poude salvar-se das mãos do inimigo, e, chegando a um alto d'onde contemplou o horroroso espectaculo da derrota dos seus, precipitou se sobre a sua espada, proferindo esta exclamação: «Virtude, tu não és mais que uma palavra», (outros dizem que se fez matar por um preto, seu escravo). Antonio mostrou alguma indulgencia para com os vencidos, Octavio foi cruel.

Estava morta a republica, os algozes tripudiavam em volta do seu cadaver e dividiam-lhe os despojos, excluindo Lepido d'esta nova partilha, porque o julgavam d'accordo com Pompeu. Octavio ficou na Italia encarregado de repartir pelos soldados

as terras, que lhes haviam promettido; Antonio partiu para a Asia em busca de duzentos mil talentos, de que precisavam. Faustoso, dissoluto, dissipador, nada lhe chegava; exigiu aos povos tributarios de Roma o imposto de nove annos, pagos de uma só vez, a fora as innumeras confiscações que fazia promover; para qualifical o basta notar o seguinte facto: um dia o seu cozinheiro preparou-lhe um prato, de que muito gostou, em compensação deu lhe a casa d'um cidadão de Magnesia, expulsando d'ella o seu dono.

Cleopetra, rainha do Egypto, tinha fornecido a Cassius algumas tropas e dinheiro, Antonio quiz pedir-lhe contas d'esse facto; conhecedora d'esta resolução, não tardou ella propria a ir dar-lh'as, apresentando se em Tarso na Cilicia, onde então elle se achava. Aquella mulher vaidosa da sua formosura, orgulhosa do seu saber, arrojada como um aventureiro, previra que no convivio do devasso romano teria grato acolhimento, e que em breve não seria ella a dar contas, mas a poder pedil as. Assim aconteceu. Esbelta, formosa e sabia, porque fallava seis linguas, egualando-o, se é que o não excedia, nas suas orgias e licenciosas conversações de soldado, em breve a africana se assenhoreou do seu espirito. Era formosa e bella. Formosura sem encantos, belleza sem candura. Formosa nas formas, bella na excentricidade dos pensamentos e das acções não proprios do seu sexo; em tudo ha bellezas e os espiritos transviados do sentir commum podem achar bello para si o que para os outros pode ser horrendo. Antonio deixou-se envolver no olhar fascinador d'aquella mulher perigosa e arrebatar pela voluptuosidade das suas formas typicas d'uma formosura sem egual, mas formosura plastica, que é como a tulipa sem cores, a rosa sem perfumes, porque lhe faltam a animal-a os subidos dotes d'alma, que mais captivam e prendem do que as formas exteriores. A repetição dos mesmos gosos embota a sensibilidade, chega se a aborrecer o que a principio nos enthusiasmava; buscam-se então novos estimulos, mais violentas emoções; foi talvez por isso que Antonio viu n'aquella mulher extraordina-

ria a realisação dos seus sonhos de volupia, quando o corpo lasso das orgias lhe repousava em brando leito e a mente encandescida vagueava em busca de novos e mais vivos prazeres; por isso amou-a, não com aquelle amor casto e puro, sentimento nobre, que attrahe e liga dois seres de sexo differente, para os reunir n'uma só entidade, unifical-os n'um individuo, compartilhando ambos o mesmo sentir, o mesmo pensar, os mesmos prazeres, os mesmos pesares, constituindo a familia, mollecula integrante das sociedades, feitura do Creador. Não, não a amou, cubiçou-a; não foi o amor que os uniu, porque esse sentimento elevado, inspirado pelo Creador á creatura, já ha muito que n'um e n'outro o tinham apagado a dissolução, a corrupção, o vicio, principios deletereos que envenenam o espirito, e substituira-o outro, baixo, degradante mesmo, a sensualidade, que na alma já pervertida de Antonio, se transformou em paixão delirante, levando-o a esquecer Roma e Fulvia e os Parthas. Tanto pode a formosura e a paixão, que ella inspira!

A formosura é um dom da natureza, é um dote com que ella presenteia um certo numero de creaturas; é um bem real, quando essa formosura serve de ornamento á virtude e reflecte as boas qualidades do espirito; porém se ella não é mais que uma mascara do vicio, se não serve senão a persuadir-nos de que com ella podemos dispensar-nos de todas as outras boas qualidades, então essa formosura é um lisonjeiro, que nos engana para perder-nos, é uma maldição de Deus, que nos afunda no abysmo, é um perigo de que é preciso fugir.

A paixão é o fogo que consome, mas não alumia, porque sob a sua acção a rasão obscurece-se e o rumo da vida perde-se. Quando esse fogo abrasador se ateia na alma, o homem é como o bote sem governo, arrastado pela procella, levado n'um turbilhão de vagas, que o sorvem em medonha voragem ou o arremessam e despedaçam contra os rochedos, se não é que por milagre o arrojam á arenosa praia, onde ainda a custo poderá salvar-se.

Emquanto Cleopetra prendia Antonio em voluptuosos amplexos e o retinha entorpecido, Octavio em Roma via se a braços com serias difficuldades na partilha das terras, que haviam promettido aos soldados; os novos colonos queriam sempre exceder os limites que lhes eram assignalados e os expoliados corriam a Roma a queixarem se da sua miseria e a amotinarem o povo. O irmão de Antonio vendo n'estas emoções populares um meio de derribar Octavio, prometteu a sua protecção aos italianos espoliados, reuniu dezesete legiões e tomou Roma; porém Agrippa, o melhor general de Octavio, expulsou-o da cidade e obrigou-o a refugiar-se em Perouse, onde a falta de viveres o forçou a render-se. Fulvia fugiu para a Grecia com todos os amigos de Antonio e Octavio ficou só senhor de Roma.

Estas noticias despertaram Antonio do lethargo em que jazia, desprendeu-se dos braços de Cleopetra e marchou para Brindes; porém os soldados recusaram-se a combater e exigiram a paz. Então os dois adversarios fizeram nova partilha, ficando Antonio com o Oriente até ao Adriatico com obrigação de combater os Parthas e Octavio com o Occidente, encarregado da guerra contra Pompeu. a Lepido deram a Africa. Poucos dias depois Octavio pelo tratado de Mizena celebrou a paz com Pompeu, cedendo-lhe a Sicilia, a Corsega, a Sardenha e a Achaia. Esta paz não podia ser duradoura, a Sicilia era, como então se dizia, o celleiro de Roma, era de lá que se abastecia de cereaes, e Octavio não podia consentir por muito tempo que a cidade e o seu exercito estivessem á mercê de Pompeu. Effectivamente pouco depois rebentou a guerra, em que Octavio teve a victoria, devida á traição do liberto de Ménas, que lhe entregou a Corsega e a Sardenha com tres legiões e uma forte esquadra e ainda ao talento de Agrippa na celebre batalha de Naulocque. Pompeu refugiou-se na Asia e foi morto em Mileto por um official de Antonio; Octavio desfez-se de Lepido, desterrando-o para Circeia.

Terminada esta lucta, Octavio voltou a Roma, e esta, que

gativo assemelha-se ás feras, o perdão não é uma baixeza é a magnanimidade, é um sentimento nobre; o homem que perdôa approxima se de Deus. Octavio foi chamado a Italia para ali apasiguar algumas discordias que se tinham levantado e só no anno seguinte poude continuar a luta com Antonio; este tentou defender Alexandria; Cleopetra, a sua estrella mofina, que sempre o guiara no caminho da perdição, levando o a abandonar a esposa, a patria e a sua propria honra, quiz conduzil-o até ao abysmo, vendo-se em perigo, atraiçoou-o, e elle, desalentado, perdidas todas as esperanças, buscou no suicidio o termo dos seus desvarios. Ella porem, ainda vaidosa, julgou exercer no animo de Octavio a mesma influencia que havia exercido sobre o de Antonio; illudiu-se. Octavio foi inabalavel; desesperada fez se morder por um aspide, de cuja mordedura morreu envenenada. O Egypto foi reduzido a provincia romana.

Octavio voltou á Asia, onde passou quasi todo o inverno a pôr em ordem os negocios do Oriente; quando voltou á capital do imperio foi recebido em triumpho; em seguida fez distribuir pelos soldados mil sestercios a cada um e pelo povo quatrocentos por cabeça e para iniciar uma era de paz mandou fechar o templo de Janos. Era finalmente o unico senhor de Roma; ficou sendo consul por mais seis annos, este cargo dava lhe quasi todo o poder executivo, mas elle queria tambem e principalmente o do exercito: para isso fez se nomear imperador, com o commando supremo de todas as forças militares; os generaes eram seus logares tenentes e os soldados juraram-lhe fidelidade; fez-se tambem nomear perfeito dos costumes, tendo Agrippa por collega; o perfeito dos costumes tinha a superintendencia sobre o censo e n'estas condições podia expulsar do senado os membros que lhe não conviessem. Quando os antigos censores formavam a lista dos senadores o que ia na cabeça do rol chamava se principe do senado, e este logar d'honra pertencia-lhe por toda a vida; Agrippa deu ao seu collega este titulo republicano; era muito importante porque o principe do senado era sempre o primeiro a emittir a

sua opinião e esta tinha grande influencia sobre o animo dos outros, de modo que era quasi sempre adoptada.

O senado fel-o proconsul, como tal tinha sob sua autoridade todas as provincias, porém elle cedeu-lhe as do interior, que se achavam mais socegadas e mais prosperas e reservou para si as que se achavam ainda revoltosas e as que estavam ameaçadas pelos barbaros; o senado em signal de reconhecimento deu-lhe o titulo de Augusto, que só se dava aos deuses e tres annos depois decretou-lhe o poder tribunicio por toda a vida, de modo que á autoridade militar que já tinha juntou o poder civil e a inviolabilidade da sua pessoa; mais tarde obteve o consulado e a perfeitura dos costumes por toda a vida; finalmente, por morte do Pontifice, fez-se elle nomear Summo Pontifice. Não havia mais coisa alguma que lhe conviesse. Vê-se como este homem intelligente e sagaz se foi apoderando de todos os cargos até se tornar senhor absoluto. Como Perfeito dos costumes redigia a lista dos senadores e dos cavalleiros, podia portanto expulsar do senado e da ordem equestre todos os que lhe não fossem affeiçoados; como grande Pontifice tinha vigilancia do culto e dos seus ministros; como Principe do senado dirigia as suas deliberações; como Imperador commandava os exercitos; como Proconsul era senhor das provincias; como Consul governava a cidade e a Italia; era irresponsavel porque tinha poderes vitalicios; a sua pessoa era inviolavel e sagrada, porque era Tribuno perpetuo.

A sua administração foi sabia e prudente, marcou no imperio romano uma era de prosperidade; tanto que a designaram por era de Augusto; o senado continuou a nomear os proconsules para governadores das provincias interiores, que Octavio lhe cedeu; as que estavam a seu cargo eram governadas por delegados imperiaes da sua confiança; é provavel que fosse n'estas condições que Valerio Maximo veiu residir na Nabancia. Como havia duas especies de administração havia dois thesouros, o *œrarium*, que pertencia ao senado e *fiscus* ao principe, elle porém dispunha de ambos. Como havia falta de recursos

para fazer face ás novas despezas, restabeleceu os impostos aduaneiros e creou outros novos, a vigesima parte das heranças e a centesima do preço das vendas e as multas da lei Julia-Poppœa contra os celibatarios. Os dois primeiros por cá ficaram, um com o nome de direito de transmissão e o outro com o de cisa, este muito mais augmentado, do ultimo é que os nossos governos ainda se não lembraram, mas em compensação temos outros peiores; o que lhe não imitaram ainda foi o que elle fez um anno, pagando dos seus rendimentos os impostos das provincias da Asia. A fim de regularisar os impostos mandou por tres geometras levantar um novo cadastro; este trabalho teve ainda outro fim e foi que, feita a carta geographica do todo o imperio, era facil ligar por meio de estradas os pontos principaes, o que rapidamente mandou executar; mandou-as construir em todas as provincias e a peninsula Iberica, de que então fazia parte o actual reino de Portugal e onde se achava a Nabancia, foi uma das mais bem contempladas, cobrindo-a com uma rede de estradas e estabelecendo n'ellas um serviço de postos regular. Nas provincias occidentaes, nas quaes se comprehendia esta nossa região, fez novas divisões territoriaes e fundou muitas colonias para multiplicar no meio d'estes povos o elemento romano e a exemplo de seu antesuccessor Julio Cesar, concedeu a muitas povoações da peninsula Iberica o *jus civitatis*.

Sem estes resumidos trechos da historia de Octavio mal poderiamos affirmar a rasão porque nas ruinas da Nabancia se encontrou uma medalha, que claramente se vê que foi mandada cunhar pelo Municipio Nabantino em honra d'aquelle imperador, que então tinha o titulo de *Divino Cesar Augusto* e porque na parede do velho castello se acha casualmente a descoberto uma lapide com uma inscripção romana, documento importantissimo, que prova que na Nabancia residiu Valerio Maximo, homem muito notavel, que teve as honras de consul e é muito conhecido na historia romana, e que este homem levantou n'aquella povoação um padrão de memoria á piedade

de Cesar Augusto. Não deve entender-se por piedade a misericordia, a commiseração, mas sim a magnanimidade, a munificencia regia, os beneficios feitos áquella cidade, e estes beneficios quaes foram? A melhor repartição dos tributos em resultado do cadastro, a que mandou proceder, as estradas que mandou construir, ligando esta com outras povoações, favorecendo o commercio e as relações entre ellas e provavelmente tambem o *jus civitatis*, que lhe seria concedido, o que equivalia a dar aos seus habitantes os mesmos direitos dos cidadãos romanos. Quem erigia estes monumentos ao chefe do estado, em geral, não eram os particulares, mas sim os empregados publicos, portanto é muito provavel que o illustre romano Valerio Maximo residisse na Nabancia, como delegado do imperador, governando uma certa area d'este territorio, cujos limites hoje se não podem marcar. Os governadores das provincias habitavam sempre nas povoações principaes das provincias que governavam. Tudo isto prova que n'aquella epocha a Nabancia era uma cidade importantissima. Outros factos ainda o attestam.

No mesmo local em que foi encontrada a medalha a que nos referimos e na mesma occasião, foram tambem encontrados pavimentos de casas lageados ou ladrilhados de tejolos, paredes muito espessas que se elevam em alguns pontos 0,^{m}30 a 0,^{m}40 acima do nivel do seu pavimento, d'onde se extrahiram muitas carradas de pedra de alvenaria, pedaços de columnas cylindricas, algumas d'um grande diametro, tejolos e telhas de grande espessura; por debaixo do pavimento d'estas ruinas notou-se ainda haver subterraneos, cavas, ergastulos ou criptas. Não se sabe o que era, porque, infelizmente não foram explorados; em um certo ponto abateu o terreno e viu-se uma abobada, entupiu-se aquella cavidade e não se examinou. Encontrou-se tambem ali grande quantidade de moedas romanas e muitos cadinhos de grés; e entre aquelles restos da antiga povoação, encontraram-se alguns fragmentos de estatuas, que deviam ter sido perfeitissimas; entre elles metade de uma cabeça, reproducção talvez da Venus de Medicis, foi dividida no

sentido da linha media do corpo, deixando ver um olho, uma orelha, uma face e o collo correspondente, tudo tão primorosamente talhado, tão artisticamente bem feito, que hoje se não excede e difficil será egualal o; parte de um braço, copia fiel do natural, onde tambem se desenham os musculos, que parece haver pertencido a um homem bem conformado e robusto, hoje petreficado; ao meio d'elle, sobre o musculo biceps, vêem-se os vestigios dos dedos da mão opposta, que ali assentavam; pertenceu a uma magnifica estatua, que se apresentava de braços cruzados; parte de uma perna e pé, em que os malleolos, o tendão d'Achilles e o calcanhar estão tão bem

Estatuas Nabantinas (Fragmentos)

talhados que parece que aquella parte do corpo humano lhe servia de molde; além d'estes muitos outros fragmentos e vê-se que cada um d'elles fez parte de estatuas differentes. Estas reliquias preciosas estão guardadas no museu Silva Magalhães, onde se podem observar. Fizeram parte de estatuas que decerto serviram de ornamentação a alguns magnificos jardins ou sumptuosos palacios ou então eram deuses levantados em soberbo templo e hoje ainda aquelles restos de antiga magnificencia, ali sepultados ha tantos seculos debaixo da terra e outr'ora admirados nos jardins ou adorados nos templos, estão a attestar a grandeza da antiga povoação a que perten-

ceram; brilhou n'ella o esplendor romano, foi cidade muito importante, porque teve as honras de municipio romano, foi habitada pelo nobre patricio e distincto consul Valerio Maximo, e residiram n'ella muitas outras nobres familias.

Os chronistas e os historiadores antigos só descreviam os feitos dos reis ou dos homens celebres, que muitas vezes engrandeciam até ao exaggero e nada se importavam com a vida civil dos povos; embora uma cidade florescesse pela agricultura, pelas artes ou pela industria não merecia menção alguma nos seus escriptos se n'ella se não dessem acontecimentos importantes que se prendessem com a vida de algum rei ou de algum general de fama, cuja epopeia teciam em termos quasi sempre aduladores, que muitas vezes não exprimiam a verdade dos factos com aquella pureza e imparcialidade com que devem ser narrados; por isso na historia dos Romanos passou desapercebida esta importante cidade, que não se salientou por uma revolta ou por uma batalha de nome, dada nas suas proximidades.

Dos livros antigos perdeu-se a maior parte; a historia geral de Trogue Pompeu desappareceu, da encyclopedia de Celso, só restam os livros que dizem respeito á medicina, a geographia do grego Estrabão nada nos diz, parece que aquelle escriptor viajou mais pelo oriente e pouco conhecia do extremo occidental da peninsula; de modo que nos livros que chegaram até nós, n'aquelles de que temos conhecimento, nada encontramos que nos possa servir de base á historia d'esta cidade; a tradicção pouco ou nada nos diz porque, de tão longinqua que é, tem-se alterado e perdido no decorrer dos seculos; restam-nos só os monumentos e os vestigios que d'ella se encontram.

O celebre naturalista Cuvier com um só osso petrificado reconstruia todo o animal a que tinha pertencido e cuja especie se havia extinguido ha muitos seculos; ora se pela harmonia que existe entre differentes ossos de um animal, que constituem o esqueleto que lhe dá a fórma e onde se prendem os

musculos que lhe dão os movimentos, que se executam debaixo da influencia da vida, se pode chegar a avaliar as qualidades do animal, o seu grau de intelligencia, os seus instinctos, as suas aptidões, etc., existe tambem entre a parte material de uma povoação e a vida do povo que a habita um tal conjunto de relações tão concordes que d'uma facilmente se deduz a outra. A parte material de uma povoação, isto é, os edificios n'ella erguidos, são uma manifestação da vida do povo que a habita, revelam a sua actividade, a sua intelligencia, o seu saber e o grau de civilisação em que se encontra. Assim onde ha vastas construcções, ricos palacios, sumptuosos templos, esmerados jardins, bem construidos theatros, variadas officinas etc., avulta a vida, exerce se ali em grande escala a actividade humana, ha lá a riqueza, o fausto, a grandeza. que não podem caber n'uma simples aldeia, mas sim em vasta, rica e opulenta cidade,

Aquelles fragmentos encontrados nas ruinas da antiga Nabancia, pertenceram a estatuas de muito valor, não eram obra de ignorantes ou simples curiosos, mas sim de abalisados artistas, de eminentes esculptores e estes decerto não exerciam a sua profissão em pobres aldeias, mas sim em ricas cidades, onde houvesse ouro para pagar lhes os seus valiosos trabalhos. Cada um d'aquelles fragmentos revela uma grandeza; gigantescas columnas só serviam para sustentar soberbas arcadas ou magestosas abobadas; riquissimas estatuas de marmore de Italia só se collocavam em magestosos templos, riquissimos jardins ou grandiosos palacios, e onde ha isto ha o esplendor da riqueza, ha mais que o luxo, ha o fausto. E' pois indubitavel que a antiga cidade romana *Urbs Nabæ* ou Nabancia, como hoje lhe chamamos, foi uma povoação florescente, porisso não deve admirar que tivesse as honras de municipio romano.

Mas o que attrahiu para aqui aquella numerosa população e de que elementos tirava as riquezas que lhe davam o esplendor? Sabe-se que no tempo dos romanos só havia cidades, muito poucas aldeias *(vines)*, a população agglomerava-se toda

ceram; brilhou n'ella o esplendor romano, foi cidade i importante, porque teve as honras de municipio roman habitada pelo nobre patricio e distincto consul Valerio Ma e residiram n'ella muitas outras nobres familias.

Os chronistas e os historiadores antigos só descreviam o tos dos reis ou dos homens celebres, que muitas vezes en deciam até ao exaggero e nada se importavam com a civil dos povos; embora uma cidade florescesse pela ag tura, pelas artes ou pela industria não merecia menção al nos seus escriptos se n'ella se não dessem acontecimento portantes que se prendessem com a vida de algum rei o algum general de fama, cuja epopeia teciam em termos sempre aduladores, que muitas vezes não exprimiam a v de dos factos com aquella pureza e imparcialidade com devem ser narrados; por isso na historia dos Romanos pa desapercebida esta importante cidade, que não se salientou uma revolta ou por uma batalha de nome, dada nas suas ximidades.

Dos livros antigos perdeu-se a maior parte; a historia ral de Trogue Pompeu desappareceu, da encyclopedia de C só restam os livros que dizem respeito á medicina, a geo phia do grego Estrabão nada nos diz, parece que aquelle criptor viajou mais pelo oriente e pouco conhecia do extr occidental da peninsula; de modo que nos livros que chega até nós, n'aquelles de que temos conhecimento, nada en tramos que nos possa servir de base á historia d'esta cid a tradicção pouco ou nada nos diz porque, de tão longi que é, tem-se alterado e perdido no decorrer dos sec restam-nos só os monumentos e os vestigios que d'ella se contram.

O celebre naturalista Cuvier com um só osso petrefi reconstruia todo o animal a que tinha pertencido e cuja e cie se havia extinguido ha muitos seculos; ora se pela ha nia que existe entre differentes ossos de um animal, que c tituem o esqueleto que lhe dá a forma e onde se prende

musculos que lhe dão os movimentos, que [illegible]
de influencia da vida, se pode chamar a [illegible]
de animal e seu grau de intelligencia [illegible]
suas aptidões, etc., existe tambem [illegible]
uma povoação e a vida do povo que a habita [illegible]
de relações tão concordes que [illegible]
outra. A parte materia de uma povoação [illegible]
nella erguidos, são uma manifestação da vida [illegible]
habita, revelam a sua actividade, a sua [illegible]
saber e o grau de civilisação em que se encontra. Assim onde
ha vastas construcções, ricos palacios, sumptuosos templos,
esmerados jardins, bem construidos theatros, variadas offici-
nas etc., avulta a vida, exerce-se ali em grande escala a acti-
vidade humana, ha ali a riqueza, o fausto, a grandeza, que não
podem caber em uma simples aldeia, mas sim em vasta, rica e
opulenta cidade.

Aquelles fragmentos encontrados nas ruinas da antiga Na-
banca, pertenceram a estatuas de muito valor, não eram obra
de ignorantes ou simples curiosos, mas sim de abalisados ar-
tistas, de eminentes esculptores e estes decerto não exerciam
a sua profissão em pobres aldeias, mas sim em ricas cidades,
onde houvesse ouro para pagar lhes os seus valiosos trabalhos.
Cada um d'aquelles fragmentos revela uma grandeza; gigan-
tescas columnas só serviam para sustentar soberbas arcada
ou magestosas abobadas; riquissimas estatuas de marmore d
Italia só se collocavam em magestosos templos, riquissimo
jardins ou grandiosos palacios, e onde ha isto ha o esplend
da riqueza, ha mais que o luxo, ha o fausto. E' pois indubit
vel que a antiga cidade romana *Urbs Nabæ* ou Nabancla, c
mo hoje lhe chamamos, foi uma povoação floresceute, port
não deve admirar que tivesse as honras de municipio roma

Mas o que attrahiu para aqui aquella numerosa popula
e de que elementos tirava as riquezas que lhe davam o
plendor? Sabe-se que no tempo dos romanos só havia cida
muito poucas aldeias *(vines)*, a população agglomerava-se

nos grandes centros; esses casaesinhos, que alvejam ao lo
na cumeada dos montes ou no correr dos valles, essas casir
de campo, que branquejam por entre a ramada das figuei
das amendoeiras e outras arvores, que matisam e adornan
nossas bellas paysagens, não as havia então; era menos b
o campo mas mais ricas e povoadas as cidades. Os cam
eram cultivados, não podia deixar de o serem, mas estes
tenciam quasi exclusivamente aos grandes, que ali tinhan
suas granjas, regidas por feitores, cultivadas por escravos
siderados como animaes de trabalho, dura e barbarame
tratados pelos que os governavam e de quem os roma
por não poderem negar-lhes a forma humana, diziam que e
homens, mas não eram pessoas; ali viviam aquelles desgra
dos cobertos de miseria, cançados de trabalho, que á n
eram recolhidos em prisões subterraneas, chamadas ergastul
tão lobregas, tão immundas que hoje nem ousariamos me
n'ellas os nossos gados.

Seria só da agricultura que vivia aquella vasta e rica
pulação? Seria a uberrima fertilidade dos campos circumv
nhos que para ali os attrahiu? Cremos não ser isso só.
campos d'esta localidade são bastante ferteis e mais o devi
ser então, quando ainda se não achavam esgotados por coll
tas successivas, muitos sem as adubações necessarias p
repor no solo os elementos que cada colheita lhe vae subt
hindo; os terrenos prestam-se a variadas culturas, a cere
fera era a mais empregada n'aquelle tempo e devia tamb
haver n'esta localidade abundancia de azeite, vinho, fructo
legumes e boas pastagens para gado; mas, com certeza ha
alguma coisa de mais importancia, de maior valor ainda,
era a exploração de minas, d'algumas das quaes ainda rest
vestigios e sabe-se quanto os romanos eram dedicados a e
genero de industria.

No sitio chamado Fonte de D. João ha vestigios de u
mina d'ouro; as pesquizas ali feitas ha pouco mostram qu
veio aurifero, que é muito rico, não foi exgotado e que air

pode dar avultados lucros a quem emprehender nova exploração, o que é de esperar em breve se realisará; a dois kilometros approxidadamente d'esta cidado, no sitio de Cardaes, ha vestigios de outra mina d'ouro; na margem direita da Ribeira de Bezelga, defronte de onde é hoje a estação dos caminhos de ferro, foi explorada uma mina de prata; corre ali na direcção norte-sul um filão de terreno eruptivo coberto com um manto calcareo; o minerio que se extrahiu das galerias era o sulphoreto de chumbo argentifero; na occasião em que se plantava uma vinha na encosta que fica fronteira á estação encontraram-se alicerces de casas, que evidentemente serviam de habitação aos mineiros e foi ali tambem que appareceram alguns pedaços de minerio; no cume do monte existiam e ainda talvez lá se possam ver, vestigios de fornos circulares, com o fundo concavo em forma de caldeira, o que mostra que o processo de extracção empregado era o de cupulação; effectivamente é este o processo mais antigo, já conhecido dos hebreus e dos egypcios e de que fallam Deodoro da Sicilia, Plinio e Estrabão; no sitio da Paxinha, que fica a pouco mais de seis kilometros, foi tambem explorada uma mina e outras muitas haveria de que já não restam indicios. Se nós vemos ainda hoje no Chili, em Chanarcillos, n'um terreno escalvado e esteril, onde não ha nem agua nem combustivel, uma população mineira de mais de quatro mil almas, que tem que ir buscar a mais de trinta leguas tudo o que lhe é necessario para poder viver, não nos devemos admirar de que na antiga Nabancia, situada n'um local ameno, farta d'agua e de combustivel e cercada de ferteis terrenos, se agglomerasse uma população dez ou mesmo vinte vezes maior, que da fertilidade do solo e principalmente do valor das minas, que ia explorando, tirava a riqueza com que ostentava a sua magnificencia.

A vida das nações é como a vida das plantas, que germinam e crescem, florescem e brilham, depois murcham e caem resequidas, porque a vida vegetal ou animal, individual on collectiva, emana do mesmo principio; a vida é uma rotação; a

rotação é o movimento caracteristico do universo, não mostrar sempre a mesma face; desde a mollecula até aos incommensuraveis corpos celestes tudo se desloca em volta d'um centro; o que é hoje não é amanhã; da luz passa-se ás trevas, do brilho á obscuridade, como do dia á noite, da grandeza á miseria. Accusam-se os povos ou os dirigentes das grandes nações de, pela dissolução de costumes ou pelo mau governo, terem produzido a sua queda, é um erro; o que nós muitas vezes tomamos por accidental é fatal, é necessario, é o resultado de leis que por ora nos são desconhecidas.

Todos os phenomenos do universo obedecem a leis fixas e invariaveis, sem isso a obra da creação seria imperfeita. Só o Creador é livre nos seus actos. E' da natureza do ser creado não poder desviar-se do fim da sua creação, como as machinas que nós construimos não podem por si alterar os movimentos que são destinadas a produzir. Na ordem material é isto evidente, na ordem metaphysica suscitam-se sobre o livre arbitrio questões que não vem a proposito tratar aqui.

A successão dos factos que constituem a historia, os grandes acontecimentos, a formação e o desenvolvimento dos grandes estados, a sua queda e o seu desmembramente posteriores, as grandes virtudes e os grandes crimes devem estar sujeitos a leis fixas, como todos os phenomenos do universo. Entre as idéas e os costumes das epochas primitivas de selvageria e de barbaria e as idéas e os costumes das epochas modernas ha uma differença enorme, mas, estas formas extremas, tão distantes, acham se ligadas por uma serie de formas intermedias, que se succederam e ligaram como os elos de uma cadeia. E' a nossa ignorancia que nos impede de prever todos os phenomenos. Ao ser dotado d'uma intelligencia como a que Laplace imaginou, que podesse abranger na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais leve atomo, nada lhe seria incerto e tanto o futuro como o passado seriam sempre presentes a seus olhos. O physiologista du Bois-Raymond phantasia a mesma intelligencia, dizendo que

se ella existisse, assim como o astronomo póde predizer com muitos annos de antecipação o dia certo em que um cometa voltará das profundezas do espaço a mostrar-se nas nossas paragens, da mesma maneira aquella intelligencia poderia ler nas suas equações o dia em que a cruz grega retomará o seu logar sobre o zimborio de Santa Sophia e aquelle em que a Inglaterra queimaria seu ultimo pedaço de carvão. D'Alembert, no discurso preliminar da Encyclopedia, apresenta a mesma idéa nos seguintes termos: «O universo, para quem podesse abraçal o n'um só ponto de vista, não seria, se é permittido dizel o, senão um facto unico, uma grande verdade».

Não podemos conceber que uma tal intelligencia possa apparecer em qualquer epocha no globo que habitamos, porisso ficar-nos hão sempre desconhecidas as leis porque se regem os factos da ordem moral e os que cremos filhos da nossa volição. Talvez por muito simples as não possamos comprehender. Creados para vivermos n'um meio restricto e lemitado, tanto nos escapa o que é infinitamente grande em relação a nós como o que é infinitamente pequeno; são dois extremos que não podemos tocar: estamos entre o complexo e o simples; por isso um e outro ficam fóra da nossa comprehensão. O nosso espirito, pela sua tenuidade, mais expansivo que os gazes, mais elastico e subtil que o ether; podendo, n'um imperceptivel momento percorrer toda a immensidade, para o qual não ha espaço nem tempo, poderá ter a comprehensão de todas as leis do universo; porém, emquanto ligado á materia, não pode no nosso cerebro, por mais bem organisado que seja, que é o orgão da intelligencia, como os olhos o são da visão, os ouvidos da audição, transformar essa comprehensão em idéas ou pensamentos perceptiveis e transmissiveis, porque por mais rapidas que sejam as vibrações das molleculas do orgão sensorial, fóra dos limites que lhe são assignalados, como materia sensivel, não podem acompanhar os movimentos, se assim lhe podemos chamar, d'essa entidade immaterial que em nós reside, e que constitue o nosso ser, a nossa individualidade, o *eu*,

essa entidade unica no meio da multiplicidade, sempre a mesma no meio do turbilhão da vida, em que as molleculas materiaes do nosso corpo constantemente se vão renovando, de modo que em nós não existe hoje um só atomo dos que ha alguns annos constituiam o nosso ser corporal; esse *eu*, que se affirma em todos os actos da nossa vida, que a creancinha balbucía nas primeiras palavras que pronuncía, affirmando já a sua individualidade; nós dizemos eu vejo, eu ouço, eu sinto indicando n'este modo de exprimirmo-nos a existencia d'um, ser unico, que não conhece os corpos nem as impressões que d'elles recebe senão porque elle mesmo não é corpo nem sentido.

Pois este ser immaterial não tendo meio de communicar á materia, que é limitada, a immensidade da sua comprehensão ficaremos sempre ignorando o que no nosso acanhamento chamamos transcendencias e conforme a estructura mais ou menos perfeita do nosso orgão sensorial, a area do nosso saber será mais ou menos dilatada, porém sempre restricta e limitada.

Mas o que se póde saber, porque os factos nol o teem demonstrado, é que a formação das grandes nações caminha sempre, não n'uma linha recta ascencional e indefinida, e sim n'uma curva, cujas ordenadas vão crescendo até um certo limite para depois decrescerem, não na rasão inversa, mas em geral muito mais rapidamente. Uma má orientação pode accelerar a queda das nações, mas nunca ser causa efficiente d'ella, como o excesso de trabalho, o abuso das nossas faculdades individuaes pode encurtar nos a vida; porém faça-se o que se fizer, o seu termo é fatal, inevitavel; da adolescencia passa-se á joventude, da joventude á edade viril, da edade viril á madura, da madura á senil, da senil á decrepitude, ultimo termo d'esta rotação. Só não morrem as idéas. Morrem os individuos e morrem as nações; tudo o que é material é finito; ha de morrer a terra, o sol com todos os seus planetas e no firmamento extinguir-se-hão todos os astros brilhantes que ora

o povoam, quando toda a sua energia potencial se houver esgotado; é o *celum et terra transibunt* do propheta Rei e das Escripturas. Esta verdade, outr'ora annunciada nos livros sagrados como inspiração prophetica, é hoje provada pelas sciencias; demonstrou-a pela mathematica M. Agustin Sauchy em uma das suas lições de physica geral, provando que todo o numero, isto é, toda a serie de unidades successivas é essencialmente finita. Sir William Tompson, o celebre physico inglez, marca ao calor solar uma origem e um fim. Este poderoso astro, centro do nosso systemaa planetario, segundo os calculos de Herschell e de Puillet irradia cada anno da sua superficie uma quantidade da calor correspondente a 3×10^{30} calorias, isto é, 3 seguido de 30 zeros, calorias ou a quantidade de calor necessario para elevar a um grau centigrado a temperatura d'um kilo d'agua distillada; de cada pé quadrado da sua superficie irradia na unidade de tempo o calor equivalente á força de sete mil cavallos; pois este foco immenso de luz e de calor em uma epocha, decerto muito longinqua, ha de apagar-se e arrefecer-se. A' luz hão succeder as trevas, ao movimento o repouso incompativel com a vida. Esta demonstração de William desenvolvida em uma conferencia sobre o calor solar, reprodozida na revista scientifica de Gemer-Baillièere, é tão scientifica e está tão bem elaborada que faz gosto lel-a e estudal-a, mas é tão extensa que, mesmo resumindo-a não pode caber n'este logar, porisso a não apresentamos aqui. M. Balfour-Stewart, professor de philosophia natural no collegio de Owen em Manchester, em um artigo publicado na Bibliotheca Scientifica Internacional e que tem por titulo *A conservação da energia*, fundado na theoria termo-dymnamica, que se enuncia da seguinte forma: «O calor transforma-se em trabalho e reciprocamente o trabalho transforma-se em calor, fazendo ver n'estas duas leis uma differença importantissima e é que o trabalho se transforma em calor com a maior facilidade, mas que não ha processo algum em poder do homem que permitta transformar todo o calor em trabalho;

d'aqui resulta que a energia do universo se transforma cada dia e cada vez mais em calor, universalmente diffuso.»; seguindo com a sua argumentação baseada nos principios da sciencia, chega á seguinte conclusão: «Nós dependemos do sol, centro do nosso systema, não só pela energia de nosso corpo, mas pela delicadesa da nossa constituição, o futuro da nossa raça está ligado ao futuro do sol. Demonstramos que o sol teve um principio e ha de ter um fim. Se generalisarmos veremos, não só o nosso systema, mas todo o universo material, considerado debaixo do ponto de vista da energia utilisavel, como essencialmente transitorio e como abraçando uma successão de acontecimentos naturaes, que não podem continuar se indefinidamente taes como são agora. Mas então nós chegamos a questões collocadas alem do nosso alcance. A sciencia da natureza não póde ensinar-nos o que era antes do começo e o que será depois do fim.» M. E. de Saint Robert, o distincto mathematico e mechanico d'Italia, fundado na mesma theoria, chega ás mesmas conclusões: que o universo converge para um estado final, em que não existirá nenhuma differença de temperatura entre os corpos, e em que, por consequencia, nenhum phenomeno será possivel, em que todas as actividades da natureza se terão parado e fixado em um estado de repouso relativo e eterno. O eminente physico inglez M. Tyndall e o celebre mathematico belga M. Folie, chegam á mesma conclusão e alem d'estes muitos outros, que seria fastidioso enumerar aqui. O mundo sahiu do cahos e ao cahos ha de voltar. Esta rotação é fatal, dá-se em todos os corpos celestes e nos seres que os povoam, assim nos individuos como nas sociedades.

O vasto imperio romano não podia subtrahir-se a estas leis cosmicas, aquelle colosso enorme que assombrou toda a Europa, Asia e Africa cahiu por fim abatido, exgotado pelo seu labor immenso; os ligamentos que prendiam os membros de aquelle gigante afrouxaram se, romperam-se; esphaçeloũ-se, e as hordas selvagens do norte vieram como os vermes do se-

pulchro a devorar-lhe o cadaver. Suevos, Alanos, Vandalos, Godos e Wisigodos, como aves de rapina vorazes e esfaimadas disputaram entre si a presa e depois que se saciaram repartiram os despojos. Roma, o temivel leão d'Italia, que outr'ora amedrontava o mundo inteiro, na sua decrepitude roja a cauda, baixa a juba e lambe as mãos dos domadores; soffre os opprobrios e humilha-se ás affrontas. Bruno lança a sua espada no prato da balança que pesava o ouro com que os d'antes valentes, hoje fracos romanos resgatavam a sua liberdade e exige que o ouro lhe pague o seu valor, porque aquelle ferro na sua mão valia mais que as drachmas e as onças romanas, e aquelle povo, que tão cioso foi da sua autonomia, consente depois que reis barbaros subam ao capitolio e empunhem o sceptro dos reis romanos. E' que ja não havia Scipiões, nem Grachos, nem Cesares nem tantos outros. O brio e a coragem ia-se naturalmente desvanecendo com o succeder das gerações, como as forças physicas se vão esgotando no declinar da vida. Cada heroe que desce ao tumulo leva na alma uma parcella da vida da patria.

A Nabancia como mollecula integrante d'aquelle corpo, que se decompoz, foi assimilada por outros seres, seguindo a lei natural das mutações, estabeleceram-se por fim aqui os Godos. Porque phases passou durante esse longo periodo, em que o imperio romano se convulsionou e debateu nas agonias da morte, não é facil sabel-o. Sabe-se que os Vandalos levavam tudo a ferro e a fogo, por onde passavam tudo era assolado, tudo era destruido; os que escapavam ao ferro dos barbaros morriam á fome, chegando até as mães a devorar os cadaveres dos filhos. No meio d'este cataclysmo a formosa cidade romana não pereceu totalmente, porque nos apparece mais tarde como cidade goda; o que soffreu durante aquellas successivas invasões de barbaros não o escreveram os historiadores, mas pode-se adivinhal-o pelo mais que se passou n'aquellas epochas calamitosas até aos ultimos invasores, que se estabeleceram na peninsula, repartindo entre si as terras conquista-

das na rasão de dois terços para elles e um para os indigenas. A Nabancia passou a ser cidade goda, governada por um conde, que correspondia ao consul romano, o que prova a importancia que ella continuou a ter.

Devia resentir-se muito esta cidade da queda do imperio romano e do mais que succedeu até ao estabelecimento definitivo dos Godos, porém continuou ainda a ser uma cidade importante, mais abatida por certo, mais decadente talvez; e d'ella tambem não teriamos noticia alguma escripta se não fosse o facto notavel que ali se deu, o assassinato de Iria ou Irene. A egreja christã premeava a virtude dos que resistiam á corrupção, sacrificando a vida em holocausto á pureza das suas idéas, canonisando-os, isto é, incluindo-os no numero dos santos; os crentes exaltavam-os até ao divino, collocando as suas imagens em altares para serem adoradas e attribuindo-lhes poderes milagrosos; os historiadores sagrados registravam esses factos para que o conhecimento d'elles chegasse á posteridade; por isso nas chronicas sagradas se encontra ainda a narrativa d'aquelle acontecimento; mas n'ella só figura a protogonista e os que mais ou menos directamente tomaram parte n'aquelle drama e nada mais se acha escripto a respeito da Nabancia como cidade goda, só se diz que era muito populosa.

No anno 653 da era christã, sendo rei dos godos Recesvindo, era a Nabancia governada pelo Conde de Castinaldo; havia n'ella dois mosteiros, que tinham sido fundados em 640 por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, um de Benedictinos no sitio onde está hoje a egreja de Santa Maria, que pertencia ao mesmo convento; tinha n'aquella epocha 44 religiosos, cujo abbade se chamava Celio e era tio de Iria; outro de religiosas no mesmo local onde depois foi o convento de Santa Clara, que hoje se chama de Santa Iria, junto ao rio Nabão. Foi n'esta epocha que se deu o facto notavel o qual, por se referir a personagens que então viviam na antiga cidade goda, com pallida e frouxa luz, apenas nos deixa lobrigar lá ao longe n'aquellas

remotas eras, por entre a phantasia dos chronistas, que o revestiram de fabulas e lendas, o quer que seja de verdadeiro que pouco mas alguma coisa nos revela d'aquella antiga povoação.

Era Iria ou Irene uma joven formosa e bella, formosa pelas formas, bella pelas virtudes; descendente de nobres familias, filha de Hermegido e de Eugenia, que habitavam em uma herdade fóra da cidade, haviam-a seus paes confiado aos cuidados de duas tias paternas, Casta e Julia, recolhidas ou professas no convento de freiras, junto ao Nabão. Chegada á adolescencia, seu tio Celio escolheu d'entre os monges Benedictinos a Ramigio, que mais confiança lhe merecia pelo seu saber e pelas suas virtudes, para servir de preceptor a sua sobrinha Iria. Em breve deu ella sobejas provas da sua intelligencia e da sua dedicação á fé catholica, que tão ardentemente professava, por isso era estimada e admirada por todos que a conheciam. N'aquellas epochas semi-barbaras e em outras, que posteriormente se lhes seguiram, a donzella a quem a natureza prodigalisava os dons da formosura, se topava por desventura com algum joven e altivo fidalgo ou rico e soberbo castellão que a cubiçava podia julgar-se perdida, ou a deshonra ou a morte; foi assim que aconteceu á formosa Iria.

Defronte dos paços do governador havia uma capella dedicada a S. Pedro, pouco mais ou menos no sitio onde é hoje o cemiterio; esta capella foi reedificada no reinado de Filippe II em 1617, hoje só resta d'ella uma lapide com uma inscripção, que se acha embebida na parede da frente pelo lado de dentro do mesmo cemiterio. N'aquella capella e n'aquella epocha era costume fazer-se em dia de S. Pedro uma festa solemne, á qual assistiam as religiosas do convento. Diz-se que foi em uma d'essas occasiões que Britaldo, filho de Castinaldo e de Cassia, então governadores da cidade, teve ensejo de apreciar a rara formosura d'aquella donzella, que, pudica e devota, assistia á solemnidade, e, captivado de suas graças, a cobiçou com ardor; ella porém, que votára a vida ao serviço de Deus isolando se do mundo dentro dos muros de um convento, não

corresponden ao seu affecto; nem annuiu a rogos, nem acceitou propostas, com o que mais se incandesceu a alma ardente d'aquelle moço fidalgo, indo até ao desvairamento, transformando o amor em feroz paixão; e, receioso de que outro viesse a gosar o que a elle lhe era negado, mandou-a assassinar. Um soldado da sua confiança chamado Banaão, por certo de maus instinctos, foi por elle escolhido e encarregado de executar os seus atrozes designios.

Junto ao convento, na margem do rio, havia uma pequena gruta cavada na rocha, que ainda hoje ali se vê, onde Iria costumava todos os dias ir fazer oração; escolhera aquelle logar solitario para que nenhuma distracção a podesse perturbar n'aquelle extase em que a sua alma candida e pura ia talvez misturar-se com os anjos e acompanhal-os nos seus hymnos de gloria ao Creador. No dia 20 de outubro do anno 653, ao alvorecer estava ella n'aquella especie de santuario; o ligeiro murmurar da aragem na concavidade dos rochedos, o som monotono e triste produzido pelo deslisar das aguas roçando na penedia confundiam-se com o brando murmurio de seus labios, agitando-se tremulos em fervorosa prece; talvez pedindo a Deus apagasse no coração d'aquelle homem o fogo de uma paixão a que ella não podia corresponder; subitamente é surprehendida pelo barbaro e cruel assassino que, desapiedado lhe embebe no peito o vil punhal, despoja a de seus vestidos para os apresentar ensanguentados a Britaldo e lança ao rio o cadaver. E' provavel que o sicario levasse ordem de lhe fazer as ultimas propostas, que foram regeitadas, preferindo a morte á deshonra. Por isso a egreja canonisou-a como Virgem Martyr, os chronistas perpetuaram a sua memoria nas chronicas sagradas, narrando o facto; os crentes adoram-a como santa; a arte immortalisou-a, pintando na tela e burilando na pedra a sua imagem, para expol-a á admiração e veneração das gerações successivas, como ainda lá se vê em um nicho, que está no cunhal da parede do convento, por cima do pégo onde deitaram o cadaver da santa.

A narrativa d'este facto memoravel, que os chronistas nos legaram, é apenas um lampejo a cujo rapido clarão mal divisamos na obscuridade do passado a antiga cidade goda; lampejo que subito se apagou para não mais se accender, porque, que nós saibamos, nada mais dizem as chronicas a respeito d'aquella povoação. Só mais tarde, decorridos já muitos seculos, quando os descendentes d'esse punhado de bravos e independentes Godos, que com Plagyo se refugiaram nas inhospitas serras das Asturias, foram pouco e pouco reconquistando o terreno que lhes havia sido usurpado, ao passarem por aquelle local da antiga e formosa cidade de seus antepassados, só encontraram um montão de ruinas; destroços que o tempo havia poupado e que estavam ainda ali a attestarem a existencia da antiga povoação e sem os quaes nem mesmo o logar onde existiu nos seria dado conhecer.

Como e quando foi destruida aquella cidade? E' opinião geralmente seguida que foi arrasada pelos Arabes, por lhes ter opposto resistencia. Seja nos permittido divergirmos d'este modo de ver e apresentarmos a nossa fraca e humilde opinião, baseada nas observações que temos feito e nos dados historicos que podémos colher.

A monarchia goda succumbiu á invasão dos Arabes, como o imperio romano succumbiu á invasão dos Barbaros e como as velhas nações da Europa virão talvez um dia a succumbir á acção dominadora das modernas nações da America e das que se hão de organisar na Africa. E' a lei geral da marcha social dos povos. Nada é permanente, quer na vida individual quer na collectiva; é o principio inalteravel das mutações ou substituições. Ha porém circumstancias particulares a cada nação, que acceleram a sua ruina. Na monarchia goda estas circumstancias davam-se na occasião em que o islamismo avançava e tendia a avassalar o mundo inteiro, para se cumprir a predicção do propheta, que tinha promettido a seus discipulos o Oriente e o Occidente. Os Godos usurparam aos Romanos os territorios da peninsula hespanica, como os Romanos os haviam

usurpado aos Carthaginezes, como os Arabes os usurparam a elles Godos. E' assim que muitas vezes se manifesta a justiça de Deus: a punição de um mal com outro de egual natureza, verdadeira pena de Talião.

A obra de conquista universal dos arabes, afrouxada algum tempo pelas dissenções internas durante as quaes alguns califas cahiram sob o golpe do punhal, entre elles o velho Aly, reapparece activa e energica na dymnastia dos Ommeydas; Okbah, general intrepido e arrojado, subjuga o Egypto e toma a cidade de Cirêne, antiga rival de Carthago, funda e fortifica a cidade de Kaïwan, percorre todo o norte da Africa e chega á costa occidental, fronteira ás ilhas Canarias; ahi pára a contemplar a vastidão immensa do oceano, esse mundo d'agua, por sobre o qual a vista se espraia até encontrar-lhe como limite o firmamento; depois n'um arrojo d'audacia, avança pelo mar dentro até a agua chegar ao peito do camello que montava; então detem-se e erguendo os olhos ao ceu, exclama: «Allah, tomo-te por testemunha de que, se as profundezas d'estas aguas não me detivessem, eu iria levar mais longe o conhecimento do teu santo nome». Foi menos feliz na volta, porque um levantamento geral de Berberes envolveu todo o seu pequeno exercito, que foi completamente desbaratado e elle morto no combate. Mais tarde apparece-nos á frente dos arabes da Africa o celebre Muza-Aben-Nassair, o melhor general que os arabes tiveram n'aquella epocha, subjugou as indomitas tribus berberes, primeiro pelas armas, depois pela persuasão, fazendo-lhes ver que elles eram irmãos dos arabes, impellindo-os para uma civilisação superior e encorporando no seu exercito grande numero d'estes valentes guerreiros. Com tal tactica se houve que, passados poucos annos era senhor pacifico de todo o territorio que se estendia desde o golfo de Carthago até á costa occidental, onde seu ante-successor Okbah tinha entrado no mar.

Tendo ao sul o deserto, ao occidente o oceano, os seus olhares ambiciosos só podiam voltar se para o norte; do seu pa-

lacio de Tandjah, a antiga Tingis, hoje Tanger, avistava elle o elevado Calpe, a outra columna d'Hercules, da qual apenas o separava um estreito braço do mar; para alem d'aquella alta montanha havia vastos territorios, para onde o attrahia o seu desejo insaciavel de conquista, era um mundo desconhecido, que a mente lhe phantasiava cheio de encantos e maravilhas, tão afamado pelo seu clima, seus rios, suas cidades e seus monumentos; era preciso, para gloria do propheta, engastar na coroa do Califa mais aquella preciosa perola; por isso, pedindo-lhe autorisação para aquella conquista, dizia-lhe: é a Syria pela belleza do ceu e da terra, o Yemen pela doçura do clima, as Indias por suas flores e seus perfumes, o Egypto por seus fructos, a China por seus metaes preciosos.

Promptamente o Califa Wayd lhe concedeu a autorisação pedida, porém o astuto Muza, já muito experimentado general, não era homem que se aventurasse a uma empresa sem que primeiro lhe medisse bem o alcance e decerto se arreceava, porque, encravada nos territorios, que já havia conquistado, estava uma cidade, Ceuta, em cujos muros tremulava o pendão dos Godos e nas grimpas das suas torres alçava-se a cruz de Christo, que as armas mussulmanas ainda não tinham podido derribar. Muza esperava decerto conhecer com exactidão as forças contra que tinha de bater-se; estava preparado para a guerra, mas não ousava encetal-a, quando inesperadamente se lhe proporcionou occasião propicia.

Juliano, Conde godo, governador de Ceuta (Septem, assim chamada por ser fundada sobre sete montes) entregou aos Arabes a cidade, cujo governo lhe tinha sido confiado e que tão denodadamente havia sustentado illesa no meio do avassalamento quasi irresistivel d'aquelles intrepidos guerreiros, e fez mais ainda, aconselhou Muza a atacar a Hespanha, sua patria, e promptificou-se a acompanhar e dirigir o exercito invasor. Juliano commetteu um crime d'alta traição, deshonrou-se, avilt-ou se; elle, o escolhido pelo seu governo, como valente e leal para a defesa d'aquelle ponto arriscado; elle, que soube até

aquelle momento manter impolluta a sua honra e a da sua patria, desce agora á degradante condição de um vil traidor! Ou enlouqueceu ou profundo golpe lhe feriu a alma, matando n'ella os nobres sentimentos, de que era dotada e fazendo ali nascer ardente paixão de feroz vingança.

A monarchia goda era electiva, no anno 700 da era christã foi Witiza eleito chefe da nação; porem o governo tyranno e despotico que exerceu deu causa a que, passados alguns annos, fosse deposto e a mesma assembléa que o depoz elegeu Roderico, para o substituir; este porem não fez melhor governo, porque, passado pouco tempo, era grande o numero dos descontentes e muitos até lamentavam já a falta do seu ante-successor

Aproveitando-se do descontentamento geral os filhos de Witiza, auxiliados por seu tio Oppas, arcebispo de Sevilha, preparavam no meio dia da Hespanha uma revolta contra Roderico. Foi n'esta occasião que Juliano entregou Ceuta aos Arabes e aconselhou Muza a que invadisse a Hespanha, que, enfraquecida pelas dissenções politicas em que se encontrava, mal poderia resistir lhe. Juliano não pediu ao Wali d'Africa tropas auxiliares para com ellas ir encorporar se no bando dos filhos de Witiza, mantendo a sua honra de general fiel á patria, embora adverso ao rei, que então a governava; não, Juliano desceu á villania de um traidor; mas Juliano não foi subornado pelos arabes, não vendeu a sua honra por dinheiro, sacrificou-a a uma idéa. Juliano não queria depor um rei, queria vingar se de um homem, embora n'essa vingança atroz envolvesse toda uma nação, que já não considerava como sua, porque o chefe d'ella, o que a representava, havia-lhe cuspido na fronte a ignominia da deshonra, havia o ferido no mais intimo de sua alma, rasgara lhe o coração, onde se alojava o mais nobre sentimento, o amor paternal. O devasso rei violara-lhe sua filha, a formosa Florinda, que, segundo o costume dos Godos, lhe havia sido confiada para ser educada na corte. *(Chronique general d'Alphonse, le Savant)* Que lhe importava a elle a honra

de general fiel á patria, sé a honra de sua familia estava maculada pela deshonra de sua filha, que um rei infame lhe havia prostituido? Desvairado, louco, perdido por aquella dor immensa, sedento de vingança, não podendo attingir o alvo da sua colera sem primeiro derribar os que o defendiam, arroja-se contra a sua patria no meio das hostes sarracenas, que guia e instiga, e cae sobre seus irmãos d'armas, como no meio de horrenda tempestade o raio cae sobre o templo, que desmorona e fulmina sacerdotes e crentes, sem ter a consciencia de que aquelle logar deve ser inviolavel, porque ali se adora o Deus Supremo, que deu ás nuvens a electricidade, ao homem a fé.

Os Godos não estavam preparados para a guerra, uma paz absoluta, de mais d'um seculo, havia-lhes enervado as forças e aquebrantado o genio guerreiro; alem d'isto a sua organisação social não era propria a manter uma resistencia tenaz. Os Godos, a raça conquistadora, constituiam a nobresa do paiz, os indigenas, a raça iberica, estavam quasi todos reduzidos á condição de escravos; não como os escravos romanos, considerados como coisas, mas adestrictos, escravos da gleba, ligados ao solo que cultivavam em beneficio de seus senhores, transmissiveis com elle como um capital amovivel, como um rebanho de gado; por isso os interessados na defesa do paiz eram só os senhores, isto é, os Godos e alguns Romanos que se haviam submettido a estes e que tinham conservado os seus bens; o povo meudo, a plebe habituada ha mais de mil annos a soffrer o jugo dos estrangeiros, pouco lhe importava servir este ou aquelle senhor; talvez até podesse melhorar. Quando o povo de uma nação não tem interesses directos e bem radicados na defesa do solo natal, essa nação assenta sobre bases vacillantes, desmorona-se ao mais leve impulso, assim aconteceu á monarchia goda, tal sorte teve a Polonia e tal a teremos nós um dia; não porque entre nós haja escravos da gleba ou outros; mas porque são tantos e tão pesados os tributos que recaem sobre os pequenos proprietarios, que constituem a

grande maioria da nação, que, se um dia os que governam os chamarem ás armas, para defesa da patria, elles podem responder lhes como o burro da fabula: *Quid refert mei cui servam? Clitellas dum portem meas.*

Muza, apesar da grande facilidade que Juliano lhe queria fazer ver na conquista d'Hespanha, não quiz aventurar-se a esta empresa sem primeiro se certificar se era ou não verdade o que o renegado christão lhe affirmava, por isso mandou alguns guerreiros para explorarem o terreno; estes atravessaram o estreito em barcas, surprehenderam os Godos e tomaram-lhes alguns rebanhos e homens, que levaram captivos e assignalaram o ponto da costa mais apropriado para o desembarque de forças. Foram favoraveis as noticias que o velho general obteve dos seus e dos captivos, mas, ainda assim, só na primavera do anno seguinte (711) fez transportar para a peninsula hespanica o exercito invasor, cujo commando confiou ao celebre Tarik Aben Zyad, a quem Juliano acompanhou, indo desembarcar em uma pequena ilha ao pé do Calpe.

O governador da provincia, Theodomiro, a quem a expedição do anno anterior tinha posto de prevenção, quiz oppor-se á descida do monte, mas foi derrotado e os Arabes foram fortificar se no outro monte proximo, Dejebal-Tharyk, hoje Gibraltar. Theodomiro reuniu mais tropas e foi cercal-os n'aquelle monte, pretendendo repellil os para a Africa; então Tarik mandou incendiar os navios que os tinham transportado, tirando assim aos seus soldados toda a esperança de uma retirada; era frizar-lhes bem o seu plano: morrer ou vencer; depois com aquelle impeto irresistivel com que a cavallaria arabe costumava cahir sobre o inimigo, arremessou se contra as fileiras do exercito de Theodomiro, que rompeu e poz em debandada; e os Arabes foram avançando pelo sul e oeste da peninsula.

Tendo pelos mensageiros que lhe foram enviados por Theodomiro, ou talvez por elle mesmo, conhecimento dos desastres que se iam succedendo, Roderico despertou do seu lethargo, reuniu o maior numero de soldados que poude angariar na

sua vasta monarchia e, á frente d'elles, acompanhado de toda a nobreza goda, marchou ao encontro do inimigo Os dois exercitos avistaram-se nas margens do rio Letheu, hoje Guadalete, perto de Xerez; não está bem determinada a data, mas parece que foi no mez de julho do anno 711, em um domingo ao romper do dia, que começou a terrivel batalha, que decidiu a sorte da Hespanha goda. Segundo a narrativa arabe, esta luta encarniçada e feroz durou tres dias; os chronistas hespanhoes dão-lhe uma semana; é decerto um exaggero. Ali pereceu o rei e uma grande parte da nobreza e com elles a monarchia goda. Ha quem diga que Roderico não morreu na batalha, que poude salvar-se a custo e foi acabar seus dias encerrado em um convento na Galliza, fazendo penitencia e morrendo como santo. Os Arabes affirmam até que a sua cabeça foi enviada ao Califa embalsamada em camphora. Seja como for, o que é certo é que aquella memoravel batalha foi decisiva e que nem o rei nem nenhum dos seus generaes apparece mais em campo a querer tolher o passo ao exercito invasor, que rapidamente se espalha por quasi toda a peninsula; apenas Theodomiro conservou um simulacro de independencia nas suas terras de Murcia, que os Arabes chamavam Terras de Tadmir; só Plagio com os que o seguiram e outros que depois se lhes foram juntando conservaram uma independencia absoluta lá no meio das espessas brenhas das inhospitas serras das Asturias, onde, na emboscada da Covadonga os Arabes soffreram o primeiro revez, que lhes infligiram as armas dos christãos.

Em seguida á batalha do Guadalete, Tarik dividiu o seu exercito em tres corpos, cujo commando entregou a officiaes da sua confiança, seguindo um pelo occidente e outro pelo oriente e elle pelo centro; aos chefes d'estes corpos do exercito recommendou: que não commettessem violencias, que não causassem prejuizos, que não ferissem senão o inimigo armado e que não levantassem despojos senão do campo de batalha. Avalia-se em quarenta mil homens o exercito arabe que desembarcou na peninsula; para vencer a batalha que lhe deu o

dominio de Hespanha, devia ter perdido bastante gente; por isso dividido em tres grupos devia cada um d'elles ser de pequena força; pois, apesar d'isso, os Arabes tomaram sem resistencia todas as cidades que foram encontrando; depois estas forças reuniram-se para irem pôr cerco a Toledo, a antiga *Urbs Toletana*, que se recusou a abrir as suas portas a Tarik: esta e poucas mais praças fortes tentaram uma resistencia inutil, sendo os vencedores sempre generosos para com os vencidos e não causando damno algum nas povoações que conquistavam. Muza, cioso da gloria de Tarik, veiu tambem á peninsula para tomar parte n'essa gloria e seguiu um caminho differente de aquelle que havia seguido o seu predecessor, caminhou para o occidente; depois d'um curto bloqueio tomou a antiga cidade romana da Betica, *Hispalis*, que os arabes chamavam *Esbilia* e depois os hespanhoes Sevilha, tomou Carmona, bem defendida pelas suas altas muralhas e forte posição; depois passou á Lusitania meridional, que submetteu sem combate nem cerco. *(Viardot - Histoire des Arabes et des Mores).*

De todas as cidades da peninsula, que a historia menciona, tomadas pelos Arabes, nem uma só foi destruida, apesar da forte e tenaz resistencia que algumas opposeram aos invasores; entre ellas Merida, a antiga cidade augusta (*Emeritas Augusta* dos Romanos), Saragossa e muitas outras; nem mesmo Sevilha quando ousou revoltar-se. Como conceber que viessem aqui destruir a Nabancia, assente sobre um campo raso, sem defesas naturaes, que fraca resistencia poderia oppor? Porque haviam elles de destruir esta e não outras, tendo antes, como é natural, passado por Evora, Beja, Lisboa, Santarem e outras cidades da Lusitania em melhores condições de poderem resistir? Os Arabes não faziam uma guerra de exterminio, faziam uma guerra de conquista, queriam usofruir o que iam adquirindo, não o destruiam em prejuizo proprio; contentavam se em impor aos vencidos um tributo e nada mais.

O que destruiu aquella cidade não foi o ferro dos conquistadores, nem a abrazou o incendio, principal meio de destrui-

ção, n'outras epochas muito usado; mas sim outro agente destruidor não menos poderoso, não menos formidavel por certo. Não o diz a historia das nações, mas dil-o a geologia, que é a historia do globo. Examinemos o local onde foi a antiga Nabancia e estudemos a natureza do solo; que encontramos lá? Terreno d'alluvião, calhau rolado (seixos), silica e argilla ferruginosa vinda d'outra parte, porque a constituição geologica de aquella localidade não é essa. Revolvendo este terreno é por debaixo d'elle que se teem encontrado os restos da antiga cidade, subterrados ali a maior ou menor profundidade; é lá que foram encontrados fragmentos de estatuas, columnas derribadas e feitas em pedaços, talvez com o choque da queda, moedas, telhas, moengas, cadinhos, etc., e não os cobrem os escombros de predios demolidos, cobre-os uma camada espessa de terreno, arrojado para ali por uma corrente violenta; não apparecem lá cinzas, nem carvões, nem pedras calcinadas ou estalladas pelo fogo; não foi pois este o elemento destruidor.

Como já referimos, em um ponto d'aquelle local abateu ha annos o terreno e viu se uma abobada; esta abobada era decerto a parte superior de alguma casa ou sustentava o pavimento nobre de algum palacio; entupiram o buraco que se abriu, nada se exploron, por isso ficou-se sem saber a que servia; tinha sobre si uma camada de terra de alluvião de alguns metros de espessura. Quem a levou para ali? Desceu d'algum monte sobranceiro lentamente arrastada pelas aguas pluviaes? Não, porque tal monte não existe. Corre-lhe ao nascente uma pequena collina denominada Palhavã e Corredoura do Mestre, não podia vir de lá, porque tinha primeiro que encher o valle que se mette de permeio e os enxurros n'aquelle local são arrastados para o sul pela corrente do Ribeiro das Cannas, que antigamente se chamava *Effon* ou *Evon*; este ribeiro não tem nascente propria, só leva no inverno a agua que remanesce dos pontos mais elevados, recebe as aguas das chuvas, principalmente da vertente que lhe fica á esquerda, por ser esta de muito maior area e condul-as rapidamente para o

rio, que lhe corre ao poente; ao norte e sul estende-se o valle do Nabão. Portanto aquelle *alluvium* não podia ser formado pela acção repetida das aguas pluviaes. No cemiterio publico, que fica contiguo ao local, onde se encontraram os objectos que já mencionamos, as sepulturas abrem-se a dois metros de profundidade; quasi no fundo d'ellas tem-se encontrado grande quantidade de pedra de alvenaria, formando grossas paredes e grandes cunhaes, muito bem apparelhados; esta pedra tem sido aproveitada para a construcção de mausoleus; ainda não ha muito ali foi sepultado um individuo, cujo cadaver ficou deitado sobre uma grande lage, que o coveiro não poude arrancar. Ao lado da azinhaga que passa junto á egreja de Santa Maria pelo norte, foi ainda ha pouco encontrada uma casa subterrada até meio d'areia e seixos, que o dono do predio d'ali extrahiu para vender e no fundo encontrou uma lage com um lavor muito singelo, que deu bastante trabalho a tirar de lá, por ser muito pesada; ainda ha poucos dias tivemos occasião de ver aquella pedra, que não tem inscripção alguma nem se sabe bem a que servisse. Todos estes restos da antiga cidade teem sido encontrados casualmente, nunca n'aquelle local se fizeram explorações, se se fizessem decerto muitas mais preciosidades e documentos historicos se haviam de encontrar.

A egreja que hoje ali se vê não é decerto a primitiva egreja goda, essa devia estar muito arruinada e subterrada quando os Templarios vieram estabelecer-se n'esta localidade e encontrando aqui os restos de um templo christão, que havia pertencido a seus antepassados, era muito natural quererem restaural-o; para isso tiveram que desaterral-o para sobre o seu pavimento construirem o que hoje existe, o que se vê, pelas escadarias que tiveram de fazer para se descer até elle. Não é natural que, quando S. Fructuoso, segundo consta, ali mandou edificar a egreja e o convento, mandasse fazer uma escavação para deixar aquelle edificio meio escondido debaixo da terra, sujeito a infiltrações e a porta principal da egreja muito acima do nivel do seu pavimento, o que embaraça a entrada

e sahida dos fieis e é desusado. Foram por certo os Templarios que tiveram que desaterrar para aproveitarem a base da primitiva egreja, cujo solo tinham como sagrado, porque ali deviam repousar os restos mortaes de muitos dos monges do antigo convento e sabe-se quanto ainda n'aquelle tempo se veneravam as sepulturas dos christãos e principalmente as dos martyres e as dos monges, que viviam em santidade.

Cerca de um kilometro ao sul da egreja de Santa Maria observam-se umas ruinas, ás quaes impropriamente se dá o nome de ruinas da Nabancia; estavam subterradas a mais de um metro de profundidade. Quando se abriu, ha annos, uma cova para plantar uma oliveira, no fundo d'ella appareceram umas pequenas pedras brancas e pretas em forma de parallelipipedos; o dono do predio, que se achava presente, mandou escavar com cuidado e notou que formavam um mosaico, que deixou a descoberto; divulgada a noticia foi o local visitado por muitos curiosos. Mais tarde continuaram as escavações n'uma area de trinta metros quadrados approximadamente e á profundidade de um a dois metros; encontraram-se moedas de cobre, pesos feitos de argilla cosida (tejolos), moengas e varios utensilios domesticos, alicerces de casas, todas de pequenas dimensões, não excedendo em geral o seu pavimento a quatro metros de superficie e algumas ainda mais pequenas, todas de paredes delgadas com trinta e o maximo quarenta centimetros de espessura, o que mostra que se não elevavam a grande altura; ruas estreitas, com pouco mais de dois metros de largura, algumas ainda calçadas com seixos; columnas de pedra cylindricas com vinte a trinta centimetros de diametro e dois metros d'altura pouco mais ou menos, todas com capiteis muito singelos; em nada se assemelham ás que foram encontradas entre a egreja de Santa Maria e o antigo convento de freiras; restos de columnas, tambem cylindricas, feitas de espessos tejolos, talhados para esse fim e assentando sobre sóccos de pedra tosca; estas columnas decerto não eram destinadas a sustentarem pesadas abobadas ou arcadas, mas sim

na frente de pobres casas, singelas varandas ou simples alpendoradas; muitas fornalhas, algumas ainda com cinzas e canos d'esgoto construidos de alvenaria. O que ali se vê de mais notavel é o pavimento de mosaico a que nos referimos; tem a forma elyptica, é uma elypse cortada por um plano perpendicular ao meio dó seu eixo maior; é na linha traçada por este plano que devia ser a entrada para aquelle recinto; ainda lá está a soleira da porta, de pedra mal apparelhada, não condizendo com o interior, decerto não é da primitiva; aquelle mosaico é em toda a volta orlado de uma cercadura, tambem feita de pedra meuda branca e preta, que é realmente bonita; o interior está muito damnificado, não só porque na occasião das escavações se arrancaram algumas pedras, mas tambem porque pelos intersticios das que existem tem rebentado a herva, que as aluiu. Aquelle recinto, pela forma que apresenta, parece deveria ter sido coberto com uma cupula abobadada. A que serviria? Não é facil determinal-o com exactidão; porém, examinando bem o que ainda hoje ali se pode observar, vê-se que aquillo não era um burgo da antiga cidade romana, nem granja de algum rico proprietario; as casas todas de pequenas dimensões, independentes umas das outras, a grande quantidade de fornalhas proprias para aquecer agua, o grande numero de canos d'esgoto para a vasarem, depois de ter servido, o uso frequente que os romanos faziam dos banhos, tomando-os frios, quentes, de vapor, simples ou aromatisados com essencias odoriferas, faz lembrar que ali seria, no tempo da cidade romana, um estabelecimento balnear contiguo á mesma cidade: tanto mais que logo acima da ponte das Ferrarias ha na margem esquerda do rio um pedaço de muralha na qual se abre um buraco quadrangular que hoje, pela continuada elevação do leito do Nabão deve estar já coberto com a areia; parece destinado a derivar por ali parte da agua do rio, que, conduzida por uma valla ou cano seguia a direcção d'aquelle local. Se no tempo dos Romanos foi um estabelecimento balnear é muito provavel que os Godos, menos conhecedores da hygiene e me-

nos asseiados, aproveitassem aquellas casas para habitações e que ali se constituisse um bairro pobre da Nabancia goda. Estas escavações pararam por ali, se se continuassem é provavel que mais descobertas se fossem fazendo, porque quasi contiguo a ellas, logo do outro lado da estrada que ali passa. tem-se encontrado grande quantidade de pedra de alvenaria, com que o dono do predio fez casas para sua habitação e ainda ha pouco lá tinha algumas pilhas d'ella.

O terreno n'aquelle local apresenta um certo declive para o lado do rio, tem por isso tendencia a fugir e não a accumular se ali; tem pois baixado e não subido. No local mesmo de aquellas ruinas existem ainda algumas oliveiras, que o dono do predio não consentiu que se arrancassem e que ali estão attestando a sua longevidade pelos carcomidos troncos; decerto foram plantadas ou enxertadas em zambujeiros, que lá nasceram depois de subterradas as ruinas que hoje estão a descoberto; estas oliveiras teem o collo da raiz muito acima do nivel do solo, o que prova que elle lhes tem fugido, arrastado pelas aguas pluviaes; portanto aquellas ruinas só podiam ser cobertas por fortes alluviões, trasidas para ali por grossa enchente do rio.

Dos factos que deixamos expostos deduzimos uma conclusão que se nos afigura de verdadeira, mas pode bem acontecer que ás nossas investigações escapem elementos essenciaes e conducentes a outra ordem d'idéas ou que por mal interpretados aquelles, em que firmamos a conclusão a que chegamos e que vamos apresentar, ella, em vez de verdadeira, como é convicção nossa, seja erronea; se o for, os que mais sabem que nos mostrem os erros e esclareçam a verdade, unico fim que deligenciamos attingir.

Não foi a Nabancia destruida pelo ferro dos conquistadores, nem a devorou o incendio; mas um d'aquelles phenomenos que frequentemente se estão observando em differentes pontos do globo e de que ainda ha pouco foi victima a nossa visinha Hespanha, uma forte innundação destruiu aquella antiga e ou-

tr'ora florescente cidade; passou por sobre ella um d'esses meteoros terriveis, que subvertem, que destroem tudo quanto topam na sua marcha assoladora, a tempestade.

Acções e reacções, tal é o modo de ser do mundo cognoscivel; uma luta continua; a mollecula que vibra, o corpo celeste que se desloca no espaço, lutam incessantemente, porque a luta é o encontro de forças e os seus movimentos resultam de esse encontro; é elle que produz a harmonia, a ordem dos phenomenos cosmicos. O nosso espirito, embora uma entidade psychica, que possa existir fora da materia, emquanto ligado a ella, está subordinado ás leis physico chimicas, que regem o mundo sensivel, porque as percepções, que elabora para as transformar em juizos ou raciocinios é d'elle que as recebe. Se aquellas forças se desequilibram, se se desordenam, encontra-se fóra do meio que lhe é proprio, como que transportado a um mundo estranho; d'aqui o pavor que nos causam certos phenomenos accidentaes que não entram na ordem regular dos successos do mundo em que vivemos. A tempestade é um d'esses phenomenos; resulta do encontro de forças enormes com intensidades deseguaes, que, actuando no envolucro aereo do nosso globo, geram n'elle como que um ser monstruoso, que avança, recua, rasteja, eleva-se, paira, açoita, fere, dilacera, esmaga, mata, fulmina, destroe! No meio d'elle está-se n'um mundo desconhecido, cahotico, infernal. Ouvem-se ás vezes umas como risadas sarcasticas, gritos, rugidos, roncos, uivos, bramidos Monstro informe e horrendo, cuja cauda açoita e derriba, cujas espiras comprimem, esmagam, estalam; cujas fauces dardejam raios, vomitam chammas. A tempestade, tromba ou cyclone, muito provavelmente veiu do oceano, que não fica longe, desencadeou se com mais violencia ao norte da cidade e passou por sobre ella como o anjo exterminador.

A bacia hydrographica do Nabão tem uma grande area, as aguas affluiram a elle em enorme quantidade, tomaram um volume extraordinario e batendo com violencia d'encontro aos montes, que se elevam na margem direita, deviam reffluir com

impeto ingente sobre a cidade, innundando-a e arrasando a; só escaparam os predios mais solidamente construidos, que offereceram maior resistencia, esses mesmos muito damnificados. Dos seus habitantes decerto muitos deviam perecer, mas outros escaparam á catastrophe, fugindo para os pontos mais elevados. Passada a tormenta os que poderam salvar-se viram destruidas ou muito arruinadas as suas habitações, aniquiladas as suas culturas, as arvores arrancadas, derribadas ou estroncadas, o terreno aravel arrastado pela corrente até ao subsolo e substituido por areias, seixos e cascalho, completamente estereis, só podendo tornar se productivo pelo decorrer de muitos annos; os seus gados mortos ou levados pela enchente. Em vista de tão horrorosa desolação fugiram espavoridos e foram estabelecer se em pontos mais elevados, cultivando outros terrenos; talvez Palhavã, o logar da Pedreira e outros povoados no cimo dos montes circumvisinhos, cuja origem hoje se não conhece, sejam devidos a irem ali estabelecer-se alguns nabantinos, que o amor patrio ali reteve por esse elo inquebravel que nos prende á terra onde nascemos; outros mais audazes, mais desprendidos d'essa affeição aos lares patrios, iriam para longinquas paragens procurar os meios de sua subsistencia. E' naturalissimo que alguns d'elles voltassem ao local da cidade e fizessem escavações procurando colher o que de algum valor escapou áquelle horrivel desastre.

Sabe se o effeito terrivel das aguas torrenciaes, em uns pontos, onde redemoinham, formam morros, que aterram; em outros, onde a corrente é rapida escavam, abrem ravinas, derruem pelos fundamentos as casas, arrancam pela raiz as arvores; assim devia acontecer ali; predios houve que foram subterrados, dos quaes ainda hoje se encontram os restos; outros escavados pelos alicerces, nem d'elles resta vestigio algum.

Em que epocha teve logar este cataclismo não é facil de terminal o: não temos tal pretenção, nem poderiamos tel-a: apenas timidamente nos abalançamos a uma idéa. Seria no tempo dos Godos ou durante a dominação arabe? Parece nos

mais rasoavel a segunda hypothese, porque decerto os Arabes permaneceram algum tempo por esta localidade; deram ao rio o nome arabe, que já tinha quando os Templarios vieram fundar o castello; alguns logares aqui proximos ainda hoje conservam a denominação arabe, taes como: Almoinhas, Aljustrel, Almogadel e outros; e a historia diz nos que os portuguezes soffreram um revez junto a Thomar (talvez o nome do rio ou o que já dariam á povoação, se ella ainda existia, o que é provavel). Não se sabe bem ao certo a epocha em que este revez teve logar, mas parece que foi por 1136, pouco mais ou menos. Que foram os portuguezes ali fazer, tendo que abrir caminho pelo meio de espessas brenhas e cerrados bosques? Conquistar terras e combater infieis era a sua divisa; logo se ali foram n'aquella epocha é porque sabiam que havia lá terras a conquistar ou inimigos a combater; inimigos encontraram-os e em grande força deviam ser para derrotarem aquelles afamados guerreiros; em terras não se falla, o que não admira porque foram repellidos. Eram então os Arabes senhores de Santarem e os Templarios tinham o castello de Leiria, construido sobre um alto monte de ophito, que as convulsões da crosta terrestre ali fizeram sahir e elevar-se sobre outros terrenos de ulterior formação. A defesa d'este castello, que era uma guarda avançada dos de Coimbra, tinha sido confiada ao valente Payo Gutterres, que apesar da sua heroicidade o deixou cahir em poder dos Sarracenos. Foi, pouco depois, reconquistado pelos christãos. Eram pois os campos que medeiavam entre Leiria e Santarem que deviam ser tallados por uns e outros inimigos; foi por ali que seguiu D. Affonso Henriques para a tomada de aquella cidade. Um desvio dos portuguezes para leste, vindo a Thomar, onde foram derrotados, só se explica pelo conhecimento que elles tivessem da existencia d'uma povoação n'esta localidade e vindo atacal-a pretendessem chamar para aqui a attenção dos Sarracenos e desvial-a do castello de Leiria. Suppor que elles tomassem este caminho para irem atacar Leiria ou Coimbra, e que os portuguezes, tendo conhecimento da

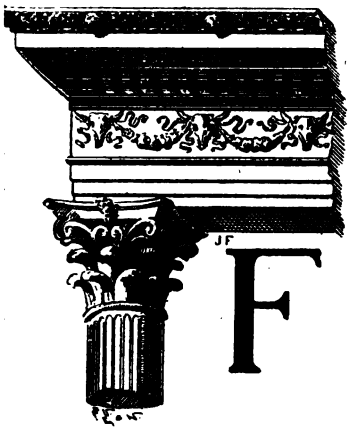
sua marcha, lhes viessem ao encontro para tolher lhes o passo, não é rasoavel, porque outros pontos mais proximos e mais apropiados tinham estes nos desfiladeiros das serras que os Sarracenos haviam de atravessar para chegarem a qualquer d'aquellas fortalezas. Ha pois uma certa probabilidade da existencia da Nabancia no tempo dos Arabes; e se foi depois da derrota dos portuguezes junto a Thomar e com certeza antes da vinda dos Templarios para aqui que uma horrivel tempestade destruiu aquella povoação, não nos consta que as chronicas mencionem o facto, o que não admira, porque os chronistas christãos pouco interesse tinham em narral-o, por não ser povoação sua e os Arabes, já no ultimo periodo da sua decadencia, não se entretinham com pormenores; alem de que estes desastres, em geral, só se mencionavam nas chronicas, quando constituiam uma calamidade publica. Emfim é um ponto obscuro da historia d'esta cidade, que não podemos esclarecer.

Qual era a posição topographica da antiga Nabancia? Não nos parece facil determinal-a com exactidão; temos porém uns certos pontos fixos, partindo dos quaes poderemos, com alguma approximação, marcar o local onde assentava. São estes, Santa Maria, Palhavã, extremo sul da Corredoura do Mestre e as ruinas, que se encontram ao sul de Marmelaes. Ligando por meio de linhas a ponte das Ferrarias com Santa Maria e com as ruinas, tirando outra linha de Palhavã ao fim da Corredoura do Mestre e ligando os seus extremos com aquelles dois pontos, temos traçado um pentagono irregular; é dentro d'este polygono que devia estar comprehendida a area da antiga cidade. Vejamos porquê. A ponte das Ferrarias era evidentemente uma ponte romana, fazia parte da via latina de *Scalabis* (Santarem) a *Conimbrica* (Coimbra); a sua directriz não devia passar ao norte da Nabancia, deixando esta cidade fóra do transito, mas sim approximadamente pelo centro. O antigo mosteiro benedictino, hoje Santa Maria, não foi edificado dentro da cidade, porque os antigos mosteiros eram sempre construidos fóra das povoações, para que o buliço d'ellas não po-

désse perturbar a paz monastica; até mesmo as egrejas que se construiam dentro dos povoados eram sempre em logar mais retirado e cercavam-as com um muro para as isolarem; portanto aquelle mosteiro devia ficar perto, mas um pouco afastado para o norte, visto que as ruinas que se observam em Marmelaes, ou fossem um estabelecimento balnear no tempo dos Romanos, ou constituissem um bairro pobre no dos Godos, decerto não formavam o centro da cidade, mas um dos extremos, o extremo sul. Somos pois levados a crer, com uma certa probabilidade, que a Nabancia se estendia pelo terreno que hoje se chama Marmelaes de Cima, desde o ponto onde está a fabrica de cortumes e Quinta do Maia até ás ruinas, subindo talvez até perto de Palhavã e prolongando-se pela encosta poente da Corredoura do Mestre.

E' entre a egreja de Santa Maria e o antigo Convento de monjas de Santa Clara, hoje chamado Convento das Freiras, que se teem encontrado pedaços de grossas columnas, fragmentos de estatuas, etc,; as chronicas que se referem a Santa Iria, dizem que era n'aquelle local o palacio do Conde de Castinaldo, governador da cidade; não quer porém isto dizer que ella se estendesse até ali; este palacio, que foi morada de Castinaldo, e talvez já a tivesse sido de Valerio Maximo, estava decerto fora da cidade; prova-o a existencia dos dois mosteiros; seria escolhido o local por mais bem exposto, melhor ventilado, proximo da cidade, mas fóra do borburinho d'ella, cercado, por certo, d'uma area de terreno que se devia estender até ao rio, propria para parques, jardins, alamedas, hortas e pomares; uma vivenda campestre mas luxuosa, principesca, como ainda o attestam os vestigios que d'ella se teem encontrado.

BEZELGA, CALDELLAS E CONCORDIA



BEZELGA

Fallam os historiadores de tres cidades antigas nas immediações da Nabancia. Eram ellas Bezelga, Caldellas e Concordia e dizem que formavam um triangulo; effectivamente tirando uma linha de Bezelga para o sitio onde foi Concordia e das extremidades d'esta linha duas, que vão convergir no lugar que ainda hoje se chama Caldellas e onde ainda se encontram vestigios da antiga povoação, temos formado um triangulo escaleno, isto é, de lados deseguaes, sendo o maior o primeiro. Até aqui estamos de accordo, agora do que não podemos convencer-nos é de que Bezelga tivesse em qualquer tempo sido uma cidade.

Bezelga foi e é desde remotas eras um logarejo, que fica approximadamente a oito kilometros a noroeste de Thomar, já quasi no pendor da alcantilada serra de Fungalvaz (que talvez queira dizer, fundo dos valles), na margem direita da ribeira do mesmo nome e onde a cadeia de montanhas que caminha de Alvaiazere para a serra d'Ayra, forma um recanto. Pela sua posição topographica e naturesa do solo vê-se que nunca n'a-

quelle local se podiam ter dado as condições necessarias á existencia de uma povoação importante.

Para que n'uma certa localidade se possa accumular uma população numerosa é preciso ou que o solo cultivavel pela sua extensão e fertilidade lhe forneça os meios necessarios á sua subsistencia, ou então que possa auferil-os de qualquer industria que o local lhe proporcione. Nada d'isto ali se podia dar. Para o norte e poente o terreno é alcantilado, formado de rochas calcareas estratificadas, d'entre cujas fendas só rebenta a urze, o rosmaninho, a murta, o bucho e o zambujeiro; para o sul corre o estreito valle da ribeira, em cujas margens ha apenas pequenas hortas, que regam com a agua extrahida d'ella por meio de gaivotas, trambolas e noras arabes e a agua d'esta ribeira só pode no inverno servir de motor a algumas azenhas; no verão escasseia e mal chega para as regas; para o nascente estendem-se em pouco elevadas collinas e estreitos valles os terrenos da freguezia de S. Silvestre, pela maior parte de natureza calcarea, pobres em humus e phosphatos, por isso muito pouco productivos, é uma das freguezias mais pobres do concelho; os habitantes da localidade vivem todos do seu trabalho; proprietarios abastados não os ha ali; e não lhes fornecendo o solo os alimentos necessarios, teem que ir longe grangear os meios de sua subsistencia. Tambem não podia ser a industria mineira que ali attrahisse e fixasse uma população numerosa. Não ha lá indicio algum de minas e a naturesa do solo faz ver que nunca ali existiram.

Um pouco ao sul d'aquella pequena povoação existe um monte em forma de cone truncado, ao qual dão o nome de Outeiro da Cevedade; ignoramos a origem d'esta denominação, mas alguns escriptores, julgando talvez o termo Cevedade derivado do genitivo latino *civitatis* e, desconhecendo o local, imaginaram ali uma antiga cidade, cuja existencia é impossivel pelas rasões que apresentamos.

Correm, a respeito d'aquelle monte, varias lendas populares: ha lá ouro aos montes transformado em pedras com que

os pastores atiram ao gado; é a habitação de mouras encantadas; estão ali escondidas riquezas enormes; tem ali vindo, alta noite, gente desconhecida e levado cargas d'ouro, etc. As crenças populares nunca são destituidas de fundamento, o facto primitivo, que lhes deu origem, perdeu-se no decorrer dos seculos; mas, no espirito do povo continua ainda a actuar, por transmissão, uma impressão vaga, indefinida, que elle, na sua mente inculta e sem criterio, phantasia e traduz em crenças absurdas. E' raro que em qualquer logar assim afamado de apparição de almas do outro mundo, de habitações de mouras encantadas, etc., se não tenha dado, em remotas eras, alguma coisa de notavel; e ali deu-se. Haverá talvez quarenta annos tivemos occasião de, por mais de uma vez, examinarmos aquelle monte e notamos que na sua parte superior existiam alguns vestigios de muralhas em forma circular, como que a coroal-o, o qne nos fez suppor que elle tivesse sido a séde d'um *castrum* romano. Mais adeante, ao norte do lugar de Bezelga cerca de um kilometro, onde a serra forma uma pequena esplanada, taboleiro ou socalco, existe um casal denominado Casal da Torre; pertenceu a uma familia nobre, a dos Gamas; é tradicção popular, e o nome o indica, que ali houve n'outros tempos uma torre ou fortaleza; era decerto um posto avançado ou atalaya dos romanos. Sabe-se, e já d'isso fallamos, que os Lusitanos opposeram durante muitos annos forte resistencia ao dominio dos Romanos e, não tendo um exercito tão bem armado nem tão disciplinado como o d'elles, não podiam bater-se em campo raso; por isso, aproveitando as defesas naturaes do paiz, refugiavam-se nas serras; era de lá que se defendiam e foi de lá tambem que muitas vezes os invasores foram repellidos com grandes perdas. E' pois muito natural que os Romanos ali construissem á entrada d'aquella serra um *castrum* e pontos fortificados para poderem invernar e para que a sua permanencia n'aquelle ponto obrigasse os Lusitanos a não descerem d'aquelles logares inhospitos, onde decerto lhes havia de escasseiar a agua e a comida, tentando vencel-os por este meio ou

leval-os a uma acção decisiva, em que, pela sua superioridade, contavam com a victoria.

O lugar de Bezelga, cuja antiguidade remonta a tão afastadas eras que se lhe não pode fixar a data, é muito provavel que tivesse sua origem na epocha em que por ali estacionaram os Romanos; ou que as gentes não combatentes, que acompanhavam os exercitos lá construissem algumas habitações ou que alguns dos Lusitanos, menos ciosos da sua independencia, e talvez antes obrigados pela necessidade, se submettessem e fixassem n'aquelle lugar sua residencia, ao abrigo do poderoso exercito invasor.

CALDELLAS

A sudoeste de Thomar, cinco kilometros pouco mais ou menos e um ao sul do lugar de Cem Soldos, na freguezia da Magdalena, afastado da ribeira de Bezelga para a esquerda cerca de quinhentos metros ha um local, conhecido pelo nome de Caldellas, onde se diz que existiu uma antiga cidade assim denominada; alguns dos homens antigos d'aquelles sitios dizem por tradicção que a cidade se chamava Caldeu, cujo nome depois por corrupção se transformou em Caldellas. Não pode este nome derivar de caldas ou aguas thermaes, porque por ali não as ha.

Em creança contava-nos um velho d'aquella localidade, nosso creado antigo, a seguinte lenda: que a cidade de Caldeu era dos mouros, que o governador d'ella tinha duas filhas muito formosas e que um principe muito poderoso, filho do rei de Castella, passando por ali uma occasião, as vira sentadas no seu balcão, uma a fiar ouro em uma roca de prata e a outra a dobar as meiadas em uma dobadoura de marfim. O principe, enamorado da sua belleza, pediu ao pae em casamento uma das filhas, ao que o mouro respondeu tirando o alfange — Em quanto este alfange poder cortar cabeças de nazarenos como corta o tronco d'esta arvore, nenhum as possuirá. — Estavam

no jardim do palacio, e, dando com elle um formidavel golpe no tronco de uma grossa olaia, a decepou instantaneamente; então as folhas transformaram-se em rosas, d'onde vem a olaia dar primeiro as flores do que as folhas, e da secção feita no tronco brotou sangue. O principe retirou-se assustado e com a sua comitiva lá marchou em rapida cavalgada para as terras de Hespanha. Não decorreram porém muitos mezes que não voltasse acompanhado de um poderoso exercito a pôr cerco á cidade. Depois de algum tempo de estreito assedio e quando já quasi a render-se pela fome, mandou o principe um emissario ao governador pedindo-lhe a entrega de uma das filhas e promettendo-lhe levantar o cerco. O emissario foi, como o principe, recebido no jardim do palacio; ali compareceram o governador, as duas filhas e uma velha alta, magra, faces enrugadas, cabello desgrenhado e olhos encovados, mas que luziam como dois carbunculos, era uma feiticeira, e tinha na mão esquerda uma vara de azevinho. O mensageiro fez, da parte do principe, intimação ao mouro para que lhe entregasse uma das filhas; era este um velho alto, espadaudo, rosto comprido e trigueiro, tostado pelo ardente sol da Africa, barba espessa e grisalha, que lhe cobria o largo e arqueado peito; vestia tunica de seda escarlate com lhamas d'ouro e prata e cobria-lhe a magestosa cabeça rico turbante de variegadas cores; d'uma cadeia d'ouro presa ao cinto bordado pendia lhe ao lado largo alfange, cuja lamina de Damasco se occultava em bainha de prata lavrada e na frente, seguro ao mesmo cinto por um annel d'ouro, via-se lhe mettido em bainha de marfim um rico punhal trigume com cabo d'ouro cravejado de pedras preciosas; ouvido o recado, o mouro perguntou—Qual d'ellas? (d'aqui o nome de Caldellas, dado depois aquelle logar). Ao mesmo tempo a velha feiticeira, tocando com a vara as cabeças das duas donzellas, estas immediatamente se transformaram em duas formidaveis serpentes, que enroscando-se e sibilando pelo jardim pozeram em espavorida fuga o emissario. Pelas enrugadas faces do velho mouro desceram duas ardentes

lagrimas e, tirando do cinto o seu punhal, com braço firme e potente cravou-o rapidamente no coração, proferindo estas ultimas palavras—Ao menos não as possuirás.— A esta scena tragica seguiu-se um ruido enorme e prolongado, como o desmoronar se de vasto edificio, que echoou por toda a cidade; o mensageiro olhou para traz e já não viu o palacio nem o jardim; tinham desapparecido como se formidavel *avalanche* os houvesse subterrado; mais rapido correu ainda, atravessando por meio da multidão estupefacta, a ir dar conta ao principe de tão extraordinario successo. Não o assustavam a este feitiços de perros Mouros; e, dada a ordem d'assalto, a cidade foi rapidamente tomada e destruida até aos fundamentos e os seus habitantes passados á espada, os que não foram levados captivos. Tal é a historia lendaria d'aquella antiga povoação.

Lá se veem ainda, dizia-nos o velho creado, quem vem de Payalvo e chega ao nascer do sol ao Outeiro da Justa Velha, lá as vê ao pé da fonte; mas já não são cobras, são duas lindas princezas, todas vestidas de branco, a estenderem ao sol as suas meadas d'ouro. Feliz o que conseguir tocar-lhes e quebrar-lhes o encanto, mas não ha meio; ao approximar se d'ellas alguem desfazem-se como a miragem, dissipam-se como a neblina aos primeiros raios do sol nascente.

Estas crenças populares teem sempre, como já dissémos, sua origem em factos remotos. Ali houve com certeza uma povoação antiga; lá se encontram ainda vestigios bem visiveis que attestam a sua existencia, outros desappareceram já. O local onde existiu aquella povoação é uma pequena eminencia que, a ultima vez que ali estivemos, se achava povoada de pinheiros e viam-se ainda, espalhados por entre o matto, pedaços de grossas telhas e de espessos tejolos, restos de antigas construcções. A' vida animal succedeu a vida vegetal, um descambar na serie ascendente dos seres vivos; onde viviam os homens vivem hoje as arvores e os arbustos; onde se ouvia o ruido de uma população decerto activa e laboriosa, ouve se agora o sussurrar do vento pela ramada dos pinheiraes; aos

canticos alegres d'uma joventude buliçosa succedeu se o lugubre piar do mocho em noites de verão. Apoz o convivio d'um povo á solidão do ermo...

Ao norte d'aquella eminencia, muito proximo a ella, onde o terreno desce, formando uma pequena quebrada, existe ainda uma fonte com o nome de Fonte de Caldellas e cuja agua corre por uma bica de pedra para um tanque bastante grande; era, por certo, a fonte d'aquelle povo. Sabe-se quanto os Romanos eram cuidadosos em abastecerem d'agua as suas povoações, não havia cidade ou aldeia que não tivesse a sua fonte e quando no local não havia nascentes iam longe buscar a agua por meio de aqueductos, alguns muito dispendiosos; conhecem-se os celebres aqueductos por meio dos quaes se abastecia Roma e entre nós os de Evora. Ali em uma certa area encontraram os antigos, ao arrotearem o terreno para plantar vinha, alicerces de casas e pavimentos ladrilhados; extrahiram de lá grande quantidade de pedra de alvenaria e cantaria, parte da qual foi transportada para o lugar de Cemsoldos e outra empregaram-n'a em construcção de pequenas casas campestres, que ainda por ali existem; nunca se fizeram pesquizas, se alguma vez se fizerem quem sabe o que se poderá encontrar?

Ao poente e proximo á margem direita da ribeira de Bezelga existiam, ainda não ha muitos annos, as ruinas de uma capella dedicada a S. Pedro e ainda hoje áquelle sitio se dá a mesma denominação; aquella capella era decerto do tempo dos romanos, o que prova que Caldellas era habitada nas primeiras epochas do christianismo em que muitas capellas se erigiram a S. Pedro, por ser o primeiro que em Roma começou a ensinar a doutrina de Christo, que d'ali rapidamente se propagou por todo o vasto imperio romano. A simplicidade d'esta santa doutrina, o que ella falla ao coração, o que ella diz ao entendimento, a base sobre que assenta — Amae-vos uns aos outros —, fizeram com que tão rapidamente se propagasse, principalmente entre o povo e tão grande golpe désse no paganismo que logo de principio poz em sobresalto os impera-

dores romanos, por cujo motivo alguns determinaram contra ella terriveis perseguições, que não lograram extinguil-a, antes no meio d'ellas mais se accendia a fé, mais se incandescia a crença.

Tacito, fallando dos christãos, diz o seguinte: «Esta perniciosa seita, depois de haver sido reprimida por algum tempo, multiplicava de novo, não sómente em o logar do seu nascimento, porém mesmo em Roma, que é a praça e como o despejo de todas as immundices do mundo. No principio prenderam alguns dos que confessaram ser d'esta religião, e pela sua confissão se descobriu uma infinidade de outros, que foram convencidos do odio do genero humano, e não do crime de lançarem fogo a Roma, de que os accusavam. Juntou-se o insulto á crueldade na morte a que os condemnaram, cobrindo-os com pelles de bestas feras a alguns d'aquelles miseraveis, e fazendo-os devorar pelos cães; crucificando estes e untando aquelles de materias combustiveis para servirem como de archotes accesos no escuro da noite.», etc.

O autor da *Carta a Diogenes*, que escreveu no fim do primeiro seculo ou principios do segundo, diz que, no seu tempo estavam os christãos espalhados já por todo o mundo. N'este mesmo tempo escrevia Plinio a Trajano, dizendo que «uma infinita multidão de pessoas de toda a edade, de toda a condição e de ambos os sexos tinham abraçado o christianismo, que esta superstição enchia não sómente as cidades, mas as aldeias e o campo; que, antes da sua chegada á Bythinia os templos estavam desertos e que apenas se achava a quem vender as victimas». Santo Ireneu, que escrevia no fim d'este mesmo seculo, cita a fé e a tradicção das egrejas espalhadas entre os Allemães, os Iberos e os Celtas, no Oriente, no Egypto, na Lybia e no meio do mundo, isto é, em Roma. (*A certeza das provas do Christianismo*, por M. Bergier, traducção portugueza dedicada ao ex.^mo^ e rev.^mo^ senhor Bispo do Funchal, D. José da Costa Torres; M. DCC. LXXXVIII).

Ora achando-se n'aquella epocha, como acabamos de ver,

implantada por todo o imperio romano a religião christã, é muito natural que aquella capella com a invocação de S. Pedro fosse ali erigida pela parte christã da população de Caldellas, o que prova que esta povoação existia ainda nos ultimos tempos do imperio romano. Seria uma cidade? Não nos parece, porque a area em que teem sido encontrados vestigios de povoado não é bastante grande para que podesse dar-se-lhe essa denominação. Foi provavelmente uma aldeia romana *(viscis)*. Quando e porque foi destruida? Não temos dados para poder sabel-o; apenas poderemos formar simples conjecturas e, como estas são as mesmas que formamos a respeito de Concordia, sua coeva, segundo todas as probabilidades, e da qual vamos fallar, então as exporemos.

CONCORDIA

Caminhando de Bezelga para o sul, seguindo a margem direita da ribeira, encontra-se a estação dos caminhos de ferro; um kilometro adeante d'esta está o lugar de Payalvo, que foi n'outro tempo uma villa; ainda ha pouco lá existia na praça o pelourinho e a casa da camara. Pouco mais ou menos tres kilometros ao sul d'esta povoação, afastada da ribeira cerca de um kilometro, para a direita, foi a cidade de Concordia. Assente em plano quasi horisontal e um pouco elevado e onde d'ali em deante o terreno começa a descer em brando declive para ir explanar-se mais alem nas ferteis margens do Tejo, estava em condições favoraveis para poder ser uma cidade populosa, porque ali encontravam os seus habitantes todos os meios necessarios á vida; não só os terrenos circumvisinhos, ferteis e de boa natureza, se prestavam a variadas culturas, mas não longe, onde são hoje os campos da Gollegã, tinham as uberrimas campinas, que as innundações do Tejo fertilisam.

Aquella povoação parece ter sido bastante extensa, calculando a sua area pelos diversos pontos onde se teem encontrado vestigios da sua existencia e porque na sua proximidade,

na margem direita da ribeira, se veem ainda indicios de muitos fornos de fazer cal, qne decerto era consumida nas edificações que ali se faziam.. Em plantações de vinha e outras escavações que por ali se teem feito appareceram, em um perymetro bastante grande vestigios de grossas muralhas e dentro do seu ambito teem-se encontrado muitas cisternas com agua, algumas de grande capacidade; todas ellas cobertas com pedras circulares, em forma de mó de moinho, tendo no centr um pequeno orificio tapado com um pedaço de tejolo; ainda l pouco lá appareceu uma, de cuja agua o dono do predio, igu rante e supersticioso, se não quiz aproveitar, diz elle que por t medo, tornou a cobril-a de terra e vae buscar agua ao pre de um visinho, que nos relatou este facto.

D'esta cidade tambem, que nos conste, nada diz a histo apenas Plinio se refere a ella. Foi decerto cidade murada *pidum)*, não só pelos vestigios de muralhas que se teem en trado, mas porque dentro da sua area havia um grande nu de cisternas, o que mostra que os seus habitantes se preca com agua para o caso de cerco, por não poderem ir bu fóra, e ainda tambem porque os livros que fallam da vi S. Donato dizem que elle ali soffreu o martyrio, *extra* juntamente com S. Secundiano, S. Romulo e mais oitenta companheiros. Effectivamente um pouco fóra da area que ter sido occupada pela cidade, em uma propriedade qu hoje conserva o nome de Casal dos Santos Martyres, ex marco de pedra, que, segundo a tradicção, é aquelle qual foi degolado S. Donato e os outros seus compa A crença popular venera-o como tal e attribue-lhe poc lagrosos. Para o resguardar construiram em volta habitantes da localidade com tejolos muito espessos, q colhidos nas ruinas de Concordia, uma capellinha al de forma circular, sem porta, tendo apenas na parede fendas para se poder ver aquella reliquia e tocar n rendeiras, que os devotos ali costumam ir dar aos cumprimento de promessas.

Ali perto via-se ainda ha pouco a haste vertical de uma cruz de pedra, muito alta, tendo sido quebrado o braço transversal não se sabe quando; nos terrenos circumvisinhos encontraram os proprietarios algumas campas, que supposeram terem pertencido ás sepulturas dos martyres. E' natural que ali fosse o cemiterio publico da parte christã da população; ou que já lá existisse ou que se estabelecesse depois; sabe-se quanto nos primitivos tempos da Egreja os christãos desejavam ser enterrados junto dos sepulchros dos que haviam soffrido martyrio. Se algumas d'aquellas campas tinham inscripções não nos souberam dizer as pessoas mais velhas da localidade, que consultámos; só nos disseram que ouviram dizer aos antepassados que por ali appareceram muitas pedras com letreiros, que essas pedras já não existem, que algumas foram quebradas e mettidas nas paredes como alvenaria e outras não se sabe que destino tiveram. Ao lado do nascente existe ainda uma fonte coberta com abobada de tejolos; não iam os habitantes das povoações que hoje por ali existem construil-a n'aquelle logar isolado, e o seu aspecto mostra uma antiguidade muito remota; é pois de crer que fosse a fonte publica da antiga cidade. Consta que antigamente se extrahiu grande quantidade de pedra de alvenaria e cantaria do local onde existiu Concordia, a qual foi empregada em construcções nos lugares que lhe ficam proximos, como são Corvaceiras Grandes e Pequenas, Carrazede, Carrascal, Villa Nova e Payalvo, e outra seria transportada para maiores distancias. Ainda no principio do seculo passado o proprietario que então era do Casal dos Santos Martyres, que se chamava Manuel de Christo e residia em Payalvo, mandou no dito casal construir uma casa com pedra que lá arrancou na plantação de uma vinha. Tambem n'aquelle local se encontraram muitas moedas romanas e ainda hoje por lá apparecem algumas.

O facto de ter ali sido martyrisado S. Donato com os seus companheiros, o que se prova pelas chronicas que se referem áquelle santo, pela tradicção e pelo nome dado áquelle logar

desde tempos immemoriaes, mostra que aquella povoação existia ainda nos ultimos tempos do imperio romano. Quando deixou de existir? Não podémos averigual-o e cremos mesmo que não consta de documento algum. Não se falla d'ella no tempo dos Godos, nem no dos Arabes, que lhes succederam; logo parece que foi na transição do dominio romano para o godo. Deram-se n'aquella transição enormes convulsões sociaes, lutas crueis e sangrentas. Os povos só tinham um direito a defendel os, era o da força, e se esta lhes escasseava, ai do que baqueava na luta; o mais leve pretexto servia aos vencedores para destruirem uma povoação, passarem á espada os seus habitantes ou levarem os captivos, feitos escravos, a mais infima condição a que póde chegar o homem.

Alarico, Ataulpho, Attila, o flagello de Deus, como elle a si proprio se chamava, Gunderico, Resplandiano, Hermenerico e outros chefes barbaros, na sua marcha assoladora só viam deante de si inimigos que era preciso subjugar ou destruir. Passou por ali decerto uma d'essas hordas selvagens e guerreiras, e sendo Concordia uma cidade fortificada é muito natural que os seus habitantes tentassem resistir; tomada á força foi, como era costume d'aquelles barbaros, completamente destruida; e a mesma sorte teve Caldellas, que ficava proxima; não porque esta podesse offerecer resistencia, porque devia ser uma povoação pequena e destituida de meios de defesa, mas talvez porque, exasperados com a resistencia de Concordia, para dentro de cujos muros muitos dos de Caldellas se houvessem recolhido, cevaram tambem n'ella as suas iras brutaes e crueis. E' esta a hypothese que nos parece mais provavel, pois com certeza nada podemos affirmar.

Assim se extinguiu n'aquelle logar a vida collectiva d'um povo, que ali se havia fixado talvez ha muitos seculos; como o roble que o furacão arranca e derriba para não mais se erguer; como a penha que violento terramoto deslocou do alto da montanha e, feita pedaços com o choque da queda, se espalhou pelo valle para não mais voltar á culminancia que occupava.

E se dos habitantes d'aquelle povoado alguns poderam salvar se fugiram espavoridos, como a corça ou como a gasella, perseguidas por feroz matilha; ou como a rola a que roubaram o ninho, que, magoada pelo desastre e cheia de susto, vae, gemendo saudosa, em longinquas paragens, procurar mais seguro abrigo.

NOTAS APPENDICULARES

A PAG. 9

Acham-se actualmente concluidos os estudos de nivelamento para a construcção de uma via electrica entre esta cidade e a estação dos caminhos de ferro de Payalvo; quando esta importante obra se realisar, como que desapparece a distancia que as separa; então decerto terá esta linda povoação muito maior numero de visitantes que virão de longe admirar as suas bellezas naturaes e estudar os seus importantes monumentos historicos.

A PAG. 62

Dissemos que o lagar chamado d'El-Rei pertencera a D. Manuel; temos ainda a justifical-o o facto de ha pouco terem sido encontradas no mesmo lagar, assentes sobre uma parede interior tres lages que, na face que se achava embebida na parede apresentavam, uma a cruz de Christo, outra a coroa real e a terceira a esphera armillar; esta tinha sido picada na occasião em que ali a assentaram, decerto com o fim de lhe desfazer aquella saliencia para ficar ao mesmo nivel das outras. Consta que estas insignias estavam collocadas na parede da frente por cima da porta d'entrada; devia ser aquelle o lugar que occupavam e que novamente vão occupar, porque o actual dono d'aquelle lagar e de todos os outros, sr. João Torres Pinheiro, que, não só como presidente da camara, mas como particular, tanto se tem esmerado em tudo que é melhoramento e engrandecimento da sua patria adoptiva, mandou moldar em gesso uma esphera armillar egual áquella para servir de modelo a outra, que encommendou a um dos melhores canteiros do lugar da Pedreira, com o fim de fazer collocar aquellas insignias de D. Manuel no logar onde primitivamente estiveram. E' louvavel esta lembrança, porque é um documento historico que ali fica a at-

testar que aquella importante obra do aproveitamento das aguas do rio para motor de moinhos e lagares se deve áquelle rei. Tambem tivemos occasião de saber que, por documentos que foi preciso compulsar em uma demanda, que ha annos teve logar com respeito áquelles lagares, se mostrou que o que está junto á ponte pertencia ao alcaide e os outros que se lhe seguem na mesma linha, eram todos dos frades.

A PAG. 134

PATEO DOS CARRASCOS

A corroborar o que dissémos a respeito da denominação dada a este recinto, a qual decerto foi originada dos arbustos que ali vegetavam e não de terem n'elle residido os executores d'alta justiça do tribunal da Inquisição, que n'aquella epocha nem se chamavam carrascos, mas sim verdugos, occorreu-nos mais o citarmos o facto de aqui perto haver uma povoação denominada lugar dos Carrascos, outra o Carrascal, e n'esta mesma cidade uma rua, a Carrasqueira. Seria porventura, tambem n'estes logares, a habitação de carrascos da Inquisição ou outros?... A denominação d'estes logares provem-lhes decerto da existencia n'elles dos arbustos chamados carrascos ou carrasqueiros, tem a mesma origem que a do pateo do Convento, a que nos referimos.

Escrevendo esta noticia exforçamos-nos para que o que n'ella expomos seja a expressão da verdade, e como ha pouco se publicou um livro onde abundam os erros historicos e outros de diversa natureza, quando alguns d'esses erros incidem sobre factos ou objectos, que se comprehendem na nossa narrativa, somos obrigados a apontal-os e a esclarecer os leitores, para que alguns d'elles se não persuadam de que somos nós que andámos erradamente. Isto só tem por fim justificar a nossa opinião e por forma alguma querer fazer a critica do tal livro, com o que nos não importamos.

Sem fazer allusão a pessoa alguma, mas na generalidade, a respeito de critica entendemos dever seguir a opinião de Pope, que nos seguintes versos tão acertadamente expendeu no seu «Ensai sur la critique» (traducção franceza).

«Sur de vils ecrivains le mieux est de se taire;
Laissez les sots en paix dans leurs vers se complaire;
Leur orgueil enyvré de mensonges flatteurs
Se console aisement du mépris des lecteurs.
Le savoir ne peut rien contre leur ignorence,
L'esprit plein de projects, le cœur plein d'espérence,
Sourds aux cris du bon sens, ils vont toujours leur train;
Insensibles aux coups, on les dechire en vain;
C'est un sabot qui dort sous le fonet qui l'agite,
Par le mauvais succès leur conrage s'irrite.»

ERRATAS

Pagina	*Linha*		
11	6	em vez de —	eliminar — *eluminar*
12	1	»	apreciavies — *apraziveis*
18	20	»	á — *a*
19	23	»	sereaes — *cereaes*
26	6	»	urbis — *urbs*
30	13	»	do — *da*
»	14	»	preparado — *preparada*
»	15	»	extrahido — *extrahir*
35	16	»	levava—*elevava*
»	17	»	derivava — *derivavam-as*
37	24	»	indossão — *inducção*
44	14	»	urbis — *urbs*
46	1	»	e muito provavel que — *e muito provavel é que*
»	27	»	tinham — *tinha*
48	8	»	ficavam — *ficaram*
49	3	»	cavelleiros — *cavalleiros*
54	12	»	estavam — *estava*
57	9	»	communas elegiam — *communas e elegiam*
64	5	»	odado — *doado*
66	11	»	mac-a-damisado — *mac-a-damisada*
68	32	»	da confraria; send — *da confraria; sendo*
69	21	»	attendidos — *attendidas*
75	18	»	obliqua, que — *obliqua; diz a tradicção que*
76	4	»	Santo Agostinho — *Por morte*
»	14	»	de certa — *de certo,*
78	12	»	de — *da*
81	25	»	consentia — *consentiria*
95	34	»	desesseis — *dezasseis*
97	6	»	supporte — *dos supportes*
122	8	»	opore *opera*
124	6	»	desengraçado — *desengraçada*
125	30	»	aculto — *occulto*
126	4	»	vida — *ordem*
137	31	»	outros — *outras*
144	28	»	davam — *dava*
145	3	»	pareciam — *pareceriam*
146	26	»	artista — *artistas*
148	9	»	gigantesca — *gigantescas*
»	14	»	formam — *formavam*
149	25	»	externas — *externa*
154	30	»	tarde — *tardes*
174	6	»	lhe — *lhes*
177	22	»	adoptar — *adaptar*
186	10	»	fazer — *fazel-os*
200	23	»	proprios — *proprias*
204	16	»	fazia — *faria*
»	26	»	segiu-a — *seguiu-a*
206	34	»	e fiacus — *e o fiscus*
207	19	»	portos — *postas*
210	34	»	entre diferentes — *entre os differentes*
211	55	»	vines — *visces*